



Construction des connaissances en situations d'exclusion sociale et questions de genre

Valdir Pretto

► To cite this version:

Valdir Pretto. Construction des connaissances en situations d'exclusion sociale et questions de genre. Education. Université Lumière - Lyon II, 2009. Français. NNT: . tel-00722852

HAL Id: tel-00722852

<https://theses.hal.science/tel-00722852>

Submitted on 5 Aug 2012

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Université de Lyon 2

École doctorale : ED 485 EPIC

Laboratoire : UMR 5191 ICAR

THÈSE

En vue de l'obtention du
Doctorat de l'Université de Lyon (France) et de l'Université Unisinos (Brésil)

**CONSTRUCTION DES CONNAISSANCES EN SITUATIONS
D'EXCLUSION SOCIALE ET QUESTIONS DE GENRE**

Thèse de Doctorat en cotutelle en Sciences de l'Éducation
sous la direction de Jean-Claude REGNIER & Danilo Romeu STRECK
présentée et soutenue le 24 août 2009

Par Valdir PRETTO

Devant un jury composé par :

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Brasil

Prof. Dr. Jean-Claude Régnier
Université Lyon 2
França

Profa. Dra. Edla Eggert
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Brasil

Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Brasil

Profa. Dra. Nadja Acioly-Régnier
Université Lyon 1
França

PARECERISTA - Prof. Dr. Jacques Pain
Universidade de Paris X Nanterre
França

PARECERISTA - Prof. Dr. Lúcio Kreutz
Universidade de Caxias do Sul
Brasil

São Leopoldo - RS - Brésil, août 2009.

Remerciements

Nosso primeiro agradecimento se volta a Jean-Claude Régnier, que aceitou, em 1999, orientar nosso *mémoire de maîtrise*, e que veio a ser nosso orientador de tese anos mais tarde. Trabalhar com especialista em estatística constitui-se numa ajuda muito preciosa, e também pertencer a seu grupo de doutorandos, no qual muitos valores humanos foram compartilhados. Obrigado por ter aceitado a orientação dessa tese. Que ele encontre nessas palavras a expressão de nossa profunda gratidão.

Nossos agradecimentos vão igualmente à Nadja Maria Acioly-Régnier, por ter compartilhado as múltiplas e sábias palavras que nos ajudaram a seguir nessa tese. Pelo seu conhecimento científico e humano, que ela sinta nossa estima e gratidão.

A Danilo Romeu Streck, por ter aceitado a orientação dessa tese, respondendo pela Unisinos, compartilhando ideias e nos apoiando. Nossa estima se volta a Attico Chassot e Gelsa Knijnik os quais nos ajudaram nessa caminhada. Aos professores doutores que constituíram a banca examinadora.

A todos os membros do grupo ADATIC, em particular a Luciana e a Núbia, juntamente a todos nossos colegas da UNISINOS.

A Ivonir Coimbra, pela atenção e ajuda profissional linguística.

À comunidade da Vila do Belo Horizonte, representada pelos sujeitos de nossa pesquisa, que muito nos ensinaram na simplicidade de suas vidas.

Na pessoa de Geneviève Perrier, a Divisão de Relação Internacional/Região Rhône-Alpes, na atribuição da bolsa MIRA, no quadro de Co-tutela, pela ajuda financeira durante 3 semestres, tempo de nossa estada em Lyon, permitindo a realização de estudos voltados para a nossa pesquisa. A Marie-Danielle Ray, e a todas as pessoas engajadas no quadro de pesquisas científicas da Universidade Lyon 2 e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Aos meus amigos franceses, em particular a família Lepercq, e minhas amigas e meus amigos do Brasil.

À Província dos Frades Capuchinhos Franceses, a comunidade de Bron/Lyon, que desde 1998 mantemos nossos laços fraternos e amigos.

À comunidade Santa Fé de Caxias do Sul e a Província Capuchinha do RS, e aos postulantes que conosco estiveram durante esse período doutoral.

A nossa família que sempre esteve ao nosso lado, pelo apoio e encorajamento.

Merci! Obrigado!

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour but de rechercher comment des hommes et des femmes construisent des connaissances alternatives, quand ils sont soumis à des situations d'exclusion sociale, dans une communauté périphérique du Sud du Brésil. A travers un questionnaire appliqué à 103 sujets, furent identifiés 14 problèmes principaux dont la solution suppose la construction de connaissances alternatives. Nous avons analysé trois activités de travail développées dans le contexte (tournerie mécanique, couture et recyclage de déchets) rôle et fonction du variable genre dans l'exercice de ces activités considérées dans la communauté comme masculin, féminin ou neutre du point de vue du genre. Nous avons encore analysé les connaissances mathématiques implicites développées par ces sujets dans la pratique du travail, et les concepts de mesure communs entre eux. Le cadre théorique fait appel à la sociologie de Castel et de Paugam, à la philosophie de l'éducation de Freire, à celle de Foucault, à la psychologie du développement de Vergnaud, les principaux auteurs. Nous avons fait appel à des méthodes qualitatives et quantitatives pour la construction des données avec le questionnaire, l'entrevue audio-video enregistrée, individuelle et collective. Les résultats montrent que face aux 14 problèmes, évoqués (santé, alimentation, économie familiale, situation familiale, travail, éducation, assurance, loisir, religion, transport, tri, habitation, assainissement, rapports de voisinage), les sujets développent des connaissances maintenues en fonction des variables contextuels. On a observé différentes connaissances vues comme des concepts en action selon la théorie des champs conceptuels de Vergnaud.

Mots clés: Connaissance alternative. Exclusion sociale. Genre. Inclusion sociale. Mathématique.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to seek how men and women build alternative knowledge, when they are subjected to situations of social exclusion, in a peripheral community of the south of Brazil. Through a questionnaire applied on 103 subjects, 14 principal problems were identified whose solution supposes the construction of alternative knowledge. We analyzed three activities of work, developed in this context (mechanical turnery, seam and recycling of waste), and the role and function of the variable gender in the exercise of these activities considered in the community as masculine, female or neutral from the point of view of the gender. We still analyzed the implicit mathematical knowledge developed by these subjects in their work practices, and the common concepts of measurement between them. The theoretical framework calls upon the sociology of Castel and Paugam, the philosophy of the education of Freire, the philosophy of Foucault, and the psychology of development of Vergnaud. We called upon qualitative and quantitative methods for construction of the data with the questionnaire, the audio-visual recorded interviews both individual and collective. The results show that regarding the 14 studied problems (health, food, family, economy, marital status, work, education, insurance, leisure, religion, transport, sorting, dwelling, cleansing, relationship with vicinity) the subjects develop knowledge that seem to be maintained according to the contextual variables. One has observed different knowledge identified as concepts in action according to the theory of the conceptual fields of Vergnaud.

Key words: Alternative knowledge. Social exclusion. Gender. Social inclusion. Mathematics.

RESUMO

Esta tese pretende investigar como homens e mulheres constroem conhecimentos alternativos quando submetidos a situações de exclusão social, em uma comunidade periférica do Sul do Brasil. Através de um questionário aplicado a 103 sujeitos, foram identificados 14 principais problemas na comunidade e cuja resolução implica a construção de conhecimentos alternativos. Analisaram-se três atividades de trabalho desenvolvidas nesse contexto (tornearia mecânica, costura e reciclagem de lixo) e o papel e a função da variável gênero no exercício dessas atividades consideradas respectivamente na comunidade como masculinas, femininas ou neutras, do ponto de vista do gênero. Foram analisados ainda os conhecimentos matemáticos implícitos desenvolvidos pelos sujeitos nessas práticas de trabalho, sendo o conceito de medida o seu elemento comum. O quadro teórico utilizado faz apelo à sociologia de Castel e Paugam, a filosofia da educação de Freire, a filosofia de Foucault e a psicologia do desenvolvimento de Vergnaud. Utilizou-se um cruzamento de métodos quantitativos e qualitativos para a construção dos dados, quais sejam, o questionário, entrevistas videografadas individuais e coletivas. Os resultados mostram que face aos 14 problemas evocados na comunidade (saúde, alimentação, economia familiar, situação familiar, trabalho, educação, segurança, lazer, religiosidade, transporte, reciclagem, habitação, saneamento e relacionamento com os vizinhos), os sujeitos desenvolvem conhecimentos que parecem ser mantidos em função de variáveis contextuais. Observaram-se conhecimentos diferenciados e denominados como conceitos em ação na teoria dos campos conceituais de Vergnaud.

Palavras-chave: Conhecimento alternativo. Exclusão social. Gênero. Inclusão social. Matemática.

Table des matières

INTRODUCTION	13
PREMIÈRE PARTIE – LA MÉTAMORPHOSE DE LA CONNAISSANCE	24
1. CHAPITRE 1 – ORIGINE DE LA RECHERCHE.....	24
1.1. LES CHEMINS DE LA RECHERCHE	25
1.1.1. Études philosophiques: premier contact académique.....	25
1.1.2. Études théologiques: chemin d’insertion pastorale.....	25
1.1.3. Sciences de l’éducation: une autre perspective de la connaissance	26
1.2. COOPÉRATION EN VUE DE NOUVELLES CONNAISSANCES: CO-TUTELLE 28	
2. CHAPITRE 2 – NATURE DE LA CONNAISSANCE	30
2.1. LA CONSTRUCTION DE LA CONNAISSANCE	30
2.2. CONNAISSANCES SCOLAIRES: SYSTÈME FORMAL D’ÉDUCATION.....	33
2.3. CONNAISSANCES ALTERNATIVES : APPROCHE THÉORIQUE ET PRATIQUE AVEC LES DIFFÉRENTS SYSTÈMES D’ÉDUCATION	35
2.4. CONNAISSANCES DE NATURE MATHÉMATIQUE ET LEURS REPRÉSENTATIONS.	39
2.5. CONNAISSANCE ET POUVOIR DANS LES RELATIONS SOCIOÉDUCATIVES 42	
2.6. INFLUENCE CULTURELLE DANS LE PROCESSUS SOCIOÉDUCATIF	43
3. CHAPITRE 3 – EXCLUSION SOCIALE	44
3.1. PROCESSUS HISTORIQUE ET GÉOGRAPHIQUE PAR L’INCLUSION SOCIALE : <i>LES EXCLUS</i>	45
3.2. LES INCONNUS DU PROCESSUS SOCIAL LES MARQUES DE LA MONDIALISATION.....	53
3.3. LE RISQUE COMME CONSTRUCTION SOCIALE	62
3.4. LA CONNAISSANCE DANS LES DIFFÉRENTES SITUATIONS SOCIALES	65
4. CHAPITRE 4 – QUESTIONS DE GENRE	67
4.1. LA FAMILLE, L’ÉCOLE LA SOCIÉTÉ: INFLUENCE ET CONTRIBUTION DANS LA CONSTRUCTION DE L’IDENTITÉ SEXUELLE ET DANS LA RECHERCHE DE LA CONNAISSANCE	70
4.2. LA QUESTION DE GENRE DANS LE CADRE SCOLAIRE ET LES MATHÉMATIQUES COMME DISCIPLINE MARQUÉE SOCIALEMENT COMME MASCULINE	79
DEUXIÈME PARTIE – ASPECTS MÉTHODOLOGIQUES DE LA RECHERCHE.....	84
1. CHAPITRE 1 – RÉFLEXIONS MÉTHODOLOGIQUES.....	84
1.1. INSPIRATION ETHNOGRAPHIQUE DANS LA CONSTRUCTION DE DONNÉES D’UN CHERCHEUR EN SCIENCES DE L’ÉDUCATION.....	85
1.2. LE QUESTIONNAIRE COMME INSTRUMENT DE CONSTRUCTION DE DONNÉES.....	87
1.3. LA VIDÉOGRAPHIE COMME SUPPORT POUR DE DIFFÉRENTES INTERVIEWS.....	89
1.3.1. Interview individuelle	89
1.3.2. L’interview en groupe.....	92

2. CHAPITRE 2 – LES SUJETS DE LA RECHERCHE ET L'EXPLOITATION STATISTIQUE.....	94
2.1. PROCÉDÉ DE LA CONSTITUTION DE L'ÉCHANTILLON	94
2.2. LA PREMIÈRE SÉLECTION DES SUJETS DE LA RECHERCHE SUIVIE PAR LA VIDÉOGRAPHIE	95
2.3. LE CHOIX DES SUJETS PROTOTYPIQUES DE LA RECHERCHE	96
2.4. SYNTHÈSE DE L'ÉCHANTILLAGE	99
2.5. LES PRINCIPAUX PROBLÈMES ISOLÉS PAR LE CHERCHEUR POUR LA CONSTRUCTION DU QUESTIONNAIRE.....	99
2.6. LES OUTILS UTILISÉS DANS LE TRAITEMENT STATISTIQUE DES DONNÉES CONSTRUITES.....	100
TROISIÈME PARTIE – RÉSULTATS ET PERSPECTIVES	103
1. CHAPITRE 1 – EXPLOITATION ET ANALYSE DU CONTEXTE ÉTUDIÉ PAR DES MÉTHODES QUANTITATIVES ET QUALITIVES	103
1.1. ORIGINE DE LA VILA DO BELO HORIZONTE.....	104
1.2. ZONE DE VIOLENCE ET DE RISQUES.....	107
1.3. POPULATION D'IMMIGRANTS	109
1.3.1. Caractéristiques des sujets de l'échantillon.....	110
1.3.2. Les problèmes envisagés par hommes et femmes.....	113
1.4. LES DÉFIS DE CIRCULER DANS LES VOIES D'INFORMATION: LES RUES (Pb 11, 13)	116
1.5. LOGEMENT ET SOURCES ÉCONOMIQUES (Pb 02, 03, 04, 05, 12, 14).....	119
1.6. SANTÉ PUBLIQUE ET ALTERNATIVE, SÉCURITÉ ET LOISIR LIMITES ET DÉFIS (Pb 01, 07, 08).....	123
1.7. L'ÉDUCATION (Pb 06).....	133
1.8. CULTURE, ART ET RELIGION DANS LA PÉRIPHÉRIE (Pb 09).	142
1.9. MOYENS DE LOCOMOTION (Pb 10).	145
1.10. COMPARAISON DES ÉVOCATIONS DES PROBLÈMES PAR LES FEMMES ET PAR LES HOMMES	146
2. CHAPITRE 2 - LA CONSTRUCTION DES DONNÉES À PARTIR DE L'ANALYSE VIDÉOGRAPHIQUE	149
2.1. LES PREMIERS SUJETS SÉLECTIONNÉS ET LEURS PROBLÈMES IDENTIFIÉS	149
2.2. LES SUJETS QUI DÉTIENNENT LES CONNAISSANCES: LES INTERVIEWS INDIVIDUELLES.....	153
2.2.1. Les soins avec le corps et l'esprit.....	154
2.2.2. La connaissance stimulant des partenariats.....	155
2.2.3. Envisageant le futur face aux défis.	157
2.2.4. De la bénédiction à la culture de la terre.....	158
2.2.5. Habiller avec les mesures et autres révélations.....	161
3. CHAPITRE 3 – L'ANALYSE DES INTERVIEWS INDIVIDUELLES DES SUJETS PROTOTYPIQUES : IDENTIFICATION DES CONNAISSANCES ALTERNATIVES	165
3.1. DONNÉES PARTICULIÈRES DES SUJETS PROTOTYPIQUES.....	166
3.1.1. Les récupérateurs dans les poubelles	168
3.1.2. Le Tourneur Mécanique et son fils	168
3.1.3. La Couturière	168
3.2. CONNAISSANCES ALTERNATIVES IDENTIFIÉES EN SITUATION D'EXCLUSION SOCIALE.....	169

3.2.1.	Les récupérateurs dans les poubelles: des connaissances alternatives et questions de genre	169
3.2.2.	Le tourneur mécanique	177
3.2.3.	La couturière	185
3.3.	SYNTHÈSE DES CONNAISSANCES IDENTIFIÉES: LE CURRICULUM INFORMEL DES SUJETS PROTOTYPIQUES.....	190
4.	CHAPITRE 4 – ANALYSE DE L’INTERVIEW D’AUTOCONFRONTATION	191
4.1.	LA RENCONTRE DES SUJETS PROTOTYPIQUES	192
4.2.	LE DÉBAT ENTRE LE GROUPE INTERVIEWÉ.....	193
4.2.1.	La question de la connaissance	194
4.2.1.1.	La couturière	194
4.2.1.2.	Le tourneur mécanique et son fils	194
4.2.2.	La question de l’exclusion sociale	195
4.2.2.1.	Le tourneur mécanique	196
4.2.2.2.	Le récupérateur dans les poubelles	196
4.2.3.	La question de genre	197
4.2.3.1.	La couturière	197
4.2.3.2.	Le tourneur mécanique et son fils	198
4.2.3.3.	Le récupérateur	199
4.2.4.	Les mathématiques: outil pour la construction des savoirs alternatifs	199
4.2.4.1.	Le tourneur mécanique et son fils	200
4.2.4.2.	La couturière	201
4.2.4.3.	Le récupérateur dans les poubelles	201
4.3.	LA DIMENSION SOCIALE COLLECTIVE ET LES PHÉNOMÈNES DE DOMINATION	202
	CONCLUSION	205
	Références.....	213

Index des figures

Figure 1 : Le grand Santa Fé, en haut, la Vila do Belo Horizonte.....	105
Figure 2 : Répartition des fréquences de la variable: nombre de problèmes cités entre les 14...	114
Figure 3 : Distribution des fréquences de la variable: nombre de problèmes entre les hommes	115
.....	
Figure 4 : Distribution des fréquences de la variable: nombre de problèmes entre les femmes	115
mulheres	115
Figure 5 : Distribution des pourcentages de la variable : nombre de problèmes cités entre les 14	115
.....	
Figure 6 : Les rues dans la Vila do Belo Horizonte.....	118
Figure 7 : Les maisons dans la Vila do Vila do Belo Horizonte.....	120
Figure 8 : Distribution des fréquences d'évocation des problèmes	131
Figure 9 : Distribution des pourcentages d'évocation des problèmes	131
Figure 10 : Distribution des pourcentages d'évocation des problèmes entre les femmes et les	132
hommes	132
Figure 11 : Arbre de similitude	140
Figure 12 : Grapheur implicatif 1	141
Figure 13 : Grapheur implicatif 2	141
Figure 14 : L'organisation de la collecte.....	169
Figure 15 : Conservation et protection du matériel	171
Figure 16: Elle est sa co-assistante	173
Figure 17 : Contrôle de la comptabilité mensuelle.....	175
Figure 18 : Les calculs.....	175
Figure 19 : Le tour.....	178
Figure 20 : Machine à faire l'ébarbure	179
Figure 21 : Moyeu de roue	182
Figure 22 : Le dessin pour le perçage du moyeu de roue	182
Figure 23 : Les différentes machines du tourneur	183
Figure 24 : Machines à coudre	187
Figure 25 : Les mesures avec le mètre à ruban.....	189
Figure 26 : En train de regarder les interviews individuelles faites dans leurs ateliers	192
Figure 27 : Intégration et connaissances.....	192
Figure 28 : Les sujets prototypiques de la recherche.....	193
Figure 29 : Isolement, posture et positions physiques	203

Index des tableaux

Tableau 1 : Les interviewés	15
Tableau 2 : Jury de la qualification du 12/11/2007	17
Tableau 3 : Sujets interviewés dans la recherche	95
Tableau 4 : Les premiers sujets sélectionnés de la recherche.....	96
Tableau 5 : Les sujets prototypiques de la recherche	99
Tableau 6 : Procédé de l'échantillonnage des sujets de la recherche	99
Tableau 7 : Problèmes isolés pour l'étude de champ	100
Tableau 8 : Zones du nord	104
Tableau 9 : Liste de lotissements approuvés (actualisation janvier 2009 Mairie Municipale) ..	105
Tableau 10 : Répartition de la population du RS (2006)	109
Tableau 11 : Répartition de la population de Caxias do Sul (2006)	109
Tableau 12 : Caractéristiques socioéconomiques - Source: Mairie Municipale (2004/2006)...	110
Tableau 13 : Distribution des fréquences de la variable: temps de résidence à Caxias do Sul (RS)	111
.....	111
Tableau 14 : Distribution des fréquences de la variable: temps de résidence à l'endroit Vila Belo Horizonte.....	111
Tableau 15 : Caractéristiques de la variable: temps de résidence.....	111
Tableau 16 : État civil des sujets interviewés.....	112
Tableau 17 : croisement des variables: état civil et sexe	113
Tableau 18 : Catégories de problèmes possibles envisagés dans la communauté	114
Tableau 19 : Caractéristiques de la variable : nombre de problèmes cités entre les 14.....	115
Tableau 20 : Liste des rues de la Vila do Belo Horizonte	117
Tableau 21 : Croisement des variables "importance des problèmes d'assainissement de base " et "sexe"	117
Tableau 22 : Types de logements	121
Tableau 23 : Forme d'acquisition d'une maison	121
Tableau 24 : Les problèmes qui sont parmi les Rangs 1, 2, 3	132
Tableau 25 : Les problèmes qui sont entre les Rangs 1, 2, 3.....	132
Tableau 26 : Les problèmes qui sont entre les Rangs 1, 2, 3.....	133
Tableau 27 : Analphabétisme de la population du RS.....	134
Tableau 28 : Analphabétisme de la population du RS.....	134
Tableau 29 : Analphabétisme de la population du RS.....	134
Tableau 30 : Taux de scolarité RS.....	134
Tableau 31 : Taux de scolarité RS.....	134
Tableau 32 : Taux de scolarité RS.....	134
Tableau 33 : Alphabétisation de la population de Caxias do Sul (2000).....	134
Tableau 34 : Tableau scolaire de la zone nord de la ville de Caxias do Sul	138
Tableau 35 : Savent bien lire et écrire	138
Tableau 36 : Degré de scolarité des cent trois (103) sujets	138
Tableau 37 : Hommes et femmes qui savent bien lire et écrire.....	139
Tableau 38 : L'éducation entre les trois (3) premières places	142
Tableau 39 : Pb01 – Santé	147
Tableau 40 : Pb02 - Alimentation.....	147
Tableau 41 : Pb03 – Économie Familiale.....	147
Tableau 42 : Pb04 – Situation de Famille.....	147
Tableau 43 : Pb05 – Travail	147
Tableau 44 : Pb06 – Éducation.....	147
Tableau 45 : Pb07 – Sécurité.....	147
Tableau 46 : Pb08 – Loisirs.....	147
Tableau 47 : Pb09 – Religion	148
Tableau 48 : Pb10 – Transport	148
Tableau 49 : Pb11 – Recyclage	148
Tableau 50 : Pb12 – Logement.....	148
Tableau 51 : Pb13 – Assainissement	148
Tableau 52 : Pb14 – Rapport avec les voisins	148
Tableau 53 : Comparaison des femmes et des hommes dans l'exposition de chaque problème	149
Tableau 54 : Caractéristiques des premiers sujets sélectionnés.....	150
Tableau 55 : La masseuse.....	150

Tableau 56 : Le tourneur mécanique et son fils.....	150
Tableau 57 : L'étudiante	151
Tableau 58 : La guérisseuse et l'agriculteur	151
Tableau 59 : La couturière et le photographe	151
Tableau 60 : L'ordre des problèmes cités par les 8 sujets interviewés	151
Tableau 61 : Caractéristiques des sujets prototypiques enregistrées en vidéo.....	166
Tableau 62 : Niveau d'instruction des sujets prototypiques de notre recherche, dans la collecte de données par questionnaire, elle n'entre pas en scène	167
Tableau 63 : Connaissances identifiées	191
Tableau 64 : Fréquence d'intervention des sujets.....	203
Tableau 65 : Caractéristiques sociales des sujets	204

INTRODUCTION

L'année de 1988 marque notre premier contact académique dans la condition d'étudiant universitaire. La recherche de la connaissance a commencé à être construite, sans oublier l'homme qui portait encore avec soi la nostalgie de l'enseignement secondaire et qui avait ses premiers fondements dans la connaissance du sens commun qui emportait sur les rapports humains et sociaux.

L'étude philosophique nous a conduit les deux premières années, ces deux années-la, nous paraissaient un peu bizarres, longs et fatigants, pour presque tous les jours, de parler et réfléchir sur Platon, Aristote et Socrate, parmi d'autres philosophes, lesquels, pour nous, dans ce moment, ne correspondaient pas à nos affaires domestiques et professionnelles.

Les professeurs qui donnaient les cours parlaient du genre humain, de leurs angoisses, du monde et de leurs problèmes sociaux, de la connaissance et de son évolution. Ces professeurs fumaient en classe et rarement souriaient. Quelques-uns portaient des vêtements comme Saint-Augustin, qui, dans sa jeunesse, était considéré comme un homme rebelle ; d'autres, aimaient les couleurs rouges, qui rappelaient les temps d'hostilité et, d'autres encore, contemplaient Saint-Michel, Saint-Raphaël et Saint- Gabriel. Ce que ces professeurs avaient en commun, c'était la finesse et l'élégance de la provocation de faire penser à la condition de l'être humain, cet héritier d'un bagage rationnel millénaire, encore propriété de quelques-uns.

L'option de vie nous a orienté et conduit à d'autres études. En 1991, la réflexion théologique a été parcourue pendant cinq (5) ans, la quatrième année étant comptée comme un stage sociopastoral obligatoire. Ces cours représentaient la réalité humaine et étaient traités dans les études bibliques, qui enregistraient les luttes sociales vécues par les communautés primitives; quelquefois, nous, nous étions seulement sur les chaises confortables qui ne nous engageaient pas du tout aux cris de beaucoup d'êtres trouvés et retrouvés dans la vie périphérique de nos maisons voisines.

Dans ces deux périodes vécues entre les études philosophiques et théologiques conjuguées à nos pratiques et à nos travaux sociaux, beaucoup de questions nous ont accompagné. Quelques réponses nous sont arrivées au moyen de la vie de plusieurs personnes retrouvées sur notre chemin ; d'autres, cependant, au moyen de la connaissance produite dans des endroits entourés par beaucoup de béton, mais, remplis par la recherche infatigable du genre humain, tel que l'université.

En 1998, laissant de côté la réalité brésilienne, « rio-grandense », une décennie après notre entrée à l'université, on est parti en France, pour y vivre et étudier, pour une période de trois (3) ans. On a trouvé une autre réalité académique et culturelle et on s'est rencontré devant un autre monde construit par la connaissance humaine, étant entre les réalités sociales connues à travers l'histoire et la littérature, témoignées par de différents théoriques engagés dans les mouvements sociaux, annoncés dans le temps philosophique.

Le cours de Licence en Science de l'Éducation, à l'Université de Lyon 2, a été notre première expérience académique dans le continent européen, choix fait par une option personnelle, causée par des questions et des raisons professionnelles.

On peut alors observer que l'être humain se trouve face à un choix de valeurs et d'intérêts, provenant, presque toujours, d'une connaissance spontanée et, parfois, sans réfléchir et sans se poser des questions, face à une réalité immédiate. Cet être humain, quand soumis à une rationalité scientifique moderne, dans la recherche de solutions de certains problèmes, cherche à s'orienter par des principes différenciés, tels que: l'efficacité instrumentale, l'intelligence compréhensive, la simplicité fonctionnelle, la cohérence logique, les fondements épistémologique et méthodologique.

Sortant de la dichotomie de ces principes, très souvent associés à la vie quotidienne, dans le premier contexte et aux contextes académiques, dans le deuxième, on propose de faire une analyse dans cette thèse, la construction de connaissances dans des situations d'exclusion sociale et le rapport entre la nature des connaissances produites et les questions de genre.

La motivation de cette proposition, que le trajet parcouru nous a aidé à construire, est centrée sur le Master 2, en Sciences de l'Éducation. Travail commencé à l'Université Lyon 2, en 2001, sous l'orientation du Prof. Dr. Jean-Claude Régnier. La recherche empirique a été faite en 2002, dans la ville de Caxias do Sul-RS-Brésil. À partir de cela, on a pu percevoir que, soit dans la culture brésilienne, soit dans la culture française, certaines connaissances et activités professionnelles, continuent à attirer ou à rejeter par des questions de genre, cet être devenant un agent de sélection scolaire, académique et sociale. Cette proposition d'études a eu comme instrument les mathématiques, servant d'outil pour travailler les représentations qui caractérisaient des sujets adultes dans des situations de formation professionnelle appartenant à des communautés marquées socialement comme étant du genre masculin et des sujets appartenant à des communautés marquées socialement comme étant du genre féminin. Cette analyse a aussi été faite à côté de groupes mixtes.

Les données obtenues de cette recherche pour le Master 2, travail développé au centre de cinq différents groupes de la société « caxiense », ont contribué à un projet plus large sur les représentations qui touchaient des connaissances déterminées, dans le milieu social.

L'ensemble de la recherche a été composé par : 73 étudiants, hommes et femmes du Cours Technique d'Infirmiers de l'Hôpital Medianeira, 165 militaires, 33 hommes et 18 femmes candidats à la vie religieuse et 92 stagiaires en éducation du collège São Carlos, un total de 381 interviewés, selon le tableau suivant.

TABLEAU 1 : LES INTERVIEWÉS		
Population	Genre socialement attribué	Conditions d'appartenance professionnelle
Militaire	Masculin	Être un homme, mais les femmes peuvent être acceptées
Religieux	Masculin	Être un homme
	Féminin	Être une femme
Infirmière	Féminin	Être une femme, mais les hommes peuvent être acceptés
Enseignement Maternel	Féminin	Être une femme

Le tableau présente les caractéristiques de la population à partir desquelles on construit un échantillon. D'abord, on a cherché d'intégrer dans cet échantillon les sujets

qui travaillaient dans des communautés masculines ou dans des situations de formation pour valider une qualification. Dans un langage professionnel, on peut dire qu'il s'agissait de stagiaires, dans des situations de formation professionnelle pour obtenir leurs qualifications. On a choisi deux contextes marqués: les militaires et les religieux, d'où on a obtenu des groupes de jeunes et d'adultes en situation de formation professionnelle.

En synthèse, cet échantillon a représenté quatre populations marquées culturellement et socialement, par une ambiance essentiellement masculine, par une ambiance essentiellement féminine, par une ambiance mixte à une tendance prédominante masculine et, enfin, une ambiance mixte à tendance féminine.

En 2004, on a fait partie d'un séminaire à l'Universidade Federal de Pernambuco – Recife, (PRETTO; RÉGNIER, 2004), opportunité de présenter une étude faite au Master 2 concernant les questions de genre et leurs représentations, à partir des mathématiques dans un monde socio-éducatif et comme sont administrées les connaissances en de différentes institutions et groupes présents dans la société, caractérisés par la prédominance masculine.

Le travail de Master 2 soulignait les questions de genre et les représentations construites autour des mathématiques, ensemble à de différents présupposés théoriques, centrant sur la nouvelle problématique tournée vers cette thèse de doctorat en éducation. À partir de 2006, cette recherche a commencé en co-tutelle entre les Universités UNISINOS-RS, Brésil et l'Université Lumière Lyon 2 - France.

Conforme le Protocole d'Accord de Coopération Internationale signé entre les deux institutions d'enseignement supérieur, la durée de préparation de la thèse de doctorat est fixée et réglée dans une période de trois (3) ans par la France et quatre (4) ans par le Brésil. Le doctorant doit atteindre un total de crédits au moyen d'activités obligatoires du programme dans la participation aux séminaires de thèse, entre les universités.

Dans le deuxième semestre de 2007, à l'Université Lyon 2, les périodes de travail de recherche, commencées à l'Université Unisinos, ont permis de compléter

notre première étape de l'accord établi. Ce temps de travail avec le groupe ADATIC¹, coordonné et orienté par le Prof. Dr. Jean-Claude Régnier, a eu aussi comme but, la préparation de la qualification, l'examen de thèse, obligatoires dans les universités brésiliennes, pour que chaque doctorant puisse compléter sa thèse.

Cet examen a eu lieu par Internet, le 12 novembre 2007, aux établissements de l'Institut Universitaire de Formation de Maîtres-IUFM, mis à notre disposition sous la responsabilité du Prof. Dr. Nadja Acioly-Régnier. Le jury a été composé par les professeurs :

TABLEAU 2 : JURY DE LA QUALIFICATION DU 12/11/2007

Pela Universidade de Lyon	Pela Universidade UNISINOS
Prof. Dr. Jean-Claude Régnier Orientador de tese Universidade Lyon2	Prof. Dr. Attico Chassot Orientador de tese UNISINOS
Profa. Dra. Nadja Acioly-Régnier Universidade Lyon1	Prof. Dr. Danilo R. Streck (UNISINOS) Prof. Dr. Lúcio Kreutz (UCS)

L'orientation de la thèse est assurée par deux professeurs, un de chaque université :

- Par le Prof. Dr. Jean-Claude Régnier orientateur de thèse, responsable de l'Université Lumière Lyon 2, aussi responsable de la convention d'interchange international académique avec l'Université de Caxias do Sul-UCS - (Rio Grande do Sul, située à 120 km de Porto Alegre), où nous faisons partie du corps d'enseignants du Centre de Philosophie et Éducation-CEFE.
- Le Prof. Dr. Attico Chassot, de l'Université UNISINOS, a été l'orientateur de thèse jusqu'à la qualification. Au mois de mars de 2008, le professeur CHASSOT a atteint la limite d'âge de retraite demandée par UNISINOS. L'orientation de thèse a passée alors à être assurée par le Prof.Dr. Danilo Romeu Streck.

¹ Aprendizagem, Didática, Autonomia, e Tecnologia de Informação e de Comunicação: grupo de pesquisa fundado no ano de 2000, dirigido pelo Prof. Dr. Jean-Claude RÉGNIER – nível Mestrado e Doutorado.

À partir de l'examen de qualification, la recherche sur la construction de la connaissance en des situations d'exclusion sociale et questions de genre a été confirmée et délimitée, comme proposition de cette thèse.

Cette recherche nous a conduit à un monde périphérique, contexte social aussi classé comme domaine de risque et de violence, pour identifier et comprendre l'existence de connaissances alternatives différenciées, qui continuent présentes à travers les temps, construits par des hommes et par des femmes. Ce territoire est situé à Caxias do Sul-RS-Brésil.

Martins (2008, pp. 45 ; 50-52) quand il parle de banlieue, qui désigne l'identité spécifique d'une réalité d'espace social entre la campagne et la ville, le produire et l'ordonner, le travailler et le jouir, décrit:

la périphérie est le produit de l'exploitation immobilière, des rues étroites, des trottoirs étroits, du manque de places, des terrains minuscules, des maisons en état précaire, qui occupent tout l'espace disponible pour la construction, du manque de plantes, de beaucoup de saleté et puanteur. La périphérie est l'espace de confinement aux étroites limites de manque d'alternatives de vie. Le problème de la périphérie est le problème de l'agitation, ou de l'urbanisation pathologique, de l'exclusion, de l'inclusion perverse, du manque d'alternatives d'insertion dans le monde urbain.

Une des contributions de ce travail pour l'éducation se trouve dans l'alternative de présenter des connaissances produites par des personnes soumises et confrontées à l'exclusion sociale, située dans la périphérie. Cette exclusion traverse l'histoire humaine et contribue à la formation de conditions de vulnérabilité vérifiées dans la vie contemporaine, atteignant un million de personnes dans toutes les parties de la planète.

Apporter à la surface d'autres connaissances situées en marge d'une société sélecte, faisant attention à la richesse d'informations et de ses phénomènes, rend possible de visualiser le processus de mouvement, des connaissances, de capacités créatives que ne dorment pas et qui sont produites dans notre société. La production de ces connaissances non-académiques ou non-institutionnalisées passe, d'habitude, par

des constructions collectives, considérant leurs valeurs, leurs langages, leurs rapports et engendrant de nouvelles questions.

Au premier semestre de 2007, la coordination du Centre de Philosophie et Éducation – CEFE – de l’Université de Caxias do Sul, à l’occasion de promouvoir la Semaine Académique de Philosophie, a invité les doctorants à exposer leurs sujets de recherche à un nombre expressif de professeurs et étudiants de différents cours, opportunité de parler à un groupe sélectionné sur la construction de connaissances alternatives, accompagnées de quelques éléments socioculturels et des sujets impliqués, produits dans une réalité non-académique. À travers les questions et l’intérêt pour la thématique manifestés par le public présent, nous confirmons l’absence de données et même d’informations par rapport à ce qu’on construit hors les murs académiques en vue du bien social. Les interrogations du public ont produit d’autres questions. Comment travailler les productions périphériques dans une salle de classe, scolaire ou académique ? Comment l’éducation « officielle » pourrait-elle interagir avec ces connaissances ?

En juillet 2008, à l’intention d’apporter à la société lettrée et à l’académie d’autres manières de production de connaissances alternatives, une étude nous a rendu possible la présentation d’une communication orale publiée, (PRETTO, 2008), traitant sur des aspects de rapport des mathématiques intégré aux affaires professionnelles et domestiques du monde périphérique au 2^{ème} SIPEMAT - Symposium International de Recherche en Éducation Mathématique. Ce symposium a été organisé par le Département d’Éducation - Programme de Doctorat et Master 2, en Enseignement et Sciences, qui a eu lieu à l’Université Federal Rural de Pernambuco – UFRPE - Recife.

Ces deux occasions précédentes, en plus de contribuer avec notre recherche, ont fait percevoir qu’il n’est plus possible de centraliser la connaissance humaine dans un seul endroit ou dans une institution déterminée, ou même de donner de l’exclusivité à une culture.

La proposition de rechercher la construction de connaissances en des situations d’exclusion sociale et des questions de genre a été exploitée par des unités d’analyse qui puissent faire apparaître des connaissances et les raisons éventuelles de leur

construction et permanence. Cela est arrivé au moyen d'activités insérées et socialisées dans une réalité périphérique, champ empyrique choisi dans notre recherche et déjà annoncé.

Dans l'exploitation de données quantitatives et qualitatives, nous utilisons de différents supports méthodologiques. L'application du traitement statistique a été par des outils informatiques.

Pour expliciter les raisons de tel choix, nous nous rapportons à la signification sociale de différentes activités et dans le choix de la discipline mathématique. Ce sont des conditions de permanence d'une connaissance alternative productive en de différentes réalités constituées par des sujets qui socialisent leurs productions.

En continuité au travail réalisé dans Master 2, nous avons choisi pour analyser des activités marquées socialement comme masculines, féminines et neutres du point de vue social. Et aussi comment la connaissance implicite d'une discipline formelle, exercerait-elle son influence dans la construction et dans la permanence de différentes activités qui se mouvementent sur des bases en des connaissances non-formelles gérées par des femmes et hommes. Ainsi, la connaissance relative à l'activité de coudre, par exemple, pourrait-elle apparaître et être maintenue par des hommes dans cette communauté? Dans ce cas-là, la condition nécessaire pour la réalisation de cette activité est représentée par une femme, constructrice de cette connaissance, identifiée et représentée dans les rapports sociaux avec le féminin.

À partir de la thématique, nous avons remarqué qu'il n'est pas possible de travailler sur des certaines questions, analysant séparément les rapports de genre dans la construction de connaissances dans des situations d'exclusion sociale, étant celle-ci notre priorité de recherche. Nous nous sommes centrés sur des hommes et des femmes, recherchant comment les deux construisent des connaissances qui répondent à leurs nécessités et à la demande de différents services à l'intérieur de la communauté sociale étudiée et aussi pour son entourage. Il ne s'agit pas ici d'une thèse sur le genre, mais quelques questions de genre sont ici traitées dans le sens d'identification de profils professionnels, perçus dans notre société, comme prioritairement masculins ou féminins.

Nous pouvons identifier que, pour coudre, ramasser les poubelles et travailler avec un tour, les connaissances formelles sont intégrées aux connaissances non-formelles et informelles, comme par exemple, les mathématiques, discipline marquée socialement comme symbole masculin.

Au deuxième semestre de 2008, il y a eu lieu, à Lyon, la deuxième étape de nos études. Cette période, en plus de la participation aux séminaires ADATIC et à d'autres événements à l'Université Lyon 2, a été dédiée à l'analyse des données collectées et à la rédaction de la thèse. Le support théorique sélectionné, qui sera présenté, et dans les rapports France-Brésil, nous nous sommes bénéficié des compétences du professeur Dr. Jean-Claude Régnier, dans le traitement et construction des données collectées, et du Dr. Nadja Acioly-Régnier, professeur à l'Institut Universitaire de Formation de Maîtres-IUFM de Lyon, dans le domaine de la culture et cognition en des questions de genre. Les travaux de recherche développés par le professeur Dr. Danilo Romeu Streck, dans l'analyse des questions de l'exclusion sociale et de l'éducation, ont été commencés dans le groupe Pratique de Recherche: Éducation et Procédure d'Exclusion Sociale, dans UNISINOS.

Les objectifs de notre recherche sont:

- Identifier et comprendre les situations-problèmes dans lesquelles les êtres humains vivent, leurs conditions d'exclusion sociale et dont la résolution implique dans la construction de connaissances alternatives;
- Analyser d'une manière plus spécifique, dans des activités de travail développées dans ce contexte, le rôle et la fonction du genre variable, dans l'exercice de ces activités;
- Identifier les connaissances mathématiques sous-jacentes et le niveau conceptuel des sujets.

La possibilité de pouvoir entrer en contact avec une réalité déterminée, dans laquelle a été constatée l'exclusion sociale dans un sens qui sera discuté dans la thèse et découvrir la production de connaissances présentes dans une zone de risque, marquée

par la violence, c'est ce qui nous a fait chercher des réponses au problème de la recherche:

Comment hommes et femmes construisent des connaissances alternatives quand soumis à l'exclusion sociale?

Nous avons l'intention de présenter une base théorique qui puisse soutenir une posture pédagogique de la connaissance, sa construction en des différentes réalités, à partir desquelles se discute et se démontre que la connaissance est présente dans ces couches sociales considérées comme périphériques, produisant et mettant en mouvement plusieurs personnes qui ont pour but le soutien familial, aussi bien que d'autres contributions en vue d'un bien commun.

La rédaction de la thèse a été développée en trois parties.

La première partie de la thèse est présentée en quatre (4) chapitres. Au premier chapitre, est racontée l'histoire personnelle de l'auteur, lequel a eu son initiation académique dans les études philosophiques et théologiques, suivies d'une plus grande concentration dans le domaine de l'éducation – Master 2 en Sciences de l'Éducation. Les études faites, ont été toujours intégrées à des réalités et à des questions socio-éducationnelles. Dans ce même chapitre, est rapporté l'accord international appelé cotutelle entre les Universités de Lyon 2-France et Unisinos-Brésil. Les deuxième, troisième et quatrième chapitres présentent les présupposés théoriques de cette recherche. Le chemin théorique à être inauguré et suivi cherche dialoguer essentiellement avec les concepts de nature de la connaissance, exclusion sociale et questions de genre.

Entre les présupposés théoriques mobilisés, on peut citer comme contribution prioritaire les travaux de Paulo Freire (2004, 2007), commencés au Brésil dans les années 60. Ce studieux pose l'éducation comme centre et priorité pour penser l'être humain, proposant une méthode incluse dans ses oeuvres², interagissant avec Robert Castel (2007, 2009) et Serge Paugam (2006, 2009), sociologues français qui analysent l'évolution des rapports sociaux entre la précarité économique et l'instabilité, la désaffiliation et la

²Entre les principales oeuvres de FREIRE se trouve *Pedagogia do oprimido*.

déqualification sociales. Nous cherchons aussi les oeuvres de José de Souza Martins (2003) et Pedro Demo (2002), chercheurs brésiliens tournés vers les études sociales. Dans cette réflexion sociale, nous étudions Peter Ludwig Berger et Thomas Luckmann (1996), Stephen R. Stoer (2004) et Sigmund Bauman (2005), lesquels montrent la précarité humaine vécue dans cette construction et exclusion sociale. Yvette Veyret (2005), travaillant sur les questions et sur la notion de risque, à partir de la géographie fait partie aussi des auteurs recherchés. Par rapport à l'étude de Michel Foucault (2006), notre intérêt particulier dans ce moment, se tourne vers la question du pouvoir. De l'oeuvre de Gérard Vergnaud (1991) notre attention se tourne vers l'analyse conceptuelle. Simone de Beauvoir (1967 et 1970), Marie Duru-Bellat (1990), Ivone Gebara (2000), Nadja Maria Acioly-Régner (2000), Guacira Lopes Louro (2001), Rose Marie Muraro et Leonardo Boff (2002) apportent leurs contributions sur les questions de genre. Nous nous appuyons sur d'autres approches épistémologiques tournées vers la production de la connaissance à travers les différents auteurs et les œuvres contemplées dans notre recherche.

La deuxième partie de la thèse est divisée en deux (2) chapitres. Le premier chapitre de cette partie se rapporte aux réflexions méthodologiques, suivant avec le deuxième chapitre, dans lequel sont présentés les sujets de la recherche, le procédé du choix de ces sujets et le traitement statistique employé.

La troisième partie de la thèse est présentée en quatre (4) chapitres. Le premier est développé à partir de l'application de l'instrument de la recherche, le questionnaire. Présentant une description ethnographique, ce chapitre nous aide à reconnaître la réalité recherchée, analysant l'histoire et la vie de cet endroit avec ses problèmes et ses défis. Le deuxième chapitre présente les premiers sujets, sélectionnés à partir des interviewés *videografadas*. Le troisième présente les sujets prototypiques de la recherche et sont analysées les différentes activités développées à travers les interviews individuelles. Le quatrième chapitre présente les mêmes sujets, mais à partir d'une interview collective d'auto-confrontation. Après quelques résultats, nous voulons conclure, en montrant des perspectives.

PREMIÈRE PARTIE – LA MÉTAMORPHOSE DE LA CONNAISSANCE

Le mot métamorphose, que nous avons utilisé dans le titre de la première partie de notre recherche n'a rien à voir avec reproduction, mais il évoque un changement, une transformation de la connaissance qui arrive avec le temps qui s'écoule dans les différentes réalités sociales, éducationnelles et scientifiques. Le mot fait penser au caméléon qui s'adapte peu à peu, qui change de couleur afin de s'intégrer à la nouvelle ambiance et conquérir son espace.

Dans cette première partie de la thèse, nous avons construit les présupposés théoriques dans quatre (4) chapitres, lesquels présentent ce changement de forme, de structure ou de nature de la connaissance manifesté dans les phénomènes sociaux et dans les rapports humains, impliquant l'action du genre humain.

1. CHAPITRE 1 – ORIGINE DE LA RECHERCHE

Dans ce premier chapitre, nous allons étudier les chemins de la recherche où l'histoire personnelle de l'auteur se fait présente, pour que le lecteur puisse avoir une compréhension de ce qui a été développé et l'influence que le parcours personnel de tout chercheur peut venir à avoir dans tout travail de recherche scientifique, en le conduisant au choix d'un sujet déterminé. Ces chemins ont eu comme base des études philosophiques, théologiques et en sciences de l'éducation. Le deuxième point de ce chapitre parle de la coopération en vue de nouvelles connaissances: la co-tutelle. Un accord international entre les deux (2) institutions universitaires, auquel nous sommes engagés.

1.1. LES CHEMINS DE LA RECHERCHE

La problématique de recherche surgit en fonction de l'histoire personnelle de l'auteur, fils d'agriculteurs qui ont migré du milieu rural vers la ville. Diplômé en Théologie par Escola Superior de Teologia Franciscana – ESTEF – Porto Alegre ; en Licence Master-doctorat en Philosophie par l'Université de Caxias do Sul – UCS ; en Licence et Master en Sciences de l'Éducation par l'Université Lumière Lyon2-France, trajectoire académique tournée vers le domaine social.

1.1.1. Études philosophiques: premier contact académique

L'initiation aux études académiques a eu lieu d'abord, dans le domaine de la Philosophie aux années 1988 et 1989, à l'Université de Caxias do Sul – UCS et a été terminée en 2005. La soutenance présentée a eu comme sujet le *Rôle Social de la Philosophie: Philosophie et Problèmes Sociaux*.

Le sujet a été influencé par les approches théoriques étudiées dans le cours et par les problèmes socio-éducatifs affrontés au jour le jour. Il y avait comme but de démontrer que la Philosophie, qui a pour tâche de penser ce qu'on est, a toujours donné une contribution authentique aux questions qui poussent le citoyen dans ses relations sociales.

Cette soutenance a aussi rendu possible l'identification de méthodes, de fonctions, d'espaces et de stratégies à être appliqués et développés pour le progrès de la recherche scientifique, appuyée sur une réflexion intégrée aux distinctes institutions socioprofessionnelles.

1.1.2. Études théologiques: chemin d'insertion pastorale

Les études théologiques à Porto Alegre au Rio Grande do Sul, faites aux années de 1991 à 1995, nous ont aidé à arriver à un rapprochement plus près d'une réalité sociale déterminée, en rendant quelques services d'éducation et d'aide sociale.

La zone géographique était classée comme zone de risque et de violence. Le bidonville, endroit de notre recherche théologique et de notre travail pastoral, était péjorativement appelé de : le *Village du Chien Assis*, situé à l'Avenida Ipiranga. La violence et l'exclusion sociale marquaient la vie de cette communauté.

Les connaissances alternatives de Philosophie et de Théologie, doivent rester comme contribution fondamentale, dans un niveau personnel et pour toute la société humaine. Ainsi Mayer l'affirme-t-il (2003, p. 11) :

on s'aperçoit que le monde du XXI^e siècle, en plus de sa complexité, devient de plus en plus, un grand défi. La technique avancée, le monde partagé entre la télécommunication et l'internet, a abordé plusieurs références. Il faut penser à l'homme comme un être d'interaction avec le monde et, tout de même, avec ses anciens problèmes.

Cette réalité sociale qui va être formée par une nouvelle géographie commerciale et économique, constituée par hommes et femmes du XXI^e siècle, poussés par leurs différences, ne cache pas les principes et les mythes qui circulent et qui agissent sur leurs réalités. Tous sont des porteurs d'une croyance, laquelle, au moyen de mots, gestes, actions et signes, est cultivée dans leurs communautés d'appartenance sociale et religieuse.

1.1.3. Sciences de l'éducation: une autre perspective de la connaissance

En 1833, Jules Ferry, Ministre de l'Instruction Publique et ses Directeurs d'Enseignement (Buisson, Zévort, Dumont et Liard) ont institué *La Science de l'éducation* comme discipline au singulier à la Sorbonne, cours qui s'est multiplié dans d'autres universités françaises, maintenu jusqu'à 1914.

Un enseignement proche de la Philosophie, de la Psychologie et de la Sociologie. En 1887, il y a la présence de Durkeim, qui va être Maître à Bordeaux et, en 1906, à la Sorbonne-Paris. En 1911, dans un article de Pédagogie, il se manifeste disant que la Science de l'Éducation n'existe pas, la Pédagogie non plus, et que les deux disciplines doivent s'appuyer sur la Sociologie, la Psychologie et sur l'Histoire de l'Enseignement (CHARLOT, 1995).

Émile Durkeim (2006, p. 18), un des "classiques" de la pédagogie dit:

l'éducation est quelque chose extrêmement sociale, puisqu'elle met en rapport l'enfant avec une société déterminée laquelle développe l'éducation de cet enfant. La notion d'une science de l'éducation devient

alors une idée très claire. Sa seule fonction, c'est de connaître, de comprendre ce qui est. Elle ne se confond pas avec la réelle activité de l'éducateur, pas même avec la pédagogie, qui a comme objectif de conduire cette activité. L'éducation est son objet d'observation.

Les débats et les polémiques ne s'arrêtent pas et nous pouvons faire face à une discipline qui traverse des périodes de crise. Après la Première Guerre Mondiale, *Les sciences de l'éducation*, maintenant au pluriel, sont institutionnalisées en 1967, étant une des disciplines des plus récentes dans les universités françaises. " Constituées par un ensemble de disciplines qui interagissent en permanence, elles provoquent des recherches et construisent des savoirs sur des situations, sur des pratiques et sur des systèmes d'éducation et de formation" (CHARLOT, 1995, p. 67).

Les sciences de l'éducation ouvrent un champ d'analyse d'éléments indispensables à l'éducation, qui permettent vivre une correspondance entre la connaissance acquise et la pratique éducative développée. Dans ces plus de 40 ans, elles ont produit des savoirs et formé des étudiants.

Les sciences de l'éducation, d'après (CHARLOT, 1995), ne sont ni des savoirs pratiques ni réflexifs, mais un ensemble conceptuel qui suppose une coupure épistémologique et des formes de rigueur contrôlées par une ou plusieurs communautés scientifiques, s'opposant aux évidences du sens commun, mais conservant ce qui est spécifique: la production de savoirs dans l'existence d'une rationalité sur le processus éducatif :

les sciences de l'éducation parlent de l'éducation en toutes ses dimensions et sont fragilisées par l'impossibilité de construire une science de l'Éducation. En ce qui concerne spécifiquement les sciences de l'éducation par rapport à d'autres disciplines, c'est de travailler sur un objet, l'éducation, qui traverse la réflexion de toutes autres sciences humaines étant un champ de pratiques quotidiennes répandues universellement (caractéristiques qu'on ne trouve pas en gestion, en politique, en médecine etc) (CHARLOT, 1995, P. 36).

La récente histoire des sciences de l'éducation nous aide dans les études des diverses connaissances produites au champ de l'éducation dans lequel cette histoire est toujours accompagnée par des défis provocateurs de changements, afin de pouvoir atteindre les objectifs prétendus.

1.2. COOPÉRATION EN VUE DE NOUVELLES CONNAISSANCES: CO-TUTELLE

Dans ce point, nous présentons, comme déjà annoncé, quelle est la contribution de cette coopération internationale établie entre les institutions universitaires dans lesquelles la thèse a été travaillée. Cet accord demande de la rigueur scientifique, législative, personnelle, organisationnelle et administrative, mettant en cause une série de clauses dans son procédé local et international.

Cet accord, entouré par des exigences et orientations, fait connaître l'intention d'apporter la divulgation des résultats de la recherche, ayant en vue les bénéfices sociaux et la communauté scientifique. Dans ce principe de réciprocité, la validité de la thèse préparée par le doctorant est reconnue de plein droit par les universités cosignataires du présent accord.

L'importance de cette coopération passe par plusieurs valeurs, qui dépassent l'intérêt particulier de l'académique, contribuant non seulement à la recherche souhaitée, mais aussi rendant possible une plus grande ouverture à l'esprit scientifique, car nous savons que toute recherche est un processus sur lequel on construit des idées nouvelles sur un problème déterminé à être étudié, n'excluant pas celui qui existe déjà.

Des nouvelles découvertes doivent avoir une place et une relation aux différenciés centres de recherche, qui servent la société. 'Le ciment intellectuel et le lien affectif, les représentations et les valeurs partagées vont alimenter les liens sociaux' (KERLAN, 2001, p. 30).

La construction épistémologique entre réalités distinctes, nous aide à donner un appui au chercheur au moyen d'une argumentation plus proche de l'objet de recherche. On est comme des traducteurs de ces milieux où nous nous déplaçons, réfléchissons, étudions, pensons, philosophons, dans un mouvement permanent pour la compréhension du saisir et enseigner.

La coopération se fait d'une manière institutionnelle et communautaire. L'agent chercheur s'engage à faire que la rencontre entre ces réalités soit réalisée, dans

lesquelles la ' connaissance se trouve au centre des inquiétudes, parce qu'elle est le point de rencontre des institutions éducatives et formatrices' (KERLAN, p. 20).

Dans la recherche de comprendre comment se développe ce système de connaissances existantes, les études de François Laplantine, intégrées à ceux de Claude Lévy-Strauss, les deux anthropologues français approfondissent des éléments de la pensée de l'homme sur l'homme et leur développement scientifique.

Ce passage nous fait penser à un séminaire d'études qui a eu lieu le 16 novembre 2007, à l'académie de Lyon², avec le groupe ADATIC, coordonné et orienté par le professeur Jean-Claude Régnier; dans ce séminaire, il y avait 17 étudiants, en master² et doctorants, représentés par hommes et femmes de 7 nationalités, de 4 continents et qui dialoguaient sur les différentes recherches scientifiques en développement.

Un peu plus tard, le 19 mars 2008, ce dialogue a continué dans une autre réalité académique, avec le groupe de Unisinos, au séminaire Pratique de Recherche, de la ligne de recherche IV *Éducation et Processus d'Exclusion Sociale*, coordonné par le professeur Danilo Romeu Sreck. Nous étions 8 collègues, doctorants brésiliens, de quelques états du Brésil.

Intégrés à des projets de coopération, en cotutelle, nous nous sommes plongés et engagés avec des groupes humains, de différents ' mondes ', qui nous montrent face à une vieille réalité que c'est la nôtre d'origine et qui nous met au défi d'une nouvelle ' alphabétisation ' dans l'acquisition d'un autre langage, dans la forme de penser et de comprendre l'autre. Berger et Luckmann (2004, pp. 57-60) nous apportent cette belle réflexion quand ils écrivent que le ' langage est capable de devenir le dépôt de vastes accumulations de significations et d'expériences, qu'il peut alors préserver dans le temps et transmettre aux générations suivantes. Encore, le langage est-il capable de surpasser entièrement la réalité de la vie quotidienne.

La curiosité épistémologique, expression bien soulignée par Paulo Freire dans ses écrits, devient un élément déterminant dans ce processus de vouloir chercher, évaluer, critiquer, réfléchir et connaître. Il faut reconnaître que les travaux de recherche, les mouvements et les groupes, autres centres d'investigation qui peuvent devenir des partenaires dans la

création et recréation de nouvelles communautés scientifiques, visant le bien commun de l'humanité, sont encore très peu connus.

La cotutelle, dans ce contact direct, nous fait traduire cette expérience, entre autres, qui ferme une réalité d'un mouvement permanent de la recherche de la connaissance, plusieurs fois partant *a priori* de la mé/connaissance.

2. CHAPITRE 2 – NATURE DE LA CONNAISSANCE

Ce chapitre présente la construction de la connaissance qui a lieu à partir de la recherche scientifique à travers les temps, ayant comme base première, l'éducation, laquelle ouvre un éventail de connaissances différenciées, quelques-unes étudiées dans ce chapitre, qui se produisent et se multiplient dans les rapports socio-éducationnels et culturels.

2.1. LA CONSTRUCTION DE LA CONNAISSANCE

La thématique de notre recherche est centrée sur la construction de la connaissance en des situations d'exclusion sociale et questions de genre.

Prenant comme point de départ la réalité sociale et la connaissance comme fait social³, cette thématique nous amène à d'autres questions : Pourquoi connaître ? Pourquoi vouloir connaître ? Pourquoi faire des recherches ? Ce sont des questions classiques qui peuvent nous orienter et nous faire voir que la recherche, dans un processus méthodologique et intégrée à de différentes réalités formées par le genre humain, rend

³D'après Vieira Pinto (1969, p.16) : "On n'essaiera pas de commencer par définir la connaissance, vu que, c'est celle-ci qui produit les définitions, mais nous partirons du fait existentiellement et socialement incontestable, de la réalité de la connaissance. Pour comprendre et fonder la connaissance, nous ne partons pas, par conséquent, d'un concept absolu, comme je pense", simple idée temporelle, métaphysique et de garantie uniquement subjective, qui se rapporte à un "moi", qui n'est personne, qui n'est pas en situation d'espace et de temps, mais du fait historique, social, objectif de ce que "ous pensons".

possible la construction de réponses à des problèmes qui approchent les relations sociales.

Dans une approche avec le lecteur, la production de ce travail doit être comprise comme une recherche qui travaille sur une thématique “incarnée” à la vie socio-éducative.

Au moment d’étudier la question de la connaissance, selon Bombassaro (1992, p. 18), “il aurait fallu d’abord, avoir présent que la connaissance est une activité intellectuelle, dans laquelle l’homme cherche à comprendre et à expliquer le monde qui le forme et qui l’entoure.” Là, on réfléchit, ‘regardant’ vers la construction de la connaissance comme activité et production intellectuelles.

La recherche scientifique est formatrice de réseaux de relations, affectifs et rationnels, dans lequel tout procédé développé est porteur du connaître. Être sur les chemins de recherche, c’est être en rapport avec ce qui n’est pas encore connu. Vieira Pinto (1969, p. 13) dit que la recherche scientifique est:

un aspect, en vérité, le moment culminant d’un processus d’extrême amplitude et complexité par lequel l’homme accomplit sa suprême possibilité existentielle, celle qui donne un contenu à son essence d’animal qui a conquis la rationalité : la possibilité de dominer la nature, de la transformer, de l’adapter à ses besoins. Ce procédé s’appelle ‘connaissance’.

Au début, on peut dire que, par des raisons de survivance, cet univers de la pensée envahit les personnes et fait qu’elles avancent en leurs curiosités épistémologiques⁴.

Au début, on peut dire que, par des raisons de survivance, cet univers de la pensée envahit les personnes et fait qu’elles avancent en leurs curiosités épistémologiques⁵.

⁴ La curiosité comme caractéristique humaine. Freire (2007, p. 88), rappelle cette catégorie de la théorie de la connaissance, dans laquelle il déclare, entre ses innombrables écrits, "un des savoirs fondamentaux à ma pratique éducative-critique, c’est ce qui m’attire l’attention sur la nécessaire promotion de la curiosité spontanée pour la curiosité épistémologique."

Notre recherche n'a pas l'intention de modifier les connaissances déjà élaborées, construites à travers l'histoire scientifique. Mais de provoquer à partir des presupposés théoriques et le contexte empirique étudié, la rupture de la 'neutralité ou de l'indifférence' entre la réalité théorique de la connaissance (à l'intérieur des murs institutionnalisés) et la réalité périphérique de la connaissance (à l'extérieur des murs institutionnalisés), des possibilités de prendre rendez-vous ou de dialoguer sur les constructions produites dans ces différentes réalités sociales. Cette possibilité qui nous défie à penser à d'autres paradigmes formés par le genre humain, nous défie à faire place à de nouveaux apports de la connaissance.

La réflexion épistémologique a comme but, celui d'aider les personnes à comprendre la structure de la connaissance identifiée comme vraie et avec l'intention d'objectivité et de validité universelles existantes au dire de Bombassaro (1992). Elle permet ou devrait permettre d'établir des approches aux connaissances construites de l'autre côté des 'frontières épistémologiques', la connaissance du sens commun où :

grâce à ce type de connaissance, l'homme a réussi, par exemple, à adopter des stratégies qui lui garantissaient sa propre survivance. Cependant, quand il s'agit de demander sur les causes, la connaissance du sens commun devient insuffisante. De cette forme-là, la connaissance du sens commun est proche à ce que Platon appelait *doxa*. Le second type de connaissance signalé par Platon, l'*episteme*, ne trouve pas facilement un parallèle avec les classifications contemporaines. Ce type de connaissance est identifié à la vraie connaissance (BOMBASSARO, 1992, p. 24).

La connaissance est confirmée dans la créativité, sur la réflexion, dans la recherche infatigable de produire, de créer et de recréer, face aux infinites circonstances. Paraphrasant Clausewitz, dans son livre *un discours sur les sciences*, Boaventura dit que :

nous pouvons aujourd'hui affirmer que l'objet est la continuation du sujet par d'autres moyens. Pour cela, toute connaissance scientifique est autoconnaissance. La science ne découvre pas, elle crée, et cet acte de création joué par chaque scientifique et par la communauté scientifique dans son ensemble doit se connaître intimement avant qu'il connaisse ce qu'avec lui, se connaît le réel. Les presupposés métaphysiques, les systèmes de croyances, les jugements de valeur ne sont ni avant, ni après l'explication

scientifique de la nature ou de la société. Ils sont partie intégrante de cette même explication (SANTOS, 2002, p. 52).

La raison est une dimension qui fait la différence entre l'homme et l'animal. Le chien, par exemple, connaît son maître, il en a les moyens. Dans sa recherche, il regarde, fait un tour et, si ce n'est pas ce qu'il voulait trouver, il part. Nous avons ici un moyen de savoir, mais nous ne pouvons pas transmettre nos connaissances à l'animal⁶.

La connaissance, étant le résultat de l'intelligence humaine entre un homme et une femme doués de raison et de capacités différenciées, classés comme des êtres rationnels, nous fait revenir à une question que nous emportons avec nous en héritage et qui touche et poursuit à tous: *la connaissance comme problème de tout être humain*.

2.2. CONNAISSANCES SCOLAIRES: SYSTÈME FORMAL D'ÉDUCATION

Le genre humain étant inachevé, son passage par la voie éducationnelle est obligatoire pour son développement et sa sociabilité. Kant, dans son traité sur la pédagogie, rappelle que tout sujet ne peut pas se développer qu'à partir de son éducation. L'idée fondamentale de Kant (1724-1804)⁷, c'est que l'éducation est absolument nécessaire au développement de l'humanité universelle. Le défi est en comment faire pour éduquer cette nature humaine, entourée par de multiples informations.

Notre préoccupation face aux défis de comment éduquer cette nature humaine nous rappelle cet autre grand philosophe de l'éducation, considéré le père de la pédagogie

⁶ "Le savoir de l'animal se transmet par héritage, c'est une transmission de caractère biologique ; chaque génération passe à la suivante, dans sa carte génétique, l'ensemble de connaissances nécessaires et suffisantes pour faire face à la conjoncture vitale, au monde où l'animal doit vivre. Le savoir chez l'homme se transmet par l'éducation et pour cela, c'est une transmission de caractère social. " (VIEIRA PINTO, 1969, P. 28).

⁷ Immanuel Kant, dans son intérêt par les problèmes sociaux : habitudes, religion, organisation politique et *éducation*, dans son traité sur la pédagogie, veut montrer que l'éducation consiste à nous aider à réaliser le principe de l'humanité qui est en nous. « C'est avec beaucoup d'enthousiasme de penser que la nature humaine sera toujours mieux développée et améliorée par l'éducation et que c'est possible d'arriver à donner cette forme-là, laquelle est convenable à l'humanité » (KANT, 2002, p. 17) L'homme est éduqué pour la liberté et pour la sociabilité. L'éducation se trouve justement dans cette tension radicale : entre la liberté et la sociabilité.

moderne. Comenius⁸ (1592-1670), de formation philosophique, remarqué par ses études bibliques, en 1613, s'inscrit à la Faculté de Théologie de l'Université de Heidelberg, étant avant tout, un théologien. En 1630, il commence à s'intéresser à la pédagogie et écrit que chaque être humain a le droit d'être éduqué, vu qu'il est l'image de Dieu et pour cette raison-là, tout doit être appris à tous, sans faire distinction de richesse, de religion, de sexe (DENIS, 1994). En 1632, à l'occasion de ses études dans les universités protestantes allemandes, Komenský écrit sur les problèmes pédagogiques.

“On ne peut pas s'en douter pas même un moment de la pratique éducative-critique. Comme expérience humaine, l'éducation est une forme d'intervenir dans le monde" (FREIRE, 2004, p. 98). Cependant, si c'est compris que le rôle principal de l'école, c'est d'apprendre, de produire des connaissances et des cultures, on peut dire que le programme scolaire pourrait être un pont de conversation entre des connaissances alternatives informelles et non-formelles et entre des connaissances scolaires et académiques formelles. Cette rencontre pourrait être médiatisé par le programme, car il est ‘surtout un champ de politiques culturelles, terrain d'accords et de conflits autour la légitimation ou non- légitimation de différents savoirs, capable de contribuer à la formation d'identités individuelles et sociales ” (LOPES, 1999, p. 18).

Cette actuelle société civilisée comprend, ensemble à son corps culturel, toute la dimension éducatrice de l'être qui la compose. L'école appartient à ce tissu social. Toutes les formes de connaissances ‘sont regardées comme résultat des appareils-discours, pratiques, institutions, instruments, paradigmes – qui ont fait qu'elles eussent été construites comme ça (SILVA, 2002, p. 136).

L'école donne accès aux connaissances copartagées entre tous les hommes et femmes qui examinent raisonnablement leurs conditions de validité et leurs réelles conditions sociales. L'éducation, c'est le chemin qui forme et prépare ce genre humain aux différentes professions.

⁸ Comenius (Jan Amos Komenský), en portugais Comênio. Il est né le 28 mars 1592, Uherský Brod, Moravie, en République Tchèque. Il est mort le 15 novembre 1670, à Amsterdam est enterré à Naarden. Sources : BOSQUET- FRIGOUT, 1992.

L'acquisition de la connaissance – rendre plus complexe, des relations les plus élaborées, un apprentissage plus ouvert, sans doute, va passer dans une institution scolaire qui forme l'homme et la femme, insérés dans une société déterminée. La réalité même nous montre cette direction, chemin vers lequel on a été assujettis. Là, quand on parle d'un apprentissage plus ouvert, nous voulons nous rapporter à une institution – école – marquée par son histoire, qui élabore et reélabore la construction de la connaissance d'une tradition éducative marquée aussi par ses crises.

Cette école vise la formation personnelle du citoyen et de l'ouvrier, pour la transmission de connaissances, de compétences, d'habiletés, de capacités, d'attitudes, d'habitudes et de valeurs éthiques et morales, qui doivent constituer la toile de fond des programmes d'éducation formelle.

Freire (2007, p. 123), dans ses écrits *Pédagogie de l'Autonomie* rappelle:

une des tâches essentielles de l'école, comme centre de production systématique de connaissance, c'est de travailler l'intelligibilité des choses, des faits et leur communicabilité. Il est indispensable, cependant, que l'école incite continuellement la curiosité de l'élève au lieu de 'l'adoucir' ou de le "domestiquer". Il faut montrer à l'élève que l'utilisation naïve de la curiosité modifie sa capacité de trouver, donc elle empêche l'exatititude de la découverte. D'autre part, il faut que l'élève prenne le rôle de sujet de la production de son intelligence du monde et non seulement celui de receveur de celle que lui est transférée par le professeur.

2.3. CONNAISSANCES ALTERNATIVES : APPROCHE THÉORIQUE ET PRATIQUE AVEC LES DIFFÉRENTS SYSTÈMES D'ÉDUCATION

Au moment de dialoguer⁹ avec hommes et femmes de la "science populaire", sujets de notre recherche, nous pouvons vérifier que, dans les travaux développés dans

⁹ *Clarté, docilité, confiance et prudence*. Ces quatre (4) caractéristiques décrivent le dialogue et ont été étudiées dans le magazine CAHIERS, n. 393- Action Populataire-CERAS: Centre de Recherche et d'Action Social. Septembre 1964 – Paris. On fait ressortir ici, la prudence pédagogique, caractéristique qui fait attention aux conditions psychologiques et morales du sujet, qui peut être enfant ou adulte avec peu ou sans

leurs ateliers, face aux limites quotidiennes, ils cherchent résoudre leurs problèmes, présentant la construction d'autres connaissances alternatives. Ces sujets font visualiser les pratiques méthodologiques qui sont élaborées à partir de cette zone souterraine, en faisant la différence des méthodes "de laboratoire".

Nous pouvons écrire alors sur une autre forme de rationalité, pas encore scientifique. Car la connaissance vulgaire ou ordinaire, pratiquée par les individus, soit en leurs particularités, soit dans la collectivité sociale, cela ne rend pas moins important le grand patrimoine que l'humanité a hérité depuis Copernic, Galilée, Newton, Einstein et d'autres personnalités du monde scientifique. Ces grandes scientifiques, entre autres, au dire de Boaventura de Sousa Santos, "ce sont des scientifiques qui ont établi et qui ont fait une carte du champ théorique où encore aujourd'hui nous nous mouvons" (SANTOS, 2002, p. 5).

L'étude des connaissances alternatives non-formelles ou informelles qui naissent du contexte périphérique a comme première intention, celle de respecter et de préserver ce qui a été déjà construit, ou qui est en train d'être exécuté. Cette étude a aussi l'intention de récupérer, à partir du contexte historique et actuel, la question de l'autre, voir comment les choses se sont passées, se passent et se transforment, sans crainte de tomber dans l'abandon ou dans l'oubli des faits, de théories et d'idées qui ont aidé et qui aident encore les communautés à être développées.

Identifiant les différentes connaissances, on a la possibilité d'autres lectures qui nous permettent d'écrire, qui nous font équilibrer les idées/ théories/pratiques. Ces "autres

aucune instruction. Dans ce dialogue fait avec une plus grande exigence du connaître, dans la sensibilité qui se rapporte à l'autre, s'ajuste à de différentes situations pour qu'il y ait une mutuelle compréhension. Des caractéristiques essentielles qui doivent ne pas être seulement écrites, mais aussi vécues par le chercheur qui est continuellement en communication. L'écoute, c'est la valorisation du mot, le savoir acquis, c'est l'identité de la personne qui traduit son expérience de vie. Le mot va donner à l'individu une ouverture de communication avec le monde extérieur qui lui permet de le rendre conscient face à une réalité vivante. Le mot ouvre une voie de communication entre le chercheur et son sujet de recherche.

connaissances” se développent¹⁰ sans perdre leurs racines. Le principe est le même, ou bien, cela passe par des modifications.

C’est ce que nous aide à dialoguer avec le dissemblable et à faire d’autres reconnaissances. En écoutant notre sujet recherché, on apprend à parler avec lui. Cependant, parler avec lui, ne signifie pas parler comme lui, mais respecter ce qu’il a à dire et à montrer. Le fait de chercher leur propre maintien, partant de leur propre “maison”, dans l’application de connaissances alternatives, à travers leurs formes et techniques qui font hommes et femmes produire, caractérisent les capacités d’êtres jusqu’à présent inconnus.

Les apports de ces connaissances alternatives peuvent faciliter les découvertes de la vie en commun en ses origines socio-culturelles et éducatives, dépassant le tableau scolaire et académique formels. En parlant de la recherche aux connaissances différenciées¹¹, qui construisent la société, Burbules dit que:

c’est une opportunité, parce que les heurts entre les différents groupes et individus offrent des opportunités pour exploiter l’éventail des possibilités humaines qui s’expriment dans la culture et dans l’histoire; car les conversations entre ceux qui sont différents peuvent nous enseigner à comprendre les formes alternatives de vie et à développer de l’empathie avec elles ; et aussi, parce qu’ apprendre à traiter avec cette diversité, c’est une vertu de la culture civique et démocratique (apud GARCIA, 2003, pp. 159-160).

La société concrète, c’est la quotidienne, celle de l’homme commun. “Celui-ci organise sa vie pas à travers les sciences sociales, très peu utiles, et très peu compréhensibles, mais par le sens commun, par des connaissances immédiates que sont le patrimoine culturel de la plupart” (DEMO, 1992, p. 250).

¹⁰ L’évolution de la connaissance alternative est observée dans l’adaptation de ses outils, sous forme de cultiver la terre. Il existe une manière d’expérience pratique de faire en se séparant de la manière de faire l’évolution scientifique.

¹¹ Parmi les mouvements existants dans une société mondialisée ressort le MST : Mouvement Sans Terre, présent au Brésil depuis les années 70, proposant une autre forme de travailler la formation éducative

L'expérience fait apparaître les connaissances non-formelles et informelles, cherchant dans leur propre compréhension de répondre à de différentes demandes de travaux, quelquefois aussi classifiés comme périphériques. La connaissance informelle, par exemple, décrit avec beaucoup de force ce construire ou ce faire, à partir d'une pratique acquise. Une expérience créatrice, qui fait que le sujet devienne un "architecte de cette production", Paulo Freire¹².

Quelquefois, la pratique exige de cet homme commun, la prise de décisions, d'ores et déjà, même avec urgence. Les acteurs de ces pratiques savent, connaissent et produisent des choses que, souvent, le chercheur méconnaît. D'après Charlot (1995), une théorie construite à partir de la pratique, c'est celle construite à partir d'une activité de recherche. Chacun, celui qui pratique et celui qui recherche, connaît des choses que les deux méconnaissent. Chacun a le besoin de l'autre pour penser ce qui se passe, mais la reconnaissance est dans ce qui se trouve spécifique dans chacun. L'analyse des pratiques va faire agir plusieurs sources intellectuelles.

La connaissance alternative se trouve à disposition de l'intelligence humaine, engagée à des valeurs et à des qualités dans sa production. Les sujets prototypes de notre recherche, quand ils présentent leurs fabrications/ productions, pour atteindre leurs objectifs montrent bien ce panorama de la connaissance alternative comme forme ou moyen soutenable du groupe. Ils font une critique fine et élégante quand ils se tournent vers la connaissance formelle, car ils saisissent les lacunes qui apparaissent. Ces connaissances formelles et voire non-formelles sont questionnées par les nouveaux paradigmes de la classe populaire.

La connaissance alternative est une construction certaine et réelle qui a son espace et son temps qui cohabitent avec la connaissance formelle. La conjugaison des deux serait un propos viable pour des situations déterminées, car dans quelques endroits et situations, on pourrait promouvoir cette intégration.

¹² Paulo Freire, éducateur brésilien, dans ses écrits décrit le citoyen comme un créateur de possibilités, qui part de sa propre réalité.

Ce qui est vrai, c'est qu'on ne peut pas nier l'existence de ces connaissances alternatives qui répondent à des besoins essentiels et soutenables de quelques groupes de la société. En général, ces groupes se forment, se scolarisent avec les instruments ou les outils qui construisent aussi, cependant, ces sujets investisseurs ne déclassent pas la forme opérationnelle formelle éducatrice existante.

Ce *processus de participation sociale* (ACIOLY-RÉGNIER, 2004), au moyen d'autres formes d'apprentissage, est aussi le résultat d'une rencontre de pouvoirs culturels différenciés où les connaissances se propagent à partir de générations lesquelles apportent des langages et des caractéristiques diverses et qui se perfectionnent et s'ajustent continuellement à de différentes régions et communautés sociales.

2.4. CONNAISSANCES DE NATURE MATHÉMATIQUE ET LEURS REPRÉSENTATIONS.

La diffusion des connaissances différenciées dans ce processus de participation sociale est produite par le langage. Au dire de Berger et de Luckmann (1996, p. 61), le langage est le plus important système de signes de la société humaine qui: "construit donc d'immenses bâtiments de représentation symbolique qui paraissent se dresser sur la réalité de la vie quotidienne comme de gigantesques présences d'un autre monde".

Silva (2002, p. 60) continue: "dans les sociétés modernes, une grande partie de l'information est véhiculée en langage mathématique. Nous vivons dans un monde de taxes, pourcentages, coefficients multiplicateurs, diagrammes, graphiques et tableaux statistiques".

Notre langage quotidienne et notre pensée de référence ne sont pas mathématiques, et depuis l'école secondaire, la résistance à ce "langage" et à cette pratique s'est bien intensifiée, comme on peut constater aussi de nos jours, mais, tous les jours, nous comptons et nous comptabilisons dans nos relations sociales.

La connaissance mathématique acquise aux écoles, par lesquelles nous sommes passées, selon Silva (2002, p. 61): "malheureusement, cette connaissance peut ne pas être orientée pour que nous soyons des hommes et des femmes indépendants.

L'enseignement traditionnel de mathématiques aide très peu à élucider l'information disponible dans la société et ce qui conduit les personnes à la condition d'exclues et pas de citoyennes"

La représentation de la connaissance mathématique dans nos activités professionnelles, plusieurs fois, est complètement ignorée. Flato (1990) affirme qu'au moment de nous emporter ou de simplement nous satisfaire, [...] le pouvoir de la mathématique est une réalité actuelle, incontestable, imposante et multiforme.

Certainement, la représentation d'une discipline n'est pas purement sociale, s'inscrivant profondément dans une dynamique psychique de chaque sujet. L'objet mathématique interiorisé, comme a étudié Jacques Nimier, apparaît comme élément de la personnalité, considéré comme un système qui a trouvé sa place dans le chemin de ce sujet pour faire part de l'équilibre de ce système. Comme objet interne, la mathématique vient aider différentes instances de la personnalité et a une relation dans la recherche de l'équilibre du système (NIMIER, 1995).

Avec le développement de l' *Ethnomathématique* aux années 70, Ubiratan D'Ambrosio¹³ apporte sa grande contribution dans la construction de la pensée (mathématique) contemporaine. Elle s'approche de l'ethnographie pour situer entre les différentes relations culturelles, les pratiques mathématiques qui surgissent produisant d'autres connaissances.

¹³L'Ethnomathématique a son origine et son développement comme domaine spécifique d'éducation mathématique, à travers D'Ambrosio, qui, dans les années 70 présente ses premières théories dans CE champ d'études, comme directeur d'un programme d'études en mathématiques à State University of New York at Buffalo. Aujourd'hui, l'Ethnomathique est considérée comme un domaine particulier de l'histoire de la mathématique et de l'éducation mathématique. C'est la mathématique pratiquée par des groupes culturels spécifiques et considérées comme objets d'études. Cette perspective reconnaît la capacité de tout homme et de toute femme de posséder et d'avoir des idées mathématiques. (PRETTO, 2003).

Dans le présent travail, nous ne présentons pas un répertoire de sens au terme “représentation”. Cependant, nous pouvons préciser avec quelques exemples, le résultat de plusieurs débats qui ont eu lieu dans la première école d’été au CNRS¹⁴, sur les Sciences Cognitives, centrés sur l’utilisation ambiguë “représentation”. Dans un débat introduit par Claude Debru sur les différents sens du terme, Gérard Vergnaud (1991) arrive à une première conclusion de qu’il y a , du moins, cinq (5) sens de ce mot en Psychologie:

1. Un sens psychologique, où le terme “représentation” concerne le rapport d’un être vivant avec son moyen de proximité. L’approche fonctionnelle consiste à dire que cette représentation existe parce qu’elle joue un rôle.
2. Un sens sémiotique, considérant la représentation comme un système de significations. Ainsi les signifiants qui sont représentés par les significations sont nécessairement d’ordre conceptuel ou cognitif, mais pas d’ordre matériel réel.
3. Un sens informatique qui renvoie au sens de la base de connaissances retenues dans un système d’informatique pour traiter un domaine.
4. Un sens neuroscientifique pour lequel la représentation signifie la distribution espace-temps de mouvement.
5. Un sens psychologique par la notion de représentation sociale : désigne le contenu des représentations partagées par une catégorie de sujets sur un phénomène social, culturel, politique, économique, scientifique ou technique.

Cette “échelle numérique” reflète les difficultés éventuelles de compréhension liées à l’utilisation de ce terme représentation. Notre but ce n’est pas discuter les particularités liées à chacun de ces cinq (5) sens du terme représentation. Cependant, nous allons situer le sens général retenu dans cette recherche, de manière à rendre compte de la meilleure manière possible aux données.

¹⁴ Centre National de la Recherche Scientifique

2.5. CONNAISSANCE ET POUVOIR DANS LES RELATIONS SOCIOÉDUCATIVES

Les rapports construits socialement passent par la connaissance et par le pouvoir qui peuvent inclure ou exclure l'être de son cercle d'appartenance. Le pouvoir qui s'ajuste à la connaissance, Michel Foucault¹⁵ définit comme un faisceau de rapports. Ces rapports homme/femme qui définissent les formes et représentations de la réalité sociale/éducative, où la variable du milieu social, culturel et éducatif doit être "considéré attentivement, en particulier en ce qui se rapporte à la distribution du pouvoir et des formes de participation, champ hautement conflictuel et, dans l'histoire, organisé par les hommes au détriment des femmes" (MURARO e BOFF, 2002, p. 50).

La pensée de Foucault, qui "traverse" de différents domaines des sciences, chercheur polémique, digne de plusieurs "qualifications", nous offre une investigation épistémologique d'une très grande valeur. En ses écrits, quand il fait une carte de la convivialité sociale, il parle du pouvoir qui s'installe chez les personnes et les institutions auxquelles elles appartiennent. Dans ce rapport entre connaissance et pouvoir, on a l'apport de Michel Foucault, fort référentiel théorique qui ouvre la possibilité d'une analyse critique par rapport au pouvoir. Mais, dans ce moment, d'un pouvoir vu non seulement à partir de la connaissance formelle, mais aussi des formes alternatives telles que la connaissance est étudiée et aussi de quelqu'un qui l'a dans les mouvements périphériques.

Au moment d'étudier la thématique de l'exclusion et de nous approfondir dans les chapitres qui suivent, nous trouvons Foucault aux années 70, utilisant la notion d'exclusion. Néanmoins, sa description et combat se rapportent aux *formes disciplinaires* comme étaient traités socialement les marginaux, les immigrants et les

¹⁵ Michel Foucault, philosophe français, montre que le pouvoir n'existe pas: "en réalité, le pouvoir est un faisceau de relations plus ou moins organisé, plus ou moins pyramidal, plus ou moins coordonné" (FOUCAULT, 2006, p. 248). Le référentiel foucaultien est une contribution qui ouvre des possibilités vers une plus grande réflexion sur la question du pouvoir, de qui le détient et quelles forces il possède face aux différentes réalités socio-éducatives.

malades psychiques et, partant de ces situations-là, Foucault analyse la forme de pouvoir existante dans la vie sociale.

Regardant ce corps humain touché par la connaissance et par le pouvoir, qui construit et produit le corps social, le contexte historique travaillé par Foucault montre des traces de la connaissance de la signification du corps humain inséré dans une construction sociale en fonction du pouvoir et de la connaissance. Cette connaissance et ce pouvoir, dans la plupart des fois, font mettre en mouvement de différentes théories et pratiques, favorisées par l'obtention de forces et de disputes entre femmes et hommes qui constituent ce corps social.

2.6. INFLUENCE CULTURELLE DANS LE PROCESSUS SOCIOÉDUCATIF

La culture comme processus historique et intégral de l'humanité nous enchante par la diversité et nous défie par la complexité. Comme action de l'être social, caractérisée par l'homme et par la femme, au dire de Bruner (1991, p. 36): "la culture est une sorte de boîte d'outils, où l'homme trouve les prothèses dont il en a besoin pour dépasser et parfois, redéfinir les limites naturelles de son fonctionnement".

Soit au niveau personnel ou collectif, la culture se construit dans le quotidien avec des éléments stables et durables et avec des éléments dynamiques et contingents. Les éléments géographiques, historiques et éthiques sont, quelquefois, déterminants en leur développement.

Les conditions de la femme et de l'homme périphériques, au point de vie sociale et culturelle, se sont transformées profondément dans l'histoire humaine, par la culture local constamment créée et recrée. Ces réalités déterminent une organisation de moyens qui permettent la communication entre ceux qui vivent ces réalités, harmonisant les diverses identités pour mieux vivre dans la diversité. Ces faits se concrétisent, dans notre champ de performance empirique, telle que l'existence de conflits, quelquefois inévitables.

La culture aide et on perçoit visiblement que les connaissances alternatives se construisent, en incorporant une série d'éléments lesquels, *a priori*, en s'agissant d'une culture populaire/ périphérique, pourront être invisibles aux yeux du chercheur.

Considérée comme espace de construction, des groupes cherchent, au moyen de leurs productions, une plus grande intégration. Actuellement, on vit avec plus de force, d'autres formes culturelles, résultantes de la culture populaire ou périphérique, exprimées par des mouvements, par des groupes, musiques et organisations qui luttent pour leurs espaces au milieu de la société à laquelle ils appartiennent. Mais, il reste clair que cette culture populaire, comme la connaissance alternative, est en continuelle métamorphose dans cette place sociale dans laquelle elle est produite.

Le grand défi pour les agents de l'éducation, étant *l'éducation médiation fondamentale entre les différentes cultures*, c'est conjuguer les différentes valeurs éthiques et morales dans la somme d'autres éléments qui circulent parmi cette constellation multiculturelle, transformant le sujet en un être de rapports sociouniverselle.

La France, notre terrain d'interculturalité, nous a aidé à ne pas réduire les cultures à de certains aspects visibles, attirants, lancés par les moyens de communication, tels que la danse, le chant, le carnaval de Rio de Janeiro, le football, les belles plages. Tout cela, nous pouvons sentir quand nous sommes dans des pays et cultures étrangers.

La construction de connaissances nous a conduits d'abord à une insertion culturelle locale, dans laquelle nous percevons que, en des situations d'exclusion sociale, la culture a sa place bien définie. L'étendue de cette thématique a suivi entre hommes et femmes au-delà des frontières, où la recherche, dans le processus universitaire, travail développé en *co-tutelle*, nous a permis de vivre *l'influence culturelle dans le processus socio-éducatif*.

3. CHAPITRE 3 – EXCLUSION SOCIALE

Dans ce troisième chapitre, nous pouvons présenter la façon par laquelle l'exclusion sociale a pris force dans le cours des années. Dans ce chapitre, nous décrivons l'engagement de plusieurs agents sociaux qui ont cherché et continuent à

chercher des voies possibles pour combattre et éviter cet emprisonnement socio-structural. Dans ce processus historique, nous présentons aussi l'étude de voies possibles pour l'inclusion sociale, envisageant les inconnus marqués par le processus socio-global dans lequel les risques affrontés par l'être humain sont intégrés dans cette construction sociale, faisant émerger d'autres connaissances.

Paul Valéry, paraphrasé par Castel (2009, p. 11), dit: "Le corps social perd tout doucement son lendemain". Nous nous rencontrons avec des hommes et des femmes marqués par beaucoup de pertes quotidiennes. Cette expérience de rupture sociale, selon Pagan (2009) fait que l'espoir disparaisse, en conduisant les gens à un sentiment de l'être inutile, face aux différents risques provoqués par des raisons sociales.

Dans cette réalité latente, on demande comment la connaissance peut apporter des alternatives pour que les hommes et les femmes puissent faire face ou même éviter cette rupture sociale vécue dans les différentes situations de la société.

3.1. PROCESSUS HISTORIQUE ET GÉOGRAPHIQUE PAR L'INCLUSION SOCIALE : LES EXCLUS

La ligne historique de l'évolution sociale présente les années 70 comme marque de manifestations publiques autour du thème exclusion. L'oeuvre qui va être une référence aux débats d'ordre politique, ne pas seulement en France, est de René Lenoir, fonctionnaire de haute gamme pendant le gouvernement de Valéry Giscard d'Estaing¹, intitulée *Les Exclus: un français sur dix*. (1974). L'auteur met au clair, dans son oeuvre, que l'exclusion doit être traitée comme un phénomène, non de caractère personnel ou individuel, mais de marque sociale, à laquelle toute la société est directement engagée.

A partir de cette période, le concept d'exclusion sociale n'a pas cessé d'être objet de discussions, de critiques et de débats entre les étudiants des différents domaines des sciences humaines et de mouvements organisés dans le combat et dans la recherche de solutions aux problèmes qui menacent la société. René Lenoir signalisait ses origines partant de la structure sociale.

Cette structure et la réalité sociale, avec leurs déficiences, avaient besoin avec urgence d'être revues, dépassant les questions monétaires, lesquelles ont fini par être absorbées

par les politiques publiques qui devenaient un territoire d'action de lutte contre cette problématique.

Damon (2008), dans son œuvre intitulée *L'exclusion*, présente un autre grand fonctionnaire français, de cette même période de 1974, qui place ses travaux sur les questions sociales:

Lionel Stoléru, que passava informações de aproximações e iniciativas americanas de luta contra a pobreza, publicando uma análise técnica e voluntária: *Vaincre la pauvreté dans les pays riches*. Sinal de interesse acadêmico e administrativo, nesse mesmo ano, um número especial consagrado a exclusão, aparece na revista *Droit social*, dirigida por jovens, altos funcionários formados por Jacques Delors. Fonte Julien Damon: *L'Exclusion*. Que sais-je? PUF – 2008.

Avant de citer d'autres auteurs français qui surgissent très inserés en des travaux autour des questions d'exclusion sociale entre les années 70, 80 et 90, nous pouvons vérifier que les documents les plus anciens indiquaient leurs urgentes contributions de notion exclusion, tracées sur les agendas politiques:

se trata dos livros¹⁶ de Pierre Massé (1969) e de Jules Kalnfer (1965). O primeiro assinado pelo *Commissaire au Plan*, coloca num curto capítulo os “exclus” e os “élus” do desenvolvimento. O segundo livro, referente a um colóquio na UNESCO e publicado pela associação *Aide à toute détresse - ADT*, falando sobre o “*sous-prolétariat*”, descartados dos benefícios do crescimento social. Notemos também que num pequeno livro¹⁷ pouco utilizado, publicado antes da obra de Lenoir, o economista François Perroux insistia explicitamente sobre a questão da exclusão numa ótica de análise econômica e sociológica (DAMON, 2008, pp. 8-11).

Dans cette insistance que l'exclusion sociale doit être considérée “priorité nationale” surgit, aux années 80, le P. Joseph Wresinski¹⁸, fondateur du mouvement *ADT Quart*

¹⁶ P. Massé, P. Bernard, *Les dividendes Du progrès*, Paris, Le Seuil, 1969; J. Klanfer, *L'exclusion sociale. Étude de la marginalité dans les sociétés occidentales*, Paris, Bureau de recherches sociales, ADT, 1965. (In J. Damon, *L'exclusion*, 2008, p. 8).

¹⁷ F. Perroux, *Masse et classe*, Paris, Casterman, 1972.

¹⁸ In J. Damon, *L'exclusion* (2008, p. 9).

Monde, collaborant en diverses interventions publiques, discussions et écrits. Nous ne pouvons non plus oublier l' Abbé Pierre¹⁹, fondateur d' Emmaüs, mouvement créé Il y a plus de 50 ans en France, dédié aux moins favorisés.

L'exclusion, c'est une notion qui a évolué à partir des années 60 et, dans cette carte historique et géographique, nous pouvons rencontrer plusieurs studieux, foctionnaires du gouvernement, sociologues, juristes, religieux, anonymes engagés aux questions sociales. Nous allons citer quelques-uns sans démeriter autres contributions.

Une expression très utilisée pour designer “les déficiences sociales”: l'exclusion, c' est comme un grand “parapluie” qui a protégé beaucoup d'enfants. Ces enfants ont été marqués par de différents noms, néanmoins entourés par les mêmes “fantômes sociaux” qui hantent les très nombreuses viés, lésées en leurs salaires, leur éducation, leurs logements, leurs droits humains, éduquant et renforçant cet ensemble de déficiences qui touchent continuellement le corps social. Plusieurs auteurs comprennent l'exclusion comme une catégorie ou terme, essayant de construire des concepts, ou de différentes notions.

Au milieu de cette dispute pour savoir quelle est la meilleure “définition” à être employée, face à la réalité qui se détériore rapidement, une société en état critique pour une série de raisons sociales et pour l'état précaire que se transmet, l'exclusion touche la réalité par complet, même s'il y a des divergences entre les studieux contemporains. Castel (2007, p. 715) écrit sur le besoin d'employer avec prudence le terme exclusion:

a exclusão não é uma falta de relação social mas um conjunto de relações sociais particulares à sociedade tomada como um todo. Não há pessoas fora da sociedade, mas um conjunto de posições onde as relações

¹⁹ Abbé Pierre, nome civil Henri Antoine Groués, nasceu em Lyon – França em 5 de Agosto de 1912, falecendo em Paris no dia 22 de Janeiro de 2007 com 94 anos. Sacerdote católico francês, postulou sua vocação com os franciscanos capuchinhos, vindo alguns anos mais tarde integrar o clero diocesano. Dedicou sua vida aos excluídos da sociedade francesa, fundando o movimento de Emaús presente em vários países do mundo. Fonte para consulta: *L'Abbé Pierre – Emmaus ou venger l'homme*. Paris : Centurion, 1979. *L'Abbé Pierre – L'insurgé de Dieu*. Paris: Ed. Stok, 1989

com seu centro são mais ou menos *distendues*: de antigos trabalhadores que se tornaram desempregados de longa data, os jovens que não encontram trabalho, populações mal escolarizadas, mal alojadas, mal cuidadas, mal consideradas, etc. [...] Os excluídos são seguidamente os mais vulneráveis que estavam *sur le fil* - sobre o fio, mas caíram.

La notion exclusion sociale est porteuse d'un mauvais héritage à tout être humain. Son panorama est quelque chose de permanent, qui représente les problèmes, les crises et les difficultés sociales de ne pas permettre, de désintégrer et de déterminer la position sociale du sujet.

Dubar (1996), cité par Pedro Demo (2002), dit que l'exclusion est aussi une perte de relations sociales et Paugam (2009) parle de ruptures sociales. Ces pertes/ruptures radicales deviennent une des plus grandes angoisses et souffrances d'hommes et de femmes qui se trouvent dans cette situation sociale. Les problèmes sociaux apportent une série de connaissances souterraines, des connaissances traduites par de différentes situations vécues par plusieurs personnes qui sont devenues inconnues par la *perte des relations sociales*.

Ces situations commencent par le travail, sur lequel Stoer (2004, p. 59) dit que: "s'il existe un *Endroit* identifié par le public comme source d'exclusion sociale, cet endroit, c'est sûrement le travail. On peut dire que cet endroit, le travail, c'est l'endroit d'un projet personnel et familial, accompagné d'espérances, de rêves et de risques. Par rapport à cet endroit d'inclusion/exclusion, cherché et très disputé, Stoer (2004, p. 59) rappelle:

le travail tel que nous le comprenons aujourd'hui, se trouve encore largement identifié à la société industrielle, c'est-à-dire, on reconnaît le travail comme un processus productif qui transforme les matières premières en marchandises achevées. Les ouvriers eux-mêmes deviennent des marchandises dans le sens du pouvoir de travail, comme Marx a si bien démontré et ils étaient réservés à être intégrés et vendus au marché sous la forme de travail libre offert à un meilleur prix.

Stoer met en relief l'impact de "avoir ou ne pas avoir un salaire". Pouvoir participer, c'est un synonyme d'être inclus dans le réseau social qui détermine qui suis-je et aussi

qui je ne suis pas, parce que la structure sociale est traversée par la société du salaire (CASTEL, 2007).

Dans ce processus qui s'est emparée de la réalité européenne, on souligne surtout la France, parce qu'elle est une réalité engagée dans notre recherche, berceau de la définition d'exclusion. Cette insuffisance sociale prend plus de force à la fin du XXème siècle.

Les études développées par René Lenoir (1974) - *Les Exclus*, et celles de Robert Castel²⁰ (2007/2009) – qui parlent de la *Désaffiliation*, et celle de Serge Paugam²¹ (2009) – *La Disqualification Sociale*, ensemble aux autres œuvres produites, nous invitent à réfléchir et à travailler sur les défis auxquels font face hommes et femmes soumis à de différentes situations sociales. Ces défis continuent à nous interroger dans la recherche de solutions possibles et viables.

Les années où l'Europe est regardée par des initiatives d'actions publiques, ayant en vue le bien commun du citoyen, les trente glorieuses années, comme les a nommées l'économiste Jean Fourastié en 1970, années qui avaient permis de concilier l'efficacité économique et la solidarité sociale, comme a cité Paugam (2009), toutes ces années ne sont restées que dans la mémoire des personnes.

Les phénomènes de l'exclusion sociale dans la réalité brésilienne ont été vécus bien avant, cependant, les manifestations commencées par des mouvements, agents de différenciées pastorales, intellectuels et des anonymes, n'ont pas encore été annoncées.

²⁰ Robert Castel, diretor de estudos na Grande Escola Francesa em Ciências Sociais. *Désaffiliation*: Noção proposta pelo sociólogo francês em torno das questões de pobreza e da exclusão. A ruptura social - conjugado a falta de trabalho salarial e o isolamento da vida social. Referência: Metamorfosda questão social. *Les métamorphoses de la question sociale* (1995/2007).

²¹ Serge Paugam, sociólogo francês trabalha *La Disqualification sociale*. Conceito que aborda as questões de exclusão social e seus efeitos nas relações socioglobais. Analisa a perda de valores sociais, buscando soluções de inserção social. Referência: *La disqualification sociale*. Préface à la nouvelle édition: *La disqualification sociale vingt ans après*. Paris: PUF, 2009.

Les pratiques sociales, en vue d'égalités sociales, n'apparaissent qu'à partir des années 80.

Au Brésil, on ne peut pas oublier les faits historiques qui ont marqué la réalité latino-américaine dans la période de 1964, d'une très longue et terrible durée, où les positions de résistance à la dictature, des groupes qui luttent pour des questions sociales et pour la liberté d'expression, ont été violemment réduits au silence.

Paulo Freire a été une victime de cette persécution. Plusieurs comme lui, ont cherché l'exil afin de pouvoir survivre aux combats et aux ravages qui hantaient la vie de beaucoup d'hommes et de femmes, qui étaient déjà des exclus, et maintenant, leurs identités étaient effacées pour qu'ils ne se manifestaient pas pour les causes des moins protégés de la société et qui s'unissaient de plus en plus à mesure que le temps passait. Dans cette période de très fort trouble Freire, rendant des services auprès l'Université de Recife, prépare un programme d'alphabétisation pour adultes lequel va atteindre des milliers de gens de la campagne, d'abord, au nord-est du Brésil. Son engagement socio-éducatif, au passer du temps, prend force et avec ses collaborateurs, lutte contre la forme d'éducation hiérarchique baptisée par Freire comme éducation de banque, un apprentissage basé sur la lecture et sur l'écriture, éloignée de la vie quotidienne. Dans son projet, il veut conscientiser vers une alphabétisation insérée dans la réalité des gens adultes et auprès les populations marginalisées.

Les intérêts politiques et de ceux qui détiennent d'autres formes de pouvoir sont contrariés par cette nouvelle prise de position socioéducative. Avec le coup d'État en 1964, Paulo Freire, ensemble à d'autres mouvements avancés, sont jetés hors le corps social, étant obligés à abandonner leurs pays.

Dans son déplacement et en intimité avec ces deux réalités, son passage par de différents pays et cultures, Freire se rend compte que l'exclusion n'est pas limitée seulement à la réalité de pays classifiés comme troisième monde. Ce fait, fait que l'investissement dans l'éducation, pour lui, devienne fondamental, et l'appuie comme chemin concret vers la liberté et la transformation, conduisant le citoyen à un état d'émancipation.

L'écriture et le témoin radical de Paulo Freire dans son œuvre *Pédagogie de l'Opprimé* sont révélateurs de que, passés 40 ans de son intervention, il y a beaucoup à être fait à niveau socioéducatif. La préoccupation humaine de Freire (2007, p. 69) est manifeste disant:

en vérité, ce que les oppresseurs aspirent, c'est de transformer la mentalité des opprimés et non la situation que les opprime, et cela pour que, en s'adaptant mieux à cette situation, ils leur maîtrisent mieux. Pour cela, ils se servent de la conception et de la pratique "de banque" de l'éducation, à laquelle ajoutent une action sociale de caractère paternaliste, ou les opprimés reçoivent le nom sympathique de "assistés". Ils sont individuels, simples "marginalisés", que différent de l'aspect général de la société. Cette société est bonne, organisée et juste. Les opprimés, comme des cas individuels sont une pathologie de la société saine, qui a besoin, pour cette raison –là, de les adapter, en changeant leur mentalité d'hommes ineptes et paresseux. Marginalisés, "des êtres hors de" ou "à marge de", la solution pour eux, ce serait d'être "intégrés", "incorporés" à la société saine d'où, un jour, "sont partis", renonçant, comme transfuges, à une vie heureuse.

Paulo Freire, quand il dit que "personne n'éduque personne"²², fait qu'on prenne la réalité comme point de départ, étant celle-ci aussi une référence d'arrivée dans les relations socioéducatives. L'être, dans ce monde de relations, est convoqué à engendrer des consciences collectives, pensant aussi à l'autre, en les dimensions que le forment, étant dans un continu processus de croissance mutuelle.

La contribution de Paulo Freire, provenant de pratiques insérées en des contextes socioéconomiques, culturelles et éducatifs, tissant une analyse et construisant une réflexion critique sur les questions socioéducatives, confirme la fondamentale importance et la valeur des pratiques pédagogiques qui conduisent le sujet à réfléchir et à penser son autonomie; cette autonomie peut contribuer à la formation de la collectivité sociale.

²² "Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem" (FREIRE, 2007, p. 59).

Cette autonomie du citoyen, souhaitée par Freire, devient possible dans la distribution de la production social, au dire de Martins (2003, pp. 10-11): “Il s’agit de la distribution équitable des bénéfices sociaux, culturels et politiques que la société contemporaine produit, mais incapable de repartir. La question est plus sociale qu’économique”. Martins continue: “la société qui exclut, c’est la même qui inclut et intègre, qui crée dès formes aussi inhumaines de participation, dans la mesure qu’elle fait d’elles une condition de privilèges et non de droits ”.

L’intervention dans la réalité sociale met en cause pour les différents acteurs ou médiateurs engagés dans les questions sociales, la connaissance critique face aux situations et aux problèmes sociaux concrets, selon Martins (2003), afin d’élargir la conscience du travail qui est développé. Cette prise de position critique et pédagogique en de différentes situations d’exclusion sociale vient s’ajouter à la continuelle lutte de Freire.

Ainsi, étudier la construction de connaissances en des situations d’exclusion sociale et les questions de genre intégrées à ce processus de construction sociale, nous fait travailler les problèmes sociaux émergents.

Le monde social qui reflète cette réalité, devient “médiateur”, rendant responsable et engageant le chercheur de forme unique, lequel ne peut pas échapper de ce qu’il voit et vit, car il est auprès des personnes liées et avec des rapports à cette réalité. Ce déplacement ou cette séparation du milieu et vivre différentes situations ou circonstances humaines fait sa conscience se matérialiser en des actions composées par et d’éléments qui montrent la racine de ces situations sociales. Le chercheur, quand il les raconte, ne peut pas être neutre, dans ses “post-déclarations” comme simple spectateur:

les problèmes sociaux ne pourront pas être résolus s’ils ne sont pas dévoilés complètement par qui s’inquiète avec leur occurrence et agit dans le sens de les surmonter. Et le moyen de le faire, c’est par la connaissance sociologique, la connaissance critique, c’est-à-dire, la connaissance que, en même temps, les détermine, explique ses causes et caractéristiques et considère les difficultés de jugement qu’on a sur eux.(MARTINS, 2003, p. 24).

Les différentes contributions scientifiques, françaises et brésiliennes, qui ont l'exclusion sociale et d'autres références comme centre principal, peuvent être consultées en une immense production. Ces études, à partir de plusieurs recherches, dans l'intérêt de différents auteurs, des chercheurs engagés dans ce monde de relations sociales construit par hommes et femmes, résultent en une analyse profonde et réflexion sur cette thématique et la production de leurs effets.

3.2. LES INCONNUS DU PROCESSUS SOCIAL LES MARQUES DE LA MONDIALISATION

Au jour le jour, nous rencontrons plusieurs personnes qui sont "acceptées" comme inconnues: personne ne sait qui ils sont, d'où ils sont venus, par où ils veulent passer et jusqu'où ils ont l'intention d'arriver. Quand quelqu'un nous dit, je ne connais cet untel ou telle "chose", il reste explicite sa position, même si l'on insiste sur cette question-là. Ce quelqu'un exclu socialement, cet *inconnu* par le manque d'identité laquelle pourrait révéler qui est-il, c'est ce quelqu'un qui fait partie intégrante des exclus, présents historiquement il y a des décennies dans les milieux sociaux et qui ne peuvent pas avoir le minimum nécessaire. Ce quelqu'un auquel on se rapporte, ce n'est pas ce "marcheur" de notre lieu de naissance, du petit village où nous sommes grandis et que tous connaissent.

Le regard du "corps social sain" ne possède pas l'identité civile de cet *inconnu*, culturelle ou migratoire, mais consciente, parfois, de telle situation. Il sait définir ou classifier cette personne à telle situation sociale. L'existence d'un "cachet" invisible qui marque socialement ce sujet, reste implicite dans cette rencontre avec le lépreux, rencontré dans les rues et avenues de la société.

La continuelle lutte ontologique pour dire qui sont-ils, est visible dans leurs corps maltraités et blessés par des coupes profonds dans un monde non-virtuel, ces corps marqués par des cicatrices profondes, des marques historiques, qui stigmatisent leurs âmes. "Le corps est ainsi, non seulement le siège de l'expérience dans le monde, mais, plusieurs fois, le lieu de la résistance à un ordre social que la personne ou les groupes ne veulent pas accepter" (STOER, 2004, p. 35). Un jour, quelqu'un a écrit: "*tout ce que lui reste, c'est le corps*".

Hommes et femmes inconnus qui migrent entre de longues distances et qui finissent dans des carrefours, sémaphores, mendiant au corps social “sain”, que, avec sa “fausse générosité²³” pénètre le jetable, l’inutile, ce qui est accumulé dans ses propriétés. Des acteurs sociaux qui cherchent à apaiser leurs consciences au moyen de la redistribution des restes.

La réalité montre que l’indifférence crée une usine d’inconnus, dans laquelle ignorer l’existence de quelqu’un est devenu pour beaucoup, un fait “normal”, presque banal. Dans le scénario de mort produit et reproduit, qui compte avec l’aide et la divulgation à travers les moyens de communication, tels que la TV, la radio, le journal et autres, les premières scènes peuvent même choquer, mais même les plus sensibles, finissent pour devenir insensibles, tournant leur visage pour ne pas voir la réalité présente qui multiplie leurs inconnus.

L’existence de ce phénomène confirmé par plusieurs personnes, rend urgentes les exigences de prises d’ordre publiques dans l’implantation de structures et de mesures, re/encadrant ces inconnus perdus aux limites d’exclusion sociale.

La préoccupation sociale, il y a longtemps, est imprimée aux portes des institutions, des centres communautaires, qui sont des organismes engagés qui se déplacent pour défendre et pour traiter de ces inconnus, reconnaissant leurs besoins les plus urgents. On sait déjà que les statistiques montrent plusieurs régions en état de calamité, hors contrôle public.

Plusieurs situations se répètent, tel que l’abandon du milieu rural, par manque d’appui gouvernemental, dans la perspective d’une vie meilleure, cherchée dans les centres urbains, où des groupes familiaux finissent pour avoir la périphérie comme signalisation de logement, étant rendus victimes par de graves conséquences.

Nous pouvons constater l’abus et les profits ineffaçables de quelques acteurs sociaux, lesquels décrivent la réalité, se maquillant de politique et d’idéologie par-dessus quelques sujets extrêmement sérieux qui exposent la vie des populations. “Les pauvres sont, avant tout, des victimes d’un système que les condamne. Dans cet esprit, les

²³ Expressões empregadas por Freire em *Pedagogia do oprimido* (2007, p. 33).

pouvoirs publics ont le devoir d'aider les pauvres dans le sens majeur de la justice sociale.” (PAUGAM, 2009, p. XXII).

Le discours démagogique continue toujours. Comme exemple, nous avons le cas du dopage aux sports de haut niveau. Ainsi, un autre soin et une autre attention sociale doivent être tournés vers la prolifération de barbares qui utilisent l'image de cette communauté marginalisée en des voies publiques pour se promouvoir. Ils font cela avec des drapeaux et discours miraculeux, promettant de faux et inviables recours, ayant comme grave conséquence “l'amoncellement” de ces inconnus.

Avec cet accroissement de dématérialisation, beaucoup finissent par être atteints par des pathologies dépressives, devenant eux-mêmes des agressifs inconscients, dans la défense de leurs vies afin de pouvoir atteindre le minimum soutenable. À partir de ces situations-là, beaucoup de personnes, dans une avalanche progressive de *déqualification* humaine et sociale sont amenées à angoisses, peurs, dépressions, suicides, marques vécues parmi beaucoup de familles dans l'actuelle réalité sociale.

L'accroissement de la population urbaine sans structures de base confirme aussi l'augmentation de la dégradation des conditions environnementales et sociales, augmentant ainsi les maladies psychopathologiques. Cabanis, philosophe de la fin du XVIIIème siècle, disait, par exemple, à propos de la ville: “Toutes les fois que les hommes se réunissent, leurs habitudes se modifient ; toutes les fois qu'ils se réunissent dans des endroits fermés, leurs habitudes de santé se modifient” (FOUCAULT, 2006, p. 87). Dans ce passage, Foucault nous invite à réfléchir sur le monde urbain et sur toutes les difficultés affrontées par cette population qui forme et découvre cette réalité dans laquelle nous sommes insérés.

Dans le manque de perspectives et contaminés par cette réalité dégradante, pour ces inconnus, la lutte est bien présente dans la recherche d'alternatives dans la capacité d'organiser et de re/créer des initiatives pour des améliorations.

Les données collectées dans notre recherche, qui seront présentées plus tard, ces données montrent la résistance qui se trouve dans une réalité défavorisée. La socialisation du bien construit passe par l'effort d'autres connaissances qui répondent aux besoins urgents de tout genre humain, lesquelles sont concrètement décrites.

L'investissement dans la démarche de la résolution des problèmes de ces personnes socialement exclues, dans le sens de les voir produisant des connaissances alternatives, c'est de montrer que c'est possible de démythifier le scandale humain de l'indifférence sociale, dont la légitimation ou non de différentes connaissances est capable de contribuer à la formation d'identités sociales, individuelles ou collectives. La construction d'un nouvel ordre social peut éviter la continuation progressive de l'exclusion sociale.

Aux questions d'exclusion et d'inclusion sociale, provocatrices de rencontres et de non-rencontres entre hommes et femmes, la connaissance, c'est quelque chose qui appartient au sujet, *a priori*, ayant une fonction non seulement privée, mais sociale, tournée vers le public, où connaître, c'est pouvoir prendre part.

Le jeu du marché économique/financier est le générateur d'exclusion sociale sans mesurer, quelquefois, des potentielles conséquences, tels que le juridique et d'autres dispositifs institutionnels qui continuent à sacrifier les gens dans leurs besoins de base. La façon dont la sécurité, la santé, la scolarisation, le loisir, les services publics, les logements sont traités, montrent des indicateurs spécifiques intégrés à un procédé symbolique de valeurs et de positions sociales, non seulement d'ordre économique ou matériel et qui définissent l'exclusion sociale.

Au moment de discuter la production de l'excédent humain par la société de consommation comme montre le sociologue Bauman (2005), dans la construction de la connaissance, de plus en plus, il y a la séparation/sélection entre le produit et le rebut. Notre travail, au moyen de l'échange de connaissances alternatives indique qu'il y a des possibilités de nouvelles sorties /alternatives pour éviter le *Chaos du rebut humain* et d'essayer de "freiner" la méconnaissance de beaucoup d'hommes et femmes.

Même étant des endroits "entièrement pénétrés et moulés par des influences sociales bien éloignées d'eux", (GIDDENS, 1990, p. 18), ces sujets en des situations d'exclusion ne restent pas seulement dans les conditions qui leur sont données ou imposées, parce qu'ils appartiennent à une zone géographique spécifique où ils ont leurs racines, beaucoup arrivent à rompre cette muraille fortifiée par le système en vigueur.

Dans un monde moderne, nous percevons les vies gaspillées, affaiblissant les rapports humains, parce que les inconnus sont partout. De différentes époques, accompagnées de douleurs et de souffrances, où des millions de personnes sont destinées à être des rebuts. “La société de consommateurs n’a pas de place pour les consommateurs dépourvus, incomplets, imparfaits” (BAUMAN, 2005, p. 22). Dans cette société de consommateurs, de nombreuses personnes ont leur passeport quotidiennement nié pour le travail, l’habitation, la santé et l’alimentation. *Les sans papiers*.

On peut prendre comme exemple, le travail et l’adresse. *Je suis un récupérateur dans les poubelles, je suis une balayeuse des rues, je fais le ménage, je travaille dans des endroits publics, j’habite le village*²⁴. “Quand ils habitent dans des endroits de mauvaise réputation, ils préfèrent dissimuler le nom du quartier, car ils subissent une profonde humiliation quand ils sont comparés à des personnes qui n’ont pas de crédit” (PAUGAM, 2009, p. 6).

Cet éloignement imposé par les besoins de base fait plonger le corps social, aussi de conditions stables, dans un total désespoir. Ce sont ces caractéristiques qui sont moulées par l’exclusion. Les certitudes se défont en des incertitudes (démontage), rappelant l’œuvre de Robert Castel (2009): *La montée des incertitudes*.

La mondialisation peut désigner l’évolution mondiale de cette *montée des incertitudes*, qui touche au même temps tous les pays et les diverses dimensions de la vie en commun: l’économie, la politique, l’éducation, la culture, la vie sociale. Ces dimensions interagissent, créant des liens entre les différents pays et peuples, entre les différentes identités et ce qu’elles représentent. La mondialisation fait que les rapports soient établis entre ceux qui étaient séparés.

²⁴ Poderíamos fazer uma listagem de gentes que não desejam dizer o que fazem para sobreviver, mesmo onde habitam, por sentirem-se desvalorizados. Como podemos encontrar pessoas que não escondem sua identidade, mostrando seu lugar, seu trabalho etc a qual pertence.

Ainsi, nous pouvons voir, à travers le marché financier mondialisé, une série de secteurs aussi mondialisés et, quelquefois, la connaissance même, partant de centres de formation. Dans ce monde de “marché”, l’identité représentative est (se sent) menacée, vivant constamment un rapide processus de mondialisation Woodward (2005, p. 20) dit: *“la mondialisation engage une interaction entre facteurs économiques et culturelles, provoquant des changements aux modèles de production et de consommation, lesquels, de leur côté, produisent des identités nouvelles et mondialisées”*.

L’influence de la mondialisation, qui produit de nouvelles identités, mondialisées, montre que la différence et voire l’indifférence construisent des identités. L’indifférence est provoquée, créée par la différence, où le sujet est provoqué pour qu’il y ait des changements. L’identité est symbolique et sociale, elle n’est pas ce qui est nécessairement identique, mais le résultat d’une identification contingente. On perçoit combien une communauté marquée par la migration traduit ces changements en leur identité ou identités, par le circuler entre réalités distinctes, traversées par la vie rurale et urbaine, fait constaté de nos données empiriques.

La différence devient un élément central des systèmes de classement au moyen desquels les significations sont produites. Les formes d’exclusion sociale finissent par produire des représentations diverses. Il est urgent le besoin de réfléchir et de travailler dans le progrès de concepts qui ont rapport à la question de l’identité et de la différence, pour nous emparer d’éléments fondamentaux qui se rapportent aux questions de la connaissance humaine.

Au moment de faire face au différent, en de diverses situations, le sujet élabore/construit sa propre identité, d’une forme plus structurée. Il peut être influencé par des représentations qui vont déterminer leur comportement, aidant à structurer leur identité au milieu d’une série de mouvements de la société même.

Selon quelques recherches, pour quelques sociologues, l’identité sociale est, avant tout, un synonyme de catégories d’appartenance. D’autres chercheurs aussi apportent-ils comme identité, quelque chose d’ambigu dans la mesure où le sujet se trouve entre “des multiples appartenances” aux sociétés contemporaines:

l'affirmation de l'identité et la marque de la différence, engagent toujours les opérations d'inclure et d'exclure. Comme on a vu, dire "ce qu'on est" signifie aussi dire "ce qu'on n'est pas". L'identité et la différence se traduisent, ainsi, en des déclarations sur qui appartient et sur qui n'appartient pas, sur qui est inclus et sur qui est exclu. Affirmer l'identité signifie limiter les frontières, signifie faire des distinctions entre ce qui est dedans et ce qui est dehors (SILVA, 2005, p. 82).

Être inclus et exclus, être ou ne pas être, appartenir ou ne pas appartenir, être dedans ou dehors, l'identité et la différence, les deux possèdent le pouvoir de définir le contexte social de la personne. C'est un procédé de classification qui détermine la position sociale de tout sujet qui cherche, ou qui lutte pour se définir dans une hiérarchie socialement préétablie

En parlant d'une exclusion qui efface l'identité, où il n'y a pas de sécurité disponible dans un monde mondialisé, où les identités et même des représentations sont amorties/effacées, attentif aux classes sociales, nous repérons, encore une fois, la critique sociologique que Bauman construit, présentant une confrontation de survivance entre identité, différence et mondialisation

"Le puzzle qu'on achète dans un magasin vient par entier dans une boîte" (BAUMAN, 2005, p. 53), cependant, la composition de l'identité personnelle, présentée par Bauman est un grand défi. Entre l'allégorie et le réel, il y a plusieurs vies qui possèdent leurs identités gaspillées. Passant par de profondes transformations: *identités qui habitent les temps modernes*, étant donné:

la tâche d'un constructeur d'identités est, dans le dire de Lévi-Strauss, celle d'un *bricoleur*, qui construit toute sorte de choses avec ce qu'il y a dans les mains. Ajuster des pièces et des morceaux pour former un tout conscient et cohérent dit identité, ne semble pas être la principale occupation de nos contemporains (BAUMAN, 2005 p. 59).

Bauman (2005, pp. 82-83) nous présente ou dit que:

l'identité est une idée réellement ambiguë, un couteau à deux tranchants, [...] l'identité semble un cri de guerre utilisé dans une lutte défensive: un individu contre l'attaque d'un groupe, un groupe plus petit et

plus faible (et pour cette raison, menacé) contre une totalité plus grande ,
douée de plus de ressources (et pour cette raison, menaçante).

L'homme et la femme sont des constructeurs de leurs identités et de ce qu'elles représentent. Beaucoup de fois, ils passent par un recyclage, causé par le monde moderne. L'identité est une lutte simultanée contre la dissolution et la fragmentation: l'intention d'avaler et, en même temps, un refus peut faire qu'elle soit avalé" (BAUMAN, 2005, p. 84). L'être humain engage un combat afin de survivre, ne pouvant pas reculer, car faire face au différent, c'est inévitable.

Ainsi, dans cette confrontation humaine, la différence/identité/représentation fait découvrir qui est l'autre, aux dimensions sociales différenciées) et, en même temps, questionne: qu'est-ce que m'identifie? Quelles sont mes repères dans ce monde mondialisé?

Dans ce rapport social entre identité et différence, on perçoit la dispute entre elles, pour la survivance de la personne dans un exercice pour se maintenir située dans un état en mouvement continu. Et c'est dans ce mouvement qu'apparaissent les confrontations, parfois désorganisées, causées par la différence même qui mobilise de multiples identités.

Le pouvoir de définir identité et différence, signifie établir de nouveaux rapports que, *a priori*, devraient aussi construire un nouveau rapport social, non-excluant. *Je suis brésilien. Je suis français. Je déclare mon territoire comme citoyen brésilien, ou comme citoyen français.* Mais, dans cette position, *je n'ai pas le droit de ne pas accepter le différent, vu que c'est celui-là qui nous fait penser et construire/produire une identité sociale déterminée.*

L'inclusion/exclusion se révèle à partir de (non) l'agrément de la différence, l'identité pouvant même être son otage. Cependant, la différence est relative, non absolue. Le différent questionne, quelquefois devient abstrait, mais il peut identifier quelque chose pas encore mis en évidence. Le phénomène de la migration vers la zone urbaine, pourra nous dire de la complexité de ces rapports sociaux qui se forment aux coteaux périphériques, construisant un bloc représentatif, parfois approximatif, comme s'il faisait attention, mais, en même temps, il le tenait à la longueur du bras.

Le chercheur²⁵, inséré dans le champ empirique, *est identifié*, est inclus, est entremêlé dans les rapports sociaux, à l'aide d'une compréhension de plusieurs éléments, essentiels pour leur travail auprès de la réalité dans laquelle il est engagé, aidant aussi dans la prise de conscience de sa propre fonction. On peut voir aussi par le manque de connaissances) de zones de risque déterminées, que des mythes sont créés, des mythes qui empêchent le progrès dans les études, causés par "certaines" inquiétudes ou préjugés.

Cette mondialisation qu'identifie et différencie, se fait présente dans notre contexte de recherche, même étant une zone de risque, à travers le défilé d'autres marques et modes, signalant de différentes identifications qui usent beaucoup de sujets par manque d'une connaissance plus critique, nous faisant nous approprier du penser de Martins (2003).

Ce contexte brésilien, dont nous avons parlé ci-dessus, fait un contrepoint avec un "autre contexte", auquel nous sommes engagés dans cette recherche, laquelle nous approche d'autres réalités sociales, comme c'est le cas de l'Europe. Situés dans cet autre contexte géographique, nous citons les mots de Silva (2002, pp. 36-37):

le phénomène de la mondialisation, qui nous amène au XXIème siècle, apporte avec soi des réalités très complexes et déifiantes, qui sont encore très peu comprises, mais qui ont d'énormes implications pour un monde plus humanisé. La mondialisation crée non seulement de grandes difficultés économiques, augmentant le fossé entre les "premier" et "troisième" mondes, mais aussi la distance entre les pays pauvres et riches se manifeste à travers les modèles imprévisibles de racisme et de xénophobie croissantes, dus à l'immensité de personnes qui migrent d'une part à l'autre du monde, dans la quête de meilleures conditions de vie (survivance).

²⁵ Nesse parágrafo queremos fazer menção de Antônio Gramsci (1891-1937), estudioso italiano, que se dedicou às questões sociais. Sendo jornalista, era tido como filósofo, homem político, apresentando em suas obras o pesquisador como intelectual orgânico, aquele que está presente em seu campo de atuação empírica. O intelectual - alguém que é capaz de estabelecer relações envolvendo a prática da sua bagagem teórica.

Les actualités mondiales identifient et différencient l'état actuel des réalités implicatives de notre recherche. À partir de la crise économique internationale, la France commence l'an civil 2009 plongée dans des conflits, grèves et confrontations sociaux.

Le domaine de l'enseignement supérieur français est atteint par une profonde crise. Des réformes gouvernementales imposent une réduction des dépenses, des compressions financières pour des investissements destinés à des recherches universitaires, à de bas salaires, suppression de centres et cadres de formation, et d'autres, faisant que les professeurs, élèves et autres citoyens dénoncent, au moyen de fortes manifestations et paralysations par un temps indéterminé.

La séquestration de dirigeants d'entreprises et d'usines, par leurs propres ouvriers, c'est une forme drastique et désespérée et un essai de chercher une dialogue pour résoudre les problèmes et empêcher la fermeture du lieu de travail. Ce lieu de travail est la source de soutien de communautés entières formées par hommes et femmes affaiblis par le système néolibéral, où, à l'âge de 39 ans, sont classifiés comme des gens "trop âgées" pour le marché du travail.

Avec la mondialisation, on peut identifier les violentes crises d'ordre international au "premier monde", vécues aux États Nations du "troisième monde". Ces marques sociales provoquent des mesures gouvernementales urgentes à être prises, en accord à ces différentes réalités, ayant en vue le bien commun.

3.3. LE RISQUE COMME CONSTRUCTION SOCIALE

La vie sociale est accompagnée des risques continuels qui se multiplient en toute la planète Giddens (2002), quand il décrit la réalité sociale, parle du besoin fondamental de travailler le concept de risque par les différents citoyens qui forment cette société appelée de moderne, en vue de l'organisation du monde social.

Les crises passées et présentes nous aident à créer et à recréer des solutions pour faire face à l'actuelle conjoncture de risque social. Cependant, ces solutions perdent leurs forces à cause du manque d'une plus grande conscience de risque social, car les fortifiés économiquement, ne pensent qu'à multiplier leurs privilèges.

On peut citer la réalité économique actuelle, telle que la rupture de la banque/économique de pays aussi privilégiés dans le scénario international, fait réel de la dysfonction et d'intérêts spéculatifs qui touchent la communauté mondiale. Le résultat de cette situation fait apparaître une mobilisation de dirigeants gouvernementaux qui craignent la crise et connaissent la gravité et le(s) risque(s) continental qui arrive comme un ouragan, laissant dans son chemin de visibles désastres, des ruines et de grandes conséquences, lesquels d'après Giddens (2002, p. 11):

la modernité réduit le risque général de certaines zones et modes de vie, mais, en même temps, introduit de nouveaux paramètres de risque, très peu connus complètement inconnus dans des époques précédentes. Ces paramètres incluent des risques de haute conséquence, dérivés du caractère mondialisé des systèmes sociaux de la modernité. Le monde moderne tardif – le monde de ce que j'appelle de haute modernité - est apocalyptique non parce qu'il se tourne inévitablement vers la calamité, mais parce qu'il introduit des risques que les générations précédentes n'ont pas dû les affronter. Bien qu'il y eut eu des progrès dans la négociation internationale et dans le contrôle des armes, s'il continue à avoir des armes nucléaires, ou même de la connaissance nécessaire pour les construire, une fois que la science et la technologie continuent à prendre part dans la création de nouveaux armements, le risque de la guerre destructive continuera. Maintenant, que la nature, comme phénomène externe à la vie sociale est arrivée, dans un certain sens, à une "fin" - comme résultat de sa domination par des êtres humains -, le risque d'une catastrophe écologique constitue une part inévitable de l'horizon de notre vie quotidienne. D'autres risques de haute conséquence, tels que la crise des mécanismes économiques mondiales, ou la naissance des super-États totalitaires, sont aussi part inévitable de notre expérience contemporaine.

Dans ce contexte les travaux qui sont développés par Yvette Veyret²⁶, sur les questions du *risque* qui menace le contexte international, nous aident à émettre au clair les questions de risque.

²⁶ Professora de Geografia na Universidade de Paris X, autoridade em questões de risco apresenta uma das mais importantes obras no assunto: *Les risques* (2005). Afirmar na introdução dessa obra que "o risco objeto social define-se como a percepção do perigo, da catástrofe possível. Ele existe apenas em relação a um indivíduo e a um grupo social

Le terme risque n'a pas de sens précis, mais complexe, appliqué à de différents propos, en particulier aux questions de sécurité, aussi défini comme technologie de risque "Le terme apparaît en latin *rixare/rescum*, ou *resecare*, en grc *rhizikon* ou arabe *risk*, le même en anglais. En italien: *rischio*, en espagnol: *riza*". Des définitions qu'on trouve dans l'oeuvre de Veyret (2005, p. 17).

De longue date, traversant des siècles la notion de risque ou sa signification, vient des navigateurs dans leurs longs parcours en pleine mer. Les commerçants, les transporteurs de produits commercialisés s'approchaient pour "partager" les risques, c'est-à-dire, de se grouper pour maintenir leurs marchandises protégées. Le développement de la sécurité, passant par le commerce maritime, accompagne l'évolution de la définition de risque dans notre époque contemporaine.

Yvette Veyret (2001), travaillant la notion de risque naturel et son histoire, écrit que seulement en 1982, en France, apparaît la *notion de risque naturel*, remplaçant le terme calamité publique.

Dans le traitement de la notion de *risque naturel*, Yvette Veyret apporte de nouveau sa contribution, faisant comprendre qu'il y a trois étapes: d'abord la prévision enduite la protection, finissant par la prévention. C'est où apparaît l'implication directe de l'éducation et de l'information étant donné que, parfois, l'insuffisance de connaissances de ce que peut traiter un risque, le niveau d'éducation, ne permet pas une plus grande sensibilité.

Développer une culture de risque, par l'information et, surtout, par l'enseigner/éduquer, aurait permis d'avoir une meilleure conscience de risque, dans une réalité de population urbanisée. Les moyens éducatifs ont/ auraient une action extrêmement importante à

ou profissional, uma comunidade, uma sociedade que o apreende por meio de representações mentais e com ele convive por meio de práticas específicas" (VEYRET, 2005, p. 5). Tradução em português: *Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 2007, 320 p. ISBN 978-85-7344-354-8

réaliser. Le maintenir ou faire mémoire collective de faits et d'épisodes passés est aussi nécessaire.

Une part des risques s'inscrit dans un cadre de rapports nature/société que, en géographie, s'intègrent aux questions environnementales. Yvette Veyret (2005), dans ses réflexions, attire l'attention sur l'importance de la géographie, vu de son intérêt pour les questions sociales et pour ses traductions spatiales, dans lesquelles il décrit le *risque comme une construction sociale*. L'étude de la notion ou signification de risque naturel est particulièrement abondante en géographie. Cette notion se dirige à des études de facteurs qui déterminent ce qui est vulnérable/ vulnérabilité entre hommes et femmes dans toutes les échelles, c'est-à-dire, d'extension et de densités de zones urbanisées.

Castel (2003, pp. 58-60), en faisant des commentaires sur l'inflation contemporaine de la notion de risque, parle de la confusion qu'on fait, dangereusement, présentant pour ce débat, deux spécialistes dans ce sujet, l'un d'eux, déjà cité ci-dessus:

Anthony Giddens que escreve sobre uma *cultura de risco* onde “significa que nós estamos cada vez mais sensíveis às novas ameaças que carrega o mundo moderno e que se multiplicam produzidos pelos homens através do uso incontrolável da ciência e suas tecnologias e uma instrumentalização do desenvolvimento econômico tentando fazer do mundo inteiro uma mercadoria [...] assim, a cultura de risco acaba fabricando perigos. Onde a proliferação de riscos aparece estreitamente ligada à promoção da modernidade, que *Ulrik Beck* vai nomear como *sociedade de risco*, dizendo que a modernidade [...] é um princípio geral de incertezas que comanda o futuro da civilização.

3.4. LA CONNAISSANCE DANS LES DIFFÉRENTES SITUATIONS SOCIALES

La connaissance arrive sous une autre forme dans des situations émergentes qui sont travaillées, afin d'aider à répondre à ces situations complexes du genre humain et leur

réalité sociale. Cette autre forme est “cousue” par les sujets placés dans des situations qui déterminent leur propre survivance.

La limite de l’exclusion sociale, expression employée par le sociologue, fait que le sujet réagisse, créant/recréant dans la construction d’autres formes et méthodes de résistance à partir de ce qu’il connaît. Cependant, nous pouvons dire d’avance que la connaissance développée entre hommes et femmes placés dans des zones de risque, c’est un pont d’approche à la connaissance académique, car *a priori*, les alternatives construites hors l’école, hors l’université, loin des institutions officielles, c’est pour résoudre ou pour donner des solutions aux problèmes du quotidien. La production et l’existence de ces connaissances arrivent aussi comme résultat du non connaître, du non accès aux connaissances institutionnalisées qui sont aussi présentes pour répondre aux problèmes de l’humanité.

On peut dire que cette (ces) sujet (s) ne part pas (partent pas) de l’inexistante. On pourrait alors penser que les connaissances alternatives sont/seraient accessibles à tout sujet par la proximité du besoin de survivance, seraient construits à partir des relations formées. Celui-ci, c’est un point critique déjà manifesté: pour l’éducation, partant de ces communautés périphériques, quelle est la possibilité d’explicitier cette connaissance alternative auprès de la connaissance scolaire ou académique ? L’éducation formelle pourrait aborder ce type de problème, car, qu’est-ce qu’on peut appeler de connaissance alternative à travers l’éducation?

Si la connaissance est la racine du savoir, ce serait dangereux de dire qu’elle serait aussi la racine de l’exclusion. Ce serait le début d’une classification sociale qui sacrifie une grande partie de la population, laissant beaucoup de personnes en marge d’une société en concurrence.

La connaissance construite dans les différentes situations et rapports sociaux, traverse le monde de la vie quotidienne et se développe au centre ou dans la périphérie des communautés humaines. *Dans cette construction sociale de la réalité* (BERGER; LUCKMANN, 1996), c’est où nous trouvons l’homme et la femme de rue qui préparent, dans les circonstances auxquelles ils sont soumis, leur propre philosophie de

vie. La préoccupation qu'ils ont, c'est avec la réalité, laquelle est défendue par leurs propres connaissances et qu'on peut voir que:

le monde de la vie quotidienne n'est pas seulement pris comme une réalité certaine par les membres ordinaires de la société dans le comportement subjectivement douée de sens qui marquent leurs vies, mais, c'est un monde qui a son origine dans la pensée et dans l'action des hommes communs, étant réelle pour eux. Avant, pourtant, d'entreprendre notre tâche principale, on doit essayer de mettre au clair les fondements de la connaissance dans la vie quotidienne. À savoir, les objectivations des procédés (et significations) subjectives grâce auxquelles le monde intersubjectif du sens commun est construit (BERGER; LUCKMANN, 1996, p. 36).

4. CHAPITRE 4 – QUESTIONS DE GENRE

L'objectif de ce chapitre, c'est de signaler comment la question de genre est influencée par la famille, école et société dans la construction sociale du masculin/féminin. Et dans le cadre scolaire, cette question finit par être signalée avec des disciplines déterminées dans le choix professionnel futur de femmes et d'hommes en formation et la discipline mathématique est prise comme support d'analyse pour être traitée comme domaine réservé exclusivement au pouvoir masculin.

Quand nous prenons les questions de genre envisagées dans notre recherche dans le sens d'identifications professionnelles, entre les divers services prêtés à la communauté étudiée, nous voulons citer des experts dans ce sujet qui nous aident à regarder et à analyser des endroits déterminés, construits par leurs histoires et leurs cultures. Louro (2001, p. 11) dit que "l'inclusion des genres féminin ou masculin, dans les corps, est toujours faite dans le contexte d'une culture déterminée donc, avec des marques de cette culture". Cette culture arrive chargée d'étapes différencées et avec leur histoire. L'auteur continue sa réflexion disant que "les identités de genre et les identités sexuelles sont alors composées et définies par des rapports sociaux, elles sont structurées par les réseaux de pouvoir d'une société".

Muraro et Boff (2002, pp. 11-13) rappellent que dans l'histoire de l'humanité:

les rapports entre les groupes étaient de solidarité et de partage des biens et de vie. Avec les sociétés de chasse, se sont installées les premières relations de violence : les plus forts commençaient à dominer et à avoir des privilèges et le masculin passe à être le genre prédominant. De la conscience de solidarité, l'humanité passe à la conscience de compétition [...] et le masculin, qui passe à être le genre prédominant, devient hégémonique – depuis huit mille ans – quand détermine à soi-même le domaine public et, à la femme, le domaine privé. Le rapport homme/femme passe à être de domination et la violence dorénavant est la base des rapports entre les groupes et entre l'espèce et la nature. C'est alors le principe masculin qui gouverne le monde seul.

Il nous paraît d'une grande utilité de suivre la réflexion apportée par les auteurs ci-dessus cités, appuyés sur d'autres théories, comme ils définissent et comprennent genre, en disant ce qui suit:

cette catégorie a été introduite au dernier siècle, à partir des années 80, surtout par les féministes anglo-saxonnes, comme un progrès sur les discussions précédentes qui s'affirmaient sur la différence entre les sexes et les principes masculin/féminin, passant loin de la question du pouvoir latent du centre masculin – androcentrisme – de presque toutes les formulations théoriques et des initiatives pratiques concernant au sujet homme/femme. Ce n'est pas suffisant de constater les différences. C'est indispensable de considérer comment elles ont été construites socialement et culturellement. En particulier, comme les rapports de domination ont été établis entre les sexes et les conflits qu'ils entraînent; la forme par laquelle ont été élaborés les différents rôles, les attentes, la division sociale et sexuelle du travail; comment ont été projetées les subjectivités personnelles et collectives. Comme on peut voir, le concept genre comprend des questions qui vont au-delà du féminin/masculin et du sexe biologique, pris en eux-mêmes (MURARO; BOFF, 2002, p. 17).

Le genre comme instrument de notre analyse, Gebara (2000, p. 106) apporte sa contribution, disant que :

le genre n'est pas simplement le fait biologique d'être homme ou femme. Genre signifie une construction sociale, une manière d'être dans le monde, une manière d'être élevé/e et une manière d'être perçu/e qui conditionne l'être et l'agir de chacun. J'essaierai de montrer que le rapport de genre a été et l'est toujours la construction de sujets historiques soumis à

d'autres, non seulement en raison d'une classe sociale, mais aussi par une construction socioculturelle des rapports entre hommes et femmes, entre le masculin et le féminin. Cependant la sexualité est culturalisée à partir des rapports de pouvoir. La question de la construction sociale du genre n'est pas d'abord une question abstraite, théorique, mais quelque chose qui peut être observée dans la pratique de nos rapports.

Ces définitions nous aident à percevoir une série d'éléments de l'infatigable lutte d'approche entre cet homme et cette femme, qui relèvent la face des rapports humains. Cette insistante recherche de consensus/consensualisation nous a fait trouver des dialogues qui ont lieu entre des différents théoriques qui nous aident avec ses constructions et déconstructions, à percevoir que la question de genre est la «fille» de la construction sociale légitimée dans la recherche empirique.

Le dialogue autour des questions de genre avec la couturière (femme), le tourneur mécanique et son fils (hommes) et les récupérateurs dans les poubelles (femmes et hommes), les sujets prototypiques de notre recherche, et qui seront approfondis dans la troisième partie de la thèse nous aident dans ce chapitre avec quelques fragments choisis des conversations entamées dans les interviews faites.

La couturière quand demandée si elle connaissait un couturier dans la banlieue, dit:

Non, ici, il n'est jamais apparu un couturier ou qui ne s'est pas identifié comme tel.

Ensuite, le tourneur mécanique ajoute:

Ils ont honte!

Et le récupérateur des poubelles complète:

La couturière fait les vêtements de femme, et le tailleur fait les vêtements d'homme.

Le fragment ci-dessus cité rend possible de comprendre le développement des représentations concernant les questions de genre dans des situations d'exclusions

sociales, le pouvoir et les différences que l'histoire raconte et la reconnaissance socioculturelle de cette catégorie. Ce fragment nous donne aussi l'idée de comme ces catégories traversées par l'histoire humaine et construites par le genre humain sont considérées et classifiées à partir des activités que les hommes et les femmes, ensemble ou séparément développent et la position sociale qu'ils prennent en charge.

Louro (2001, p. 12), fait comprendre que:

dans le champ de la culture et de l'histoire sont précisées les identités sociales (toutes ces identités et non seulement les identités sexuelles et de genre, mais aussi les identités de race, de nationalité, de classe, etc). Ces multiples et différentes identités constituent les sujets dans la mesure où ils sont interpellés à partir de diverses situations, institutions ou groupements sociaux. [...] Nous sommes des sujets d'identités diverses. [...]. Nous sommes des sujets d'identités transitoires et contingentes.

Le philosophe et psychologue Armand Touati (2005, p. 24), quand il réfléchit sur le rapport qui se forme ou qui se construit entre femmes et hommes, dit: "Nous ne pouvons pas avancer sans essayer de prendre l'ensemble de points extrêmes des évolutions actuelles et d'accompagner les réflexions, les individus et les groupes qui s'efforcent en inventant des possibilités".

4.1. LA FAMILLE, L'ÉCOLE LA SOCIÉTÉ: INFLUENCE ET CONTRIBUTION DANS LA CONSTRUCTION DE L'IDENTITÉ SEXUELLE ET DANS LA RECHERCHE DE LA CONNAISSANCE

Au moment de la naissance, tout individu est classé comme homme ou femme, étant associé à chacune de ces catégories, un ensemble de caractéristiques et de valeurs autour des stéréotypes de genre. Le processus de distinction de comportement de l'enfant sera signalé par ce procédé de catégorisation, et non par le comportement de l'enfant qui déterminerait une différence de comportements du milieu social.

Plusieurs recherches en Sociologie et en Sciences de l'Éducation mettent en évidence les effets sur la question de genre dans le processus de socialisation (ROUYER; MIEYAA, 2009). Les sujets passent par de différentes expériences de vie, dès leur naissance jusqu'à l'âge adulte. Ces expériences structurent et forment la fille femme et le garçon homme.

Les observations montrent aussi que les parents encouragent leurs enfants hommes à être indépendants et autonomes dans les déplacements et dans l'exploration de leurs ambiances, et les filles, plus que les enfants, sont confrontées par des structures de pratiques éducatives plus rigides. On constate que les garçons et les filles sont soumis par les parents et les filles à des modalités d'interaction différenciées (PARKE; O'LEARY, 1976).

Beauvoir (1970, p. 81) écrit:

le monde a toujours appartenu aux mâles. Les raisons qui ont été proposées pour l'expliquer, nous ont paru insuffisantes. En se référant à la philosophie existentielle: les données de la préhistoire et de l'ethnographie qu'on peut comprendre comme hiérarchie des sexes sont déjà déterminées.. On a déjà vérifié que, quand deux catégories humaines se trouvent l'une face à l'autre, chacune veut imposer à l'autre sa souveraineté: quand les deux se trouvent en état de soutenir la revendication, un rapport de réciprocité se crée entre elles, soit dans l'hostilité, soit dans l'amitié, toujours en tension.. Si une d'elles est privilégié, l'une domine l'autre et fait de son mieux pour la maintenir en domination. On comprend alors que l'homme ait eu envie de dominer la femme. Mais, quel privilège lui a permis de satisfaire cette volonté?

Depuis la naissance de leurs enfants,, les parents ont des comportements différents; selon le sexe du bébé; ils sont amenés à de différents comportements. Les études développées montrent les différents comportements des parents, selon la catégorie sexuelle où leurs enfants sont classés. (HURTIG; PICHEVIN, 1986; DURU-BELLAT, 1990; LE MANER-IDRISSI, 1997).

L'influence familiale patriarcale, dans les questions sur la construction de l'identité sexuelle, continue avec des traces et marques concrètes dans les communautés actuelles, soient-elles centrales ou périphériques. Eggert (2005), dans une interview sur les questions de genre, dit:

le garçon et la fille apprennent, en famille et à l'école, des manières d'être homme et femme et, plusieurs fois, d'une manière très ancienne et encore persistante. La fille apprend que le garçon ne doit pas imiter la fille. S'il veut jouer à la poupée, porter des vêtements de femme, il est mal vu par les autres. À partir des sept ans, surtout, cela est regardé comme un danger,

une tragédie. Et la fille, si elle veut jouer au ballon, faire des choses qu'un garçon fait, ce n'est pas cette lecture qu'on fait. Elle est regardée comme courageuse. Alors, elle se rend compte que les choses de fille vont jusqu' un certain point, après, ça perd l'intérêt. Cette liaison que je fais ici est très complexe, mais je pense qu'on doit commencer à articuler cela sur un autre point de vue et parler un peu plus avec les jeunes sur cela. Car, au fond, pour plus modernes que soient les filles, ou les garçons, ce concept est encore bien structuré à l'école, dans la famille et dans les Églises. Et, on construit toujours sur cette pensée, qui est apprise dans une herméneutique, c'est-à-dire,, dans une interprétation qui vient d'une tradition patriarcale.

Foucault (2006), travaillant sur la question de la politique de la santé au XVIIIème siècle, parmi ses remarquables observations, quand il développe la réflexion sur *le privilège de l'enfance et la médicalisation de la famille*, rappelle l'importance de la famille. Alors, il est possible de vérifier comme le comportement familiale vient chargé de multiples éléments, pouvant ennoblir ou appauvrir le futur de quelqu'un en phase de développement. L'auteur écrit:

la famille ne doit pas être seulement une toile de rapports qui s'inscrit dans un statut social, dans un système de parenté, dans un mécanisme de transmission de biens. Elle doit devenir un moyen physique dense, saturé, permanent, continu qui engage, maintienne et favorise le corps de l'enfant. Elle acquiert, alors, une figure maternelle, s'organise comme le moyen le plus proche de l'enfant; pour elle, cela va devenir un espace immédiat de survivance et d'évolution. (FOUCAULT, 2006, p. 199).

Les liens familiaux reflètent positivement ou négativement quand, bien ou mal constitués en d'autres espaces pour la formation de la vie adulte, tels que l'école. Le contexte scolaire, *dit par plusieurs: ma seconde famille*, est privilégié parce que l'école vient constituer un espace social sensible à une manifestation des différences, c'est ce que montrent les études et les recherches des sociologues. Mais, surtout parce que les problèmes, les causes et les phénomènes observés sont posés d'autres manières. Il ne s'agit plus de savoir si les garçons ou les filles ont des capacités différentes, mais il s'agit de s'interroger sur les raisons par lesquelles, quand les capacités sont les mêmes, l'objectif scolaire est différent (WINNYKAMEN, 1997).

L'éducation peut être, d'après Dupond (1980), un puissant vecteur de changements, autant au niveau de la société que individuel, car elle peut modifier l'équilibre des

rapports masculins et féminins, élargir le champ de possibilités féminines et transformer les comportements et les mentalités. Mais l'efficacité de l'éducation dans la redistribution des rapports dépend de son adaptation aux réalités et aux besoins économiques, sociaux et culturels.

Dans cette "concurrence", la construction d'une identité sociosexuelle est un phénomène complexe qui intervient dans la performance scolaire, ayant une importante orientation scolaire et professionnelle. Nous pouvons observer effectivement que le chemin de l'école, en fonction du sexe est articulé avec de fortes inégalités en fonction du milieu familial, à la valeur scolaire comparable, reflétant sur les rapports sociaux.

À l'Université Claude Bernard Lyon1, à Lyon, le 30 janvier – 2009, nous avons participé du colloque intitulé *Sciences: des différences aux inégalités entre les femmes et les hommes – Colloque de la Mission pour l'égalité entre les Femmes et les Hommes*, lequel a eu pour but : interroger les connaissances scientifiques produits et divulgués sur la question des différences entre les hommes et les femmes et sur la manière comme ces différences sont tout de suite hiérarchisées.

Le colloque, centre sur les connaissances produites au champ de la science, de la technologie et de la santé, a eu dans son programme des conférenciers du domaine de la philosophie, tels que Isabelle Stengers, de l'Université Libre de Bruxelles, qui a parlé sur: *L'étoffe du chercheur convient-elle à la chercheuse?* Suivant avec la contribution et débats, ouverts aussi aux participants, entre historiens et ceux du domaine de la médecine, comme Nicole Edelman, de l'Université de Paris X, Ilana Lowy et Dominique Pestre, liés à des centres de recherches sur la thématique du jour. Cette table a cherché le dialogue autour de: *La construction historique et scientifique des savoirs – A construção histórica e científica dos saberes*.

L'après-midi de ce jour 30 a continué avec deux conférences. La première, administrée par la chercheuse et directrice de l'Institut Pasteur, Catherine Vidal, qui a parlé sur: *Le sexe du cerveau: entre science et idéologie – O sexo do cérebro: entre ciência e ideologia*. La deuxième conférence a eu lieu entre les chercheurs de différents centres, tels que Pierre Clément, Béatrice Cuzin, Christine Detrez et Pierre Foldès, que, avec

leurs connaissances, ont fait le grand public présent réagir autour: *De la science à la diffusion des connaissances* – Da ciência à difusão dos conhecimentos.

Cette journée d'études, débats et réflexions autour des questions de genre démontre le potentiel de nombreux travaux d'investigations qui sont réalisés entre femmes et hommes qui cherchent des approches d'égalité dans la construction et dans le développement scientifique. La journée nous a apporté un large panorama non seulement historique, mais aussi des jours actuels de la situation homme et femme dans cette construction de la connaissance aussi produite et étudiée en de différentes réalités sociales, Pretto et Acioly-Régnier (2009), qui présente encore de grandes lacunes à être travaillées pour l'équilibre d'égalité entre le genre humain.

La démythification de cette supériorité de l'homme par rapport à la femme, la propre histoire quand elle est lue et étudiée avec des attitudes d'égalité montre que le sexe appelé "fragile" par le langage masculin, confirme la grande capacité de production en des termes de travail et d'études dans les milieux scientifiques. La "crainte" du côté masculin de perdre sa place est représentée dans le dire de Lowy (2005, p. 190):

les hommes et les femmes n'engendrent pas la carrière scientifique de la même manière. Les chercheuses de l'Institut Pasteur expliquent que , souvent les femmes choisissent thématiques de recherches complexes et font dériver leurs satisfactions dans la résolution de ces problèmes, cependant, les hommes sont plutôt plus monomaniaques et choisissent les problèmes qui leur garantissent des résultats très rapides.

Inspirées, dans la plupart des cas, par une attitude féministe, des études sur le genre comprennent souvent les filles en des contextes classiques d'enseignement et d'apprentissage.

Les recherches sur la masculinité sont plus rares et méritent une prise de compte spécifique dans le domaine des pratiques éducatives et dans les changements sociaux. Dans ce sens, la revue canadienne sur l'éducation (vol. 25, 2, 2000) dédie sept(7) chapitres sur cette thématique à partir du constat du numéro réduit de recherches dans le contexte canadien.

Dans cette perspective et examinant les textes officiels en France (DAJEZ, 1994), nous pouvons constater, par exemple, que pendant longtemps, les hommes n'ont pas eu le droit d'apprendre aux enfants de très peu d'âge en des écoles d'enseignement pré-enfantin. Il y a 35 ans, ces textes étaient encore en vigueur. Le décret du 19 avril 1977 a apporté au professeur homme l'accès à un poste dans une classe d'enseignement maternel et d'aborder la question de genre.

La convention pour promouvoir l'égalité d'opportunités entre garçons et filles au système éducatif a été un autre document signé le 25 février 2000 par le Ministère à l'Éducation National de la Recherche et de la Technologie, concernant: *la promotion de l'égalité entre filles et garçons constitue à partir d'aujourd'hui une priorité non seulement en niveau national, mais aussi dans le programme de l'Union Européenne, qui consacre des ressources structurelles pour la mettre en œuvre.*

Ces deux dates montrent les pas encore "timides" de ce qui se passe, approchant femmes et hommes en leurs différentes positions, déterminées par des différenciées situations sociales.

Dans cette perspective, l'école maternelle Jean de la Fontaine, située à Lyon, dans la période de notre séjour, nous a ouvert les portes afin de pouvoir participer d'une matinée de travail et d'observation dans une classe de 28 enfants, garçons et filles, quelques-uns porteurs de défauts physiques, entre 4 et 5 ans. Cette école formée par 7 division d'élèves, de niveau maternel, a donné la chance de visualiser comment le professeur administre son groupe. Ce qui nous a attiré l'attention, parmi les différentes choses qui se sont passées, c'est que, dans la salle de classe il y a la présence masculine. Nous avons pris comme exemple le directeur de cette école qui, outre être un homme, est le responsable d'une division, administrant les deux fonctions en même temps. La présence prédominante, c'est de professeurs femmes.

Nous pouvons observer en plusieurs pays, une présence inférieure des femmes en des certaines formations professionnelles. En plusieurs endroits, on remarque une spécialisation de cours en fonction du sexe, où la représentation des femmes est encore faible dans le domaine des sciences. Les comparaisons internationales nous conduisent

à une distinction de diverses modalités d'inégalités d'opportunité entre les sexes, selon le niveau de développement des pays (DURU-BELLAT, 1990).

Comme exemple, on peut citer des cas vécus pendant notre séjour à l'Université de Lyon², pendant le master et le doctorat en *Sciences de l'éducation*. Aux cours, séminaires, conférences, ce qui ressortissait, c'était la présence féminine.

En faisant un contrepoint dans ce chemin construit par rapport à la recherche, dans la période d'études philosophiques à l'université et dans la réalité brésilienne, au cours de philosophie, la présence masculine était prédominante, indépendante de l'option personnelle ou professionnelle des élèves qui suivaient les disciplines de philosophie. Ce fait a provoqué plusieurs fois, en salle de classe, des plaisanteries "saines" par le langage masculin: bénis les fruits entre les hommes.

Quelques ans plus tard, dans la condition de professeur, administrant des disciplines à des cours déterminés, tels que Lettres, Pédagogie, Psychologie, aux journées de travail du matin et de l'après-midi, la plupart des présences en salle de classe, était dans sa presque totalité, composée de femmes. Par contre, aux cours de génie, aux journées de travail nocturnes, ce qui ressortissait, c'était la présence masculine.

Un cas particulier nous a attiré l'attention dans l'administration de la discipline Initiation à la Recherche, discipline obligatoire en licence, travaillée au premier semestre 2007, dans la matinée: le groupe était composé de 30 étudiants. Cependant, dans ce groupe, il n'y avait qu'un garçon. À la fin du deuxième cours, il nous a cherché pour savoir si nous apprenions cette discipline dans la période du soir. Le groupe féminin a suivi jusqu'à la fin du semestre, cependant le seul homme étudiant du groupe, n'a participé que des deux premiers cours. Cherché pour savoir les raisons de son abandon, il a déclaré qu'il se sentait mal à l'aise dans un groupe formé seulement par des femmes.

Les comparaisons internationales montrent aussi la variable d'un pays à un autre, de spécialisations féminines et masculines, et l'évolution quelquefois spectaculaire, affirmant le caractère "naturel" (DURU-BELLAT, 1990). Ces comparaisons illustrent le besoin d'aborder ces inégalités entre les sexes quand il s'agit de la formation dans

une perspective systématique, tenant compte l'ensemble de l'organisation sociale, le fonctionnement du marché de travail jusque les rapports entre les sexes et les générations dans le centre familial.

Dans ce sens, Pardo Romero (1992), en se rapportant aux facteurs de socialisation, il observe que les filles, ayant réussi en mathématiques, par exemple, apprennent que le succès n'est pas superposé dans les rapports au sexe opposé. Celles qui ne réussissent pas les résultats demandés doivent considérer une activité intellectuelle qui est propre aux hommes. Cette conception peut intégrer l'idée de Di Lorenzo (1997), qui affirme que dans l'imaginaire féminin, *on ne doit jamais montrer ses dons intellectuels, mais les conserver dans la brume, dans le mystère, quelque chose d'imprécis, dans un climat qui suscite l'admiration sans provoquer une rivalité.*

Le travail cité dans l'introduction de notre recherche, l'analyse réalisée pendant le master en de différents groupes de la société caxiense (PRETTO, 2003), concernant des sujets d'âge adulte, en formation, a permis de constater les groupes qui sont socialement marqués par le masculin et par le féminin.

Les données collectées pour notre recherche de marché, faite dans cette période de master, par rapport aux professions de militaires et d'infirmier, nous ont attiré l'attention. Commenant par les militaires, les premiers contacts ont été par téléphone et nous avons été reçus et orientés par des hommes. Les décisions pour pouvoir avoir accès à cet endroit ont été prises par les supérieurs, qui ont délégué des gens pour recevoir le matériel, les questionnaires à être remplis. Le contact avec les groupes interviewés n'a pas été permis. Nous avons été toujours "surveillés" par des hommes. Avec le groupe féminin, des infirmières, le procédé a été pratiquement le même afin de pouvoir arriver à l'endroit et développer notre travail. La présence féminine nous a accompagné et orienté, donnant la possibilité ainsi à l'accès aux groupes, pour les connaître. Administrer les questionnaires au centre des groupes, cela n'a pas été permis. Le résultat a été obtenu avec succès dans les deux groupes, cependant l'attitude féminine a procuré une plus grande approche au(x) groupe(s) interviewé (s).

Les deux groupes distincts en leurs catégories, mixtes en leurs affaires, sont formés par le masculin et le féminin. S'il n'est pas possible de travailler directement avec ces

groupes interviewés, il a été possible de visualiser la présence des deux sexes. Ce qu'on peut détenir globalement, même sachant que les différences circulent dans ces groupes, c'est que la formation militaire dans la conscience sociale est destinée à des hommes (lutte, combat, force, guerre) et que être infirmier est une formation pour les femmes (soins, attention, tendresse, affection).

Cette attitude décrite est bien réelle dans les rapports sociaux. Les héritages des marques sociales, même s'il y ait déjà de numéros expressifs qui confirment des activités et professions dans la cohabitation du genre humain, nous laissent toujours surpris quand il y a quelqu'un à côté de nous qui nous dit: tu as vu, le conducteur de l'autobus est une femme ! Regarde, la nourrice est un homme!

Ces caractéristiques finissent pour modeler l'être homme et l'être femme, celui qui part à la guerre et celle qui reste à la maison gardant les enfants. Muraro et Boff (2002, p. 49) donne comme exemple que:

les femmes sont beaucoup plus attachées à des gens qu'à des objets. Même si elle s'intéresse à des objets, facilement elles le transforment en des symboles, et les actes en des rites. Cela, car les femmes sont plus centrées sur la toile de rapports personnels, rendues aux soins de la vie, sensibles à l'univers symbolique et spirituel, capables d'une empathie et communion. L'homme, de son côté, est plus attaché à des objets qu'à des personnes et, dans le processus de production, il a la tendance de traiter les gens comme des objets, comme "matériel humain". Plus encore: les hommes sont penchés à prendre des risques, à conquérir du *status* et pouvoir avec ses initiatives s'affirmer individuellement, si possible, à la tête de l'hierarchie.

Françoise Héritier (1996, p. 22), dans une approche anthropologique, essaie de faire comprendre que: "les catégories de genre, les représentations de la personne *sexuée*, la distribution des tâches telle que nous la connaissons dans les sociétés occidentales, ne sont pas des phénomènes à mettre en valeur comme des causes universelles générales par une nature biologique commune, mais de constructions culturelles".

La famille, l'école et la société, comme nous pouvons sentir concrètement, ont leur rôle, influençant et contribuant à la construction de l'identité sexuelle et dans la quête de connaissances. Les valeurs et les notions existentielles, les affaires politiques, sociales,

économiques, le sentiment de sécurité sont des aspects qui concernent la vie du genre humain, marquée par la formation qu'il reçoit, intégrée à la diversité socioculturelle.

Quand on parle de la vie sociale, composée par la famille, par l'école et par la société, Beauvoir (1967, p. 295) dit:

la famille n'est pas une communauté fermée en soi-même: au-delà de sa séparation, elle établit des communications avec d'autres cellules sociales; le foyer n'est seulement "un intérieur" où le couple se confîne; c'est aussi l'expression de modèle de vie, de sa fortune, de son goût: il doit être exhibé aux yeux d'autrui. C'est la femme, surtout, qui commande cette vie mondaine. L'homme se trouve attaché à la collectivité, alors que producteur et citoyen, par des liens d'une solidarité organique basée sur la division de travail: le couple est une personne sociale, définie par la famille, la classe, le milieu, la race à laquelle il appartient, pris par des liens d'une solidarité mécanique aux groupes que se situent de manière analogue, la femme, c'est la plus susceptible de l'interpréter avec plus de pureté [...].

4.2. LA QUESTION DE GENRE DANS LE CADRE SCOLAIRE ET LES MATHÉMATIQUES COMME DISCIPLINE MARQUÉE SOCIALEMENT COMME MASCULINE

Dans le cadre scolaire, la croyance dans les mathématiques comme domaine réservé au genre masculin continue à se manifester. Cependant, il nous paraît illusoire de penser que c'est les mathématiques qui produisent des attitudes négatives. Ces représentations se forment sur des contextes qui dépassent le tableau scolaire (ACIOLY-RÉGNIER, 2000).

Lloyd (1994) observe que l'influence de l'expectative liée au rapport de chaque sexe est particulièrement évidente, car, après la puberté, les filles ont la tendance d'abandonner les disciplines considérées comme masculines, y comprises les mathématiques et les sciences. Ainsi, les professeurs attendent-ils en particulier aux disciplines scientifiques, une meilleure performance des garçons que des filles. Ils attribuent l'échec et le succès scolaires à de différentes causes selon le sexe, en particulier, l'étude des mathématiques. D'une certaine manière, cela s'actualise: le manque d'attention et de motivation sont

fréquemment attribués aux garçons et très rarement aux filles, selon quelques professeurs.

Dans cette perspective, un des points que ces travaux soulignent, c'est l'importance de la dimension affective concernant les attitudes inconscientes des professeurs et la dimension d'identification, ou bien, le modèle de professeur auquel l'étudiant s'identifie comme futur homme ou future femme. Nous soulignons ici, l'importance du professeur comme modèle pour l'élève, telles que sa position et attitudes qui sont, dans la plupart du temps, implicites, dans la construction des représentations et des attitudes qui concernent les différentes disciplines scolaires, ici, en particulier, les mathématiques pour cet élève.

Duru-Bellat (1999) observe que, antérieurement aux préférences scolaires et aux attitudes face à l'enseignement, aux disciplines et aux professions, il y a des représentations de disciplines auxquelles se mélangent des jugements en vue des intérêts, les difficultés et les caractères masculin et féminin. Il ajoute que les attitudes des élèves prouvent des situations précises de l'enseignement scolaire, et des études. Les plus approfondies ont été développées par des psychologues, autour d'un certain nombre de concepts-clé tels que le sentiment de leur propre compétence, attribution, les attentes concernant les tâches etc.

D'après Duru-Bellat, plusieurs recherches montrent que les préférences scolaires entre les jeunes, sont marquées sexuellement: si les filles se déclarent moins attirées par des disciplines telles que les mathématiques, les garçons s'éloignent de la linguistique, du moins au niveau secondaire. En mathématiques, où le développement est très sensible au degré d'anxiété, nous pouvons observer la grande distance dans la sécurité entre garçons et filles quand il s'agit de cette discipline. Ne pas seulement les garçons sont en plus petit nombre que les filles, quand ils disent que la mathématique est difficile, mais aussi ils se disent bien meilleurs préparés à "s'y prendre", manifestant un niveau de confiance plus élevé que les filles au point de vue de leurs possibilités "de faire des progrès".

Le travail de directeur pédagogique développé en des centres éducatifs et dans des écoles, il y a quelques ans, c'est un autre exemple présenté. En de nombreux cas, quand il s'agissait de difficultés de discipline, la mathématique, entre autres disciplines, telles que le portugais, la chimie et la physique, était le plus grand problème.

Les études de quelques auteurs qui présentent ou écrivent la position du professeur en salle de classe, se positionnant en faveur du garçon, comme meilleur en “math” et la fille dans la linguistique, par exemple, se confirment dans notre contact dans ces années de travail au côté du secteur d’orientation pédagogique. Cependant, cette prise de position de la part de quelques professeurs, en général, est très superficielle.

Le temps dédié à ce type d’accompagnement nous a montré que, entre les garçons, quelques cas rendaient légitime le bas niveau en quelques disciplines, car ils n’avaient très envie d’étudier. Mais les cas de renfort aux disciplines se montraient bien visibles, en particulier quand le langage étaient les nombres.

À propos des filles, nous pouvons citer le cas d’une étudiante que, au deuxième bimestre de 2005, à l’école particulière où nous sommes engagés, elle a commencé à avoir de sérieux problèmes et nous a été dirigée avec de l’urgence, car elle courrait le risque de perdre son année scolaire à cause des mathématiques. Un travail d’accompagnement a été fait, avec des résultats surprenants et surtout à ceux qui pensaient que c’était la mathématique la cause de la diminution dans la qualité et attention de cette étudiante en salle de classe. Le rapport émotionnel qui entourait la mère, la fille et une cousine était “une toile” qui venait à résulter dans les basses notes en mathématique. La manière que cette étudiante avait de protester contre sa mère pour le manque d’attention et tendresse, c’était de ne pas se dédier aux études.

Par rapport à l’exemple qu’on vient de citer, il est possible de constater que les professeurs engagés dans ce cas, étaient à une considérable distance pour se rendre compte des vrais causes qui ont fait que le rendement de cette élève était insuffisant.

Silva (2002, p. 132) écrit:

peu de gens s’arrêtent pour essayer de saisir le monde de ces élèves dans leur complexité et diversité. Ainsi, sont-ils regardés dans ce qu’ils ont, mais pas dans ce que leur manque, à partir des yeux, plusieurs fois, très préjugés de l’école. Ne connaissant pas qui sont-ils, on leur demande discipline, et obéissance, attention, de bonnes manières. On ne prend pas en

compte leur créativité, leur indépendance et leur capacité de résoudre des situations problématiques.

Dans le domaine des disciplines, la mathématique continue à être une voie d'accès aux études et aux carrières scientifiques. Les travaux sur les rapports entre genre et les mathématiques laissent en évidence que les hommes et femmes ont les mêmes habiletés et compétences dans ce domaine. De nombreuses études montrent le rapport entre la variable de genre, les développements scolaires et l'insertion professionnelle future. Une grande partie de ces recherches, par exemple, comprend les femmes et les mathématiques (LAFORTUNE, 1986) (LAFORTUNE; KAYLER, 1992). Cependant les femmes semblent être l'objet d'une discrimination systématique dans le domaine scientifique, basée sur des préjugés, stéréotypes, mythes et croyances (LAFORTUNE; KAYLER, 1992).

Parlant d'objets mathématiques, plusieurs auteurs expriment leurs opinions, disant que les objets culturels construits, négociés, sont des produits utilisés à chaque état du développement de la civilisation, et renouvelés dans la mesure où les autres objets culturels interviennent et qui sont nécessairement mathématiques.

L'histoire de la mathématique, malgré l'importance des inventions, est complètement anonyme. Ifrah (1985) observe que *nous, souvent, nous connaissons les noms de qui l'a transmise, exploité, fait des commentaires sur les chiffres et systèmes de numération. Mais les noms des inventeurs, eux-mêmes, sont souvent perdus, sans doute, pour toujours.* Il ajoute que peut être parce que les inventions sont très anciennes. *Peut être encore parce que ces inventions géniales ont été des réalisations d'hommes modestes, humbles, de basse origine et qui n'avaient pas le droit de la chronique. Peut être enfin, parce qu'elles sont le produit de pratiques collectives et qu'elles, pour n'être pas de fraction précise, ne seraient pas attribuées à personne. Faites par et pour des collectivités, elles n'ont pas donné des certificats ou des diplômes.*

Par rapport à notre travail, nous pouvons rappeler, sans entrer en détails que, au XIXème siècle, l'Académie des Sciences de la France n'acceptait pas d'aucune manière, les travaux de recherche développés dans le domaine des mathématiques

présentés par des femmes. Celles qui ont eu l'approbation de leurs travaux l'ont fait au moyen de pseudonymes masculins, comme Sophie Germain (1776-1831). Femme qui apporte sa contribution aux théories des nombres qui a été reconnue par les mathématiciens de l'époque, à travers le pseudonyme Le Blanc, étant celui-ci un des plusieurs cas que nous trouvons dans l'histoire.

Nous avons alors une explicitation de la représentation sociale du XIXème siècle, qui met sans grandes ambiguïtés, les mathématiques comme "affaire" exclusif des hommes, territoire marqué par leurs rapports au genre masculin.

DEUXIÈME PARTIE – ASPECTS MÉTHODOLOGIQUES DE LA RECHERCHE

Les constructions des données objectivées dans une recherche pour atteindre leurs objectifs sont soumises à des informations quantitatives et qualitatives et des procédés utilisés par le chercheur. Ce mouvement arrive en même temps qu'à des présupposés théoriques référencés lesquels interagissent dans le contexte recherché. Cette deuxième partie dédiée à l'étude méthodologique est présentée en deux (2) chapitres, ayant pour but de montrer les méthodes utilisées dans la découverte des informations analysées à partir du traitement statistique.

1. CHAPITRE 1 – RÉFLEXIONS MÉTHODOLOGIQUES

Le premier chapitre nous apporte une réflexion sur des méthodes différenciées pour ce type de recherche en Sciences de l'Éducation. D'après Acioly (1994) quelques recherches selon leur nature ou selon la problématique abordée, présentent des risques méthodologiques non-négligeables soit dans ce que se rapporte à la validité interne (précision de l'expérience) soit dans ce que se rapporte à la validité externe ou écologique (appartenant à celle hors le laboratoire).

Nous observons, par exemple, l'emploi d'un arrangement d'interviews individuelles classiques de procédés du type clinique associés à des expérimentations classiques soit par des méthodes d'observation appartenant soit par des observations ethnographiques. Cette combinaison de méthodes est placée dans des études qui se rapportent à des populations spécifiques, quand les conditions sont telles que les paradigmes expérimentaux habituels pourraient apparaître comme stériles. Nous essaierons d'une certaine façon, de faire comme recommandent Greenfield & Lave (1982), de croiser la rigueur des méthodes quantitatives avec la richesse des méthodes qualitatives.

Dans ce cas-là, Abdi (1987) écrit que les essais de comprendre le comportement ne sont pas réduits à une expérimentation et que quelques problèmes ne peuvent pas trouver des réponses expérimentales par des raisons éthiques, pratiques, théoriques et autres. Il ajoute que les variables indépendantes et dépendantes, aussi bien que les méthodes de

laboratoire, parfois semblent artificielles si comparées à la richesse et à la complexité des faits que nous observons. D'après cet auteur, l'étude des faits dans une situation naturelle ne peut pas empêcher que toutes les variables impliquées soient considérées, pour observer les effets de chacune et les effets des interactions. Enfin, comme écrivent Acioly-Régner et Régner (2008, p. 383), on peut considérer:

d'un point de vue méthodologique, un aspect à souligner, c'est l'association très fréquente et quelquefois même dangereuse, d'une part, des méthodes qualitatives et des recherches sur l'éducation en sciences humaines et, d'autre part, des méthodes quantitatives associés à des problèmes du domaine des sciences dites exactes. Nous présumons que cette association discrédite aux yeux des communautés scientifiques l'utilisation de méthodes qualitatives lesquels, cependant, peuvent être mises en oeuvre avec rigueur. Elle éloigne aussi de nombreux chercheurs, de l'utilisation d'outils statistiques puissants qui permettent de faire apparaître des propriétés du corps de données, parfois grandes et utiles à la compréhension de quelques phénomènes en éducation.

1.1. INSPIRATION ETHNOGRAPHIQUE DANS LA CONSTRUCTION DE DONNÉES D'UN CHERCHEUR EM SCIENCES DE L'ÉDUCATION

Le champ empirique de notre recherche est situé dans une réalité périphérique, située au nord de la commune de Caxias do Sul - RS - Brasil, endroit connu par Vila do Belo Horizonte. Les sources: IBGE, Secrétariat du Développement Économique de la Mairie de Caxias do Sul apportent les informations suivantes:

Caxias do Sul a une superficie territoriale de 1.625,97 km. (1.492 zone rurale) et située á Encosta Superior do Nordeste. Son altitude varie de 650 à 850 mètres au-dessus du niveau de la mer (760, au siège). Population²⁷: 412.000 habitants/recensement de 2008. (92,5% urbaine et 7, 5% rurale). L'histoire de Caxias do Sul s'attache à l'histoire de la colonisation italienne au plateau rio-grandense; étant son origine, un noyau colonial fondé en 1875. La région était habitée par des indiens Caingangues, pour cela aussi connue par Campo dos Bugres. Aux italiens se sont ajouté les polonais, allemands, autrichiens et luso-brésiliens.

²⁷ A população do Estado é igual a 10.855.214 de habitantes e do País: 183,9 milhões de habitantes, segundo as mesmas fontes acima citadas.

Le procédé méthodologique employé dans la partie empirique de la recherche a demandé une continuelle et critique observation du chercheur dans le local recherché. Vu qu'il est un acteur social dans cette communauté, cela engage sa directe participation aux activités différenciées que la communauté même a encouragées. Pour cela, il a été utilisé une approche méthodologique d'inspiration ethnographique, ayant présent l'importance de se soutenir par une cohérence théorique-méthodologique du processus de recherche.

Le champ de recherche où se déclenche le mouvement d'analyse a en vue l'identification et la compréhension et, dans certains cas, la légitimation de la construction de ces connaissances alternatives insérées dans une situation et réalité d'exclusion sociale.

Geertz (1973/1989) et Laplantine (2000), entre autres auteurs pensent que la méthode ethnographique a, comme principe de base, celui d'éviter que des préjugés théoriques modifient l'importance des données collectées en de différents champs empyriques. Pour cela, a été considéré comme un des plus adéquats pour le type de recherche initial supposé dans cette recherche, une fois que la réalité étudiée est spécifique des autres couches socioculturelles et socioéducatives, où:

a especificidade da antropologia não está ligada à natureza das sociedades estudadas (sociedades tradicionais que poderíamos opor as sociedades modernas) nem a objetos particulares (a religião, a economia, a política, a cidade) nem a teorias utilizadas (marxismo, estruturalismo, funcionalismo, interacionismo), mas a um projeto: *o estudo do homem todo, inteiro, completo*, em todas as sociedades, em todas as latitudes, em todos os seus estados, em todas as suas épocas. Então, este projeto – o estudo o mais científico possível da pluralidade das culturas – é inseparável de um método: não mais uma reflexão abstrata e especulativa referente ao homem em geral, mas a observação direta de comportamentos sociais particulares a partir de uma relação humana, a familiaridade com os grupos que o procuram conhecer partilhando sua existência. Essa atitude de impregnação e de aprendizagem de uma cultura que não é mais a minha ou de um segmento de minha própria cultura supõe uma atividade atenta que mobilize a sensibilidade do etnólogo, mais particularmente a vista, *o olhar*. Atividade de observação, a etnografia, é primeiro uma *atividade visual*, ou como dizia

Marcel Duchamp, da pintura, *une activité rétinienne*. Mas a descrição etnográfica (que significa a escrita das culturas), sem a qual não há antropologia no sentido contemporâneo do termo, não consiste somente a ver, mas a fazer ver, escrever o que se vê (LAPLANTINE, 2000, pp. 7-8).

À travers l'ethnographie, on a pensé d'enregistrer le contexte dans lequel il s'est inséré, étant celle-là la réalité sociale qui a fait surgir le problème recherché. Ainsi, analysant et éprouvant cette réalité, comme agent externe et interne, comme chercheur, on remarque, d'après Knijnik (2004), les manières de produire des connaissances, comprendre le monde et donner une signification aux expériences de la vie quotidienne.

Faire une étude ethnographique a signifié de chercher comprendre l'importance de ces connaissances alternatives de cette population dont on a parlé à partir d'un échantillon représentatif, dans ce qui pour elle, est le plus important. La recherche empyrique a été conduite en de différentes étapes, sans oublier les risques que ce choix fait, implique dans une recherche de champ, et qui seront décrites comme suit.

1.2. LE QUESTIONNAIRE COMME INSTRUMENT DE CONSTRUCTION DE DONNÉES

L'instrument médiateur, à côté de consultations et d'analyses sur des modèles existants, pour mieux intervenir dans notre contexte empirique et pour continuer dans la levée de données, maintenant mettant au point des éléments plus spécifiques pour notre recherche, a été le *questionnaire*²⁸. Cet instrument initial a été appliqué dans la deuxième année de nos études et recherches.

²⁸ « Technique d'investigation utilisée en psychosociologie mais aussi dans d'autres domaines de la psychologie. Les questions composant le questionnaire peuvent être de deux types : soit des questions ouvertes ou à réponse libre (une question est posée et le sujet interrogé y répond comme il l'entend en écrivant sa réponse), soit des questions fermées, dites encore à choix multiple. Dans ce dernier cas, une question est posée et, à la suite, sont proposées un certain nombre de façons possibles de répondre à la question (lesquelles sont choisies à partir d'une recherche préalable, lorsque les possibilités de réponse ne sont pas évidentes). Le sujet coche la réponse qui correspond le mieux à ce

L'emploi du questionnaire²⁹ a eu lieu le premier semestre de 2007. Il nous a concrètement permis l'accès à un échantillon plus large de données et d'identifier les sujets porteurs de connaissances différenciées importantes de ce territoire, ayant aussi comme but, celui d'identifier et de comprendre les situations problèmes d'hommes et femmes soumis à des conditions d'exclusion sociale.

Nous sommes conscients du besoin de suivre dans cette étude, en nous inscrivant dans une tendance actuelle de recherches qui composent plusieurs approches méthodologiques dans l'application de différents instruments. Sur ce sujet-là, Singly (1997, p. 27) écrit:

o questionário nunca é (ao menos não deveria ser) um trabalho estritamente empírico. Como toda realidade, esse instrumento é inesgotável. Entre sua riqueza e sua complexidade, é necessário escolher entre o que se conserva e o que se exclui. A cada momento, a seleção dos elementos pertinentes e a eleição dos elementos julgados secundários não podem se operar que em função de critérios de apreciação teórica.

Ainsi, on est parti vers une première caractérisation de notre thématique á travers cent trois (103) sujets interviewés, qui seront présentés dans les chapitres qui suivent.

qu'il pense. Les questionnaires les plus répandus sont les questionnaires d'enquête et les questionnaires pédagogiques visant à tester le niveau d'acquisition dans un domaine de connaissances donné. De nombreux tests psychologiques se présentent sous la forme de questionnaires. Dans beaucoup d'enquêtes psychosociologiques, les questions sont posées au cours d'un entretien, l'enquêteur notant intégralement la réponse ou cochant dans une liste de réponses possibles celle dont la réponse du sujet se rapproche le plus.(...) » Fonte: Encyclopaedia Universalis, 1998.

²⁹ O modelo do questionário construído e aplicado em 2007 pode ser consultado no Anexo 2.

Les interviews ont intégré des questions ³⁰ sur la vie des sujets dans la Vila do Belo Horizonte, la réalité locale, concernant leurs problèmes et sorties pour les résoudre, permettant d'identifier certains indices de variables mises en cause dans la vie quotidienne locale. Nous avons eu la possibilité d'obtenir d'autres informations travaillant autour d'un ensemble de catégories.

1.3. LA VIDÉOGRAPHIE COMME SUPPORT POUR DE DIFFÉRENTES INTERVIEWS

La vidéographie utilisée comme instrument qui enregistre les activités développées par de différents sujets dans leurs particularités, intégrée à l'interview individuelle et collective associée à la description ethnographique du contexte, révèle des éléments fondamentaux dans un travail de recherche. Avec ce support, nous pouvons observer et mieux analyser quels sont les problèmes abordés dans les activités développées, les propos de solution et d'autres difficultés que les sujets possèdent, comme pour verbaliser leurs connaissances.

De Rocha Falcão, dans le texte *ce que savent ceux qui ne savent pas ?*, écrit sur la proposition d' *unités d'analyse* et suit, avec d'autres auteurs, disant que: "l'unité d'analyse est considérée dans l'acception que lui est donnée par Jaan Valsiner (2000a, 2000b, 2001), à partir de la proposition d' Ivana Marková: la plus petite coupure possible d'un phénomène déterminé, qui conserve les caractéristiques fondamentales du même, étant restreint pour opérer une recherche scientifique" (apud MEIRA; SPINILLO, 2006, p. 17).

Les interviews ont commence de manière individuelle, finissant par une interview de groupe.

1.3.1. Interview individuelle

Roetlisberger et Dichson sont considérés les pères fondateurs de l'interview dans la recherche, d'après l'œuvre de Blanchet e Gotman (2001), qui disent: "L'interview, comme technique de recherche, est née du besoin de formuler un rapport suffisamment

³⁰ O conjunto de categorias trabalhadas. Dado pessoal: (nome, endereço, lugar de nascimento, tempo que reside na cidade de Caxias do Sul e na Vila do Belo Horizonte, ano de chegada, sexo, estado civil, número de filhos, renda familiar, escolaridade etc).

égal entre le chercheur et le cherché pour que le cherché ne se sente pas face à un interrogatoire, obligé à donner des informations (BLANCHET; GOTMAN, 2001, p. 9).

L'interview individuelle permet d'avoir un échange plus profond que dans une interview de groupe avec un sujet sur un thème choisi. Ce qui est important, c'est de pouvoir mettre en confiance et de faire comprendre qu'il ne s'agit pas de curiosité mal comprise, ni d'un interrogatoire, mais d'un échange d'informations, une aide pour nous faire réfléchir sur un thème déterminé. Il est important de ne pas avoir des sentiments de supériorité pour que les informations collectées ne soient pas falsifiées.

Blanchet et Gotman (2001, p. 19) écrivent que: "la principale caractéristique d'une interview, c'est que se constitue en effet le mot". L'échange de mots dans une interview individuelle est très important, et, c'est sur ces mots, sur cette parole, sur des mots que le chercheur va s'appuyer pour développer sa recherche. Ici, il s'agit de recueillir les informations sur un thème par l'intermédiaire d'un sujet, son histoire et sa construction personnelle. Alors, on ne peut pas faire des généralisations sur un thème, mais arriver à la compréhension de comment, pour ce sujet, ce thème choisi le met en cause et quelles sont les représentations.

Plusieurs interviews sur de différents thèmes peuvent être mises côté à côté et comparées pour définir de grandes lignes de pensée, mais en aucun moment nous pouvons faire des généralisations, car, chaque sujet a sa propre histoire, sa façon de penser, de voir et de représenter les choses.

L'interview individuelle permet d'analyser l'expérience de sujets et leurs activités en leurs particularités. La question, ce n'est pas d'évoquer de grandes théories, mais de prendre en compte l'expérience des sujets.

Blanchet et Gotman (2001, p. 27), en leurs études, suivent:

o questionário nunca é (ao menos não deveria ser) um trabalho estritamente empírico. Como toda realidade, esse instrumento é inesgotável. Entre sua riqueza e sua complexidade, é necessário escolher entre o que se conserva e o que se exclui. A cada momento, a seleção dos elementos

pertinentes e a eleição dos elementos julgados secundários não podem se operar que em função de critérios de apreciação teórica.

Au moment de construire des théories ou des lignes de pensées sur les diverses questions concernant la vie sociale, il est important d'abord d'écouter les gens qui vivent cette vie dans les rapports sociaux et d'essayer de les comprendre. Cette compréhension demande de la fidélité de qui écoute, dans la transcription des données reçues, car les interprétations peuvent commencer.

Ici se trouve tout l'intérêt de l'interview individuelle, de comprendre la logique de fonctionnement des différents sujets, tels que la logique des pratiques et des représentations :

essas pesquisas (sobre representações e prática), que focam o conhecimento de um sistema prático (as práticas elas mesmas e o que as amaram: ideologias, símbolos, etc) necessitam da produção do discurso modelo (tradução do estado psicológico do locutor) e referencial (descrever o estado das coisas), obtidas a partir de entrevistas centradas de uma parte sobre as concepções dos atores, e de outra parte sobre as descrições das práticas (BLANCHET; GOTMAN, 2001, p. 33).

Parmi les différents éléments qui sont prioritaires et principaux, il faut tenir en compte dans une interview individuelle la qualité de rapport et de rencontre avec l'autre, où des informations sont prises, et :

em efeito é a interação entrevistador/entrevistado que vai decidir o desenvolvimento da entrevista. É nesse senso que a entrevista é encontro. Conversar com alguém é mais que questionar, é uma experiência, um evento singular, que se pode dominar, codificar, estandardizar, profissionalizar, gerar, moderar como se deseja, comportando sempre certo número de desconhecidos (correndo riscos) inerentes a fato que se trata de um processo de interlocutor, e não simplesmente de um levantamento de informações (BLANCHET; GOTMAN, 2001, p. 21).

L'interview individuelle n'est pas seulement un questionnement, mais un pas donnée vers l'autre et vers la différence, cette interaction dans l'échange de représentations. C'est une technique différente de l'interview en groupe, même si l'on interroge un sujet sur un thème spécifique. Dans l'interview individuelle, ce n'est plus le cas de questionner, d'observer, de comprendre les différentes interactions entre les sujets, ni de voir ce que le groupe produit. Mais, il s'agit d'être dans un rapport à deux, qui conduit à un sentiment d'intimité. C'est celle-là, du moins, la différence que nous avons eue.

Au début, chaque sujet a été interviewé dans son atelier³¹, où nous avons observé les espaces physiques de travail, connu les conditions limites, quant au lieu de travail, les "outils" utilisés par eux et par elles.

1.3.2. L'interview en groupe

L'œuvre de Duchesne et Haegel (2008) présente le père fondateur, ou considéré comme tel, *des focus groupes* Robert K. Merton, sociologue américain.

Dans un premier moment, l'interview en groupe permet d'étudier le fonctionnement d'un groupe ou collecter des données produits dans un cadre de groupe (DUCHESNE; HAEGEL, 2008). Aujourd'hui, les interviews en groupe sont utilisées en de grandes recherches qui ont de considérables échantillons, pour faire des sondages et pour obtenir des résultats statistiques.

Une technique complexe qui cherche appui sur une notion de groupe, l'interview en groupe apporte une série d'interactions entre les sujets présents. En sa complexité, elle apporte aussi une grande richesse, car elle permet de recueillir des éléments partagés au centre d'un groupe, éléments similaires ou contraires. C'est une situation qui permet aborder de différents sujets dans une discussion.

D'après Morgan (1997, p. 6): "nous considérons que l'interview en groupe ne se trouve pas dans le gain de temps qui permettrait le fait d'interviewer en même temps plusieurs personnes, mais dans le fait qui permet de saisir ce qui est dit pendant ou dans la discussion : le corps qu'elle permet constituer, est le produit d'interactions sociales" (apud DUCHESNE; HAEGEL, 2008).

L'interview en groupe permet de travailler sur de différentes interactions qui ont lieu au centre du groupe. Le sujet naît au centre d'un groupe, ce même sujet registre son

³¹ A casa onde moram é o local onde estão localizados seus ateliers.

premier groupe d'appartenance avec ses différentes manières de fonctionner, comme nous dit Kaës, (1976, p. 190) "Le groupe est la figuration privilégiée d'investissements et d'objets organisés à travers l'image du corps, les fantômes d'origine, les systèmes de rapport de l'objet, les structures d'identification".

Le fait de faire émerger des situations différenciées donne des possibilités aux sujets de mieux se connaître. Par rapport au cas de notre recherche, avec les sujets entrain de se connaître. Ou en train de mieux se connaître, s'est créé un sentiment d'intimité que leur a conduit à une meilleure interaction. Cela a rendu possible une plus grande approche, les engageant à une discussion plus "naturelle".

Une des difficultés de l'interview de groupe, c'est la question de la domination ou de la hiérarchisation. Car, au centre de chaque groupe, des lieux se forment, conduisant ces situations à des rapports de domination. Celui qui encourage le groupe doit être attentif, et c'est pour cette raison que les élèves *du focus groupe* conseillent la structure circulaire afin que tous les sujets soient dans le même niveau, rappellent Duchesne et Haegel (2008, p. 55). Cependant, cela n'est pas suffisant pour éviter les phénomènes de domination.

L'interview de groupe conduit à l'observation de différentes significations, accordée par un groupe à de différents éléments de divers sujets abordés. Il est nécessaire de comprendre la dimension sociale de groupe des systèmes de significations DUCHESNE; HAEGEL, 2008, p. 40).

Ainsi, nous avons travaillé dans la phase finale de collecte de données par une interview de groupe vidéographique, inspirée dans l'interview d'autoconfrontation (CLOT, 2000; NUMA-BOCAGE, 2005, 2006), dans laquelle les sujets ensemble ont assisté à des interviews individuelles, faisant des commentaires et étant questionnés tout de suite sur la construction des propres connaissances.

L'interview de groupe inspirée dans l'autoconfrontation, est guidée par le chercheur et les deux ensembles, le chercheur et le sujet recherché, reprennent l'interview individuelle faite dans leur lieu de travail, notre cas, étant le sujet déjà interviewé, confronté dans ses situations, à partir de ses activités (CLOT, 2000). Nous travaillons

ainsi, dans ce dispositif, avec les cinq (5) sujets prototypiques qui pourraient, sous notre point de vue, représenter la question de la construction de la connaissance en des situations d'exclusion sociale, dans le cadre des activités marquées socialement comme masculines, féminines ou neutres dans cette communauté. L'interview de groupe s'est passée hors leurs ambiances de production.

2. CHAPITRE 2 – LES SUJETS DE LA RECHERCHE ET L'EXPLOITATION STATISTIQUE

Les données ont été construites au moyen d'entretiens vidéographiés auprès de 103 sujets. Le but de ce deuxième chapitre, c'est de présenter qui sont ces sujets et les problèmes travaillés. Les informations données au chercheur, par la communauté elle-même, ont aidé dans la sélection des premiers sujets qui développaient des connaissances déterminées. La sélection finale aux critères établis, a eu pour but les sujets qui présentaient des caractéristiques remarquables pour faire face à notre problématique.

2.1. PROCÉDÉ DE LA CONSTITUTION DE L'ÉCHANTILLON

La constitution de l'échantillon du début de la recherche des cent trois (103) sujets, hommes et femmes qui résident dans la Vila do Belo Horizonte, à Caxias do Sul, a été faite de la manière suivante. D'abord, nous avons consulté la base de données fournies, après une demande officielle, par le département d'urbanisation de la Prefeitura Municipal (Mairie de la Commune) pour identifier toutes les rues inscrites. Les plans³² fournis, concernant cette zone géographique, tracent, en plus de noms, d'autres informations qui seront présentées dans les chapitres suivants.

Ce procédé est nécessaire pour la difficulté d'identifier, dans le propre contexte, quelques rues pas beaucoup connues. Des rues inscrites, on a fait un tirage au sort de 38, se constituant ainsi un procédé de choix aléatoire des rues. Pour le tirage au sort des rues, nous avons utilisé le programme Excel et dans celui-ci, la fonction ALÉATOIRE(), qui permet d'observer stoïquement un numéro dans l'intervalle 1[]. Ensuite, le choix des sujets visités se constitue comme une composition de ce choix préalable et

³² Les plans peuvent être consultés à l'Annexe 3.

des possibilités dans le champ de recherches. Dans le cadre de notre travail social, nous avons accès facilité en particulier pour la demande pour des visites sociopastorales qui se prolongeaient avec une interview de recherche. Dans cette situation l'application du questionnaire a été plus facile. Ça vaut la peine de souligner que le protocole d'application a été composé d'un dialogue avec les sujets sélectionnés de la recherche et dans le remplissage par le propre chercheur.

L'échantillonnage total a été constitué en fonction du sexe des sujets interviewés et commencée au premier semestre de 2007. Les sujets ont été considérés pour représenter de leur mieux, la communauté et ils sont présentés de la manière suivante, conforme

TABLEAU 3 : SUJETS INTERVIEWÉS DANS LA RECHERCHE

Sexe/Genre	Fréquentation	% Total
Homme	34	33
Femme	69	67
Total	103	100

2.2. LA PREMIÈRE SELECTION DES SUJETS DE LA RECHERCHE SUIVIE PAR LA VIDÉOGRAPHIE

L'objectif souhaité de la recherche a fait que la première sélection de l'échantillon total ait eu lieu. Cet échantillon est formé à partir des cent trois (103) sujets interviewés. Les dialogues entretenus dans notre visite, l'attention tournée vers chaque sujet interviewé, observant ce qu'ils faisaient, ont été des éléments qui nous ont aidé dans le choix des 8 (huit) sujets qui administraient des connaissances alternatives différenciées. Ces connaissances ont été sélectionnées près de sujets qui pratiquaient et bénéficiaient des fonctions spéciales favorisant la communauté, étant les principales activités de revenu (source économique) familial. Ils sont les sujets de notre première interview individuelle, enregistré en vidéo. Le tableau qui suit présente ces sujets sélectionnés à partir de leurs activités.

TABLEAU 4 : LES PREMIERS SUJETS SÉLECTIONNÉS DE LA RECHERCHE

SUJETS	ACTIVITÉS
1	Masseur
2	Tourneur Mécanique-P
3	Apprenti Mécanique-F
4	Étudiant
5	Agriculteur
6	Sorcière
7	Photographe
8	Couturière

Avec une fraction de la communauté observée, nous avons eu la possibilité de maintenir une approche très étroite avec les sujets sélectionnés. Le travail a suivi, entre les huit (8) sujets, avec la proposition de continuer les interviewés, les enregistrant en vidéo, dans leurs lieux de travail.

Cependant, pour des raisons méthodologiques et par la découverte d'une nouvelle activité prototypique de la communauté en 2008, nous l'avons insérée et enregistrée en vidéo, pour être considérée une activité neutre du point de vue du genre.

2.3. LE CHOIX DES SUJETS PROTOTYPIQUES DE LA RECHERCHE

L'analyse des interviews faites avec les sujets ci-dessus, nous a permis de réaliser encore une deuxième sélection de ce groupe, présentant les caractéristiques les plus remarquables de notre problématique. Cette sélection a déterminé les *sujets prototypiques* de notre recherche.

Le terme prototypique s'est basé dans les études de Rosch³³ (1973), dans lesquels, en sciences cognitives, la *Théorie du Prototypique* est un modèle de catégorisation graduelle, dans lequel certains membres de catégories sont considérés plus représentatifs qu'autres membres. Le terme *prototypique* a été proposé par Eleanor Rosch en 1973, en son étude intitulée *Natural Categories* (Catégories Naturelles). Premièrement, a été défini comme des stimulations, qui prennent une position

³³ ROSCH, Eleanor. Leurs recherches sont tournées vers le domaine de la science et de la psychologie cognitive, à une plus grande concentration dans la catégorisation, dans la linguistique, avec des récents travaux sur la psychologie orientale et sur la psychologie de la religion.

remarquable dans la formation d'une catégorie, parce que c'est la première stimulation associée à cette catégorie. Elle aussi l'a redéfini comme le membre le plus central d'une catégorie, fonctionnant comme point de repère cognitif.

Les critères pour cette sélection des cinq (5) sujets de la recherche de plus grande importance, se sont construits dans l'échange d'idées dans la réflexion et dans les études avec les groupes de recherche entre Lyon2 et Unisinos, qui sont venus s'ajouter aux critères de la première sélection, confirmées par les interviews dans le contact personnel et collectif. Les critères fixés sont les suivants:

- La sous-traitance de leurs travaux réalisés;
- Activités tournées vers le commerce et l'industrie ;
- Activités de prestations de services local, centre et région;
- Activités de commerce comprenant des compétences et des connaissances mathématiques.

Le dernier critère, ci-dessus présente, le choix de cette connaissance formelle implicite dans les activités professionnelles, se justifie d'être cette connaissance marquée socialement en fonction du genre. Il se constitue comme une stratégie méthodologique pour la recherche de questions de genre et construction de connaissances en des situations d'exclusion sociale.

La mathématique, étant une discipline scolaire et académique, est marquée socialement masculine, selon montrent les travaux de Acioly-Régnier, (2002), Mosconi, (1994, 2007), Morin, (1997), Pardo Romero, (1992). Ainsi, on a essayé de voir dans les activités observées les connaissances mathématiques qui se trouvent implicites dans les connaissances alternatives développées par les sujets de notre recherche.

Ces critères se sont imposés et se sont ajoutés aux critères de la sélection précédente, mais à une approche d'analyse plus spécifique. Ainsi, pour une meilleure analyse de ces activités, nous n'avons pas considéré certains sujets préalablement interviewés. Si l'activité de la jeune fille étudiante a représenté, dans la recherche, un des problèmes spécifiques de la communauté liés à l'éducation et au transport en commun, cela ne

constitue pas une activité professionnelle. Les activités de l'agriculteur, de la sorcière et du photographe ont été analysées comme des activités tournées vers la subsistance interne de la famille, communautaire et non de commerce. La masseuse a été transférée de cette communauté. Les connaissances spécifiques de ces sujets seront l'objet d'une autre présentation.

À partir d'une analyse plus ethnographique, nous passons à des interviews dénature plus spécifique par rapport à la construction de la connaissance en des situations d'exclusion sociale et questions de genre. Dans cette perspective, les cinq (5) sujets sélectionnés, représentaient trois activités différentes. Les trois premiers sujets ont été le tourneur mécanique et son fils apprenti et la couturière. Pour des raisons méthodologiques et par la découverte d'une nouvelle activité prototypique de la communauté, comme annoncé, nous avons inclus dans cette phase un couple de récupérateurs dans les poubelles, activité considérée neutre du point de vue du genre, étant celle-ci la troisième activité étudiée dans cette recherche. Ces connaissances existantes se présentent dans une ambiance qui rend favorable la construction de sens entre les liens communs existantes dans cette mobilité humaine, concrétisant un espace composé par de multiples éléments, tels que: une femme/couturière, un homme et son fils/ dans la tournerie mécanique, et une femme et un homme récupérateurs dans les poubelles.

Habituellement, ces sujets choisis sont insérés dans des communautés qui luttent pour et par l'autopréservation et autonomie, dans lesquelles nous pouvons constater des sorties créatives ou alternatives qui contribuent à la solidification de connaissances importantes, aux différentes formes et moyens de "gagner" la vie, signalant et représentant quelques classifications concernant les identités sociosexuelles.

Ainsi, les activités des récupérateurs dans les poubelles, du tourneur et de son fils apprenti, et celle de la couturière, se sont présentés comme des activités reconnues dans la sous-traitance de ces travaux réalisés, tournés vers le commerce et l'industrie, traversant les frontières du territoire périphérique, dans la prestation de services au centre de la ville et à la région.

Dans cette réalité, l'avancement de la connaissance se caractérise aussi comme une alternative, dans ces différentes façons, d'améliorer la vie de chacun et de la

communauté comme un tout. En plusieurs moments, cette connaissance remplit des lacunes, des besoins que, d'une manière, sont urgentes pour les personnes qui vivent en telle situation d'exclusion sociale.

Nous présentons au tableau qui suit, les cinq (5) sujets prototypiques de notre recherche à partir de leurs activités, marquées socialement comme masculines et féminines.

TABLEAU 5 : LES SUJETS PROTOTYPIQUES DE LA RECHERCHE

SUJETS	ACTIVITÉS
1	Récupératrice dans les poubelles
2	Récupérateur dans les poubelles
3	Tourneur Mécanique - Père
4	Apprenti Mécanique - Fils
5	Couturière

2.4. SYNTHÈSE DE L'ÉCHANTILLAGE

Le tableau ci-dessous présente l'échantillonnage des phases utilisées dans le choix des sujets prototypiques de la recherche.

TABLEAU 6 : PROCÉDÉ DE L'ÉCHANTILLONNAGE DES SUJETS DE LA RECHERCHE

Phase	Année	Échantillonnage/échantillons	Numéros
1	2006	Rues	38
2	2007	Sujets recherchés au moyen du questionnaire	103
3	2007	Sujets interviewés ET enregistrés par audio-vidéo	8
4	2008	Sujets prototypiques	5

2.5. LES PRINCIPAUX PROBLÈMES ISOLÉS PAR LE CHERCHEUR POUR LA CONSTRUCTION DU QUESTIONNAIRE

Pour la construction du questionnaire, nous avons pris comme base, la connaissance préalable de la communauté et de quelques problèmes que, éventuellement, les habitants de la communauté pourraient rencontrer. Le tableau ci-dessous présente les 14 problèmes. En réalité, nous avons comme objectif de faire une carte des problèmes les plus importants, cités par la population et l'ordre d'importance attribuée à ces problèmes.

TABLEAU 7 : PROBLÈMES ISOLÉS POUR L'ÉTUDE DE CHAMP

Problèmes	Catégories
Pb01	Santé
Pb02	Alimentation
Pb03	Économie familiale
Pb04	Situation de famille
Pb05	Travail
Pb06	Éducation
Pb07	Sécurité
Pb08	Loisir
Pb09	Religiosité
Pb10	Transport
Pb11	Recyclage
Pb12	Habitation
Pb13	Assainissement
Pb14	Rapports avec les voisins

Les outils d'analyse des données construites seront présentés.

2.6. LES OUTILS UTILISÉS DANS LE TRAITEMENT STATISTIQUE DES DONNÉES CONSTRUITES

Les données collectées ont été traitées au moyen de différentes méthodes statistiques adéquates qui ont permis d'exploiter la complémentarité des approches quantitatives et qualitatives, aussi bien que l'analyse statistique implicative, les analyses de contenu de discours et l'analyse des pratiques à partir des audiovisuographies, basées sur des outils statistiques et informatiques.

Le logiciel CHIC - *Classification Hiérarchique, Implicative et Cohésive* –, versão 4.1, a été le support d'informatique utilisé comme traitement statistique des données collectées dans notre recherche.

Le tableau de la théorie d'analyse d'implication est fondée sur une approche développée d'abord par Régis Gras (1979, 1996) et des collaborateurs à l'*Institut de Recherche Mathématique de Rennes* (IRMAR) en France (ALMOULOU, 1992). (GRAS; RÉGNIER; GUILLET, 2009). CHIC a comme fonctions importantes:

d'extraire d'un ensemble de données, réunissant des sujets et des variables (ou attributs) , des règles d'association entre les variables, fournir un indice de qualité d'association et de représenter une structure des variables obtenus au moyen de ces règles (CHIC, version 4.1).

L'utilisation du logiciel CHIC, centrée sur l'analyse d'implication statistique pour l'analyse qualitative, nous a donné des possibilités de traiter les variables les associant entre elles en même temps. À l'origine, cette analyse s'appliquait à des variables binaires, produisant des règles, ensuite à des classes de variables binaires, produisant des métarègles.

Cette méthode d'analyse de données constitue un instrument pour expliquer statistiquement les structures quasi-implicatives, permettant d'exprimer le fait que les individus qui possèdent un caractère *A* ont tendance à avoir aussi le caractère *B*, sans que, un sans cause, ne suive pas, nécessairement, cette "tendance d'implication".

Les trois (3) formes de traitement des données proposées par CHIC sont: l'*arbre de similarité*, le *graphe implicatif*, l'*arbre d'union*, que nous présentons dans la citation ci-dessous. Pour nos analyses nous n'avons utilisé que le premier et le second traitement.

L'arbre de similarité effectue l'analyse des proximités d'après I.C. Lerman, et produit une fenêtre de résultats numériques (indices) et une fenêtre présentant l'arbre hiérarchique de similarité. Le graphe implicatif effectue les calculs des indices d'implication dans le sens d'analyse implicative, classique ou entropique, selon l'option choisie, ensuite présente une fenêtre de résultats numériques (occurrences, écart-type, coefficients de corrélation) et au-dessus, une fenêtre présentant un graphe. Les résultats numériques apparaîtront aussi avec d'autres traitements. L'arbre cohésive effectue les calculs des indices de cohésion implicative dans le sens de l'analyse implicative, ensuite elle présente une fenêtre de résultats numériques et une fenêtre présentant un arbre ascendant selon l'indice descendant des cohésions (CHIC, version 4.1).

La construction de base générale des fréquences, à partir de Excel et dans l'application du logiciel CHIC, pour voir les rapports des implications et de similarité des catégories signalées par les sujets de notre recherche, a rendu possible les identifications suivantes, lesquelles nous pouvons voir dans les graphiques dans la troisième partie de cette thèse.

Le *Logiciel SPAD*³⁴: Système d'analyse de données: Analyse Prédictive - Statistique Décisionnelle - Contrôle & Gestion de la Qualité des Données, est un autre outil utilisé dans le traitement de données qui nous a rendu possible la construction de différents tableaux pour notre étude, lesquels seront aussi présentés dans les chapitres de la troisième partie de la thèse.

³⁴ Le SPAD est un forfait de logiciel qui contient un noyau base et d'autres options destinées à de différents modules.

SPAD.question: dédié à l'organisation de questionnaires, maintenance de données et élaboration de rapport concernant le traitement statistique de questionnaires. Pour une description plus détaillée sur le SPAD (incluant la description d'autres modules disponibles) consulter la page web : <http://www.fep.up.pt/disciplinas/ce707/software.htm>

TROISIÈME PARTIE – RÉSULTATS ET PERSPECTIVES

Dans cette troisième partie, nous allons nous concentrer sur les résultats et perspectives de la recherche faite, que sera présentée en quatre (4) chapitres. Le premier chapitre se rapporte à l'exploitation et à l'analyse du champ empirique recherché, le deuxième chapitre présente les premiers sujets sélectionnés, détenteurs de connaissances différenciées et les troisième et quatrième chapitres, à l'analyse de sujets prototypiques de la recherche.

1. CHAPITRE 1 – EXPLOITATION ET ANALYSE DU CONTEXTE ÉTUDIÉ PAR DES MÉTHODES QUANTITATIVES ET QUALITIVES

2006, c'est l'année qui caractérise notre premier contact de caractère ethnographique dans le contexte empirique de notre recherche, dans la condition de chercheur universitaire, en vue de la construction de la problématique devenue un phare dans notre chemin construit. Ce chapitre va ponctuer le champ empirique de notre recherche. Le territoire où hommes et femmes ont construit leurs vies en montrant le présent traversé par une belle et défiante histoire humaine.

Ces sujets de connaissances différenciées ne sont pas séparés de leurs origines, et affrontent plusieurs risques. Ils ont migré et immigré de quelque part du Sud du Pays ou même d'autres états, et aujourd'hui circulent en des rues périphériques, et habitent dans des maisons modestes, entourées par les limites de la sécurité, des loisirs, de la santé, de l'éducation, de la culture, de l'art et de la religion. Cet endroit où les personnes se déplacent dans un milieu de rapports sociaux et communautaires, récrivant la vie, s'appelle *Vila do Belo Horizonte*.

1.1. ORIGINE DE LA VILA DO BELO HORIZONTE

Le territoire choisi pour notre recherche a été la Vila do Belo Horizonte, située dans la ville de Caxias do Sul – RS. Historiquement, cette zone du *Belo* appartenait au grand quartier Santa Fé; de sa division ont surgi deux autres zones habitées, Vila Ipê et Canyon. Aujourd'hui, ces quatre zones ont, d'après les dernières statistiques de la Mairie, une population d'environ quarante-cinq Mille habitants. Ces zones sont situées au nord de la ville, présentées ci-dessous:

TABLEAU 8 : ZONES DU NORD

Quartier Santa Fé
Vila do Belo Horizonte
Vila Ipê
Centre Populaire Canyon

Le quartier de Santa Fé commence son histoire le 26 mai 1958, date de l'arrivée de ses premiers habitants et, selon certains rapports, des indiens y vivaient, parce que la ville a été appelée Campo dos Bugres. En 1962-1964, la première école commence dans une maison louée par la mairie. 1974 est la date officielle d'inscription à la Mairie, considérant le local Quartier Santa Fé, l'année où a commencé la première ligne de bus et des installations de téléphone et de poste de police. Seulement en 1979, on a eu l'achèvement des installations de l'électricité. Entre 1980 et 1981, le réseau hydraulique est installé (l'eau), et l'eau traitée est arrivé seulement en 1984.

Les données recueillies à la Mairie et à la bibliothèque de l'École de Premier Degré Complet, Presidente Tancredo de Almeida Neves, qui peuvent être lues en annexe, raconte l'histoire du quartier "mère" Santa Fé. Ces données présentent des faits et des événements importants et qui ont passé par des procédés semblables pour la communauté, des années plus tard, qui est devenu le site de notre recherche, le Belo.

Le Secrétariat Municipal du Logement nous a aussi fourni un document, qui peut être lu à l'annexe 4, parlant de l'origine du centre populaire Canyon dans les années 1990. Cette région peut ainsi être vue par des gens en provenance de la ville voisine de Flores da Cunha, par le logement contrastant, pour être en terrain escarpé, sous des lignes électriques et le long des bassins naturels. Situé entre la ville de Belo Horizonte et Vila Ipê, cet endroit est considéré comme une zone de risque. Nous sommes obligés de donner des informations complémentaires par le manque de sources plus précises, mais

nous voyons qu'il y a une importance primordiale pour décrire des zones qui composent la zone nord de la ville, où est le champ empirique de notre enquête.

Le tableau qui suit présente une liste de ces régions, des données fournies par la Mairie, dans laquelle nous pouvons identifier le processus historique de comment se sont formées ces zones de populations.

TABLEAU 9 : LISTE DE LOTISSEMENTS APPROUVÉS (ACTUALISATION JANVIER 2009
MAIRIE MUNICIPALE)

Registre	Dénomination	Local Plan	Processus	Année	Région Administrative
131	Santa Fé	D9/D10	Lei6928/08 8123/74	1974	3
183	Populaire N.02 B. Horizonte – P.B	C9/D9/ C10/D10	6652/84	1984	15
184	Vila Ipê I	D9	6652/84	1984	15
s. r.	Centre Populaire Canyon	s. r.	s. r.	s. r.	s. r.



FIGURE 1 : LE GRAND SANTA FÉ, EN HAUT, LA VILA DO BELO HORIZONTE

La Vila do Belo Horizonte, d'abord, a été dénommée Lotissement Populaire Numéro II, parce que, à cette époque. Il y avait le Lotissement Populaire Nombre I. Le Lotissement Populaire Nombre II a été fondé en 1984, réglé par les normes et lois du FUNDAP (Fonds de la Maison Populaire), qui prévoyait le minimum de conditions de base, incluant: eau, énergie électrique, égout. Le lotissement était de la responsabilité de la Municipalité de Caxias do Sul. À cette époque, l'administration a acheté le lotissement de M. Antonio Andregghetti, actuellement nom donné à une des principales voies qui traverse les quatre quartiers aussi appelés Vila.

Les informations³⁵ proviennent de documents qui peuvent être trouvés à la Mairie et qui ont comme date d'occupation de la zone le 20 mars, 1985. Le Secrétaire au Logement et Action Sociale - SHAS - à l'époque, Isidoro Zorzi, Recteur actuel de l'Université de Caxias do Sul - UCS porte à l'attention des caxienses ce qui est fait et souligne que, dans cet endroit, les maisons sont construites par les résidents qui utilisent le système de l'effort collectif sous la direction du SHAS.

Zorzi (1985) souligne, dans ce moment historique de la Vila do Belo Horizonte, qui peu à peu, les pauvres gens, qui ont été sélectionnés par la Mairie, dont la liste des personnes appelées par le SHAS, nous pouvons voir dans cette documentation, qu'ils fournissaient la documentation qui leur permettrait de réaliser la deuxième étape du Lotissement Populaire II. "Le Lotissement Populaire Nombre II a un réseau d'eau et d'électricité, ainsi que toutes les infrastructures du réseau routier. Une fois que les rues sont régularisées, la Mairie va commencer l'installation du système d'égout. Il est également prévu la construction de toilettes individuelles, grâce à un accord qui sera signé entre la Municipalité et le Secrétariat de la Santé et de l'Environnement de l'Etat ", a déclaré le Secrétaire du Logement.

Selon une approche historique faite par Dusolina Bonatto³⁶ en 1989, les lots ont été achetés par des intéressés à travers la Mairie. L'acheteur, à l'époque, avait deux périodes de paiement: quinze et vingt-cinq ans. Le résident recevait un carnet, au début de l'année de son achat, qui était de janvier à décembre. Et s'il décédait à ce temps, le propriétaire, étant marié, le conjoint recevait le document qui était acquitté. Seulement

³⁵ Dans les archives de la Bibliothèque de l'École Municipale Tancredo de Almeida Neves et de la Mairie, nous avons eu accès à des documents dans lesquelles est enregistré le texte, présentant aussi quelques photos de l'annonce de Isidoro Zorzi, à cette époque-là Secrétaire du Logement, se prononçant sur l'occupation du Lotissement Populaire Numéro II. Annexe 5.

³⁶ En 1989, dans la condition d'élève de l'Université de Caxias do Sul, Dusolina Bonatto développe un court travail de recherche, avec d'autres collègues qui ont été présents à la Vila do Belo Horizonte, huit fois dans une période de trente jours, pour le Programme d'Éducation Supplétive- Spécialisation Professorat de 1ère à 4ème série, intitulé: *Lecture de la Réalité du Quartier Belo Horizonte*.

après avoir reçu ce document, l'acheteur commençait à payer ses impôts. La Vila do Belo Horizonte était aussi, en partie de son territoire, une ancienne occupation³⁷. Actuellement, de nombreux n'ont pas de documentation juridique de leurs propriétés.

Aux deux sources précédentes, on a l'impression qu'il y avait des gens qui passaient par une sélection au Secrétariat au Logement - SHAS, pour obtenir leur lot. Mais dans cette documentation n'apparaît pas si les sélectionnés payaient à moyen ou à long terme leur futur espace, ou comme les personnes intéressées qui se présentaient par leur propre compte à la Mairie Municipale, et dans la conquête d'un terrain, comme acheteurs, ils fractionnaient leur investissement.

1.2. ZONE DE VIOLENCE ET DE RISQUES

Généralement les mises en place de nouveaux quartiers ou de villages, tels que la Vila do Belo Horizonte, ont été faites dans des terres sans valeur financière, dans des endroits loin du centre. Terrains vides ou à proximité des routes impraticables. Lieux naturellement classés en zones de risque et de violence et d'accès difficile, avec peu ou pas aucune forme ou moyen de communication ou de transport en commun régulier. *Loin de la population.* Des lieux qui étaient très souvent coupés de tout l'environnement socio-culturel, administratif, commercial et éducatif. Un espace sous-estimé et économique pour les coffres publics.

Le contexte de la Vila do Belo Horizonte est classé comme une zone de risque. Cela commence par son histoire, sa géographie et tout au long de la situation de l'homme, traversé par de nombreuses difficultés qui affectent les besoins fondamentaux de chaque citoyen de plus en plus touchés par la violence.

³⁷ Les occupations irrégulières, une ancienne histoire de Caxias do Sul, date des années 40, ou en 1970, conjointement avec le progrès économique, échappent complètement du contrôle administratif et se consolident en 1990. Des statistiques plus récentes (2004) signalent un nombre de 30.000 personnes qui habitent dans des endroits irréguliers. On croit aujourd'hui que ce nombre a augmenté. Annexe 6.

La préoccupation des résidants, pour réduire les risques, exprime l'indifférence des autorités locales et de l'Etat lui-même, grâce à l'insécurité des zones irrégulières qui souffrent de la non-présence des services de protection indispensables.

L'indice de développement humain - IDH - est reconnu comme un excellent marqueur de vulnérabilité: plus petit l>IDH, plus grande la vulnérabilité ou l'exposition au risque, comme écrit Yvette Veyret (2001). Car cette «faiblesse» vient de la privation de ressources et d'éléments, comme la question de l'alimentation, la santé, l'éducation et la sécurité, qui comprend essentiellement la surface habitable.

Les inégalités entre les populations soumises à des risques naturels ou causés par l'homme, considérés comme la mortalité infantine ou de risque géopolitique ", montrent qu'environ 13% de la population mondiale, soit un total de 800 millions de personnes, sont soumis à des risques sismiques, car ils sont généralement situés dans les régions sous-côtières (MORINIAUX, 2003, p. 256). Les risques tels que les tremblements de terre, existent dans tous les continents, mais proportionnellement, bien variables.

La compréhension du risque est nécessaire pour reconnaître la probabilité de violence. Elle aide à trouver les moyens de prévenir ou de la façon de traiter ses effets, selon Moriniaux, (2003, p. 256):

si l'homme est une victime des dangers quotidiens qui se matérialisent, il est alors responsable, pour des raisons comme le manque de respect de la nature dans ses règles d'hygiène, par des comportements agressifs, ou l'incapacité à préparer les conséquences des risques.

En étudiant la situation de la Vila do Belo Horizonte, nous nous sommes confrontés à des facteurs de risque qui peuvent partir des conséquences ou des actions des hommes, d'une population ou de processus naturels, où *"le risque découle d'une perception d'un danger ou d'une menace potentiels qui peuvent avoir des origines diverses et que l'homme désigne comme un aléa³⁸. Cet aléa est ressenti par les individus, ce qui peut provoquer, quand il se manifeste, des dommages aux personnes [...]"* (Veyret, 2003, p. 20).

³⁸ Le terme *aléa* peut être défini comme un événement possible de réaliser, d'ordre naturel, technologique, social ou économique.

1.3. POPULATION D'IMMIGRANTS

L'historique de Rio Grande do Sul registre les faits et les événements qui montrent les risques et la précarité de la survie confrontés par les premiers migrants et immigrants dans la formation sociale de l'État.

Caxias do Sul est également marquée par l'occupation d'immigrés italiens qui sont arrivés en 1875. Cependant, nous ne pouvons pas oublier que cette terre, comme nous avons déjà écrit, a été parcourue par les bouviers et habitée par des indiens. Cette région da Serra, connue aussi comme ça, en 1878 avait 3.849 habitants.

Nous apportons, dans les tableaux ci-dessous, les caractéristiques générales de la population de l'État et de la société caxiense, qui avait, d'après la Fondation de l'Économie et Statistique - FEE du Rio Grande do Sul et de l'Institut Brésilien de Géographie et Statistique - IBGE - en 2006, *année où l'on a commencé notre recherche*, avec:

TABLEAU 10 : RÉPARTITION DE LA POPULATION DU RS (2006)

Sexe	Fréquence	%Total
Homme	5.156.090	49
Femme	5.379.919	51
Total	10.536.009	100

TABLEAU 11 : RÉPARTITION DE LA POPULATION DE CAXIAS DO SUL (2006)

Sexe	Frequence	%Total
Hommes	192.914	49
Femme	200.107	51
Total	393.021	100

La Vila do Belo Horizonte, faisant partie de cette histoire, au milieu de l'isolement social et géographique, montre que la réalité sociale se construit aussi parmi les chemins réservés aux immigrants³⁹.

La ville de Caxias do Sul, connue pour son pôle industriel et pour offrir du travail industriel, sont des facteurs qui ont contribué à la naissance de la Vila do Belo

³⁹ Migrant: celui qui migre, change périodiquement d'endroit, région, pays, etc... Immigrant: personne qui immigre ou a immigré, que ou qui s'est fixée dans um pays étranger. Emmigrant: que ou qui emmigre; que ou qui sort de as patrie pour vivre dans um autre pays.

Horizonte. Au début, il y avait beaucoup de rotation de personnes, car elles cherchaient de meilleures conditions de vie, tels que les infrastructures et les transports. Comme on le voit, dans le tableau suivant, les secteurs de l'économie et la composition du secteur industriel ont été les forces motrices de l'attraction à une grande population qui cherchait une vie meilleure pour leurs familles.

TABLEAU 12 : CARACTÉRISTIQUES SOCIOÉCONOMIQUES - SOURCE: MAIRIE MUNICIPAL (2004/2006)

Secteurs de l'Économie	Composition du Secteur Industriel
Industrie: 50,01% (6.665 sociétés)	Métal Mécanique
Commerce et Services: 38% (21.923)	Matériel de Transport
Agroélevage: 4,51% (444)	Ameublement/Produits Alimentaires/Boissons

La Vila do Belo Horizonte était composé de familles qui avaient leurs racines au quartier Santa Fé et d'ouvriers liés à DAER - Département Autonome de Routes. Aujourd'hui, ses habitants sont originaires de différents noyaux de sous-habitation et des lotissements, d'autres quartiers de la ville, de plusieurs villes, et d'autres états du pays.

1.3.1. Caractéristiques des sujets de l'échantillon

Des cent trois (103) sujets interviewés, 23 sont nés à Caxias do Sul, 17 femmes et six hommes. Le plus ancien parmi les 23 habite dans le village depuis 1984 et le plus jeune est venu en 2006, les deux sont du sexe masculin.

Les autres sujets sont venus d'autres régions du Rio Grande do Sul et d'autres États du Brésil. La plus jeune est venue de l'État du Paraná en 2006, fixa sa résidence dans le village et la plus ancienne est arrivée à Caxias Sul en 1958, originaire de São Francisco de Paula, et vit dans le village depuis 1988. Parmi les sujets qui ont migré d'autres régions, nous avons une personne qui est venue de la ville de Vacaria en 1976, résidant dans le village depuis 1981, et est le plus ancien résidant, parmi les interviewés. Les trois sujets sont du sexe féminin.

L'âge de cent trois (103) des sujets interrogés va de 10 à 76 ans. Les villes et les États d'où ils sont partis peuvent être vérifiés dans la liste qui suit à l'annexe 7. Cette population est composée de femmes et d'hommes, qui représentent la Vila do Belo Horizonte, nous a aidé à aiguïser notre curiosité de vouloir connaître l'heure et l'année où ils sont arrivés à la ville et au village, ce qu'on peut aussi vérifier sur les tableaux à

l'annexe 8. Les tableaux ci-dessous montrent, à partir du moment 0-50 ans, dans un espace de cinq (5) ans, le nombre de sujets concernant le temps de résidence, soit dans la ville de Caxias do Sul, soit dans le village Belo Horizonte.

TABLEAU 13 : DISTRIBUTION DES FRÉQUENCES DE LA VARIABLE: TEMPS DE RÉSIDENCE À CAXIAS DO SUL (RS)

Intervalles	Fréquence
0 - 5	3
5-10	16
10-15	27
15 - 20	17
20 - 25	12
25 - 30	10
30 - 35	9
35 - 40	4
40 - 45	3
45 - 50	1
Sup. à 50	1

TABLEAU 14 : DISTRIBUTION DES FRÉQUENCES DE LA VARIABLE: TEMPS DE RÉSIDENCE À L'ENDROIT VILA BELO HORIZONTE

Intervalles	Fréquence
0 – 2,5	7
2,5 - 5	1
5 – 7,5	11
7,5 - 10	12
10 - 12,5	29
12,5 - 15	5
15 - 17,5	8
17,5 - 20	8
20 - 22,5	15
22,5 - 25	3
25 - 27,5	3
Sup. à 27,5	1

TABLEAU 15 : CARACTÉRISTIQUES DE LA VARIABLE: TEMPS DE RÉSIDENCE

	Fréquence	Moyenne	Détour standard	Minimum	Maximum
Temps de résidence Caxias	103	18,29	10,53	1	57
Temps de résidence V Belo H	103	12,83	6,50	1	30

L'histoire des nouvelles communautés sociales formées dans les grands centres urbains, par les mouvements migratoires qui allaient à la recherche de meilleures conditions de survie, ont généralement des caractéristiques communes. Les premiers à s'installer, retournent à leurs lieux d'origine pour chercher ceux qu'y étaient restés: frères, cousins, amis, parents.

Dans de nombreux cas les *plus âgés*, en tant que parents et grands-parents de ces premiers, arrivent avec leurs valises, à ces endroits urbanisés. Toutefois, pour les personnes âgées, c'est un grand défi leur nouvelle adresse, d'abord, pour abandonner leurs racines pour une durée indéterminée, de nombreux liens à la terre, tels que l'agriculture, puis une nouvelle adaptation sociale, pas plus de la campagne ou de petits villages, mais composée d'une nouvelle *langue en milieu urbain*. La langue, le système de signes les plus importants de la société humaine et de participation avec mes collègues (BERGER; LUCKMANN, 1996), se révèle être un autre défi pour ce groupe de personnes qui sont considérées comme de troisième âge.

Le groupe interrogé dans la Vila do Belo Horizonte nous a aidé à élaborer ce tableau de ces relations sociales. Notre intérêt était de savoir comment était formée la famille à laquelle ils appartenaient, car beaucoup d'eux ne sont pas arrivés seuls à cette réalité.

Le tableau montre l'état civil de chaque sujet interrogé:

TABLEAU 16 : ÉTAT CIVIL DES SUJETS INTERVIEWÉS

État civil	Fréquence	%
Marié/e	82	79,61
Célibataire	6	5,83
Divorcé/e	8	7,77
Séparé/e	1	0,97
Veuf/Veuve	5	4,85
Vit avec les parents	1	0,97
Vit avec un responsable	0	0
Total	103	100

Les catégories civiles nous ont fait chercher plus de détails de cette composition afin d'identifier la différence civile entre les femmes et les hommes qui ont répondu à nos questions, comme le montre le tableau:

TABLEAU 17 : CROISEMENT DES VARIABLES: ÉTAT CIVIL ET SEXE

	Sexe		
	Hommes	Femmes	
État civil	Marié/e	31 37,8% 91,2%	51 62,2% 73,9%
	Célibataire	2 33,3% 5,9%	4 66,7% 5,8%
	Divorcé/e	0 0% 0%	8 100% 11,6%
	Séparé/e	1 100% 2,9%	0 0% 0%
	Veuf/Veuve	0 0% 0%	5 100% 7,2%
	Vit avec lesParents	0 0% 0%	1 100% 1,4%
	Vit avec /responsable	0 0% 0%	0 0,0% 0,0%
		34 33% 100%	69 67% 100%
			103 100% 100%

Après, on peut également voir à l'annexe 9, que les familles sont composées des personnes concernées, où la moyenne d'enfants est entre 0-9. Des enfants vivants, 114 sont des femmes et 117 sont des hommes. Seulement six (6) couples n'ont pas d'enfants, comme le montre le tableau ci-dessus.

1.3.2. Les problèmes envisagés par hommes et femmes

Comme nous l'avons vu précédemment, la constitution civile est marquée et formée par des hommes et des femmes qui ne sont pas libres de problèmes qui gèrent les relations sociales. À ce stade, nous rappelons que les problèmes ont été isolés, à partir desquels, nous avons étudié notre analyse, mettant l'accent sur cette expérience entre mâle et femelle dans la Vila do Belo Horizonte.

TABLEAU 18 : CATÉGORIES DE PROBLÈMES POSSIBLES ENVISAGÉS DANS LA COMMUNAUTE

Pb01	Santé	Pb08	Loisir
Pb02	Alimentation	Pb09	Réligion
Pb03	Économie familiale	Pb10	Transport
Pb04	Situation de famille	Pb11	Recyclage
Pb05	Travail	Pb12	Logement
Pb06	Éducation	Pb13	Assainissement
Pb07	Sécurité	Pb14	Rapports avec les voisins

En ce qui concerne les 14 questions soulevées par cent trois (103) des sujets interrogés, nous avons analysé la répartition des fréquences entre ces catégories, les problèmes, et non pas quel problème, chez les hommes et chez les femmes. Ces informations peuvent être trouvées dans les quatre (4) tableaux qui suivent:

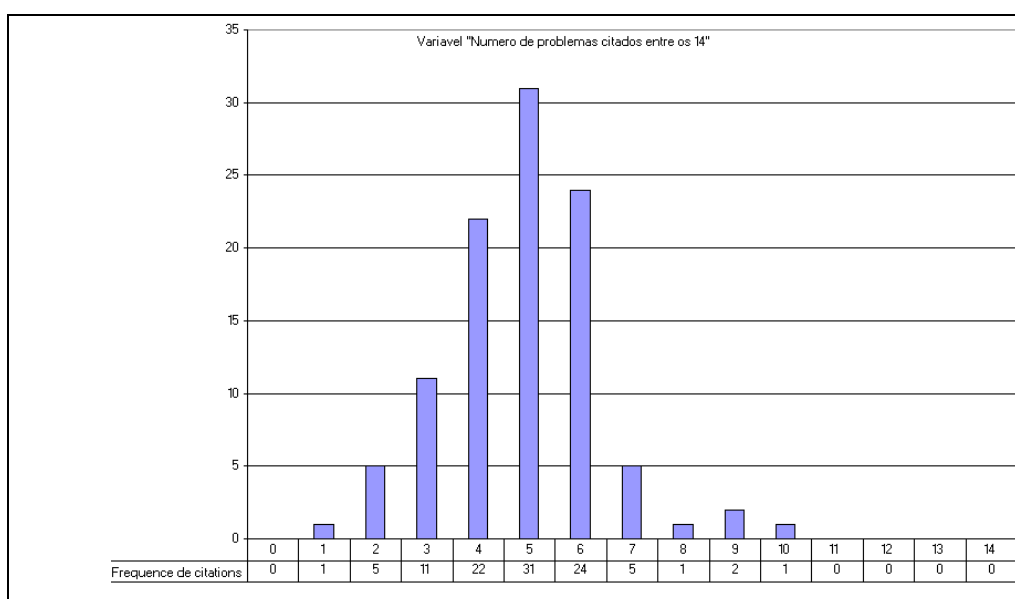


FIGURE 2 : RÉPARTITION DES FRÉQUENCES DE LA VARIABLE: NOMBRE DE PROBLÈMES CITÉS ENTRE LES 14

Dans ce premier tableau, dans l'échantillon étudié, le maximum de problèmes recueillis a été 10 par personne. En aucun moment une personne envisage tous les problèmes.

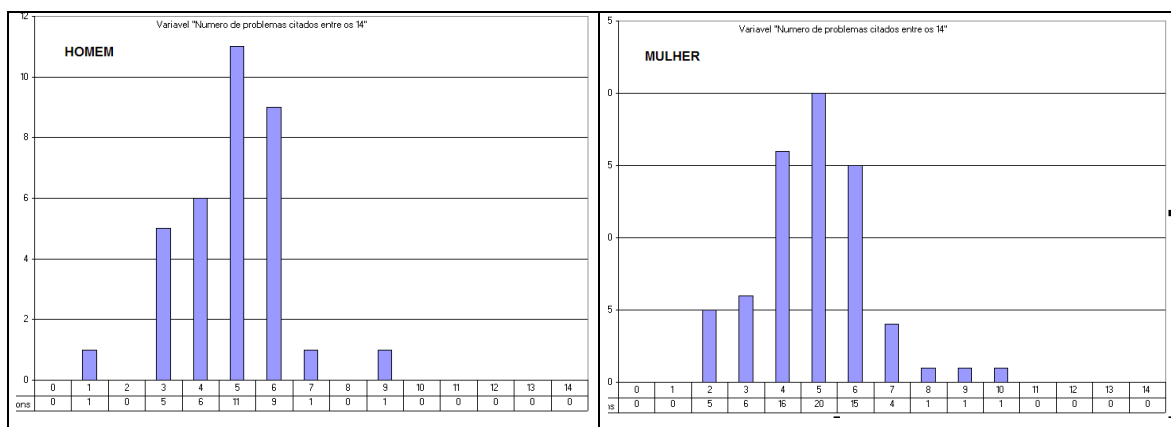


FIGURE 3 : DISTRIBUTION DES FRÉQUENCES DE LA VARIABLE: NOMBRE DE PROBLÈMES ENTRE LES HOMMES

FIGURE 4 : DISTRIBUTION DES FRÉQUENCES DE LA VARIABLE: NOMBRE DE PROBLÈMES ENTRE LES FEMMES MULHERES

On remarque, cependant, que la plus haute fréquence de citations a mis en place un total de cinq problèmes, entre les deux groupes, masculin et féminin.

TABLEAU 19 : CARACTÉRISTIQUES DE LA VARIABLE : NOMBRE DE PROBLÈMES CITÉS ENTRE LES 14

	Fréquence	Moyenne	décart standard	Minimum	maximum	Q1	Q2, mediane	Q3	mode
Global	103	4,87	1,52	1	10	4	5	6	5
Hommes	34	4,85	1,46	1	9	4	5	6	5
Femmes	69	4,88	1,56	2	10	4	5	6	5

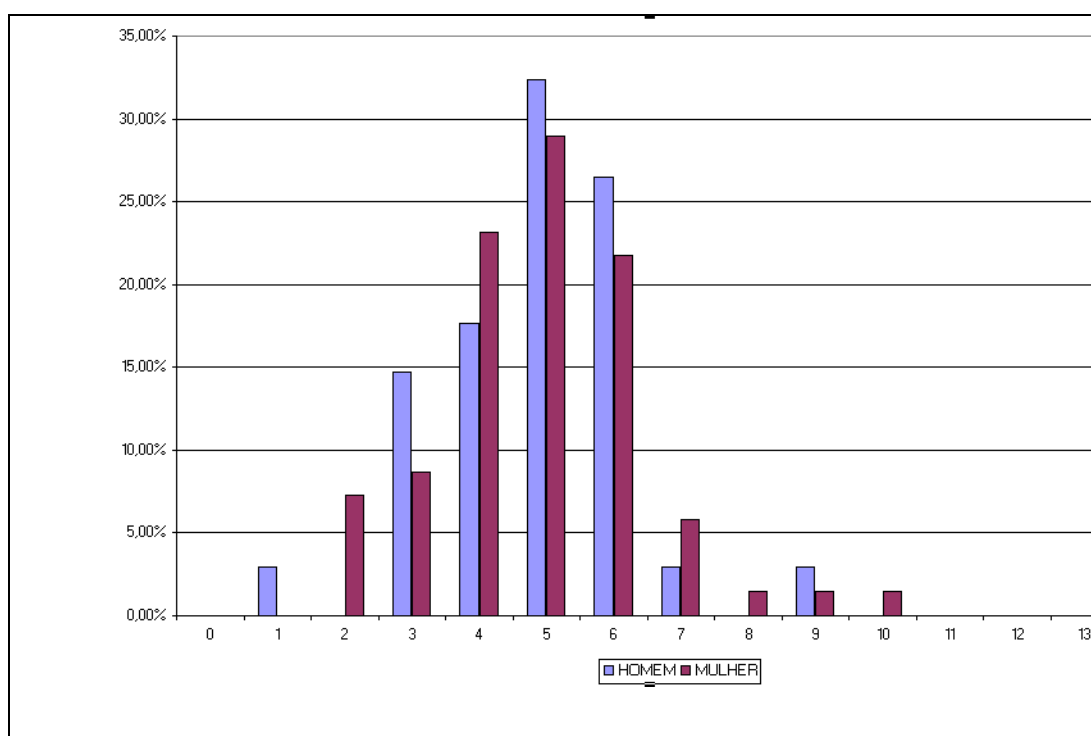


FIGURE 5 : DISTRIBUTION DES POURCENTAGES DE LA VARIABLE : NOMBRE DE PROBLÈMES CITÉS ENTRE LES 14

Dans ces quatre tableaux et graphiques ci-dessus, qui représentent l'analyse du nombre de problèmes que chaque répondant doit administrer, les points suivants sont intégrés, quelles sont les problèmes, les catégories que chaque sujet doit faire face. En ce sens, nous avons mis à côté de chaque titre le numéro du(des) problème(s) comme référence, ce qui est rapporté dans le texte.

1.4. LES DÉFIS DE CIRCULER DANS LES VOIES D'INFORMATION: LES RUES (Pb 11, 13)

Ce lieu qui construit son histoire éveille les différentes curiosités. Un autre fait qui devient important, c'est de souligner que, dans la Vila do Belo Horizonte, ce sont les noms des rues qui marquent cette zone géographique. Habituellement, nous marchons ou nous traversons des rues ou avenues qui portent les noms des personnes qui ont fourni un service à la communauté et auxquelles on rend hommage et reconnaissance en donnant leurs noms à des boulevards et à des rues.

Les rues de *Belo* attirent notre attention parce qu'elles ont quelque chose de particulier. À l'exception de quelques rues, presque toutes sont nommées par de différentes professions: Rue des Apiculteurs, des Postiers, des Vanniers, des Cordonniers, des Tonneliers, etc. Les noms des professions modestes qui apportent des connaissances et des identifications populaires, et non pas l'histoire d'un héros ou d'une vedette. Les rues donneront des informations de ses résidents. Tous passent par ces rues pour aller à leur travail, écoles, églises, marchés ou pour rendre visite à quelqu'un. Quitter la maison, c'est être dans la rue. Les groupes se forment dans les coins des rues. Enfants et adolescents sont dans la rue. Ces chemins aideront le chercheur à identifier les visages de nombreux résidents. Dans ces rues, le chercheur va faire des photos de viés, de situations, d'événements faisant un portrait des possibilités y existantes. Des rues qui seront des points de rencontre pour toutes sortes de sujets. Ils parlent. Ils apprennent. Ils oublient. Les rues de la banlieue, pour certains, finissent par être des lieux de manifestations, d'émeutes, de bruits, d'agressions, de fusillades, de tous les dangers et de toutes les fêtes.

Ce qui suit est une image représentative des Rues⁴⁰ de la Vila do Belo Horizonte, qui a ouvert un passage accessible afin de voir un nouveau panorama et aussi comment cette réalité est dessinée. Certainement, cela mériterait une recherche plus proche de ses racines. De ce choix, le pourquoi de ces noms. À ce moment, nous offrons une liste de ces voies que nous avons parcourues, mais elle est ouverte à d'autres recherches.

⁴⁰ Les noms des rues ci-dessus présentes qui sont dans le tableau, sauf quelques-unes, sont inscrites sur le Plan Officiel de la Mairie, document qui montre la géographie de la Vila do Belo Horizonte. Cependant, il peut arriver que ni toutes les rues soient inscrites, car le plan, déjà présenté, date des années 80/90.

TABLEAU 20 : LISTE DES RUES DE LA VILA DO BELO HORIZONTE

Rue du (de la)des	Abr.	Rue du (de la)des	Abr.
N°1 = CHAPELIERS	CH	N°20 = SANS NOM	
N°2 = TONNELIERS	TON.	N°21 = JARDINIERS	JA
N°3 = VITICULTEURS	VI	N°22 = SANS NOM	
N°4 = TÉLÉGRAPHISTES	TE	N°23 = ORFÈVRES	OU
N°5 = HORLOGERS	RE	N°24 = SANS NOM	
N°6 = ROTIERS	CA	N°25 = SANS NOM	
N°7 = SEM NOME		N°26 = TRICOTEUSES	TR
N°8 = AGRICULTEURS	AG	N°27 = LAITONNIERS	LA
N°9 = CORDONNIERS	SA	N°28 = VANNIERS	CS
N°10 = BÛCHERONS	LE	AVENUE ANTÔNIO ANDRIGHETTI	AA
N°11 = SANS NOM		AVENUE DES MÉTALLURGISTES	AM
N°12 = SANS NOM		ARMATEURS	AR
N°13 = SANS NOM		PALMITA POISSON BOVO	PA
N°14 = PEINTRES	PI	GAUFRE	FA
N°15 = RACCOMODEURS	CE	JOSÉ ZAMBON	JO
N°16 = BRODEUSES	BO	AFONSO LOURENÇO PINTO	AF
N°17 = APICULTEURS	AP	FACTEURS	CR
N°18 = VERRIERS	VD	TORRES	TO
N°19 = FUMISTES	FU	MANOEL VASCO FLORES	MA

Ce plan se trouve également entre les rues⁴¹ qui ne sont pas définies (quelques-unes sans nom ou des impasses). Et n'ayant pas de dallage et d'assainissement de base, aux jours de pluie, ces rue se transforment en boue. Le problème d'assainissement figure parmi les premières places que nous pouvons confirmer dans le tableau suivant:

TABLEAU 21 : CROISEMENT DES VARIABLES “IMPORTANCE DES PROBLÈMES D’ASSAINISSEMENT DE BASE ” ET “SEXE”

Pb13: Assainissement		Endroits ou a été placé le problème (rank)		Total
		R=1 ou 2 ou 3	R>3 ou non nommé	
SEXO	Homme	15	19	34
	Femme	25	44	69
Total		40	63	103
Valeur du χ^2 empirique		0,59	Sans signification au niveau de risque 0.05	

⁴¹ Nous pouvons consulter les publications du journal *Pioneiro*, quotidien de Caxias do Sul, sur la précarité des rues de la Vila do Belo Horizonte. Entre les mois de mars et avril/07, apparaissent des dénonciations des habitants demandant du secours, parce qu'ils ne peuvent plus supporter la poussière qui entre dans leurs maisons et aussi quand il pleut, il y a de la boue dans les rues sans pavimentation. Et tout cela, sans parler de la mauvaise odeur des égoûts. Se reporter à l'annexe 10.

L'absence d'éclairage public met aussi les piétons en danger par le mouvement constant de voitures, camions et autobus. Entre les hauts et les bas, les trottoirs, dans de nombreuses rues, sont inexistant, ce qui provoque aux passants, des problèmes et du danger de devoir marcher près du demi-fil du trottoir, pratiquement dans la rue. Sans compter quand ils se trouvent face à des bois coupés, branches d'arbres, matériaux de construction, animaux dans un état de décomposition, carcasses de vieilles voitures, débris et déchets ménagers, déposés dans ces passages réservés, en principe, aux piétons.



FIGURE 6 : LES RUES DANS LA VILA DO BELO HORIZONTE

Dans les nombreuses rues qui permettent des passages, au-delà des frontières, d' entrer et de trouver des espaces complètement différents, nous nous rendons compte qu'il faut creuser, fouiller le passé et être conscients de ce que se fait à l'heure actuelle. L'archéologue ne se limite pas aux fouilles, il part du désir de provoquer d'autres connaissances. Il faut être conscient du fait que beaucoup de gens ont agi et font agir d'autres gens dans la recherche de nouvelles idées pour résoudre leurs problèmes et que ces idées pourraient aider à intégrer et à améliorer la vie sociocommunitaire.

Pendant une partie de la thèse, il y avait deux séjours dans la ville de Lyon⁴², en particulier à l'Université Lyon2, participant à des séminaires, conférences et orientations. Nous avons donc eu l'occasion de passer dans les rues de cette grande ville. Ces autres voies, également nous fournissent d'autres connaissances extraordinaires, où nous pouvons trouver les traces dans les gens, monuments, faits et oeuvres de bibliographie qui ont construit cette ville où Saint-Exupéry, Saint-Irénée, Claude Bernard, les Frères Lumière, Allan Kardec et d'autres personnalités qui ont contribué, par la recherche scientifique, les croyances religieuses, les philosophies de vie, l'univers humain. Aujourd'hui, nous prenons cet univers pour nos études scientifiques.

Ainsi, dans un essai de faire un contrepoint entre ces deux réalités si inégales - Vila do Belo Horizonte / Lyon - nous apportons des exemples de moyens imprégnés de connaissances qui ont avancé au fil du temps et qui ont connu de nombreuses expériences. Les progrès dans les connaissances qui ont contribué dans divers domaines de la science.

Ces connaissances initialement alternatives, sensibilisent, comme l'art et provoquent des changements, comme la médecine. Ces connaissances apportent des formes et des réactions dans les diverses formes de relations humaines, construites par des gens qui ont passé des heures, jours, mois, années, travaillant sur des inventions qui ont mobilisé toute l'humanité. Des génies. Peut-être leurs connaissances ne sont pas seulement politiques, mais ils essayaient de socialiser leurs découvertes, de donner aux personnes de meilleures conditions de vie, comme la nourriture, la santé, la sécurité, le bien-être et de la culture.

1.5. LOGEMENT ET SOURCES ÉCONOMIQUES (Pb 02, 03, 04, 05, 12, 14)

Le désir d'avoir leur propre maison a toujours été le plus grand défi pour les habitants de la Vila do Belo Horizonte. Les difficultés rencontrées par un faible revenu, l'espace

⁴² On peut consulter *Lyon Magique et Sacré, Histoires et mystères d'une ville*, de Jean-Jacques GABUT, 1993, oeuvre de 335 pages, qui nous raconte sur la vie, l'histoire et les connaissances qui ont construit la ville qu'aujourd'hui est considérée la deuxième plus grande zone urbaine française.

géographique pas qualifié pour certains bâtiments ont été et sont des facteurs déterminants dans l'acquisition de leurs propriétés dans une réalité sociale périphérique.

Le territoire est géographiquement situé entre les collines et les terrains accidentés. Dans tout le contexte, on peut distinguer certains modes de type de logement:

Des taudis/des chaumières: des maisons en bois, construites dans des endroits humides, dans de mauvaises conditions, sur les pentes raides, en contact direct avec la terre. Situées aux limites des quartiers, au bord des précipices qui présentent du danger à leurs habitants. Sans infrastructures adéquates, sans aucune installation sanitaire, éloignés de toute sécurité.

- Maisons à toit plan ou préfabriqués: construction très fragile, des coûts réduits, les risques d'incendie constants.
- Maisons de modèle traditionnel: maisons bien structurées, présentant des conditions favorables pour le logement, plus solides, de maçonnerie, avec un garage, une cour, un petit jardin, potager, avec des grilles de sécurité.
- Aujourd'hui, nous pouvons voir des logements populaires, des blocs, ces derniers bâtiments abritant quelques familles qui sont arrivées d'autres zones de la ville.



FIGURE 7 : LES MAISONS DANS LA VILA DO VILA DO BELO HORIZONTE

Une autre constatation concernant au logement, c' est que de nombreux habitants résolvent leurs problèmes de réparation/entretien, soit par un petit avancement de la

maison, en plaçant des accessoires en bois, des morceaux de tôle de zinc ou de matériaux recyclés, trouvés parfois jetés dans des poubelles de la ville. Les services de l'administration publique, à de nombreuses reprises, sont inexistantes.

La communauté est marquée par la nature des maisons, montrant ainsi une certaine division de classes, ces maisons étant dès des cabanes jusqu'à des maisons en briques. La qualité de la construction civile qui existe, classifie fortement l'endroit, montrant la qualité de vie et le pouvoir d'achat de cette population. N'importe le type de maison, la grande majorité veut "sortir" par le coût élevé des loyers, et nous pouvons voir, dans les tableaux suivants, que beaucoup d'habitants possèdent leur propre maison:

TABLEAU 22 : TYPES DE LOGEMENTS

	Fréquence	%
Propriétaire de Maison	95	92,23
Maison financée	2	1,94
Maison louée	6	5,83
Total	103	100

TABLEAU 23 : FORME D'ACQUISITION D'UNE MAISON

	Fréquence	% Total	% Expr.
Concédé	5	4,85	4,95
Héritage	3	2,91	2,97
Occupation Invasion	0	0	0
Financement Caisse d'Épargne	0	0	0
Financement Municipalité	2	1,94	1,98
Achat	91	88,35	90,10
Total	101	98,06	100

Le nombre d'habitants dans chaque maison des interrogés varie entre 1-7 personnes. Ce domaine de recherche n'est pas un lieu -dortoir, d'après ce qu'on peut entendre parler d'autres endroits dans la région de Rio Grande do Sul, mais où vivent les travailleurs des entreprises locales qui se sont installés avec leurs familles.

Les gens de la Vila do Belo Horizonte vivent, dans leur grande majorité, économiquement dépendantes de la zone industrielle, à titre d'employés du secteur commercial, des hôpitaux, des travailleurs du secteur informel (maçons, peintres, les vendeurs, les récupérateurs dans les poubelles et du recyclage, la sécurité des clubs, les fournisseurs de services agricoles, auxiliaires dans les grands magasins: dans les boulangeries, cafés et discothèques). La population locale a, comme beaucoup d'autres

régions du Brésil, la présence de nombreux chômeurs, formant un groupe important de travailleurs indépendants⁴³.

Sur le site il ya des petits marchés et une multitude de bars, de pubs. Bien que peu, il y a des gens qui cherchent un peu de nourriture dans les poubelles ou dans d'autres points non-recommandés. Il y a des institutions qui font des donations mensuelles de provisions pour les plus pauvres qui sont inscrits afin de pouvoir avoir un meilleur contrôle et pour que la distribution soit faite d'une forme juste, c'est-à-dire, pour qu'elle arrive jusqu'à ceux qui en ont plus besoin.

L'exercice d'une activité, avoir un emploi, développer telle ou telle activité professionnelle qui identifie une personne comme étant inclus ou exclus (STOER, 2004), va assurer des nécessités essentielles, telles que: nourriture, habillement, logement, éducation, santé, sécurité, loisirs, transport, etc. D'autres sentiments sont exprimés dans un plan plus vaste et relationnel, dans le cadre d'un groupe, d'une classe, d'avoir une protection sociale, de pouvoir être présent à la culture locale, et de nombreux autres éléments qui forment une identité personnelle et collective.

La recherche de leur premier emploi, être "embauché" pour des gens d'une zone caractérisée comme périphérique, c'est un exercice très difficile en raison d'une brève présentation ou d'une interview, il est nécessaire que ce type donne ses coordonnées. Là, il rencontre ses premiers obstacles, la *réputation* de l'endroit, comme rappelle Paugam (2009).

⁴³ Ceux qui vivent de services quotidiens: celui du jardinage, de la peinture, du nettoyage, du lavage de voitures, aide-maçon, gamin de publicité - annonceurs d'offres commerciales, des nourrices, aide à des malades. La présence de personnes engagées dans la prostitution, "les professionnels du sexe" est discrète, mais elle existe comme forme de soutien, ayant à un délai moyen, l'intention d'abandonner ce travail. Par force de besoins extrêmes, on a constaté que, parfois, des enfants de la Vila do Belo Horizonte demandent l'aumône, demandent de l'argent dans les rues du centre ville, étant nommés *gavroches*.

Disposer d'une adresse est un droit et devient indispensable pour les actes de notre vie quotidienne. Avoir une identité, mais cette identité finit parfois par classer le sujet au niveau social et lorsque le sujet est du *village*, il est classé comme un *villageois*.

Le travail apporte non seulement un statut social, mais aussi une structuration de la personnalité dans l'espace et dans le temps. Parce que la perte d'un emploi conduit à la disparition des rites hebdomadaires, tels que se lever à une heure déterminée, prendre le bus ou la voiture pour aller à leur travail. La disparition de ce rituel termine par désorienter et perturber la personnalité, l'affaiblissant et la plaçant dans une bataille constante, afin de ne pas créer d'autres habitudes ou des vices, qui peuvent être ajoutés négativement à l'état où l'individu se trouve. Parmi les familles des cent trois (103) sujets interrogés, ceux qui travaillaient à l'extérieur de la maison variaient entre 0 et 5 personnes: 74 sont des femmes et 98 sont des hommes, les hommes avaient un revenu plus élevé⁴⁴.

1.6. SANTÉ PUBLIQUE ET ALTERNATIVE, SÉCURITÉ ET LOISIR LIMITES ET DÉFIS (Pb 01, 07, 08).

Depuis son origine, la Vila do Belo Horizonte est confrontée à des problèmes dans le domaine de la santé publique. La collecte des ordures ménagères était fait eseulement deux fois par semaine, mardi et jeudi, en prenant une route qui comprenait la Rue Numéro Six, et l'Avenue Antonio Andreghetti était faite par DMLU - Service Municipal de Nettoyage Urbain, aujourd'hui CODECA - Compagnie de Développement de Caxias do Sul.

Les problèmes de santé de la population sont causés par des insectes nuisibles à la santé, par les ordures qui jonchent les rues, les égouts et l'accumulation de débris dans les plaines, les conséquences des pluies et des glissements de terrain. Les maladies les plus

⁴⁴ En moyenne, au Brésil, les femmes ont des salaires 34% inférieurs à ceux des hommes. L'État du Rio Grande do Sul a la plus petite différence de revenu mensuel entre les différents sexes. Sources : BBC Brasil – FEE, Diese et Fgtas. Se reportes à l'Annexe 11.

communes trouvées aujourd'hui, ce sont la déshydratation, la dénutrition, l'abus de drogues, les vers, la dépression, l'agressivité, l'alcoolisme, les mycoses des pieds, les poux, les handicapés physiques, les HIV positive. Sur le site, il y a un grand nombre d'animaux tels que les chiens, les chats et les chevaux qui circulent entre les personnes, souvent sans soins vétérinaires ou sans surveillance, certains qui passent des maladies de peau et d'autres maladies.

Dans un contexte très peuplé comme la Vila do Belo Horizonte il n'ya pas de centre médical, le *postinho* dans le langage populaire. Les problèmes de santé⁴⁵ semblent loin d'être résolus par le système administratif, en dépit des protestations exigeant des améliorations.

Ceux qui n'ont pas des ressources financières pour acheter leurs médicaments, ou d'avoir un régime d'assurance maladie⁴⁶, sans avantages sociaux, sont contraints de se déplacer dans le quartier voisin, Vila Ipê pour être traités au *postinho*, qui montre aussi sa précarité dans le service et cela est dû à un certain nombre de facteurs⁴⁷. La

⁴⁵ À la fin du XVI ème siècle , jusqu'au début du XVIIème, étudiant et analysant la réalité sociale des pays européens, en ce que concerne la médecine et plus tard à la naissance des hôpitaux, on se rend compte qu'il y a une plus grande préoccupation envers la santé de leurs populations. À partir de la constitution des gouvernements absolutistes en Europe, le mercantilisme et le choc entre les pays ont été importants pour l'accomplissement des premières comptabilités de la population. Au XVIIème siècle, en France, en Angleterre et en Autriche commence la mise en place de la statistique (naissance et mortalité) c'est-à-dire, la force active de leurs population est calculée, comprise comme mesure d'État, aux problèmes de santé qui touchait la population (FOUCAULT,2006,p. 82)

⁴⁶ Quelques personnes ont l'assurance maladie pour la famille à travers la société où ils travaillent, car le Système Unique de Santé – SUS – et le bas revenu de famille sont des facteurs précaires, insuffisants pour que tous puissent avoir l'accès à des hôpitaux et aux soins dignes à la santé.

⁴⁷ Nous avons des informations que, en mars/07 , un médecin reçoit des menaces dans cette Unité de Base de Santé, ce qu'on peut conférer à l'Annexe 13.

communauté signale les difficultés dans le service et demande des mesures d'urgence, comme nous pouvons lire dans la publication des journaux des quartiers à l'annexe 12.

Les plus pauvres passent par un véritable martyre, afin de prendre rendez-vous, et les cas urgents sont conseillés d'aller au *postão*, situé dans le centre-ville, ou à l'Hôpital Général⁴⁸. Ce sont des établissements avec de meilleures conditions, mais ils portent la responsabilité d'accueillir toutes les personnes de la région, où de nombreuses personnes sont dans la queue être reçues et pour que le médicament arrive et puisse résoudre leurs problèmes de santé. Nous ne pouvons pas oublier la présence continue des coupes d'eau potable, qui deviennent aussi une autre cause de maladie.

Sur la question de l'ordre de la santé publique dans la Vila do Belo Horizonte et les études de Foucault (2006), analysant l'histoire de la naissance de la médecine sociale européenne, nous pouvons faire un contrepoint entre les différentes réalités sociales qui sont touchées par des problèmes globaux.

Le 9 Janvier 2009 à l'École Normale Supérieure - ENS à Paris, nous avons eu la chance et la possibilité de participer au séminaire coordonné par le sociologue Serge Paugam⁴⁹. Ce jour-là l'enseignant fait le groupe de jeunes étudiants dans le domaine de la sociologie pour discuter de la question de la santé mentale et de sa précarité. Ce travail de recherche était développé par un étudiant de ce groupe, dans la périphérie de Paris.

⁴⁸ L'Hôpital Général reçoit des étudiants résidents en médecine et dans le métier d'infirmier de l'Université de Caxias do Sul – UCS. Dans ce partenariat, ils sont engagés à veiller sur la santé publique. En se reportant au contexte historique européen : avec l'augmentation de la population urbaine, il y a aussi une croissance de la dégradation des conditions environnementales et sociales des principales villes européennes, ce qui fait augmenter les maladies, la peste, par exemple. D'autres maladies, les psychopathologiques, se font présentes, telles que la peur et l'angoisse face à la grande ville. (FOUCAULT, 2006).

⁴⁹Séminaire « Work in Procès », de l'ERIS/Séminaire Serge Paugam 2008/2009 : Théorie de liens sociaux –Vendredi de 9 h. A 11h.- ENS, salle 8, Campus Paris-Jourdan, 48 bd. Jourdan 75014, à PARIS. Le séminaire essaiera de faire une synthèse des plus importantes connaissances de la recherche sur la théorie des relations sociales.

La région de recherche comptait deux quartiers populaires composés par des travailleurs de la capitale française qui sont arrivés de diverses régions du monde, endroits classés locales classées comme zones sensibles de la grande agglomération parisienne. Ces territoires ont été choisis pour analyser les facteurs individuels et contextuels qui conduisaient leurs habitants à de différentes maladies pathologiques comme la dépression.

Ce qui a été constaté, parmi les différents éléments, c'est que l'effet structurel du chômage et la solitude sociale apparaissent comme de forts points à l'origine du recueillement et de l'isolement de nombreux habitants. Parmi les hypothèses testées apparaissent la réputation et les conditions des endroits. Et comme conclusion partielle hypothétique, une présente l'affaiblissement des mécanismes de résistance parmi les habitants et l'autre est considérée comme communauté homogène de protection.

Cette réalité pondérée, étudiée et vérifiée dans le séminaire de Paugam rencontre la réflexion et l'analyse de Streck (2003, 2008) aux études des processus de l'éducation et de l'exclusion sociale, dans Unisinos, croisant avec notre réalité recherchée. De nombreux éléments de la précarité sociale de l'homme, ont déjà consommé des frontières et se répandent, ce qui contribue à la construction de l'exclusion sociale.

Ainsi, les préoccupations pressantes avec l'endroit où "les marques qui ont déterminé la catégorisation et la valorisation inégale des personnes", selon Storer (2004, p. 33), la recherche de médicaments alternatifs causés par le manque de ressources économiques, les thés, les sympathies, les composants à base de plantes dans les jardins ou dans les jardins potagers, tout cela devient un chemin inévitable pour de nombreuses personnes dans la communauté de prendre soin de leur santé physique et mentale. La recherche se trouve également à côté de la guérisseuse et du prêtre au moyen des bénédictions et des prières.

Mais, quand il s'agit de médicaments faits à la maison, il existe un risque qui peut être vu à travers ce que se rapporte à de certaines plantes ou herbes, car elles sont récoltées dans des endroits pollués, ou encore parce que l'utilisateur ne sait pas assez des composants, cela peut causer des dommages irréparables la santé, comme l'intoxication.

Ce manque de connaissances se passe dans la plupart des cas, avec les jeunes des situations quotidiennes qui concernent un nombre considérable de personnes, laissant de nombreuses fois ces "corps" exclus affaiblis, sans forces, sans défense pour agir et réagir.

Foucault (2006, p. 87)⁵⁰, au moment de discuter sur "un certain nombre de petits paniques qui ont traversé la vie urbaine des grandes villes du XVIII^e siècle," nous met face à des situations réelles qui font référence à la réalité actuelle. Ces situations nous amènent également à une sphère de la population qui se trouve de la même façon qu'à l'époque de la naissance de la médecine et des hôpitaux, en particulier, lorsqu'on est confronté à la précarité de la santé publique ou même avec les conditions inhumaines de logement dans les bidonvilles, collines ou *dans les quartiers sensibles de Paris*.

La question de la sécurité, qui peut être traduite par l'insécurité⁵¹, est une autre limite qui est enracinée dans cet environnement et qui doit être gérée par la communauté. Dans les conversations, réunions, visites de nos recherches, les gens étaient réservés à des manifestations d'indignation face à ce qui se passe en ce qui concerne la violence, le trafic et le vol.

⁵⁰ On dit que la médecine urbaine en France et la médecine allemande au XVIII^e siècle, ont contribué à l'approche aux sciences naturelles et pour augmenter leurs fonctions sociales, aussi bien qu'elles ont été fondamentales pour le développement de la notion de salubrité et pour la constitution de l'hygiène publique. Au XIX^e siècle, le développement de la médecine de la force de travail, en Angleterre, s'est caractérisé par le contrôle de la santé et des corps de la classe des travailleurs, permettant ainsi l'organisation de trois systèmes concernant la médecine : *service d'aide*, tourné aux plus pauvres ; *service administratif*, tourné vers la santé publique ; *privé*, destiné aux plus favorisés, : « Le système anglais permettait l'organisation d'une médecine d'aide, administrative et privée, avec des secteurs bien délimités, qui ont permis. A la fin du XIX^e et première moitié du XX^e siècles, l'existence d'une recherche médicale assez complète. » (FOUCAULT, 2003, p. 97).

⁵¹ Quand ils parlent de sécurité, ils parlent de risques.

Selon Veyret (2005, pp. 54-55), *les risques sociaux envoient généralement à la ségrégation et à la fragmentation urbaine*. Nous pouvons voir le faible taux de criminalité dans de nombreux pays qui fournissent des conditions décentes à leurs citoyens. L'auteur poursuit en disant que:

manque de sécurité provient d'un sentiment d'inégalité lié à la perturbation des relations établies de longue date par l'aide sociale liés à des politiques locales. Elle est également associée à des conditions économiques difficiles [...]. Ces pratiques concernent les endroits périphériques qui représentent un espace, un lieu presque uniforme, défini par un chômage élevé et par la criminalité.

La sexualité⁵² des enfants et des adolescents semble être vécue précocement et les abus sont commis par des adultes, et beaucoup préfèrent le silence, de peur de représailles. Il y a des cas d'inceste entre père et enfants, oncles, frères et sœurs. Mais il y a la peur de quitter la maison, la peur des armes et des balles perdues et de mettre leur vie en danger, en particulier les enfants.

D'autres préoccupations, de ce contexte de étudié, tournent autour de la destruction des biens publics: nous prenons comme exemple le réseau téléphonique public (téléphone public). Il existe très peu d'appareils installés dans cette région et certains sont déjà endommagés. Pour beaucoup, c'est le seul moyen de communication en des cas d'urgence et de contact avec des amis, proches et avec la famille.

Dans l'absence d'une station de police, la solution, c'est de payer un agent de police qui puisse être présent à l'heure prévue par les résidents. Mais, c'est une petite partie qui peut payer un gardien pour assurer, en partie, leurs biens et leur vie. Le gardien est un résident local qui n'a pas de formation pour ce service. Il a de l'expérience comme surveillant, mais en cas d'attaques violentes, sa propre protection est en risque. Beaucoup de chiens sont enchaînés aux portières des maisons et des garages, cachés

⁵² Le renommé sexologue allemand Volkmar Sigusch, écrit : » Aujourd'hui, la sexualité ne condense plus le potentiel de plaisir et de bonheur. Elle n'est plus mystifiée d'une manière positive comme extase et transgression, mais d'une manière négative, comme source d'oppression, inégalité, violence, abus et infection mortelle. » (In BAUMAN, 2004,P. 56).

pour attaquer les envahisseurs. Certains prennent les dispositions nécessaires, types de pièges pour protéger leurs propriétés contre les voleurs. Nous constatons également que les résidents cherchent d'autres solutions, telles que l'acquisition d'armes.

Le Journal *Pioneiro* apporte un plan fait par le Centre d'Études et de Recherches sur la criminalité et la sécurité publiques des quartiers de Caxias do Sul, commencé en 2004. Ces informations sont mises à jour à mesure selon les arrestations et le démantèlement des gangs, montrant les liens entre les trafiquants de drogue qui forment une vraie association du crime. La Vila do Belo Horizonte est "concentrée" dans cette organisation, où le litige est dans la vente de drogues, ce qui entraîne plusieurs meurtres des jeunes.

Sur la page *Sécurité* du 02 janvier 2007, le Journal *Pioneiro* apporte le plan des zones de conflit de la ville, *la carte du trafic*. Avec la recherche de la FSG, il y a le témoignage de Kieling, dans lequel est présente cette radiographie du crime, maintenant sous le commandement de la Police Militaire - PM. Cette radiographie vient d'être publiée de nouveau comme titre criminalité le 23 janvier 2008, par les mêmes moyens d'information, où l'on peut visualiser les zones géographiques à l'annexe 14.

Le trafic constitue un moyen facile d'obtenir des ressources financières et d'autres formes de prestige, et de nombreux jeunes sont attirés par une économie souterraine, en mettant leur vie en danger total. Cette constatation peut être due à une exclusion qui se manifeste depuis longtemps, où les jeunes, face aux illusions, par le manque de perspectives, finissent par être capturés et victimes de gangs organisés.

Yvette Veyret (2005), Ulrich Beck, cité par Anthony Giddens (2002), comme nous l'avons vu, montrent bien cette réalité dans leurs œuvres, face à une société du risque, où la modernité est une culture du risque, des incertitudes qui laissent des milliers de vies dans les limites et défis de la (in) sécurité.

Dans la zone du Nord il y a des gangs, qui ont un schéma pour vendre et louer diverses types d'armes, y compris les carabines, selon les chercheurs de la Faculté da Serra Gaúcha - FSG. "Ce qui nous préoccupe, c'est l'articulation de ces groupes. Parce que, si c'est une tendance, dans quelques années, nous aurons des zones de contrôle par des

hommes armés, de la même manière que à Rio de Janeiro", explique Charles Kieling, scientifique en sciences sociales.

Les loisirs sont impliqués dans la question de la sécurité, parce que dans les aspects sociaux de la ville qui se déplacent de Belo Horizonte, le choix des lieux lieu pour les loisirs communautaires est minimal. Il n'y a pas de zones destinées aux sports, faire de la marche, par exemple.

Le manque d'espace pour que les enfants et les jeunes jouent, met leurs vies⁵³ en danger, parce que il y a ceux qui font du vélo, d'autres qui jouent au ballon dans les rues, disputant les endroits où il y a des voitures et des animaux. Les adultes, autant que possible, se déplacent à d'autres endroits de la ville. Le centre communautaire comprend une salle pour les réunions qui impliquent des affaires de la communauté, des rendez-vous au club des mères et des foires de vêtements, mais c'est un espace limité aux relations sociales.

La santé, la sécurité et les loisirs sont parmi les problèmes les plus cités par cent trois (103) personnes interrogées. Nous pouvons conférer sur les graphiques ci-dessous le nombre et le pourcentage, analysant ces trois (3) catégories qui semblent les plus pertinentes.

⁵³ S'il arrive un accident à quelqu'un, sa vie est en danger, car la distance entre la Vila do Belo Horizonte et le service d'aide peut coûter la vie à la personne.

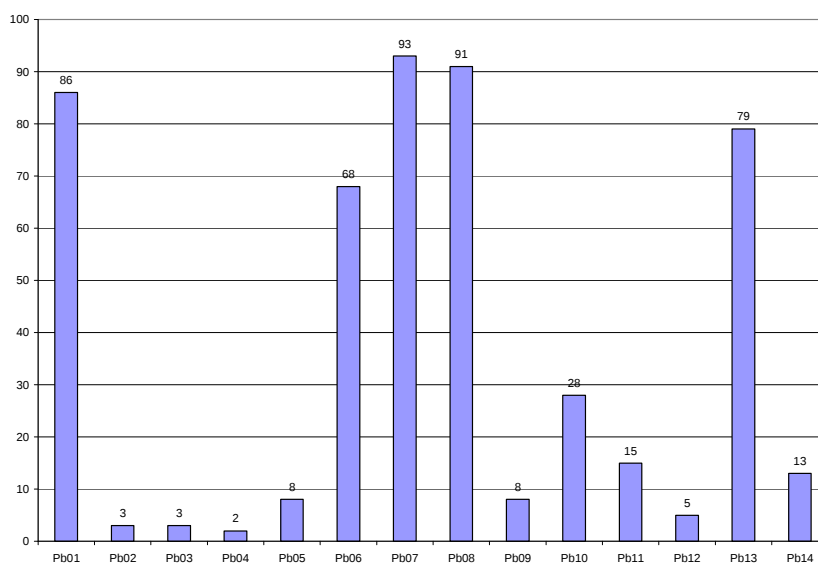


FIGURE 8 :: DISTRIBUTION DES FRÉQUENCES D'ÉVOCATION DES PROBLÈMES

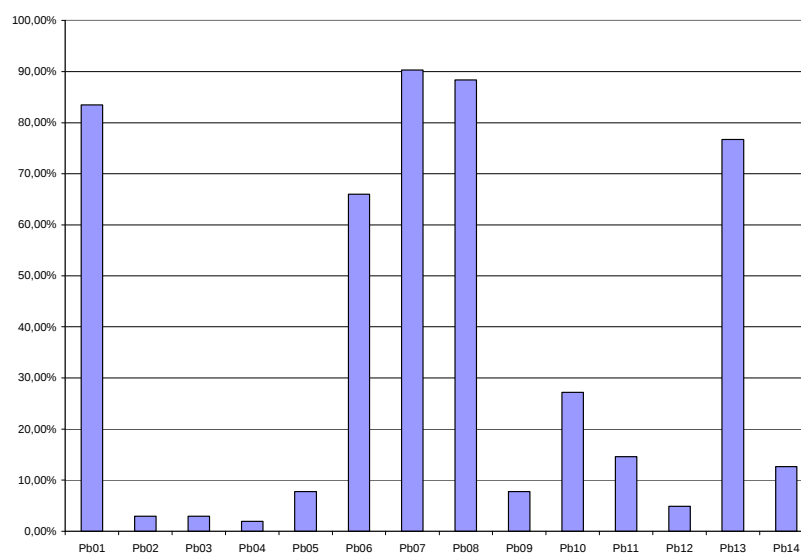


FIGURE 9 : DISTRIBUTION DES POURCENTAGES D'ÉVOCATION DES PROBLÈMES

L'intérêt était de chercher à savoir, entre ces trois (3) catégories, qui font apparaître les autres, le rapport de citations parmi les 69 femmes et les 34 hommes interrogés. Le tableau ci-dessous montre ce fait:

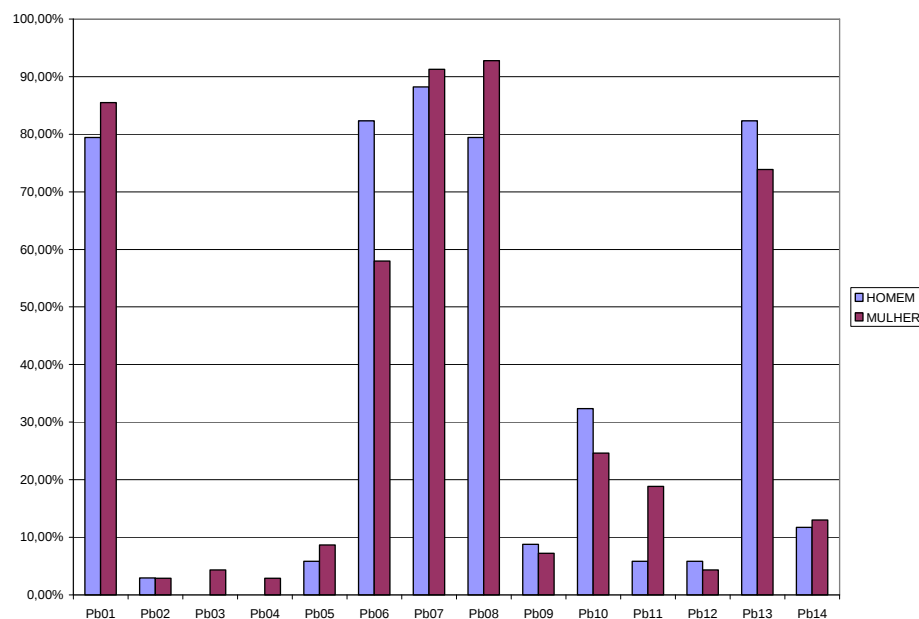


FIGURE 10 : DISTRIBUTION DES POURCENTAGES D'ÉVOCATION DES PROBLÈMES ENTRE LES FEMMES ET LES HOMMES

L'identification des problèmes rencontrés dans la vie quotidienne et l'importance donnée par le groupe des hommes et des femmes du groupe, les problèmes décrits ci-dessus, sont parmi les trois premiers (rangs/rank). Nous donnons cette classification dans les tableaux:

TABLEAU 24 : LES PROBLÈMES QUI SONT PARMI LES RANGS 1, 2, 3

Pb01: Santé		Lieux où le problème a été posé (rank)		Total
		R=1 ou 2 ou 3	R>3 ou non nommé	
SEXE	Homme	24	10	34
	Femme	54	15	69
	Total	78	25	103
Valeur du χ^2 empirique		0,72	Non significatif au niveau de risque 0.05	

TABLEAU 25 : LES PROBLÈMES QUI SONT ENTRE LES RANGS 1, 2, 3

Pb07: Sécurité		Lieux où le problème a été posé (rank)		Total
		R=1 ou 2 ou 3	R>3 ou non nommé	
SEXE	Homme	20	14	34
	Femme	51	18	69
	Total	78	32	103
Valeur du χ^2 empirique		2,42	Non significatif au niveau de risque 0.05	

TABLEAU 26 : LES PROBLÈMES QUI SONT ENTRE LES RANGS 1, 2, 3

Pb08: Loisirs		Lieux ou le problème a été posé (rank)		
		R=1 ou 2 ou 3	R>3 ou non nommé	Total
SEXE	Homme	13	21	34
	Femme	38	31	69
	Total	51	52	103
Valeur du χ^2 empirique		2,58	Non significatif au niveau de risque 0.05	

1.7. L'ÉDUCATION (Pb 06)

Avant de commencer à décrire la réalité éducative do Belo, il nous semble important d'avoir des données historiques de l'école dans le sud du Brésil.

Kreutz (2000, p. 164), travaillant sur *les écoles communautaires pour les immigrants au Brésil* a écrit:

lorsque vous travaillez avec des informations de l'UNICEF, la Folha de São Paulo (24/03/1996) a constaté que des 50 municipes les plus alphabétisés du Brésil, 33 étaient du Rio Grande do Sul et 29 d'eux, situés aux Vales do Rio Caí, du fleuve Taquari et dans la Serra Gaúcha, formaient le polygone, avec l'Oscar d'alphabétisation. Cette région est essentiellement de descendants d'immigrés.

La *dynamique du processus scolaire* est présentée par Kreutz (2000, p. 164), chez les immigrants, montrant que l'école, l'éducation était d'une importance primordiale pour ces communautés naissantes, avec les « yeux » tournés vers l'avenir, malgré leurs histoires ethniques différenciées par rapport au processus scolaire. Dans tout ce processus de développement, nous ne pouvons pas oublier la contribution et l'influence des églises, dans lesquelles sont présentes les différentes congrégations religieuses masculines et féminines.

En ce qui concerne les écoles d'immigrés italiens, région et culture de nos recherches, il semble que dans ce processus historique de l'éducation, l'Eglise Catholique exerce une grande influence. Dal Moro (1987), cité dans Kreutz (2000, p. 167), dit: «autour de l'Église gravitait tout le monde socio-économique et culturel des colons italiens." Dans l'histoire actuelle, les sources IBGE confirment que la région sud du Brésil, c'est celle que nous pouvons considérer la plus alphabétisée parmi les cinq (5) régions de la Fédération brésilienne. Le pourcentage d'analphabètes et la scolarisation de la

population du Rio Grande do Sul, de cette année 2006, l'âge et le sexe, sont présentés dans les tableaux suivants:

TABLEAU 27 : ANALPHABÉTISME DE LA POPULATION DU RS

Total	5,2%
Hommes	4,8%
Femmes	5,5%

TABLEAU 28 : ANALPHABÉTISME DE LA POPULATION DU RS

10 – 14 ans	0,8%
Hommes	1%
Femmes	0,6%

TABLEAU 29 : ANALPHABÉTISME DE LA POPULATION DU RS

25 ans ou plus	7,1%
Hommes	6,6%
Femmes	7,5%

Scolarité:

TABLEAU 30 : TAUX DE SCOLARITÉ RS

5 à 17 ans	91,2%
Hommes	90,8%
Femmes	91,6%

TABLEAU 31 : TAUX DE SCOLARITÉ RS

7 à 14 ans	98,4%
Hommes	98,1%
Femmes	98,7%

TABLEAU 32 : TAUX DE SCOLARITÉ RS

25 ans ou plus	4,9%
Hommes	4,1%
Femmes	5,6%

En ce qui concerne la formation des individus, la région géographique de la recherche, Caxias do Sul, le niveau d'alphabétisation est élevé lorsque la population atteignait 360.419 personnes en 2000. Nous avons utilisé cette année comme un exemple pour nous donner des informations plus détaillées:

TABLEAU 33 : ALPHABÉTISATION DE LA POPULATION DE CAXIAS DO SUL (2000)

Alphabétisation	Au-dessus de 10 ans:	Alphabétisés:	Taux d'alphabétisation au-dessus de 10 ans:
	300.957	290.772	96,6%

En ce qui concerne la question du parcours scolaire dans le système éducatif brésilien, ici nous nous bornons au tableau scolaire, selon les trois (3) façons:

- Scolarité suivie complètement dans le système public d'enseignement;
- Scolarité suivie complètement dans le système privé d'enseignement;

- Scolarité suivie par une partie au système public d'enseignement et par autre partie dans le système privé d'enseignement.

La prise en considération de la variable du parcours scolaire, s'appuie sur les caractéristiques économiques et socioculturelles au Brésil, influençant directement le choix, par les parents, l'endroit où placer leurs enfants, soit dans les écoles publiques ou privé d'enseignement. Ici on prend en compte les variables socio-économiques liées à des représentations de la qualité de l'enseignement et de la variable de genre. Les parents, s'ils appartiennent à une classe socio-économique favorable, ont tendance à placer leurs enfants dans le système privé.

Le coût des études est très élevé dans les écoles privées au Brésil et est incomparable avec les familles françaises, par exemple, qui placent leurs enfants dans des établissements privés. Le système privé au Brésil est différent de la réalité de l'école française, invoquant des raisons de qualité de l'éducation indépendamment des options politiques et philosophiques.

Dans la réalité sociale brésilienne, les parents qui n'ont pas des moyens économiques solides, mais placent leurs enfants dans des écoles privées, le font avec grand sacrifice. Mais, quand ils ne peuvent pas mettre leurs enfants dans une école privée, dans le cas où ils ont plus de deux enfants, ils montrent une plus grande tendance à choisir les filles pour le système privé et les garçons pour le système public. Quant aux familles dont les sources économiques sont rares, la question se présente sous une autre forme, qui met les enfants dans le système public ou ne les envoie pas à l'école pour les faire chercher du travail, même si les lois obligent d'avoir une formation scolaire.

Le taux de 96,6% présenté ci-dessus, a suivi un parcours scolaire complet jusqu'à la troisième année de l'enseignement secondaire brésilien, ou dans la nouvelle nomenclature, l'enseignement moyen (médio).

Dans la Vila do Belo Horizonte, l'accès à l'éducation formelle est un défi pour de nombreux enfants et adolescents qui vivent dans ce contexte. Cependant, nous trouvons un nombre très favorable de fréquentation scolaire ou autres cours de formation, dans la Vila ou dehors. Même si ces enfants et ces adolescents sont tentés, dans le besoin,

d'aider à soutenir la famille, ils sont présents dans les établissements d'enseignement et centres d'apprentissage qui offrent des cours techniques. Dans ces cours nous trouvons dès les analphabètes aux universitaires, ainsi que ceux qui cherchent à participer de EJA et d'autres cours techniques.

La Vila do Belo Horizonte est contemplée pour être proche géographiquement de l'Association Centre de Promotion du Mineur - ACPMen⁵⁴ - "est un organisme civil, sans but lucratif, qui vise à créer des possibilités d' une éducation alternative unie et responsables aux enfants et aux adolescents pauvres, les parents et la communauté leur assurant leurs droits, certifiant la participation de tous dans la construction d'une société humaine, fraternelle et solidaire. " Depuis 1978, elle rend des services à la zone du nord, située dans la grande région de Santa Fé, actuellement donnant de l'assistance à plus de 450 enfants par jour, plusieurs originaires de notre territoire de recherche, élaborant des programmes éducatifs et des activités différenciées. Il compte sur les partenariats qui impliquent des congrégations religieuses associées à des secteurs privés et publics, locaux et internationaux.

L'éducation formelle dans la Vila do Belo Horizonte est offerte par l'École Municipale de Premier Degré Complet Presidente Tancredo de Almeida Neves, inaugurée le 28 Novembre, 1986. Le corps enseignant, coordonné par un directeur et un directeur adjoint, se compose de 82 enseignants. Il compte huit employés. Le collège⁵⁵ est un point de référence en place, comprenant environ 1.200 étudiants. Après avoir terminé la huitième année, l'école primaire, ils s'inscrivent de s'inscrire à d'autres collèges de la ville. Le mouvement étudiant à l'école est favorisée par le Grêmio. Le Conseil scolaire se compose de parents, élèves, professeurs et employés. Le soir, travaille l'EJA: Éducation pour Jeunes et Adultes. Peu d'abandon de la part des élèves, car tous cas

⁵⁴ L'Annexe 15 montre les activités qui intègrent le centre d'éducation.

⁵⁵ Étant un point de repère, l'École Tancredo se charge , en plus d'autres responsabilités, du soin de l'environnement de la Vila do Belo Horizonte. Au mois d'avril/07, à l'Annexe 16, cette école a fait avec ses élèves, une réflexion, discutant, à partir de la salle de classe, sur la façon de soigner l'environnement de l'école, de la rue, du quartier et de la maison où ils vivent et ce qu'ils peuvent faire pour l'améliorer.

sont rapportés au Conseil Tutélaire. Dans l'établissement sont offertes d'autres activités comme la Capoeira/Informatique.

Dans le nord de la ville, dans la Vila do Belo Horizonte, il ya 5723 étudiants inscrits⁵⁶ dans de différents établissements d'enseignement, y compris le collège ci-dessus cité. Nous ne pouvons pas oublier l'absence de garderie⁵⁷ ou d'une école qui amène de nombreux parents ou tuteurs au sacrifice de voir leurs enfants transportés vers des lieux éloignés de leurs maisons.

Ce que l'on trouve à la fin de l'école primaire, c'est que les jeunes, partant vers une autre réalité qui n'est pas la leur, changeant d'école, passe d'abord par des difficultés à s'adapter aux nouvelles relations éducatives et sociales. Beaucoup sont envoyés à des cours de perfectionnement. Des cours techniques, tels que SENAI et le SENAC⁵⁸, et d'autres. Le tableau suivant montre un sondage⁵⁹ auprès des écoles dans le nord de la ville.

⁵⁶ Il est important de signaler qu'il y a des enfants et des adolescents qui n'ont pas réussi à s'inscrire aux cours, en 2007, pour de différentes raisons.

⁵⁷ Le manque d'une garderie ou d'école maternelle met quelques enfants en risque. Plusieurs mères sont obligées d'aller à leurs travaux et de laisser leurs enfants tout seuls à la maison, vu qu'elles n'ont pas de moyens de payer un baby-sitter pour surveiller leurs enfants.

⁵⁸ SENAI: Service National d'Apprentissage Industriel. SENAC : Service National d'Apprentissage Commercial.

⁵⁹ Données du 13 mars 2007, Source : Roque Grazziotin.

SUL
TABLEAU 34 : TABLEAU SCOLAIRE DE LA ZONE NORD DE LA VILLE DE CAXIAS DO

ÉCOLES	ÉLÈVES	PROFESSEURS	FONCTIONNAIRES
1. Tancredo Neves	1202	82	08
2. Angelina Sassi	1025	67	10
3. Rubem Bento Alves	810	53	09
4. Dolaines	753	53	08
5. Zelia Furtado	544	39	06
6. João de Zorzi	460	30	05
7. Ilda Barazzetti	300	20	04
8. Manoel Pereira	280	28	04
9. José Bonifacio	245	24	02
10. Luiza	104	08	01
TOTAL =	5723	407	77

Les données collectées nous rendent possible une analyse plus proche de La réalité éducative formelle de la totalité des sujets interviewés, et les tableaux qui suivent présentent des données positifs de l'éducation, vu que nous sommes inséré dans une réalité périphérique.

TABLEAU 35 : SAVENT BIEN LIRE ET ÉCRIRE

	Fréquence	%.
Lire Écrire OUI	95	92,23
Lire Écrire NON	8	7,77
Total	103	100

Le degré de scolarité des sujets interviewés et exprimé dans le tableau ci-dessous:

TABLEAU 36 : DEGRÉ DE SCOLARITÉ DES CENT TROIS (103) SUJETS

	Fréquence	%.
Analphabète	6	5,83
Semi -Analphabète	5	4,85
Enseignement Primaire Incomplet	54	52,43
Enseignement Primaire Complet	24	23,30
Enseignement Secondaire Incomplet	6	5,83
Enseignement Secondaire Complet	7	6,80
Enseignement Supérieur Incomplet	1	0,97
Enseignement Supérieur Complet	0	0
Total	103	100

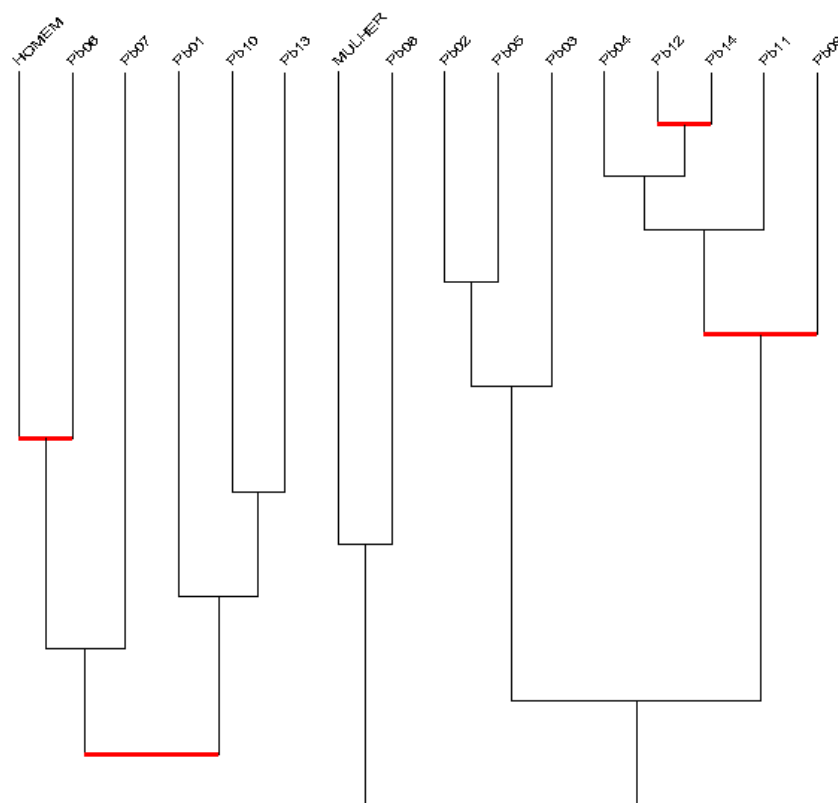
Une analyse plus détaillée nous a permis de voir le pourcentage de ceux qui savent lire et écrire entre les hommes et les femmes et le niveau d'instruction, de l'ensemble étudié. Mais le niveau d'éducation de la majorité est très faible, correspondant à l'enseignement primaire incomplet et de cette totalité seulement trois interviewés ont dit qu'ils suivaient des cours comme l'informatique, les relations humaines, les premiers secours.

TABLEAU 37 : HOMMES ET FEMMES QUI SAVENT BIEN LIRE ET ÉCRIRE

Fréquence	Homme	Femme	Ensemble
Lire Écrire OUI	33	62	95
	34,7%	65,3%	100%
	97,1%	89,9%	92,2%
Lire Écrire NON	1	7	8
	12,5%	87,5%	100%
	2,9%	10,1%	7,8%
Ensemble	34	69	103
	33%	67%	100%
	100%	100%	100%

L'analyse des informations recueillies, parmi les cent trois (103) sujets interrogés, afin de résumer et structurer les réponses entre les 14 problèmes des sujets de notre recherche, le traitement multidimensionnel des données statistiques des trois graphiques suivants, a été soutenue par le logiciel CHIC (COUTURIER, 2007) (GRAS; RÉGNIER; GUILLET, 2009) (GRAS, 1979).

Le tableau ci-dessous, arbre de similitude, présente deux grandes classes, dans lesquelles la variable de genre permet une analyse pour voir comment se classifie le problème de *l'éducation* - *Pb06*. Nous pouvons voir dans ce classement que le groupe masculin a une plus grande importance ou une pertinence plus grande, tournée vers la question de l'éducation, le groupe féminin signale d'abord d'autres problèmes.



Arbre des similarités : D:\KABALHO\KABALHO\Projet\Océanographie\VALE\Projet\doctorat\Tratamiento Estadístico\VALE\CHIC.csv

FIGURE 11 : ARBRE DE SIMILITUDE

La première perception signalée suit avec la question de la sécurité Pb07, transport Pb10, assainissement Pb11 et finit avec la santé Pb01, entre le groupe masculin.

Analysant le groupe féminin, nous mettons l'accent sur des aspects qui entraînent les catégories avec de la similitude entre les problèmes logement Pb12 et rapport avec les voisins Pb14. Cette augmentation de l'incidence statistique fait voir les problèmes de la situation de famille Pb04, logement Pb12 et les relations avec les voisins Pb14, se rapportant au problème recyclage Pb11. La religiosité, Pb09, dans cet ensemble, a une grande importance et signification expressive. Les problèmes de la nourriture Pb02 et du travail Pb05 sont liés à l'économie Pb03, qui se rapporte à la première série. On observe également que les loisirs Pb08 ont une relation avec les deux (2) ensembles qui composent le groupe de femmes.

Dans les deux (2) graphes implicatifs ci-dessous, les relations se "mélangent" et l'on peut voir les connexions entre les femmes et les hommes dans les 14 catégories déclarées. Le bleu montre une fréquence élevée, avec le problème de l'éducation Pb06,

visant le problème des relations avec les voisins Pb 14 sur le problème de l'assainissement Pb13.

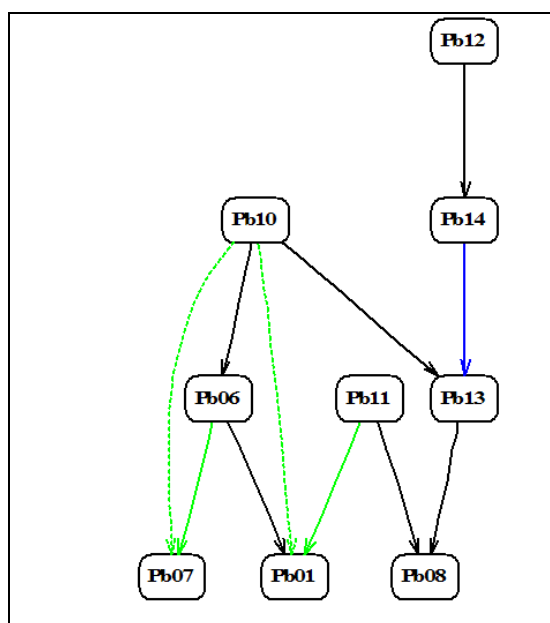


FIGURE 12 : GRAPHEUR IMPLICATIF 1

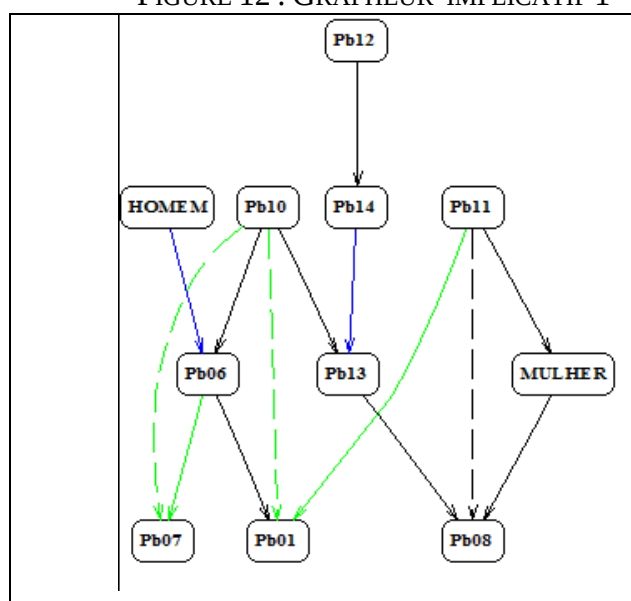


FIGURE 13 : GRAPHEUR IMPLICATIF 2

Les hommes se tournent vers le problème de l'éducation Pb06, déclinant au problème de santé Pb01. Le signalement qui arrive du problème du recyclage pour les femmes se déplace vers le problème des loisirs Pb08.

On pourrait même penser que le problème de la relation avec les voisins Pb14 va au-delà des questions de genre.

Même faisant des commentaires sur l'ensemble des problèmes, l'objectif des trois (3) graphes ci-dessus a été celui de mettre en relief la question de l'éducation, qui est parmi les trois (3) premières places, comme nous pouvons identifier dans le tableau ci-dessous:

TABLEAU 38 : L'ÉDUCATION ENTRE LES TROIS (3) PREMIÈRES PLACES

Pb06: Éducation		Lieux ou le problème a été posé (rank)	
		R=1 ou 2 ou 3	R>3 ou non nommé
SEXE	Homme	21	13
	Femme	18	51
	Total	39	25
Valeur du χ^2 empirique		12,32	6,03

1.8. CULTURE, ART ET RELIGION DANS LA PÉRIPHÉRIE (Pb 09).

Dans la Vila de Belo Horizonte, des signes de lutte dans la recherche d'améliorations sont également fortement exprimés dans d'autres formes culturelles. Lorsque nous entendons la musique, nous voyons l'art et nous contemplons la religion.

Dans les rues de la périphérie, la musique est le rap⁶⁰. Pas de rock, pas de musique classique ou de groupe folk. Ce rythme marginalisé et ses thèmes sociaux font les têtes des enfants et des adolescents et change la vie de beaucoup de ses adeptes au *Belo*. Le rap est la culture de rue, selon un membre de UZN: Union de la Zone Nord, groupe de rap. Le groupe, sachant que cela pourrait être un canal pour l'adhésion, au-delà de leurs lettres de protestation, a commencé à donner des conférences et des ateliers d'art, prêchant la paix. "Les jeunes ont découvert dans la pratique ce que de nombreux programmes sociaux mis en place ne se sont pas encore rendu compte: pour entrer dans l'univers de la périphérie, il faut la connaître. Les gens viennent à la périphérie pour apprendre à jouer du violon. C'est très beau, mais ça ne fonctionne pas, car ce n'est pas la réalité des gamins d'ici ", explique un autre membre du groupe de rap.

⁶⁰ RAP : *Des Vers qui Apprennent* . Organiser des conférences et ateliers d'art, le groupe rap fait connaître des enfants et des adolescents et attire des adeptes. Le meilleur de la périphérie. Divulgatech 08/02/07 – Source : Jojurnal Pioneiro.

Dans cet univers périphérique, nous avons d'autres personnalités qui ressortissent et finissent par être des références, des célébrités⁶¹, renommées par où elles circulent.

Dans cette série de "zones privées" que le grand village urbain forme, nous pouvons voir que beaucoup de sujets sont des célébrités réelles, partant de leur personnalité, de leurs travaux et de leurs connaissances.

Notre recherche a comme référence les sujets interviewés, qui sont des agents internes qui agissent et sont reconnus pour leurs travaux, n'étant plus des anonymes.

Ils passent à répondre aux besoins de la communauté, à la conquête de leur espace devenant des identités représentatives.

Dans le contexte présenté, il y a donc la nécessité d'aller au-delà des connaissances de base culturelles, coutumes et langues. Il faut comprendre, comme dit Verbunt (2001, p. 15), "la complexité des relations que les individus et les entreprises gardent au-delà des frontières. Il ne suffit pas de connaître les différences sociales". Il est important de savoir comment se situer face aux multiples situations de ces frontières qui conduisent, plusieurs fois, à une véritable exclusion sociale.

Dans une réalité comme celle de la Vila do Belo Horizonte, une autre dimension de la vie de ses résidents c'est la religion. Il y en a beaucoup qui portent quelque signe qui démontre leur foi. Soit en Christ, en Bouddha ou en une philosophie de vie qui réponde à leur recherche ou à un besoin spirituel et matériel. Même s'il est parfois placé dans un syncrétisme religieux, un dieu est présent dans la forme de penser et de sentir leurs vies. Ces manifestations arrivent au moyen d'expressions sensibles, gestes et actions solidaires, partagés entre les gens qui construisent la *famille* du Belo Horizonte.

⁶¹ *Fameux, oui, mais seulement dans le milieu où ils circulent.* Ce titre est donnée à un reportage fait avec les résidents de la zone nord qui ressortissent par leur popularité, mais cette popularité n'a pas de reconnaissance extérieure à cette réalité, où nous pouvons connaître un peu de cette histoire à l'Annexe 17.

Dans un espace entouré par de petites églises, les mouvements pentecôtistes sont présents, un phénomène religieux qui mérite un examen, et certains spécialistes le considèrent comme le plus important du XXe siècle.

Le commentaire du théologien Joseph Comblin (2008), concernant la Conférence des Évêques à Aparecida, 2007, analysant la situation actuelle de l'Eglise catholique, dit:

ce serait nécessaire d'examiner les raisons de ce succès. Sans doute, le pentecôtisme répond aux aspirations d'une grande partie du monde populaire. Il est intéressant d'étudier le message, la méthodologie, les formes d'organisation. Fermer les yeux comme si le phénomène n'existait pas peut être la politique de l'autruche.

L'umbanda, le centre de tambours, de la maison de la diseuse de bonne aventure, la guérisseuse, le centre spiritualiste sont des présences dans la Vila do Belo Horizonte. Certaines appelées de sectes, offrant une solution complète, par des promesses d'une vie meilleure, parlant d'un miracle de Dieu qui apporte de l'argent pour bientôt quitter ce monde de misère et de souffrance.

Beaucoup touchés par l'exode rural gardent leurs croyances, les dévotions qu'ils ont appris avec leurs familles de l'intérieur, qui sont annoncées dans les cultes, où la divinité n'est pas remise en question parce que c'est un dogme. Ce sont des croyants, souffrant d'une foi révélée dans les pratiques communautaires. Ils n'ont pas perdu leur foi, mais, au milieu du monde urbain, ils ont cherché d'autres changements de cultiver leur spiritualité, sans oublier le catéchisme transmis par leurs parents.

Face à ce syncrétisme, on voit le service pastoral de l'Eglise Catholique, qui cherche à développer le travail et les activités sociales et religieuses d'une plus grande conscientisation et un engagement à la réalité, Favorisant des réunions, des rencontres avec les parents et les jeunes, traitant de sujets spécifiques qui correspondent aux besoins des collectivités locales, le soin aux gens handicapés, la formation de leaders, des promotions telles que des déjeuners formation de leaders, des promotions telles que des déjeuners et des dîners pour collecter des fonds pour la communauté, des orientations, prestation de services funèbres, pastoral de l'enfant, du pain et d'autres. Le culte/messe est célébré à de différents moments de la semaine, les samedis et dimanches. En raison d'être une communauté très peuplée, on se rend compte des

difficultés à répondre à la pénurie d'agents de la pastorale, qui parfois n'arrivent pas à répondre aux demandes qui se multiplient de plus en plus.

1.9. MOYENS DE LOCOMOTION (Pb 10).

Les premiers habitants disent que, dans l'histoire des débuts de la Vila, ils se déplaçaient avec des véhicules de traction animale, parce qu'il y avait très peu d'habitants qui avaient des voitures; d'autres étaient forcés d'attendre un bus qui circulait très peu. Une autre option était de faire le trajet à pied, sur une distance de huit kilomètres, s'il allait au centre-ville.

Les transports, au fil des ans, continue à être un autre défi qui touche non seulement les étudiants, mais une grande partie de la population. Il y a un bus qui traverse toute la Vila do Belo Horizonte et deux autres lignes qui passent à la limite des autres districts, mais devient insuffisante, parfois, à l'heure de pointe⁶², lorsque les travailleurs et les étudiants se trouvent sur le même moyen de transport en commun, d'un excès d'utilisateurs. Beaucoup d'eux arrivent en retard à leurs rendez-vous.

Le coût du billet fait aussi que plusieurs s'aventurent à un voyage clandestin, entrant dans le transport public sans payer, ce qui provoque une situation parfois violente entre le contrevenant et les responsables du véhicule et parfois avec d'autres usagers. Face à un certain nombre de préoccupations, certains résidents louent un transport pour leurs enfants afin qu'ils aient le minimum de confort et de sécurité pour atteindre leur destination, tels que l'école. Certains travailleurs de différents secteurs agissent de la même manière, fatigués en raison des promesses faites par quelques employeurs qui disaient que la société leur aiderait à payer leurs déplacements pour aller au travail.

⁶² Heure de pointe :En horaire commercial. Matin= 6 h/7h45 min., Midi= 12h/14h, Fin d'après-midi= 17h45 min./19h. Horaire de grande circulation de voitures, transports en commun et d'autres moyens de transport.

Cette réalité présentée, indique que le chercheur, pour chercher avec bon esprit, il est parfois interdit, prohibé et, en plus de le défier, met le chercheur dans un état de la plus grande attention pour comprendre ce qui se passe dans le milieu où il est, de révéler ce qui s'est produit et se produit. Oser, c'est un facteur de motivation qui nous accompagne car nous sommes insérés en des différentes et complexes réalités sociales.

Il faut travailler l'intuition, les idées qui sont capturées, puisque seulement regarder, calculer les données recueillies n'est pas suffisant, car cela risquerait de compromettre et d'appauvrir le parcours d'un chercheur. La dimension intellectuelle vient de contribuer et de renforcer l'évolution de ce processus d'intégration, ce qui rend nécessaire de réfléchir et de penser sur ce monde dans ses différences relationnelles.

1.10. COMPARAISON DES ÉVOCATIONS DES PROBLÈMES PAR LES FEMMES ET PAR LES HOMMES

Pour effectuer une telle comparaison, nous avons construit les 14 tableaux afin d'explicitier les intersections de la variable Problème xx "modélisée par deux méthodes: "Pbxx Oui" et "Pbxx Non" pour exprimer le fait que le sujet a évoqué le problème ou non référencé entre les 14, sans tenir compte de la place dans l'ordre, avec la variable genre.

	Pb 01				Pb 02		
	Pb 01 Oui	Pb 01 Non	Total		Pb 02 Oui	Pb 02 Non	Total
Homme	27	7	34	Homme	1	33	34
	79,4%	20,6%	100%		2,9%	97,1%	100%
	31,4%	41,2%	33%		33,3%	33%	33%
Femme	59	10	69	Femme	2	67	69
	85,5%	14,5%	100%		2,9%	97,1%	100%
	68,6%	58,8%	67%		66,7%	67,0%	67%
Total	86	17	103	Total	3	100	103
	83,5%	16,5%	100%		2,9%	97,1%	100%
	100%	100%	100%		100%	100%	100%
TABLEAU 39 : PB01 – SANTÉ				TABLEAU 40 : PB02 – ALIMENTATION			
	Pb 03		Total		Pb 04		Total
	Pb 03 Oui	Pb 03 Non			Pb 04 Oui	Pb 04 Non	
Homme	0	34	34	Homme	0	34	34
	0%	100%	100%		0%	100%	100%
	0%	34%	33%		0%	33,7%	33%
Femme	3	66	69	Femme	2	67	69
	4,3%	95,7%	100%		2,9%	97,1%	100%
	100%	66%	67%		100%	66,3%	67%
Total	3	100	103	Total	2	101	103
	2,9%	97,1%	100%		1,9%	98,1%	100%
	100%	100%	100%		100%	100%	100%
TABLEAU 41 : PB03 – ÉCONOMIE FAMILIALE				TABLEAU 42 : PB04 – SITUATION DE FAMILLE			
	Pb 05		Total		Pb 06		Total
	Pb 05 Oui	Pb 05 Non			Pb 06 Oui	Pb 06 Non	
Homme	2	32	34	Homme	28	6	34
	5,9%	94,1%	100%		82,4%	17,6%	100%
	25%	33,7%	33%		41,2%	17,1%	33%
Femme	6	63	69	Femme	40	29	69
	8,7%	91,3%	100%		58%	42%	100%
	75%	66,3%	67%		58,8%	82,9%	67%
Total	8	95	103	Total	68	35	103
	7,8%	92,2%	100%		66%	34%	100%
	100%	100%	100%		100%	100%	100%
TABLEAU 43 : PB05 – TRAVAIL				TABLEAU 44 : PB06 – ÉDUCATION			
	Pb 07		Total		Pb 08		Total
	Pb 07 Oui	Pb 07 Non			Pb 08 Oui	Pb 08 Non	
Homme	30	4	34	Homme	27	7	34
	88,2%	11,8%	100%		79,4%	20,6%	100%
	32,3%	40%	33%		29,7%	58,3%	33%
Femme	63	6	69	Femme	64	5	69
	91,3%	8,7%	100%		92,8%	7,2%	100%
	67,7%	60%	67%		70,3%	41,7%	67%
Total	93	10	103	Total	91	12	103
	90,3%	9,7%	100%		88,3%	11,7%	100%
	100%	100%	100%		100%	100%	100%
TABLEAU 45 : PB07 – SÉCURITÉ				TABLEAU 46 : PB08 – LOISIRS			

	Pb 09 Oui	Pb 09 Non	Total		Pb 10 Oui	Pb 10 Non	Total
Homme	3	31	34	Homme	11	23	34
	8,8%	91,2%	100%		32,4%	67,6%	100%
	37,5%	32,6%	33%		39,3%	30,7%	33%
Femme	5	64	69	Femme	17	52	69
	7,2%	92,8%	100%		24,6%	75,4%	100%
	62,5%	67,4%	67%		60,7%	69,3%	67%
Total	8	95	103	Total	28	75	103
	7,8%	92,2%	100%		27,2%	72,8%	100%
	100%	100%	100%		100%	100%	100%
TABLEAU 47 : PB09 – RELIGION				TABLEAU 48 : PB10 – TRANSPORT			
	Pb 11 Oui	Pb 11 Non	Total		Pb 12 Oui	Pb 12 Non	Total
Homme	2	32	34	Homme	2	32	34
	5,9%	94,1%	100%		5,9%	94,1%	100%
	13,3%	36,4%	33%		40%	32,7%	33%
Femme	13	56	69	Mulher	3	66	69
	18,8%	81,2%	100%	Femme	4,3%	95,7%	100%
	86,7%	63,6%	67%		60%	67,3%	67%
Total	15	88	103	Total	5	98	103
	14,6%	85,4%	100%		4,9%	95,1%	100%
	100%	100%	100%		100%	100%	100%
TABLEAU 49 : PB11 – RECYCLAGE				TABLEAU 50 : PB12 – LOGEMENT			
	Pb 13 Oui	Pb 13 Non	Total		Pb 14 Oui	Pb 14 Non	Total
Homme	28	6	34	Homme	4	30	34
	82,4%	17,6%	100%		11,8%	88,2%	100%
	35,4%	25%	33%		30,8%	33,3%	33%
Femme	51	18	69	Femme	9	60	69
	73,9%	26,1%	100%		13%	87%	100%
	64,6%	75%	67%		69,2%	66,7%	67%
Total	79	24	103	Total	13	90	103
	76,7%	23,3%	100%		12,6%	87,4%	100%
	100%	100%	100%		100%	100%	100%
TABLEAU 51 : PB13 – ASSAINISSEMENT				TABLEAU 52 : PB14 – RAPPORT AVEC LES VOISINS			

Nous sommes dans une situation de tester des hypothèses, en comparant les hypothèses H_0 : il n'y a pas de différence entre les hommes et les femmes sur l'évocation de Pbxx contre l'hypothèse H_1 : il existe une différence significative entre les hommes et les femmes. Le tableau suivant montre les résultats de l'analyse statistique.

TABLEAU 53 : COMPARAISON DES FEMMES ET DES HOMMES DANS L'EXPOSITION DE CHAQUE PROBLÈME

PB	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14
Valeur Khi2	0,61	0,00	1,52	1,00	0,25	6,03	0,24	3,93	0,07	0,68	3,07	0,11	0,90	0,03
Signification $\alpha = 0,05$	NS	NS	NS	NS	NS	S	NS	S	NS	NS	NS	NS	NS	NS

Il faut souligner que nous avons trouvé deux cas de différence significative (au niveau de risque 0,05) quand il s'agit du problème Pb06 de l'éducation et du problème, Pb08 problème des loisirs. Les hommes citent plus souvent l'éducation comme problème que le problème rencontré. Cependant, les femmes citant plus de loisirs comme un problème abordé.

Nous pouvons également observer que si le problème Pb11 du recyclage, à accepter un niveau de risque $\alpha = 0,08$, il apparaît une différence entre les femmes et les hommes. Les femmes citent plus souvent ce problème que les hommes sont plus souvent évoquer ce problème que les hommes.

Pour les 11 autres problèmes, nous ne pouvons pas rejeter l'hypothèse d'homogénéité entre les hommes et les femmes.

2. CHAPITRE 2 - LA CONSTRUCTION DES DONNÉES À PARTIR DE L'ANALYSE VIDÉOGRAPHIQUE

Le deuxième chapitre de cette troisième partie présente la première sélection des sujets interviewés et les problèmes les plus importants affrontés dans le quotidien de leurs vies. Nous continuons interagissant avec eux dans des fragments extraits des interviews.

2.1. LES PREMIERS SUJETS SÉLECTIONNÉS ET LEURS PROBLÈMES IDENTIFIÉS

Le résultat de cette sélection entre les cent trois (103) sujets interviewés au moyen de questionnaires, afin de voir qui administrait des connaissances alternatives différenciées, a été composé par huit (8) sujets.

Le tableau qui suit montre qui sont les sujets de notre première sélection, par le sexe, l'âge et l'activité développées.

TABLEAU 54 : CARACTÉRISTIQUES DES PREMIERS SUJETS SÉLECTIONNÉS

SUJETS	SEXE	ÂGE	ACTIVITÉS
1	F	54	Masseuse
2	M	42	Tourneur Mécanique-Père
3	M	10	Apprenti Mécanique-Fils
4	F	17	Étudiant
5	M	76	Agriculteur
6	F	75	Guérisseuse
7	M	37	Photographe
8	F	61	Couturière

La recherche faite avec cette population fait apparaître les différences sociales à l'intérieur de la Vila do Belo horizonte, ou nous pouvons, grosso modo, distinguer quelques groupes sociaux, percevoir que le statut social de chacun est aussi différencié, car ni tous les problèmes sont les mêmes pour cette population.

Pour cela, nous avons élaboré quelques tableaux, des huit (8) sujets sélectionnés, pour montrer quelle a été la réponse de ce groupe, dans des problèmes isolés, les catégories, l'ordre et la description succincte des problèmes évoqués auxquels ils ont répondu, signalant leurs plus grandes préoccupations.

TABLEAU 55 : LA MASSEUSE

La Masseuse		
Catégorie	Ordre	Description
1 – Santé	4°	Elle a l'assurance maladie. Elle ne peut pas attendre le service d'urgence. Vila Ipê.
6 - Éducation	5°	Manque de garderie, de maternelle.
7 - Sécurité	2°	Même si elle paye une mensualité 20,00 reais à un surveillant, la famille a très peur.
8 – Loisir	3°	Les enfants n'ont pas d'endroit approprié pour jouer. Pas de place. Une mère dit: Nos enfants jouent dans les rues et dans des endroits dangereux.
13 - Assainissement	1°	De grosses pluies provoquent des inondations.

TABLEAU 56 : LE TOURNEUR MÉCANIQUE ET SON FILS

Le Tourneur Mécanique et son fils		
Catégorie	Ordre	Description
1 – Santé	4°	Le quartier est constitué d'un grand pourcentage d'habitants et c'est honteux de ne pas avoir de service de garde. Il y a un Service de Garde à Vila Ipê, mais il n'est pas adapté pour beaucoup de gens, pour trop de gens.
6 - Éducation	6°	Dans le quartier, il n'y a pas d'école d'Enseignement Secondaire. Il manque des écoles.
7 - Sécurité	1°	Peur. Des soucis avec les enfants.
10 - Transport	2°	Il faut revoir les horaires. Et insister.
12 - Logement	5°	Il manque des planifications de la part de la mairie.
13 - Assainissement	3°	Revendications au centre communautaire. Des réunions.

TABLEAU 57 : L'ÉTUDIANTE
L'Étudiante

Catégorie	Ordre	Description
1 – Santé	5°	Famille garantit la santé par l'assurance maladie
6 - Éducation	7°	Distance. Il n'y a pas d'é lycée au Belo.
7 - Sécurité	2°	La grille toujours fermée. Insuffisant.
8 – Loisir	6°	Il est possible de penser à construire une place, pour le loisir des enfants. Mais, dans le cas affirmatif, cela ne durerait pas. On ne la soignerait pas non plus. Si on demande de l'aide, tout le monde s'en va.
10 - Transport	8°	Des horaires pour l'école. Trop de monde dans l'autobus.
11 - Recyclage	4°	DES DEJETS?! Il y a trop d'ordures, démontrant le manque d'hygiène.
13 - Assainissement	3°	Manque d'organisation.
14 – Rapports avec les voisins	1°	Il n'y a pas de dialogues avec les voisins. Ils ne se parlent pas beaucoup.

TABLEAU 58 : LA GUÉRISSEUSE ET L'AGRICULTEUR
La Guérisseuse et l'Agriculteur

Catégorie	Ordre	Description
1 – Santé	1°	Il faut attendre un mois pour être reçu par le médecin. Il y a un Service d'Aide à Vila Ipê, mais Il est très précaire et trop petit pour les deux quartiers cités. Les médicaments sont préparés à la maison. Elle donne des bénédictions.
2 - Alimentation	3°	Plantations de maïs, de haricots, de citrouilles et d'autres légumes.
9 - Religion	2°	Diversité de religions, en des espaces très serrés. Synchrétisme. Mélange de sectes.

TABLEAU 59 : LA COUTURIÈRE ET LE PHOTOGRAPHE
La Couturière et le Photographe

Catégorie	Ordre	Description
1 – Santé	2°	Besoin urgent d'un Service d'Aide.
2 - Alimentation	1°	La localisation des marchés rend tout plus difficile pour cette famille. Il faudrait des marchés plus proches de chez eux.
7 - Sécurité	3°	Il faut garder les gens. Les gendarmes sont très rares de ce côté-là.
8 – Loisir	4°	Il n'y a pas d'espace pour les loisirs. Surtout pour le football Il faut un petit court, car les enfants jouent du foot dans les rues.

Les problèmes les plus subis par les huit (8) sujets ci-dessus cités, où sont concentrés leurs plus grands soucis ci-dessus cités, nous ont fait travailler dans une analyse entre ces huit sujets, ces porte-paroles ou parlant de la communauté locale.

Ainsi, nous avons créé un tableau afin de voir l'ordre des problèmes de plus grande importance entre les huit (8) sujets:

TABLEAU 60 : L'ORDRE DES PROBLÈMES CITÉS PAR LES 8 SUJETS INTERVIEWÉS

Problèmes (Pb) →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
La Masseuse	4					5	2	3					1	
Le Tourneur Mécanique et son fils	4					6	1			2		5	3	
L'Étudiante	5					7	2	6		8	4		3	1
La Guérisseuse et l'Agriculteur	1	3							2					
La Couturière et le Photographe	2	1					3	4						

Comme nous avons parlé dans les résultats généraux de l'échantillon étudié, ces sujets sélectionnés présentent aussi un ordre dans les problèmes (Pb) évoqués.

Le problème Pb01 de la santé entre les (8) sujets sélectionnés surgit avec une plus grande importance, étant placé en première place avec la guérisseuse et l'agriculteur. Peut-être l'âge de ces sujets (la guérisseuse et l'agriculteur) les amène à une plus grande préoccupation vers la santé.

Le Pb02 alimentation, comparé à l'échantillon général, nous présente deux manifestations, auxquelles se constate que, aussi dans l'échantillonnage général, presque n'apparaît pas.

Par rapport aux problèmes Pb03 économie familiale, Pb04 situation familiale et le Pb05 travail, personne ne s'est rapportée ou a fait des commentaires, étant donné qu'ils apparaissent discrètement, dans l'échantillonnage général entre le groupe féminin.

La question sur l'éducation, Pb06 éducation, s'exprime dans cette sélection, avec plus de relief entre les femmes; en termes de pourcentage, dans l'échantillon général, apparaît entre le groupe des hommes.

La préoccupation tournée vers Pb07 sécurité, apparaît indépendante de l'ordre, en deuxième place où la plus grande fréquence apparaît entre les femmes, étant conforme au général.

Le Pb08 loisir, devient un problème manifesté entre le grand groupe des cent trois (103) sujets interviewés et aussi fortement déclaré entre les huit (8) sélectionnés.

Plusieurs fois, la périphérie devient un grand *carrefour* de syncrétisme religieux. Plusieurs et différentes "dévotions" apparaissent; cependant le Pb09 religion, entre les sujets sélectionnés et dans l'échantillon général, les manifestations sont très discrètes.

La question du transport, on peut voir tout de suite que la plus grande référence est entre ceux qui dépendent quotidiennement du transport en commun pour aller à l'école, et, en général, les gens se déplacent pour aller au travail.

Quant aux problèmes Pb11 recyclage et Pb12 logement, les femmes sont celles qui se manifestent en plus grande nombre, indépendant de sélection.

C'est aussi le cas du Pb13 assainissement. Les rues sont de forts indicateurs de cette situation qui devient plus grave par manque de structure d'écoulement, incluant un grand nombre d'habitants du village et, en plus, le réseau d'eau et des égouts, le jalonnement des rues.

Les Pb14 rapports avec les voisins, finit la liste de problèmes qui doivent être administrés dans cette réalité du *Belo*, ayant des indices plus grands entre les femmes.

2.2. LES SUJETS QUI DÉTIENNENT LES CONNAISSANCES: LES INTERVIEWS INDIVIDUELLES

La masseuse, le tourneur mécanique et son fils, l'étudiante d'enseignement secondaire, la guérisseuse et son mari agriculteur, la couturière et son fils photographe, ont été des personnes qui se sont mises à disposition pour participer de notre recherche, apportant leurs différences dans les activités qu'ils réalisaient dans leurs quotidiens.

L'histoire de ces sujets et de leurs connaissances alternatives ont commencé à être visibles et à apporter plus d'informations à partir de juin 2007, enregistrée en vidéo, ce groupe étant celui par où l'on a commencé à travailler avec la vidéographie.

Les interviews individuelles nous ont permis d'être plus proches de nos sujets et au moyen du mot, ils ont semé notre curiosité dans la quête de la compréhension de ces activités humaines. Les interviews individuelles, Meira et Spinillo (2006), nous permettent et nous aident à analyser les phénomènes, caractéristiques fondamentales et multiples pistes, lesquelles ont été prises des sujets étudiés.

L'interview individuelle nous a rendu possible la découverte de chacun dans sa particularité, étant interviewé dans son atelier, dans son espace physique de travail, en

nous donnant l'occasion de connaître les conditions limites, quant au local de travail et "les outils" utilisés par eux et par elles. Une "invasion" a eu lieu dans leurs vies quotidiennes, nous sommes entrés dans des endroits privés, dans leurs demeures, intégrés à leurs locaux de travail, études et convivialité en famille.

À partir de fragments des interviews, *en italique*, nous avons décrit et analysé, qui sont ces personnes desquelles la forme de s'exprimer et de parler a été maintenue et aussi de montrer comment elles interprètent leurs activités.

2.2.1. Les soins avec le corps et l'esprit

La masseuse de la da Rua dos Apicultores, qui habite avec sa famille, nous raconte que le travail qu'elle fait, est une source de revenu pour le soutien de sa famille. Depuis un an, elle travaille comme masseuse et raconte qu'elle est très recherchée par la population locale. Elle explique aussi les formes et types de massage; relax, thérapeutique, esthétique, massothérapie, sans oublier les crèmes. Elle parle des symptômes de ses clients, hommes et femmes, de plusieurs âges, qui ont des douleurs musculaires, des vertiges, tremblements des yeux, stress, mal au dos.

Elle nous parle aussi du travail pour de différents âges, tout à fait différent pour chaque groupe. Les plus âgés ont besoin d'un diagnostic, pour des raisons de haute tension artérielle; dans ce cas, il est demandé un différentiel, c'est-à-dire, la personne doit être tranquille afin de pouvoir travailler son corps et relâcher son esprit.

Dans le paragraphe ci-dessus, quand la masseuse, qui n'est pas infirmière, parle des soins qu'elle doit avoir avec ses clients (STOER, 2004), surtout avec les plus âgés, savoir si le client est hypertendu; on pense que cette masseuse sait utiliser d'autres connaissances dans le domaine de la santé, utiliser les appareils pour mesurer la tension artérielle. Entre les cinq (5) problèmes cités par elle, quand interviewée pour la première fois, le Pb01 santé se trouve parmi ses préoccupations.

Les jeunes passent aussi par les mains de cette masseuse. Cela est très clair quand on dit qu'il y a *de très jeunes filles et des filles d'âge moyen*. Nous pouvons percevoir l'influence de la culture du corps, imprégné par la convention sociale de devoir conserver ce corps beau, en pleine santé et capable de produire (FOUCAULT, 2006).

Les dispositifs de pouvoir sont toujours des dispositifs de contrôle du corps (LAPLANTINE, 2007) que se multiplient dans toutes les classes sociales.

Questionnée à propos de quelques techniques pour faire des massages en des personnes plus âgées, elle répond: *Parler avec elle, pour qu'elle soit à l'aise, tranquille, je pense que c'est très important, la personne [...] va faire ce qu'elle n'a jamais fait. N'a jamais vu. Donc, elle est bien consciente de ce qu'elle va faire. Et ce sera très bien pour elle, on explique bien. Au niveau où elle va arriver [...] si elle est hypertendue, elle est tranquille, relâchée, alors, on va lui faire un massage, stimuler l'écoulement sanguin, tout va bien se passer.*

La masseuse raconte que cette conversation liée à l'écoute est un autre élément de confort: *Quelquefois, il y a des gens qui n'ont pas tellement des douleurs et que, si l'on parle avec elles, elles disent que ça va, que la conversation a même remplacé le massage [...] qu'elles se sentent plus légères, plus tranquilles, seulement avec ce brin de conversation. Parfois, cela aide beaucoup.*

L'ambiance de travail, très modeste, est ornée avec des figures/images qui conduisent les personnes à un état de contemplation, calme, paix. La musique choisie est une aide pour créer une atmosphère de tranquillité.

Elle nous dit qu'elle a suivi un cours pendant une année, cherchant le perfectionnement en des lectures et dans les expériences acquises. Quant aux questions posées sur ce qu'il faut pour être admise comme masseuse, elle répond: *Que la personne se sente bien [...] car il faut se sentir bien et ne pas avoir des douleurs. Il faut se sentir bien au moment du massage; si l'on a des douleurs c'est n'est pas le massage correct. Alors, il faut avoir du contrôle à la main pour que la personne ne se sente sans confort. Tout doit être bien.*

2.2.2. La connaissance stimulant des partenariats

Le Tourneur Mécanique et son fils apprenti habitent la Rua dos Cesteiros, dans la Vila depuis 2004. Le tourneur dit qu'il a toujours travaillé dans ce domaine de la mécanique.

Un travail aussi tourné vers le soutien de la famille: *Soutien de la famille, non, ici prend [...], le pain de tous les jours.*

Questionné sur ses études, comment il a eu cette connaissance, avec des clients dans le village et travaillant aussi pour quelques entreprises dans la ville de Caxias do Sul, il répond: *Non, non, moi, j'ai suivi un cours de base, de mécanique, SENAI n'est-ce pas, je suis allé dans l'entreprise, mais, c'est là-même, dans les entreprises, qu'on acquiert des connaissances, de la pratique et des connaissances, on travaille, on fait plusieurs sortes de travaux [...], tu apprends, et il arrive un moment où tu es prêt pour ton travail. Alors, tu commences, si tu peux avoir un négoce, rêve de tout le monde, pour ton compte, n'est-ce pas, tu commences à travailler.*

Le tourneur mécanique met en relief la pratique acquise, cela étant une base de confiance dans son activité. *Et, la pratique est importante, c'est la qualité du travail, c'est ton différentiel, tu as plus de pratique, tu deviens un meilleur tourneur, un bon tourneur où tu gagnes des connaissances, où ton travail est toujours bien reçu, vu qu'il est parfait, ton travail. C'est de la qualité [...] accompagné de qualité. [...] La pratique est tout dans le travail. Tu sors d'un cours, tu sors pratiquement sans aucune pratique, n'est-ce pas, seulement une base, après tu commences à avoir un peu plus de pratique.*

Cette pratique, le tourneur rappelle qu'elle se construit à travers les temps: *je dis comme ça, oh tu sors d'un cours, tu prends environ 5 ans, tu vas être un expert, maintenant, je suis prêt. Sans peur de rien! Mais, ça prends 5 ans, au minimum. [...] tu as la pratique, c'est parfait [...] cette pratique te donne de la confiance. Tu te sens un expert. Dans la pratique. Mais moi, je dis ça. D'un expert (il se frappe dans la poitrine), après 5 ans de cours. J'ai fait mes études. Alors, tu as de la confiance, comprends, le personnel t'envoie du travail, tu te sens frustré, mais quand tu as de la pratique, tu n'as plus peur de lire un dessin, d'interpréter ce dessin. Cela fait peur, le personnel vient avec un chariot, te laisse les pièces, un tas de pièces au tour [...] laisse, prend le dessin, apporte et regarde, c'est ça.*

Pour résoudre certains problèmes de ses clients, le tourneur est réquisitionné comme conseiller. Il nous raconte qu'il est cherché par plusieurs: *le personnel l'appelle, oh viens ici pour changer des idées avec moi, [...] nous faisons le service ici, qu'est-ce que*

tu en penses. Le personnel appelle, demande, [...], dans mon expérience, j'ai aussi des collègues.

En présence du père, le fils apprenti suit enthousiasmé et motivé par les travaux dans ce domaine, selon les normes de sécurité. Nous lui demandons si le père lui apprenait le travail dans la tournerie. Nous répondant par oui, il nous donne un exemple, montrant l'utilisation des outils de précision tels que le compas à coulisse, utilisé pour des mesures exactes. En prenant une pièce dans ses mains, il montre, mesurant avec cet outil, la partie interne, *disant: la mesure interne de cette pièce qui va être tournée doit être exacte, car ici sera mis l'essieu principal de la machine que le père fait et il n'y peut pas avoir d'espace.* Ainsi, nous pouvons voir l'exigence d'une grande attention à l'heure de tourner la pièce, pour ne pas dépasser les mesures.

Le père, pensant à l'avenir de son fils, le voyant déjà comme partenaire, dit: *Pense que, quand il arrive au SENAI, fait le SENAI à l'âge de 14ans, pense ce qu'il va savoir. Si Dieu le veut, il va faire. Pense la connaissance qu'il va apporter avec soi, au moment de commencer son cours; moi, je n'ai pas eu la même chance. J'ai commencé à 14 ans au SENAI, mais je n'avais pas de pratique, tu vois [...].*

La quête pour l'autonomie (FREIRE, 2007), dans de rapport père et fils est de mettre en évidence une plus grande impulsion et un appui continu de vouloir imaginer son fils comme un futur citoyen intégré socialement et capable dans son activité.

2.2.3. Envisageant le futur face aux défis.

L'étudiante qui finit l'école secondaire, demeurant à la Rua José Zambon, nous parle des défis des jeunes étudiants quand ils vivent dans des zones socialement sensibles et comment ils cherchent des solutions pour résoudre leurs problèmes.

Des rêves pour la recherche des connaissances, passer le baccalauréat, étudier dans une université, le professionnalisme, sont bien visibles dans les luttes pour meilleur contourner les situations émergentes.

Revendiquant meilleures conditions et moyens, tels que école et transport, *l'étudiante* déclare: *l'école où je suis à présent, n'a pas été ma première option, mais comme les*

autres étaient plus loin, il me fallait prendre deux ou trois bus pour y arriver, j'ai choisi celle qui était plus près de chez moi. Alors, comme je voulais une autre école plus éloignée, je ne pouvais pas arriver à l'horaire, l'horaire des bus ne me servaient pas pour arriver là et attendre, j'ai choisi celle-là où je suis actuellement.

Plusieurs habitants ont des difficultés au jour le jour dans le village, qui a aussi le problème de santé local: *la question de la santé et de l'éducation [...], vu que l'école est située très loin, alors ils abandonnent, arrêtent d'étudier et, une autre question, c'est la santé, il y a beaucoup de monde qui a besoin de traitement et qui doit sortir d'ici, qui passe par deux quartiers, je pense, pour arriver au service d'aide médicale, il serait intéressant d'avoir un service ici même ou même une garderie, une école, école, parce que tout le monde en a besoin.* Questionnée pour savoir si la ville a de l'espace pour la construction d'un autre bâtiment destiné à la santé, elle a répondu *oui*.

Une des plus importantes caractéristiques qui apparaissent entre les jeunes de la périphérie, c'est la résistance de lutter contre une structure qui leur impose quotidiennement des défis financiers, culturels et autres.

La mondialisation de plusieurs marchandises entre ces jeunes finit pour avoir un caractère séduisant, quelquefois fatal, faisant qu'ils deviennent objet ou icône de la violence et de la *consommation*. Le chercheur Pain (1992), depuis plusieurs années développe ses travaux analysant les situations de violence, apporte sa contribution au domaine de l'éducation, faisant une analyse de la violence scolaire. Une des raisons de la violence signalée par les études faites, c'est que nous vivons dans une société de consommation qui présente une dimension fondamentale dans les rapports sociaux où cette *consommation* est la cause d'une série de délinquances, consommant aussi, d'une autre forme, la vie de plusieurs jeunes par la violence, qui se multiplie aux régions les plus affaiblies de la société, violant leurs projets.

2.2.4. De la bénédiction à la culture de la terre

La guérisseuse et l'agriculteur sont un couple d'habitants qui habitent le village depuis 20 ans. Elle travaille avec des bénédictions et des thés; lui, il cultive la terre, produisant de différents produits agricoles.

La guérisseuse travaille avec des tisanes de maison, des sympathies et des bénédictions pour les enfants, jeunes et adultes. Interrogée si elle est très populaire, dit: *Tous les jours*, et comment elle a appris que le service qu'elle fournit à la communauté locale, continue: Je pense qu'il y a un cadeau que nous savons, nous l'apprenons, [...] ma belle-mère est morte, [...] j'ai appris [...] Je la voyais donner sa bénédiction, je l'écoutait, elle la disait d'une voix très basse, mais j'ai toujours écouté. J'ai tout appris. Aussi pour le thé et je ne suis pas très [...] aujourd'hui encore, le thé de la ville, il y a plus de thé, il est difficile de savoir.

Elle nous parle des types de thés: thés de fleurs d'oranger, de zeste d'orange [...], de l'eau brûlée dans du sucre, c'est bon aussi. La pelure d'oignon, brûlée avec du sucre, c'est le premier médicament pour la grippe [...]. La peau de banane pour la gorge, faire le thé avec cela.

La fragilité de l'âge de ce couple, 74 et 76 ans, recherchés quotidiennement, surtout la guérisseuse, pour des personnes avec des problèmes de santé, comme nous l'avons dit précédemment, est signalé d'abord par le premier couple.

La guérisseuse fait des déclarations au sujet de ses connaissances, en disant qu'elle n'a jamais suivi un cours pour apprendre à bénir et qu'elle ne sait pas lire ni écrire. *Mais mon mari sait*. Elle suit en disant: Où et quand nous étions petits [...] père décédé, nous étions très pauvres, il devait travailler pour nous soutenir, l'école était loin, j'ai été très malade, j'avais de l'asthme, j'ai très peu étudié, je n'ai rien appris [...]. La vie enseigne. Les bénédictions ne devraient pas être facturées. C'est une affaire de Dieu! [...]. L'agriculteur ajoute bénéfice. Je ne demande pas d'argent. Si quelqu'un veut contribuer [...].

L'agriculteur commence à nous dire que dans cette période de l'année il n'y a rien planté du fait d'être trop froid, l'hiver, et où ils travaillent la terre, il n'existe pas de protection pour prendre soin de ses plantes contre le froid et la pluie. *Mais maintenant, il n'y a rien, l'hiver* [...]. Manioc, citrouille, potiron, sont parmi les aliments de leur production. De la production du jardin potager, ils nous disent que: [...] *c'est pour la famille, parce que s'il reste quelque chose [...] nous vendons*.

Les connaissances que vous avez sur la plantation, d'apprendre, à planter du maïs, des haricots, il faut savoir comment calculer, savoir l'espace [...] il répond rapidement: *Je sais, au milieu de la plantation, je connais. Machine du blé, sac de blé à [...] [...] j'appris de mes parents même. Tout de la région. Travail des bras [...]*.

Le déplacement des zones rurales vers la ville, explique la douleur et l'abandon que beaucoup de gens souffrent quand ils sont dans les zones rurales, où la guérisseuse dit: Nous, on a déjà souffert dans la région. À Dieu ne plaise. Il ajoute: plus jamais. Ils racontent leur arrivée dans la ville et les différents problèmes rencontrés.

La guérisseuse dit qu'elle n'avait rien quand ils sont arrivés et ont dû construire à partir de la maison, parce que la première maison a été incendiée. Elle a dit qu'elle n'avait pas d'eau courante à la maison, et on a demandé ils faisaient, où est-ce qu'ils allaient chercher de l'eau? [...]. *Elle a tiré sur son bras, il y avait de l'eau, nous prenons de l'eau de Santa Fé Avec des seaux. Et la lumière: la lampe, petite bougie, bougie. [...] poteau là, sur la rue, tout j'aidais à faire. Je faisais 80-10 trous par jour [...]*.

En ce qui concerne ceux qui avaient vécu dans un moment a été dit que nous apprenions d'eux, et l'agriculteur a dit tout de suite: Je ne dis pas beaucoup [...]. Et il a suivi, maintenant posant des questions sur la bénédiction: [...] *pensez-vous que le soleil se lève la tête des personnes, se lève. Prenez une serviette mettez-la sur la tête de la personne, a mal à la tête et bénit avec de l'eau, une bouteille d'eau, vous voyez, tout monte avec de l'eau. Vous croyez à cela?* La guérisseuse raconte un autre fait qui s'est passé: *il ya des gens de toute sorte. Une femme qui venait toujours bénir sa fille, elle vit là-bas, un jour, elle est venue, s'est assise et elle a dit: je suis là, parce que mon maria dit que chercher la guérison, (dans le langage populaire et superstitieux, la guérison est considérée comme un rite tourné vers le mal) pour ma fille, parce qu'elle ne guérit pas. J'ai dit: ma voisine, je suis désolée mais je ne m'occupe pas de ces choses. Je bénis, mais m'occuper de cela, ce n'est pas à moi, alors, ça y est, la femme n'est plus venue.*

Le couple nous a fait comprendre les choses simples de leur travail quotidien. Un des exemples que nous apportons pour finaliser notre présentation, c'est quand ils

expliquent la façon de planter les haricots et le maïs, l'une de ses plus grandes cultures. Ils nous montrent la machine à planter ces aliments et comment elle fonctionne.

Ici, c'est le gouverneur [...] ici, oh [...] se remplit jusqu'à la bouche, descend, il tire, tombe, descend. Ainsi, il est resté dans la terre, dans le trou. Et il a dans une certaine mesure? Tout les quatre, cinq petits grains par trou [...] les haricots et le maïs, ça doit être ici Oh! blé semé dans la terre [...] prend une poignée, elle jeta sur la terre comme ça [...] il reste un petit grain [...] une partie de l'autre [...] il y a de petits grains qui donnent qui donne 30 ou 40 pieds de blé [...]. Même si ces haricots qu'on plante, combien [...] vous récoltez, le pied est comme une grande quantité. La préoccupation de la guérisseuse devient claire quand elle dit: Ces jeunes, dans quelque temps, personne ne sait planter plus rien, comment est-ce qu'ils vont survivre?

Dans cette interview avec le couple de la Rua dos Chapeleiros, on a signalé une particularité, La guérisseuse, qui apporte sa contribution importante à cette réalité dépourvue de nombreuses conditions sanitaires de base. La pratique de la médecine alternative, faits à la maison à base d'herbes pour la composition de thés et autres produits dérivés, en plus des bénédictions, sont bien visibles par la demande de la population de cette communauté.

2.2.5. Habiller avec les mesures et autres révélations

La couturière et son fils photographe. Sur l'Avenida dos Metalúrgicos, nous avons rencontré la couturière, qui travaille depuis 1988 à fournir des services au centre communautaire local et région, et avec son fils, photographe amateur. Nous avons commencé notre entretien avec la mère, qui nous dit que: jusqu'à 20 ans en arrière, je travaillais dans l'entreprise et je cousais dans mon temps libre, mais seulement la couture, cela fait 20 ans. 20 ans, ici dans le quartier ça fait 20 ans, c'est ça. Gagne-pain, c'est ça. [...].

Elle nous dit que la connaissance a été acquise par l'expérience, à travers la vie: Ma mère a toujours dit: *la douleur apprend à gémir, nous devons donc aller à la lutte pour apprendre, pour ne pas se sentir trop mal. Alors, j'ai toujours eu un fort désir dans ma vie. C'était un rêve que j'ai eu dans ma vie depuis l'enfance, alors, il y a quelques*

années, j'ai fait une robe de soirée, de débutante et j'ai eu l'encouragement de mes clientes: comme tu travailles bien, donc, c'est cela qui m'a poussée à continuer.

Privée de toute formation ou d'un cours technique, la couturière a appris "regardant" avec une très grande envie. Elle nous explique que dans cette activité il y a beaucoup de secrets: *Beaucoup, beaucoup de secrets. Elle nécessite de nombreuses étapes, très correctement, et puis toutes les coutures, chaque pièce est différente l'une de l'autre, ce n'est pas prendre le tissu et c'est fait. Il faut prendre les mesures. Ainsi, il y a beaucoup de secrets. Beaucoup.*

Un des secrets est l'attention, Ah, le pantalon, il faut faire très attention enfin, tout doit être bien fait, surtout le pantalon, les crochets des pantalons, masculins et féminins. Chaque personne a une mesure différente [...].

Travailler avec des mesures, contrairement à la couture standard ou avec des moules ou avec des modèles, elle dit: chaque personne a une mesure, n'est-ce pas. Alors, je prends cette mesure, je coupe l'étoffe et ça y est. Mais, ça doit être comme ça, des secrets, beaucoup de secrets.

La couturière, au cours de l'interview, nous dit que dans son parcours professionnel, elle a servi dans d'autres domaines, en plus de la confection de vêtements. Elle cite l'industrie métallurgique, mécanique et du bois. Mais il est fidèle à l'activité à laquelle elle se dédie, soulignant: je suis née avec cette profession divine, je suis née, et je remercie Dieu parce que je pense que oui, il y a quelque chose de très divin, moi, je suis une personne de famille très pauvre, de la province, je suis venue, je ne pouvais pas étudier, mais tout ce que je voulais, j'ai appris, je suis allée à la lutte et j'ai réussi, je remercie Dieu parce que j'ai beaucoup reçu, et j'ai pu aider mon fils aîné à payer son cours, et, comme ça, j'ai élevé mes enfants; comme mère, c'est bien de pouvoir aider un petit peu, parce que c'est ça que fait une mère, aider et aider et c'est ce qu'elle fait: aider ses enfants.

Elle utilise beaucoup la créativité, la dynamique, les couleurs, les combinaisons dans la couture? La couturière, répond à notre question, et dit: des combinaisons, bien sûr:

chaque tissu, les couleurs, tout, [...] ça ne marche pas si le tissu est d'une couleur et le fil d'une autre [...].

Nous avons découvert, lors de l'interview, que la couturière a occupé le poste d'infirmière dans la communauté et aussi celui de coiffeuse. *Autre chose: je faisais des piqûres, ici, dans le quartier, je coupais les cheveux; quand je suis arrivée, le quartier était plus pauvre qu'aujourd'hui, alors les gosses faisaient la queue, je coupais leurs cheveux, le les rangeait, je faisais des piqûres, j'ai appris de mon mari, qui a été infirmier dans l'armée et que me disais: tu vas apprendre, tu vas faire beaucoup dans le quartier.*

Ici, quand la couturière parle de son mari, elle laisse clair leurs rapports. *Je vais t'apprendre.* La position de la domination masculine est évidente. Selon Muraro et Boff (2002, p. 54), lisant l'histoire des relations entre le genre humain, "le propre langage serait associé à l'œuvre civilisatrice des femmes". Il poursuit en disant que:

sans doute la volonté de dominer la nature de l'homme l'a poussé à dominer la femme, identifiée avec la nature par le fait d'être plus proche du processus naturel de la grossesse et les soins de la vie. Le problème est que les hommes ont réussi à «naturaliser» cette domination historique et de l'introduire chez les femmes, au point que beaucoup acceptent cela comme naturel. Simone de Beauvoir a fait de cet événement historique-culturel la critique la plus radicale. La femme représente un cas particulier de la dialectique imposée par les hommes - la dialectique maître-esclave - l'empêchant d'exprimer ses différences et de produire leur identité (Boff, 2002, pp. 54-55).

La couturière a continué en disant que *quand je suis arrivé ici, j'ai été d'une infirmière dans le quartier. Parfois, je dormais, on frappait à la porte, mes voisins me disaient: mais vous n'avez pas peur? Non, Dieu me garde, j'y vais à n'importe quelle heure, j'ai toujours été comme ça, allez.*

Elle parle de la connaissance acquise par l'expérience de la vie: *comme je dis toujours à mes enfants, je le dis toujours: regardez l'éducation ne vient pas de l'intérieur de l'école, l'éducation apparaît dès la naissance, je n'ai pas étudié, mais mon père*

voulait, il ne pouvait pas, mais l'éducation il l'a donnée. De ma part, comme je l'ai expliqué, je ne peux pas parler très bien, mais je sais me communiquer. Je ne sais pas parler très bien, je ne connais pas la grammaire, mais les gens me comprennent.

Observant le travail qu'elle a fait à l'intérieur de la maison où elle a élevé sa famille, et demandée si elle connaissait l'université, répond: *je n'ai jamais été au collège. Jamais, l'université, je ne la connais que de l'extérieur [...] j'ai lavé les cache-poussières des étudiants à l'université, mais cela a été tout ce que j'ai fait. J'ai fait des services à l'université, sans la connaître.*

Nous avons continué l'interview avec le fils de la couturière, photographe, qui s'est disposé à coopérer avec nos recherches, révélant leur travail.

Le photographe, servant il y a sept (7) ans, la communauté locale, dit qu'il ne sortait pas très souvent pour travailler dans d'autres régions, il a essayé d'être un musicien. Il dit que cette connaissance, sans cours de spécialisation, a été acquise par le biais d'informations sur la photographie et à l'aide d'un ami également photographe. *J'ai acheté un appareil photo et je l'ai mis au point, alors il me donnait des conseils et a été dans la pratique ainsi. Et je me suis débrouillé, j'ai appris, j'ai acheté des livres, étudié un peu avec les autres photographes, car ils travaillaient il y avait longtemps avec lui cela et c'était ainsi, j'ai commencé à laisser la musique de côté, je me suis rendu compte que la musique, puis j'ai commencé à faire des photos, aujourd'hui je joue encore, mais très peu, beaucoup moins que photographe.*

En ce qui concerne la connaissance qui a été construite, le photographe a aussi raconté qu'il regardait et observait ce que l'autre faisait, cherchant dans la littérature; il n'a jamais suivi de cours de photographie, mais c'était à la recherche d'amélioration dans l'échange d'informations dans les laboratoires d'amis qui ont travaillé dans ce domaine.

Nous avons conclu l'interview avec le photographe, le fils de la couturière, qui nous a dit de tous les éléments de l'univers et la connaissance de la photographie: Cet ensemble de la photographie serait la vitesse, la lumière, la lumière et la transparence, la qualité de la lumière, ce que l'appareil [...] va prendre et conclut en donnant un exemple: l'ISO, qu'on dit dans la photographie, l'ISO ou ASA, aussi appelé, qui est la sensibilité du

film. Moi, quand j'ai, quand j'ai commencé à travailler avec le film, aujourd'hui déjà il y a l'appareil photo numérique, et ce qui existe également dans l'appareil photo numérique qui serait la sensibilité ISO du film serait plus sensible pour enregistrer ce qui est plus sombre, il doit être plus sensible. Pour une grande clarté, il ne faut pas d'ISO si sensible, ce serait comme ça, pour le noir, un ISO 800, plus haut, plus sensible, et pour la clarté, un ISO 100, qui n'est pas sensible, il est approprié à la lumière plus forte [...].

3. CHAPITRE 3 – L'ANALYSE DES INTERVIEWS INDIVIDUELLES DES SUJETS PROTOTYPIQUES : IDENTIFICATION DES CONNAISSANCES ALTERNATIVES

Dans ce chapitre, après une autre sélection entre les huit (8) sujets du chapitre antérieur, nous allons travailler autour des cinq (5) sujets prototypiques de la recherche. Les données collectées du groupe sélectionné dans les interviews individuelles faites, constitueront la base de notre analyse. Dans ce chapitre, nous continuons à interagir avec les sujets, conservant leurs expressions et façons de parler, en des fragments, maintenant non plus en italique, lesquelles seront présentées dans le dernier chapitre de la thèse, montrant les différents moments du travail construit.

Les sujets prototypiques dans le sens de Rosch (1975), sont ceux qui meilleur montrent une classe, dans notre cas, des hommes et des femmes qui interviennent dans la réalité sociale indiquant des alternatives quand soumis à des situations d'exclusion sociale. Le groupe nous a fait sortir de notre commun penser pour nous montrer l'extraordinaire de leurs productions.

La vidéographie utilisée comme un instrument qui registre les activités développées par des différents sujets dans leurs particularités associées à des interviews collectives et à des descriptions ethnographiques du contexte, fait connaître les éléments fondamentaux pour la compréhension de la construction de connaissances alternatives. Meira (1995, p.4) quand il parle sur la vidéographie et le rapport avec la description ethnographique dit:

la vidéographie doit être en accord avec les méthodes d'observation ethnographique afin d'atteindre sa maximale utilité. Des observations ethnographiques permettent alors au chercheur, un plus grand accès au contexte d'une activité, normalement non pris en vidéo. Le contexte se rapporte, par exemple, à des aspects de l'organisation sociale d'une salle de classe qui exigent une interprétation *in loco* d'un observateur humain.

Avec ce support-là, on peut identifier et mieux analyser les problèmes abordés dans les activités développées, les propositions de solutions et d'autres difficultés que les sujets possèdent pour verbaliser leurs connaissances.

En plus des fragments ou des épisodes qui ont eu lieu, lesquels nous aideront à illustrer notre analyse, des figures qui décrivent la vie de nos sujets seront enregistrées dans nos interviews.

3.1. DONNÉES PARTICULIÈRES DES SUJETS PROTOTYPIQUES

En avril 2008, notre deuxième intervention vidéographiée individuelle est enregistrée avec les sujets prototypes de la recherche. Nous avons commencé avec les récupérateurs dans les poubelles, nouvelle activité prototypique de la communauté découverte et incluse parce qu'elle est considérée comme neutre en termes de genre. Nous continuons avec le tourneur mécanique, quand son fils était à l'école, incapables de participer à notre interview, alors nous avons fini avec la couturière. Ce sont les cinq (5) sujets prototypes de notre recherche. Selon Rosch (1975), les sujets prototypiques sont ceux qui représentent le mieux la population étudiée, tout en offrant en même temps, un nombre suffisant d'informations et d'attributs concrets.

Le tableau suivant indique quels sont les sujets de nos recherches sur le genre prototype, le sexe, l'âge et leurs activités.

TABLEAU 61 : CARACTÉRISTIQUES DES SUJETS PROTOTYPIQUES ENREGISTRÉES EN VIDÉO

SUJETS	SEXE	ÂGE	ACTIVITÉS
1	Féminin	56	Récupératrice dans les poubelles
2	Masculin	58	Récupérateur dans les poubelles
3	Masculin	42	Tourneur Mécanique - Père
4	Masculin	10	Apprenti Mécanique - Fils
5	Féminin	61	Couturière

Les connaissances produites par les sujets prototypiques, avec des formes différentes et dans un territoire spécifique, pour être approuvées, n'échappent pas de la rigueur que sont autorisées, en d'autres connaissances officielles.

Le produit final passe par un processus de filtrage, peut-être pas par les voies de la vérité et ou de la falsification ou comme le soutenait Popper, en partie accepté par Lakatos, dans la production et dans la recherche de nouvelles connaissances (BOMBASSARO, 1992).

Ces sujets montrent des compétences spécifiques qui légitiment leurs productions, cherchant des précisions dans ce qu'ils font parce qu'ils sont conditionnés à leurs propres et différentes possibilités et la propre concurrence imposée par le contexte social.

Le matériau à traiter par ces sujets doit être bien dépensé. Le luxe de perdre leurs matières-premières est très loin de ce groupe et de maintenir l'entretien des outils de travail est essentiel. L'étude, la créativité, la réflexion sur la façon de procéder est une exigence prioritaire.

Certaines données qui permettent d'identifier plus précisément les sujets prototypiques sont nécessaires pour le lecteur de savoir à qui nous parlons, sachant que ces informations ont déjà commencé à être produites à partir de la collecte des questionnaires. La particularité des récupérateurs dans les poubelles en tant que sujets neutres du point de vue du genre, fait rappeler que *lui*, il a contribué à la première phase de notre recherche dans la collecte de données par des questionnaires et *elle*, elle n'entre en scène qu'à partir du deuxième tournage. Avant de poursuivre, nous avons d'autres caractéristiques des sujets, leur niveau d'éducation:

TABLEAU 62 : NIVEAU D'INSTRUCTION DES SUJETS PROTOTYPIQUES DE NOTRE RECHERCHE, DANS LA COLLECTE DE DONNÉES PAR QUESTIONNAIRE, ELLE N'ENTRE PAS EN SCÈNE

Sujeits	Idade	Niveau d' instruction
Tourneur mécanique	42	Enseignement primaire incomplet
Apprenti de tourneur mécanique	10	Enseignement primaire incomplet
Couturière	61	Enseignement primaire incomplet
Récupérateur dans les poubelles	58	Enseignement primaire incomplet
Récupératrice dans les poubelles	56	Analphabet

3.1.1. Les récupérateurs dans les poubelles

Les récupérateurs dans les poubelles sont des migrants venus d'autres régions du Rio Grande do Sul. Maria est née en 1952, et Luiz, en 1950. Ils sont arrivés à Caxias do Sul en 1977. Demeurant à la Rua dos Vidreiros, ils résident dans la Vila depuis plus de 10 ans. Elle est mariée et a quatre enfants; lui, séparé, il est père de deux enfants. Ils sont à la retraite par l'INSS⁶³, les deux sont propriétaires de leur logement⁶⁴. Elle est analphabète et lui, il n'a pas terminé l'école primaire. Les deux sont voisins et travaillent ensemble depuis 2006, dans la collecte du matériau déchargé par les habitants des rues de la Vila do Belo Horizonte et des rues du quartier voisin.

3.1.2. Le Tourneur Mécanique et son fils

Le Tourneur Mécanique, José Camargo, 42 ans, est arrivé à Caxias do Sul en 1996, et depuis 1999 réside à la Rua dos Cesteiros. Il est aussi le propriétaire de son logement. Il est marié, père de deux enfants. Son fils aîné, Kaué, est né à Caxias do Sul en 1998 ; il aide son père à la tournerie et fait partie de nos interviews. Les deux ont l'enseignement primaire incomplet. L'enfant est inscrit dans une école publique de la ville.

3.1.3. La Couturière

La Couturière, Maria Noedir, 61 ans, a également migré vers Caxias do Sul en 1958. En 1988, elle est arrivée à la Vila do Belo Horizonte et habite à l'Avenida dos Metalúrgicos. Veuve, mère de quatre garçons et d'une fille, l'un d'eux déjà décédé. Elle est à la retraite par l'INSS, et est propriétaire de son logement. Son niveau d'éducation est l'école primaire incomplète.

⁶³ Institut National de Sécurité Sociale

⁶⁴ Les maisons sont du type toit à un seul plan ou pré-fabriquées : construction très fragile, coût diminué, des risques à incendie. Des logements modestes, précaire sécurité.

3.2. CONNAISSANCES ALTERNATIVES IDENTIFIÉES EN SITUATION D'EXCLUSION SOCIALE

Les approches suivantes ont été destinées à identifier et analyser les connaissances opératoires, les concepts en œuvre, dans le sens de la théorie des champs conceptuels de Gérard Vergnaud. Ces connaissances n'ont pas nécessairement des schémas verbaux pour être représentés et traités. Les difficultés de la connaissance explicite exprimée dans des mots simples plutôt que dans des phrases construites sont apparues avec importance dans les entretiens.

3.2.1. Les récupérateurs dans les poubelles: des connaissances alternatives et questions de genre

Chez ces sujets, on a essayé d'identifier une situation de travail conjoint en matière de genre, leurs rôles étaient échangés dans l'exercice d'une activité considérée comme socialement neutre.

Les récupérateurs dans les poubelles de la Rua dos Vidraceiros, Maria et Luiz, grâce à leur travail conjoint commencé en 2006, apportent des connaissances qui abordent des problèmes et des zones, tels que: administration, écologie, économie, géographie, mathématiques, organisation domestique, chimie, rapports interpersonnels.

Les connaissances ou les notions écologiques, considérées comme un premier exemple, sont transmises par les récupérateurs dans les poubelles par la classification des matériaux collectés, le tri et la séparation de carton, boîtes en fer blanc, litres, comme nous le voyons dans l'image et dans les fragments de notre entretien:



FIGURE 14 : L'ORGANISATION DE LA COLLECTE

Luiz: *Nous récupérons tous les jours, c'est pas, après la séparation que nous faisons chacun de notre tas [...], mais, le litre blanc avec le litre blanc, le vert, le litre*

vert avec le litre vert, les adoucissants avec kiboa (Kiboa : des litres en plastique de produits liquides pour le nettoyage) mets séparément, ce qui est plastique blanc, tu mets séparé, les capsules, est tout séparé .

Maria: *Oui.*

Luiz: *Alors [...], ça nous faisons à la maison, tout bien prêt, c'est rendre, c'est pas? Je fripe, mets dans la canette [...].*

Valdir: *Quel est le matériau que tu recycles, Maria, quel type de matériau?*

Maria: *Le plastique dur [...], le plastique dur aussi, celle, ceux, le type de laiton, de plastique nous prenons et séparons tout, c'est pas? D'un type et de l'autre, nous mettons tout bien séparé, dans les sacs.*

Le manque de conscience écologique de la part des résidents, la collecte des ordures locales, devient très clair lorsqu'on lui demande si le matériel était déjà séparé lors de la collecte:

Maria: *Ça dépend [...] ce que nous avons apporté, on doit tout séparer, eh, eh Luiz, tout, il y a des fois que nous prenons les choses déjà séparées, mais il y a beaucoup de choses que nous devons séparer tout.*

Valdir: *Et les autres, quelquefois, n'a pas beaucoup de soin ?*

Luiz: *Non, n'a pas soin!*

Maria/Luiz: *Mélange tout [...]! Ouais, ouais.*

La réponse confirme une préoccupation sociale exprimée par les responsables de la Compagnie de Développement de Caxias (Codeca), qui fait des conférences dans les écoles et dans les entreprises pour expliquer comment la séparation doit être faite. Dans un communiqué officiel, il est communiqué à la société caxiense la préoccupation avec le recyclage, le manque de pratique et les soins au moment de séparer ce qui passe dans la poubelle sélective. Sur cette même note nous pouvons lire que le travail réalisé, le recyclage des déchets, est une source de revenus pour les recycleurs et directement pour les récupérateurs dans les poubelles.

Le type et la couleur du papier et du plastique, il y a cette classification des données qui révèlent les connaissances produites en leurs activités, intégrées dans le processus par lequel la collecte se fait dans les rues avant d'être remise à ceux qui achètent ce matériel. Le travail pour mieux classer, bien soigner et connaître le matériel déjà dans le processus de collecte est également dans le but d'obtenir de meilleurs gains, comme nous pouvons bien confirmer dans ce que dit Luiz:

Luiz: *Dans le cas du papier blanc, il appelle le papier fichier, il paie plus que le carton et le carton est un prix, le papier blanc de cahier il appelle de fichier, ce plastique blanc, blanc comme tu vois, il appelle fil [...], il paie un bon prix aussi [...] ce qu'il appelle [...] puis il y a un plastique de couleur qu'il appelle mixte, qui est mélangée, et que l'adoucissant, il paie comme PAD couleur. Ils paient pour nous [...].*

Tout le matériel, en passant par le tri, est placé dans de grands sacs dans lesquels il est stocké jusqu'à la livraison. Lorsqu'ils sont pleins, ils attirent l'attention non seulement par le volume, mais par la "technique" utilisée: les sacs sont suspendus du sol, attachés par des cordes entre les arbres du petit terrain qu'ils ont. Ce sont des moyens trouvés de surmonter les difficultés de l'espace, l'attaque d'animaux et la détérioration des matériaux.



FIGURE 15 : CONSERVATION ET PROTECTION DU MATÉRIEL

L'origine de ces sacs, appelés bags par les récupérateurs, est assuré en partie par les acheteurs eux-mêmes, mais en quantités limitées. Ces paquets ne sont pas suffisants et exigent que les récupérateurs se dirigent à de grands centres commerciaux pour obtenir d'autres emballages jetables par les marchés et réutilisés par eux.

Luiz: *Ce gros bags (sacs), et il fournit pour nous, nous n'avons pas de pot, c'est pas petit, ces grands, il donne pour moi, il donne 12 pour moi, 3 pour la fille, chaque fois qu'il vient [...], il fournit à ces marchés que nous trouvons, mais ce qu'il apporte n'est pas suffisant pour mettre [...].*

Au milieu des difficultés diverses, cette activité apporte la motivation, si l'espace géographique le permet, d'élargir leurs "affaires". Quand ils parlent de l'espace géographique, ils révèlent la prise de conscience de l'environnement, le respect écologique, parce qu'ils savent qu'ils ne peuvent pas stocker trop de matériaux à cause des problèmes sanitaires qui porteraient des préjudices non seulement environnementaux, mais aussi communautaires.

Le manque de structure pour développer cette activité, l'âge avancé, elle, 56 ans et lui, 58 ans, le transport des matériaux collectés n'entravent pas leurs désirs pour des investissements à réaliser des progrès pour surmonter leurs problèmes, causés par l'exclusion imposée par le marché du travail. Ils indiquent clairement leur quête d'autonomie. Dans la planification domestique, leur gagne-pain est déclaré par les recycleurs quant à l'économie informelle dans laquelle ils sont menés.

Valdir: *Et aussi l'entrée, ce travail, le rendement économique est le soutien en faveur de la famille aussi?*

Luiz: *Ça aide.*

Maria: *Ça aide [...] c'est beaucoup, beaucoup, je paie mon INPS [...], ainsi avec ces services que nous faisons.*

Luiz: *Elle a payé le micro-ondes avec juste ce [...].*

Maria: *Oui, je paye mes comptes aussi, tout avec mon service.*

Luiz: *Si j'étais plus jeune, 30 ans [...].*

Maria: *Si nous avions place, eh Luiz.*

Luiz: *Un terrain pour cela.*

Valdir: *Vous investirez plus?*

Luiz: *Si j'étais 30 ans plus jeune, j'allais faire seulement ça dans ma vie, il y a du matériel.*

Valdir: *C'est ça, il y en a .*

Luiz: *C'est avoir envie .*

Valdir: *Oui, c'est seulement avoir envie, que...*

Luiz: *C'est comme j'ai parlé, cette dame qui achète, elle est une infirmière à la retraite de l'hôpital Pompéia , elle travaille comme son mari, sont bien dans la vie, ma fille, une camionnette pour promener, 3 camions travaillent, travaillent.*

Maria: *Oui.*

Valdir: *Et vous?*

Luiz: *Et nous avons réuni dans le bras, non, nous n'avons pas petite voiture, n'avons rien, rien, rien, fille.*

Maria: *Oui.*

Luiz: *Dans le bras, ici, dans le quartier tout connaît nous.*

Cette zone géographique est indicative des connaissances qui sont basées sur des relations personnelles et interpersonnelles qui s'établissent également en fonction des activités qui se développent.

L'expression *fia* (c'est fille, c'est pas fille), correspondant à la fille, qui apparaît dans l'interview, expression répétée constamment par Luiz, est un autre élément de la relation affective dans le traitement et avec ce qui se passe avec Maria. Ils sont amis et voisins et forment une sorte de société anonyme, avec des positionnements différenciés.



FIGURE 16: ELLE EST SA CO-ASSISTANTE

Dans ce travail d'ensemble, les récupérateurs dans les poubelles se distinguent par des services à la réalité de la communauté et pas seulement comme un travail pour survivre. Lors de l'interview avec Luis et Maria, on observe une attitude de soumission de la femme, dont les discours sont, avant tout, une confirmation du discours de son collègue homme. En ce qui concerne le comportement non-verbal, elle se présente comme assistante d'un acteur de premier plan, tenant le micro, comme nous le voyons dans l'image ci-dessus, tout au long de l'interview, afin qu'il puisse s'exprimer, même quand il demande son approbation.

Ce comportement se répète lors de la conférence des nouvelles avec les cinq (5) des sujets, dans lequel il est silencieux en un rien de temps. Il est à noter, toutefois, que l'intersection entre les sexes variable avec d'autres variables et est à la confluence d'entre elles qu'il semble se situer le "silence" observé dans cette situation. Elle est une femme, mais aussi la seule analphabète du groupe et en plus, elle est noire. Cette

dernière caractéristique a une signification particulière dans la région, dont l'histoire est marquée par l'immigration allemande et italienne. Ces éléments semblent comme des conditions possibles d'une autre exclusion sociale qui pourrait se reproduire au sein de la communauté périphérique.

Dans un morceau de papier, en format de feuille de calcul, Luiz nous montre le contrôle de tout un travail fait pendant un mois, dans lequel tout est écrit, laissant voir la gestion d'une procédure administrative ou d'organisation interne. Tout ce qui est rapporté ou dont on parle, tout le mouvement opérationnel est enregistré non seulement sur du papier mais aussi dans la mémoire.

Le bilan mensuel présenté évoque des connaissances implicites des mathématiques, au moment de parler de poids, prix, type de matériel livré. En pesant le carton et les dérivés de plastique, en comptabilisant combien de kilos à la fin de la journée ou du mois ont été recueillis dans les rues du village.

Ce(s) fragment(s), montrent que le calcul mathématique est utilisé quotidiennement dans leurs affaires. Ce que nous pouvons observer dans l'interview, c'est que, à aucun moment, apparaît le support pour les "comptes mathématiques", par exemple, la calculatrice. Toute comptabilité est écrite ou faite à la main, dans des brouillons pris dans les collectes.

Ce revenu mensuel est converti en valeurs économiques. Le quotidien, hebdomadaire ou mensuel de ce travail est investi dans leurs besoins domestiques, dans la nourriture, santé et dans le financement de matériel pour l'entretien de leurs maisons.

Valdir: *Et pour un mois, vous, comme, par exemple, vous avez parlé de la classification, ce qui est en plastique, ce qui est en carton, et combien de kilos ils recueillent. Vous avez parlé de la classification, qui est en plastique, carton, combien de kilos de carton par mois recueillez-vous?*

Luiz: *Regarde, nous, plus de 200 kilos.*

Valdir: *Plus de 200 kilos!*

Luiz: *Plus de 200 kilos. Seulement là, [...], vous le voyez, a plus de 100 kilos.*

Valdir: *Plus de 100 kilos!*

Luiz: *Je vais montrer le papier.*

Valdir: *Ça, vous avez un papier où vous avez écrit.*

Luiz: *Nous, le mois dernier.*

Valdir: *Bon, bon.*

Luiz: *La dernière livraison, la dernière livraison, nous, nous rendons en carton, c'est marqué regarde, en carton nous rendons kilos.*

Valdir: *Nous montrons là, Luiz et Maria, ils contrôlent tout, voilà:*



FIGURE 17 : CONTRÔLE DE LA COMPTABILITÉ MENSUELLE

Les calculs faits pour le contrôle des différents matériaux collectés en fonction du prix et du poids respectifs.

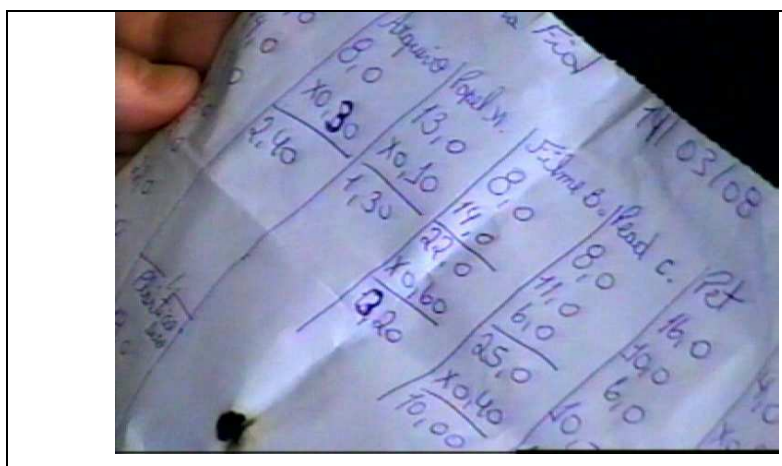


FIGURE 18 : LES CALCULS

La figure 18 montre comment les récupérateurs utilisent la systématisation classique pour la représentation des calculs. Cependant, ce qu'ils pensent et comment ils pensent ne suit pas la même logique que la systématisation classique. C'est parce qu'il n'y a aucune preuve représentée. Lorsque dans la somme des unités, on obtient une dizaine ou de la somme des dizaines nous obtenons la centaine, il est classiquement représenté par le nombre 1 placé au-dessus des chiffres sur le compte créé. Pour effectuer les calculs, il semble que les opérations mentales soient abstraites, c'est à dire, les calculs de "tête" et les calculs du papier sont à enregistrer ou à une sorte de document de rappeler les

valeurs dans un autre temps. Il y avait là une question pour nous, pas remarquée auparavant: comment sont-ils arrivés au résultat final? Ou comment savent-ils que le résultat final n'est pas correct? Probablement, ils font la somme par une structure particulière. On observe ainsi les connaissances opérationnelles, avec des schémas d'action identifiés par la répétition des procédures observées dans la figure ci-dessus. Les modalités de calcul avec des nombres décimaux montrent également des schémas efficaces pour une classe de situations spécifiques. Si la procédure de l'entretien n'a pas permis un examen plus approfondi de ces schémas d'action, il semble que cette activité permet également un développement des connaissances mathématiques nécessaires implicites aux pratiques de travail. Toutefois, en dépit de se constituer comme une activité neutre du point de vue du genre dans la communauté, il est observé que dans le couple, lui, il serait le gardien de cette connaissance, celui qui va à son petit "bureau", à l'intérieur de la maison chercher sa feuille de comptes dans laquelle tout est enregistré. Ainsi, si l'activité est neutre, le calcul semble être encore une marque masculine sociale. Ces données servent de preuve aux résultats obtenus par Acioly-Régner (1994), dans les travaux menés auprès des femmes qui travaillaient dans les champs de canne à sucre, au nord-ouest du Brésil et qui demandaient à leurs maris quand elles avaient des doutes en mathématiques.

Luiz: *Tout marqué.*

Valdir: *Combien de kilos de carton, combien de kilos de ces bouteilles en plastique, alors ici vous avez une réelle mathématique!*

Luiz: *Oui, c'est ça, tout marqué. Tout a un prix, vous verrez là-bas, ici le carton, il y a le prix du carton, le fichier ici, là du cahier, il y a le poids, le prix ici le plastique dur, le poids, le prix ici, ici papiers mélangés, un de plus coloré, le prix, le fil de blanc, le plastique blanc que j'ai montré ici, il y a le poids, prix, le poids PEAD l'eau de Javel, le poids d'assouplissant, le prix ici aussi.*

Valdir: *Même les capsules des bouteilles.*

Luiz: *Les capsules, c'est lourd.*

Valdir: *C'est lourd!*

Luiz: *Voilà, presque 4 kilos, fille, c'est pas?*

Maria: *Oui*

Luiz: *Presque 4 kilos.*

Valdir: *Et ainsi...*

Luiz: *Canette.*

Valdir: *Et alors ...*

Luiz: *Les canettes .*

Valdir: *Vous pesez avec quoi? Avez-vous une balance?*

Luiz: *Il a une balance.*

Maria: *Il apporte la balance.*

Valdir: *Comment contrôlez-vous la pesée? C'est lourd?*

Luiz: *C'est lourd, il met la balance là, devant nous, pour conférer, c'est pas fille.*

Maria: *C'est ça.*

Ils précisent encore qu'ils souhaitaient avoir tout l'équipement nécessaire pour leur travail, mais en raison de l'absence de conditions pour cela, la pesée est effectuée par des personnes qui cherchent du matériel dans leurs maisons et soulignent la confiance établie dans les négociations. Déjà annoncés plus tôt dans les fragments, lorsque questionnés sur qui seraient ces gens, ils répondent immédiatement:

Luiz: *Un couple.*

Luiz/Maria: *Avec eux.*

Luiz: *Avec eux et tout noté, quand elle ne vient, la fille vient .*

Valdir: *La fille!*

Luiz: *Vient la fille, vient régler, c'est pas fille [...], mais c'est tout juste. Le 14 mars, vous voyez [...], aujourd'hui c'est ,c'est le*

Maria: *4, alors pas, c'est pas un mois.*

Valdir: *Aujourd'hui, c'est le 4 ,n'est-ce pas? Alors, combien de livraisons par mois?*

Luiz: *Aujourd'hui nous livrons une, et le 30 avril nous avons une autre charge prête.*

Valdir: *Donc, vous recyclez le matériel tous les 15, 20 jours.*

Luiz: *Nous livrons, en moyenne, deux charges par mois, deux charges.*

Valdir: *Vous avez une moyenne, par exemple, vous nous avez parlé d' une moyenne mensuelle, et au cours d'une charge, pour ainsi dire, pendant la journée, combien de choses vous pouvez recueillir en une journée, quelquefois?*

Luiz: *Combien de kilos ,voulez-vous dire cela?*

Valdir: *Combien de kilos?*

Luiz: *Regarde, je pense à 50, pas 50 kilos, n'est pas fille.*

Maria: *Non Luiz, pas 50.*

Luiz: *Mais environ 10 kilos, environ 10 kilos.*

Maria: *C'est parce que nous regardons si, si fatigués, [...].*

Luiz: *Ça trompe.*

Maria: *Ils sont bien légers (léger, pas lourd).*

Luiz: *Ouais, ouais, donne [...], volume, mais donne peu de poids, vous savez.*

Maria: *Il est bien léger ces plastiques.*

Luiz: *Oui, oui.*

Dans ces derniers fragments de notre entretien, nous avons remarqué que Maria corrige Luiz deux fois de suite. Dans l'affaire de dates, il a du mal à retenir les jours et dans le calcul journalier estimé, il peut se tromper.

3.2.2. Le tourneur mécanique



FIGURE 19 : LE TOUR

Le résident de la Rua dos Cesteiros, José Camargo, tourneur mécanique, dans ses entretiens nous a fourni des connaissances approfondies qui comprennent des zones de la mécanique, les mathématiques, l'électricité, des concepts d'administration des sociétés, la sécurité, la planification, l'organisation d'activités, le fonctionnement de machines et industriels l'entretien général.

Dans cette interview, nous avons commencé à demander ce qu'il pourrait nous présenter ou montrer sur les autres demandes reçues. Tout à fait disposé, il a commencé par dire:

José: *Tenez, voici une machine, une machine à polir à l'émer⁶⁵i, pour faire l'ébarbure des pièces qui sortent de la fonderie, c'est pas, alors, puis donne une finition aux pièces, avec de petites machines que le gars va commencer une entreprise et nous avons fait ici, il y a une qui est prête, nous faisons seulement la partie plus technique, l'ajustage, l'alignement, la rotation, la protection, et l'ébarbure, oh.*

⁶⁵ Le polissage à l'émeri est un terme utilisé aussi en mécanique, pour retirer les ébarbures des pièces. Ce qui reste, par exemple, après le perçage ou le coupe d'une pièce déterminée.



FIGURE 20 : MACHINE À FAIRE L'ÉBARBURE

Valdir: [...] *quel est le nom de cette machine? Elle a un nom?*

José: *Elle a, c'est une machine à faire l'ébarbure des pièces.*

Parlant de la machine à ébarber construite par lui, les contenus du domaine de la mécanique sont bien intégrés. Les mesures de précision, l'arbre de la machine, la distance des paliers, tout doit être calculé et pensé, souvent sans avoir un projet modèle, mais un simple dessein d'orientation, construit par lui-même. Le fonctionnement de cette machine nécessite deux personnes, autre facteur à tenir compte avant sa fabrication.

Après avoir écouté et dialogué avec son client et après avoir fait verbalement exprimer sa demande, le tourneur projette la future machine. En tant que responsable de la partie technique, il doit savoir du réglage, de l'alignement, de la protection et sécurité, pour que l'arbre, une des pièces principales, soit produit avec précision. Il doit fournir une série d'éléments pour la bonne performance et pour le bon fonctionnement de la machine.

Valdir: [...] *quelle serait cette partie plus technique?*

José: *La partie plus technique, est ici l'arbre, tout l'arbre, après le roulement, vous savez, alors, c'est tout: avec une mesure de précision, alors il y a polka (polka est une pièce, dans ce cas également faite par le tourneur, pour la machine qu'il fabrique, filetée à l'extrémité de l'arbre comme on peut voir dans la figure ci-dessus), une polka gauche, une autre la droite pour toujours si elle presse la pierre pour ne pas avoir danger de jeu (le mécanicien, se réfère ici à des soins, de ne pas avoir la sécurité que le morceau ne se détache pas avec le mouvement, quand la machine est en marche). Qu'est-ce que c'est que la technique? Et il voit la rotation de la machine, la poulie, la*

taille de la poulie qui va sur l'arbre, qui va sur le moteur, une rotation, cette machine travaille entre 1800rpms à 2500rpms et plus ça, elle ne peut pas travailler, devient dangereux, vous le savez, à partir d'une pierre détachée, quelque chose.

Valdir: *Cet axe, c'est toi qui l'as fait?*

José: *Tout cela a été usiné. (quand il parle de usiné (e), c' est que les parties qu'il nous montre, ont été travaillées au tour /tournées.*

Valdir: *Quelle est la procédure? Comment faites-vous un tel axe?*

José: *Un arbre comme celui-ci on prend dans le tour, tout tourné, tout usiné dans la machine.*

Nous nous rendons compte, dans le fragment ci-dessus, la difficulté du tourneur d'expliquer ce qu'ils font, l'utilisation des connaissances prédicatives est évidente et continue à parler comme si nous savions ce qu'il nous présente.

Valdir: *Sur la machine, sans dessin!*

José: *Celui- ci sans dessin, a pris de la distance entre le palier (partie qui va au support latéral de la machine), ici vous pouvez voir, oh.*

José: *Alors là, tu as deux roulements, 1 sur chaque palier, alors tu prends la mesure et pars combien tu veux, la longueur, quelle distance nécessite, à 300 mm, y a encore le rabaissement, le filetage et ainsi nous allons l'élaborer, après le palier fixé, où seront les roulements.*

Parmi les documents présentés, le tourneur met en évidence la valeur de l'expérience ou la pratique que le sujet acquiert à travers les âges. Cette pratique accumulée l'autorise et lui donne de la confiance au moment de chercher des solutions aux problèmes, quelquefois ne pas prévus. Elle élabore de nouveaux schémas, transformant des pièces, visant l'utilisation du matériel acquiert, du bon matériel, car la qualité est pensée ayant en vue la durabilité de ce qui a été ou qui est en train d'être construit.

Valdir: *Donc, tout est également calculé à partir d'une pratique que vous avez.*

José: *C'est la pratique [...].*

Valdir: *L'expérience en parle aussi.*

José: *L'expérience fait tout parfait.*

Valdir: *Ah.*

José: *L'expérience fait toujours la perfection.*

José: *[...] Il fait 20 ans que nous avons.*

Valdir: *20 ans de travail dans ce domaine- là!*

José: *Nous avons ça.*

Une réflexion sur l'action à développer est une autre contribution que José fait apparaître dans ses préoccupations lors de la situation problématique:

Valdir: [...] dans le travail que vous faites ici, alors vous avez affaire quotidiennement avec des problèmes très délicats, disons, que d'autres n'ont pas réussi à résoudre, et qu'ils ont apporté ici.

José: La majorité.

Valdir: La plupart, et toujours a réussi à résoudre.

José: Non, je n'ai jamais laissé un service sans résoudre, je peux même abandonner dans un tel moment ...

Valdir: À l'époque, mais n'a pas abandonné ce service.

José: Ce n'est que j'abandonne, je laisse à l'autre jour, le lendemain matin, j'arrive plus tôt, parce que parfois, vous devez vous reposer votre esprit, penser un peu, vous savez, parce que parfois, le moment venu que la surprise, vous n'avez aucune idée à l'heure, mais il y a un temps pour réfléchir un peu, voici l'expérience, à venir, à venir, et dans un peu de temps, c'est résolu. Telle est l'expérience, mais, à ce moment-là, tu ne réussis pas, mais il y a un truc, cette boîte, oh, elle gêne. J'ai laissé pour l'autre jour, ça complique, je laisse pour l'autre jour, alors, je viens, parce que l'affaire.

Le tourneur, fournissant des services à de différentes entreprises, doit également apprendre à travailler avec des demandes différenciées. Interrogé sur quelques pièces qui étaient dans son atelier, quelle serait sa fonction, nous répond promptement:

José: Ces pièces et un moyeu de roue, oh, de fourgonnette F1000 -D20, ces fourgonnettes-là, seulement ici la société, ce qu'elle a fait, ce qu'elle a fait, elle a fait des voitures pour les [...] charger les pièces alors ce qu'ils ils n'avaient pas, ils devaient mettre les pneus sur les chariots élévateurs, alors, ils n'avaient pas le moyeu de roue, ils ont pris le moyeu de roue F-100, maintenant, je fais ici, je fais un trou plus grand, pour mettre dans la roue du chariot élévateur. C'est un des chariots qui travaille ici [...] fait partie de la fibre [...] vous le savez, de sorte que les voitures circulent dans l'entreprise, le petit tracteur tire les pièces et distribue dans l'entreprise il y a trois voitures comme celle-là, et ce qu'il arrive, il faut trouver pour mettre le pneu le chariot élévateur ici.

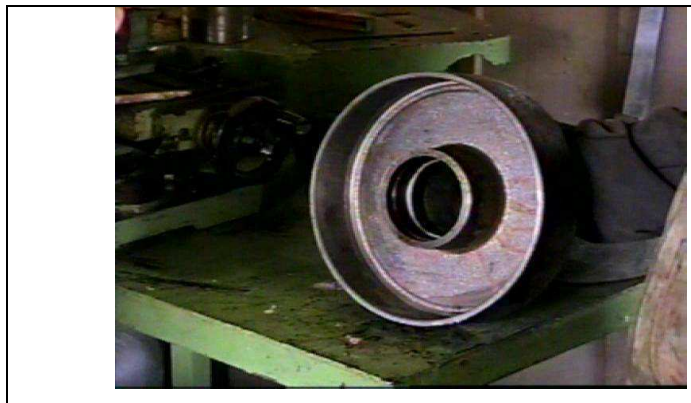


FIGURE 21 : MOYEU DE ROUE

Suivant l'explication, prend le dessin de ces pièces qu'il a aux mains, il nous donne les détails et fait une analyse et interprétation.



FIGURE 22 : LE DESSIN POUR LE PERÇAGE DU MOYEU DE ROUE

José: [...] ici, il nous envoie le dessin pour pouvoir prendre le perçage, alors, ce sont six trous oh, vous devez mesurer la distance entre un et l'autre trou oh, puis il doit m'envoyer le dessin, car il doit me donner le centre du perçage, oh, où je fais un rayon, et après j'arrive à marquer les six trous distants oh, alors il y a le dessin, c'est pour ça qu'ils m'ont envoyé le dessin. C'est là, où il montre comment va être le perçage, oh.

La curiosité a continué pour savoir s'il travaillait toujours avec les dessins mécaniques:

José: Non, il donne une idée approximative et même dans le cas de l'arbre que je t'ai montré [...].

Le dessin mécanique pour lui, devient presque secondaire, nous attirant l'attention sur la conception et la construction de ce projet, par lui-même. Cependant, nous pouvons voir que les compétences mathématiques sous-jacentes sont explicitées, comme il le montre et parle de mesures, les trous de la pièce doivent être équidistants, parce que s'il fait un trou avec une mesure hors le projeté, le moyeu de roue ne va pas fonctionner.

La construction des connaissances est mise en œuvre par les compétences, les moyens d'adapter les concepts de la mécanique dans les situations émergentes dans la réutilisation des matériaux recyclés. Exclue d'autres financements, José se retrouve dans l'obligation de trouver des moyens viables pour mener en avant son affaire, tel que

l'assemblage et la maintenance de leurs propres tours. Le travail qui lui assure les besoins de base et de soutien de la famille nécessite également des investissements spécifiques.

En ce qui concerne les origines des machines qui étaient en plein fonctionnement dans son atelier, comme les tours, la machine à scier le fer, la perceuse et autres, lorsqu'on lui a demandé s'il les avait achetées toutes neuves, il a dit:

José: [...] j'ai acheté cette machine démontée, j'ai monté.

Valdir: Tu l'as montée complètement?

José: Oui.

Valdir: Tout seul!

José: Je n'avais pas de moteur, là-dessus, remplis les arbres, tout, je fais marcher, ça fait du temps qu'elle fonctionne.

Valdir: Et cette machine ici, elle est pour couper le fer?

José: Coupe le fer, il s'agit d'une petite scie de scier le fer. Très vieux. Maintenant elle a des rubans, plus moderne, celle-là, j'ai acheté, démonté, réparé, organisé, tout fonctionne, branche automatique, scie.



FIGURE 23 : LES DIFFÉRENTES MACHINES DU TOURNEUR

L'importance des relations familiales qui se forment dans ce lieu de travail a été mise en évidence quand il parle de son fils, qui l'aide à l'atelier. Le père nous raconte que son fils étudie, mais il passe une grande partie de la journée dans l'atelier et il aime l'activité développée par son père:

José: [...] Il se lève, passe par ici et sort, entre ici, alors il doit s'habituer, ah, mais il aime, l'important qu'il aime.

Valdir: Il aime.

José: Il aime à faire, comme pour voir l'exécution du service, vous savez. Voir fonctionner, la machine se connecte pas, il voit le travail, c'est agréable, c'est vrai, c'est ça.

Valdir: Il aime, et je le sentais ces jours-ci quand je parlais avec lui, il est assez curieux, vous le savez, il veut savoir comment cela fonctionne.

José: C'est lui qui sait comment le truc fonctionne.

Valdir: Et il donne des idées?

José: Oui, donne.

Valdir: Il donne des idées.

José: *Il est bon seulement parce qu'il explique les choses pour lui, seulement une fois.*

Valdir: *Une seule fois.*

José: *Puis il obtient une expérience là-bas et prend les outils, le mioche est intelligent, il a envie.*

Valdir: *Il a envie, avec le soutien du père.*

José: *Non, il dépend de moi, lui.*

Valdir: *Tu vas loin.*

José: *Ah [...].*

Valdir: *Un grand ingénieur.*

José: *Bien sûr, seulement s'il ne veut pas étudier, mais, c'est est un ingénieur avec plus de pratique, ce sera une bonne chose. Ingénieur avec pratique, vous savez il finit les études avec de la pratique.*

La structure ou le lieu de travail est un indicateur du manque de ressources économiques. La tournerie de José fait partie de sa maison, où il a adapté le garage et son atelier. Cet espace de travail est limité, mais il représente son autonomie en révélant la recherche d'améliorations dans la fabrication de ses propres machines. Cet effort constant pour améliorer son travail, les soins et la réflexion, l'encouragement donné à son fils, nous rappelle Freire (2004), quand il parle de la recherche et la lutte des êtres humains pour leur autonomie.

Les nombreuses années d'expérience dans ce domaine, l'expérience pratique, lui donnent des idées d'administrateur de l'entreprise, une activité qui lui donne le caractère du petit entrepreneur, en fournissant des services à la communauté locale, centre et région. Cela peut être confirmé par le nombre de clients qui entrent dans son atelier et les appels pour des conseils.

Ce qui a attiré notre attention est que l'atelier de José est administré et assisté par des hommes. Nous n'avons pas vu aucune femme entrer en contact, faisant des demandes ou apportant des services au tourneur mécanique, lors de nos entrevues. On pourrait penser que ces lieux de travail seraient réservés à la domination masculine, Muraro et Boff (2002), où seuls les hommes pouvaient se faire présents.

Le lieu de travail nous a permis d'identifier quelque "culture" qui construit des images et déterminant qui peut ou ne peut pas développer des activités différenciées, en reconnaissant les différences qui se produisent autour des questions de genre, même si elles sont des lieux publics. Le milieu de travail est venu collaborer avec notre

recherche, s'intéressant à savoir un peu plus sur ce que se fait présent dans ce milieu. N'ont pas été vus des décors qui montrent les caractéristiques féminines, et le langage même du tourneur mécanique avec ses clients indique un climat essentiellement masculin.

3.2.3. La couturière

La couturière Noedi, dans son petit atelier, nous présente un panorama de connaissances qui passent par des domaines de la mode-style, culture, marketing, administration, techniques en couleurs, identification de matériaux, les mathématiques et la mise en marche des machines à coudre.

Ces connaissances ont été aussi construites autour de la pratique qu'elle a acquise pendant des années, étant critique face au monde de la mode et de la couture. Quand questionnée sur ce que ce serait la pratique, la couturière répond en donnant des exemples, laissant clairement apparaître l'expérience acquise et le transfert de connaissances, l'assimilation, au moment où, avec une petite bande, elle prenait les mesures de ses poupées, qui étaient ses mannequins, elle raconte, en se souvenant de son adolescence.

Valdir: *Alors, encore une fois, vous dites que, dans ces 20 ans comme couturière, dans ces 20 ans, vous dites que vous avez acquis beaucoup de pratique et des connaissances à partir de la pratique. Par exemple, pour vous, qu'est-ce que la pratique?*

Noedi: *La pratique, voyez, la pratique, je regarde une personne comme ça, dans une robe et je vois ce qui n'est pas bien, c'est pas, je pense que c'est ça.*

Valdir: *Vous avez l'œil clinique!*

Noedi: *C'est ça, hier, par exemple, je regardais la télé et Bruna Lombardi, avec une robe horrible, tout tordu, tout tordu, le décolleté tortu, par ci, par là, le sein se montrant d'un côté, d'un seul côté, un gros défaut, une actrice fameuse et avec une robe cochonnée. La personne qui a de la pratique, voit ça de loin, c'est pas.*

Dans le passage ci-dessus, nous pouvons observer que la couturière montre sa compétence liée à un style que la symétrie aurait désirée et que tout qui est en dehors cette norme, pour elle, est considéré comme un défaut. Cependant, nous savons que, de nos jours, c'est justement la dissymétrie qui marque beaucoup de stylistes.

Valdir: *très bien, très bien.*

Noedi: *Alors, c'est comme ça, quelquefois je vois, si c'est de mon entourage, je dis ça n'est pas bien, apporte dans ma maison que je corrige ça pour toi, alors, je pense que c'est ça la pratique.*

Valdir: *C'est la pratique qui parle.*

Noedi: *C'est ça, et elle parle par les yeux.*

Noedi: *Moi, personne m'a appris la pratique, j'ai appris avec personne, jusqu'à 16 ans, j'ai travaillé, j'étais bonne, mais dès petite, je cousais les vêtements des poupées, je coupais, je faisais mes poupées, j'avais des robes d'hiver, d'été, c'est que j'avais déjà cette vocation dans la tête.*

Valdir: *Les poupées étaient déjà les mannequins.*

Noedi: *C'est ça, étaient déjà les mannequins.*

Valdir: *Vous prenez les mesures.*

Noedi: *Les mesures, je ne prenais pas avec le mettre à ruban, c'était avec un ruban.*

Le ruban utilisé pour prendre les mesures de ses poupées fait apparaître les instruments de mesure informelle, instrument que dans les fragments qui suivent, détaille bien la manière comme elle faisait et enregistrait les mesures.

Valdir: *Et les rubans avaient les mesures au-dessus.*

Noedi: *Et alors, je calculais leur taille, coupais, mettais le ruban et je cousais, mesurais, coupais, mettais le ruban, coupais, mettais un bout de papier avec les initiales dos D, poitrine P, les ceintures comme ci et je regardais une personne, une robe dans une personne, j'étais sûre que j'allais la faire*

La mise en valeur de l'activité développée comme couturière fait qu'elle cherche son autonomie à travers le temps dans la confection de vêtements, conquérant ainsi de l'espace pour vendre son produit et attirant les clients pas seulement de la communauté locale, mais aussi ceux de la région, et, comme nous avons vu, construisant ses propres instruments de mesure.

Noedi: *Regarde, j'ai commencé à coudre, j'avais 18 ans, plus de 18 ans, dans cette époque, j'avais une petite machine à pédale, sans lumière, j'ai acheté une comme ça, j'ai continué à travailler dans des entreprises et, si je pouvais, j'achetais une autre machine et, en 1988, je n'ai plus travaillé dans des maisons, j'ai acheté une machine de verlo, (nom donné à la machine à coudre électrique pour faire de différentes finitions) et alors, je suis restée à la maison alors, 88, fait 22 ans, plus ou moins, 20 ans, alors jamais plus j'ai travaillé pour les autres, maintenant, je suis retraitée et continue à travailler.*

Les machines dans son atelier, quand il faut les réparer, ça coûte très cher, car ce sont des machines électriques et ont plusieurs fonctions, comme a été dit auparavant, pour des finitions plus complètes.

Valdir: *[...] petit à petit, vous avez acheté des machines, selon vos conditions de travail, de temps. Quel est le type de machine que vous avez ici?*

Noedi: *Regarde, j'ai ici la machine de Verlo, c'est pour faire les finitions, je fais tout dans la machine de Verlo, c'est une machine à coudre industrielle c'est celle-ci elle fait des petites broderies, de petits dessins pour faire une petite serviette, quelque chose comme ça et elle fait aussi des boutonnieres.*

Valdir: *Et pour chaque machine, il faut la connaître, chacune a de différentes formes pour travailler.*

Noedi: *Bien différent bien différent, c'est comme celle-ci d'ouvrage droit, met là, elle s'em va et il y a tous les pièces pour changer, pour broder il faut changer, mais si la machine est bien lubrifiée, pas de problème et c'est ça.*



FIGURE 24 : MACHINES À COUDRE

Elle parle des stratégies pour atteindre ses objectifs, le marketing de son produit, ce qui lui a donné de la confiance, d'élargir sa production aux différentes saisons de l'année.

Noedi: *[...] quand je suis venue vivre ici dans le quartier, je ne connaissais personne, j'ai donc fait beaucoup de vêtements à vendre, pour commencer à vendre, pour faire connaissance avec les habitants et pour offrir mon travail et dire que je cousais, donc, j'ai fait beaucoup de chemises, beaucoup de draps de dessus et de dessous, des survêtements, et quand je suis venue dans le quartier, ça a fait 20 ans le 9 mars, je ne savais pas, personne ne me connaissait, alors j'ai commencé à passer dans les maisons, je vendais, alors je faisais des chemises, j'ai fait beaucoup, il y avait des jours où j'e faisais 11 .*

Noedi: *[...] c'est quand ils portaient des chemises imprimées, de toutes couleurs, de sorte qu'il en était ainsi, parce que j'ai toujours été ainsi, si je ne peux pas faire ça, je fait cela et quand je me suis rendu compte, j'avais un client, un garçon d' en face qui est venu habiter ici, il a acheté trois pièces de laine, de la laine pour l'hiver, et m'a apporté une autre machine, qui à cette époque je n'avais pas celle-ci, mais il a apporté une industrielle pour faire une veste en laine, de très belles les vestes, j'ai fait 90 vestes pour qu'il vende .*

Voici les capacités de transfert de compétence pour de différents tissus: imprimés, unis, et d'autres modèles, ils savent également le type de vêtements qui accompagnera les différentes saisons.

En ce qui concerne les préoccupations afin de mieux servir leurs clients et les difficultés qu'elle rencontre dans le maintien de sa production dans la réparation de la machinerie, l'achat de tissus, de fils et d'autres matériaux, elle raconte qu'elle souffre parfois des

plaintes, mais elle est consciente d'agir correctement en vue de la juste valeur demandée pour son travail.

Noedi: [...] *dire que je demande trop d'argent, c'est pas ça, [...], parce que les machines, si elles ont un problème, j'appelle le mécanicien ici à la maison, tout est cher, alors vous savez, je demande ce que je sais, que va me coûter, alors on me dit un peu cher, j'ai apporté à une autre, elle a mal fait, tu vas payer 2 fois, tu as payé là, maintenant ici, elles m'embêtent et je dis faire quoi, mais je ne demande pas trop, j'en suis sûre [...].*

La couturière fait remarquer qu'elle le travaille avec des mesures et que les mesures changent aussi en fonction du type de tissu du vêtement, soit un pantalon ou une chemise, à des prix différents sur les services.

Noedi: *Chaque personne qui vient je prends la mesure [...] je travaille avec les mesures, je coupe, j'essaie, la personne vient essayer, tout est presque parfait. Il est difficile de ne pas marcher.*

Noedi: [...] *il y a des tissus bons à coudre et d'autres horribles, de sorte que là aussi, ce qui compte, c'est la différence de prix, un peu plus, comme la soie, la soie et horrible, c'est un tissu qui glisse, glisse sous la machine, très difficile à travailler. Ça change beaucoup [...] il y a des tissus de soie très mauvais, enfin, pour une chemise doit être un tissu ou une micro-fibre, ou coton, quelque chose de bon, que je fais aussi pour moi, bien utilisée c'est la crêpe, la crêpe de soie.*

Nous avons demandé si elle avait des souvenirs de problèmes qui sont survenus, de gens qui ont apporté des pièces endommagées par d'autres couturières et si elle avait réussi à corriger.

Noedi: [...] *souvent à couper, ils demandent de faire l'ourlet, couper court, puis les portent ici parce que je fais les ourlets comme ceux d'une boutique, je prends les jeans, aujourd'hui tout est jean, les gars portent ces jeans, tout le monde porte des jeans, alors, je fais l'ourlet comme dans les boutiques, personne ne fait, que je sache, ils apportent tout pour moi, ya des samedis que je fais environ 20 pantalons. C'est qu'ils achètent au moment du paiement, et maintenant, ils apportent tout de suite, [...] ils prennent une autre, qui coupe mal, très court, ils viennent et disent que l'autre a mal fait; je dis que s'ils apportent très vite, peux faire des réparation, je peux faire l'ourlet et je vais résoudre le problème*

Les erreurs:

Noedi: [...] *Une fois une dame a porté un tissu, elle est déjà morte, là près de l'hôpital Fatima, elle était ma cliente, elle a porté un tissu pour faire une jupe pour elle, j'ai pris les mesures et quand j'ai regardé le cahier, les mesures étaient plus petites, j'ai pris un morceau de tissu, je suis allée [...], j'ai acheté un autre, j'ai fait et*

elle n'a pas su; moi aussi, j'avais besoin d'une jupe noire et cela fut la seule fois dans ma vie.

La situation de l'exclusion sociale n'était pas absent dans la vie de la couturière de l'Avenida dos Metalúrgicos. Elle raconte sa vie et comment elle s'installe avec sa famille:

Noedi: [...] *parce que je n'ai pas eu l'occasion d'étudier quelque chose, mon père était pauvre et ne pouvait pas, je remercie Die, parce qu'il m'a donné un don quand je suis né.*

Avec son ruban à mesurer à la main, elle présente les résultats qui montrent que dans les activités de la couture, les connaissances en mathématiques sont présentes. Le domaine de la mesure apparaît comme l'élément le plus important. Lors de l'entretien, elle montre, à travers les activités, ses connaissances en mathématiques qu'elle ne reconnaît pas comme telles, présentant une certaine résistance au mot mathématiques, mais dont la maîtrise est indispensable pour la confection de vêtements et pour conserver la clientèle. Les représentations sur les mathématiques, réservées au sexe masculin, se forment dans des contextes au-delà du contexte scolaire, comme écrit Acioly Régnier (2000), ou par l'exemple apporté et confirmé par la couturière.

Noedi: [...] *parce que je faisais un cours, il y avait un temps [...] c'était un cours que je faisais, et là je ne savais rien des mathématique, j'ai dit: je ne sais rien au sujet de votre mathématiques là, parce que je comprends un peu de couture, puis vous passez au magasin et vous achetez deux tissus, vous faites une blouse et une jupe. Le jour de la livraison des diplômes, vous venez ici, je suis allé et j'ai eu la deuxième place, mais j'ai pris la seconde parce que je n'ai pas assisté au cours, vous le savez, c'est tout*



FIGURE 25 : LES MESURES AVEC LE MÈTRE À RUBAN

En ce qui concerne la mesure du tissu pour la fabrication d'un pantalon de taille 44, la couturière nous dit qu'il faut être attentif aux détails. Le dos doit être supérieur trois (3) centimètres à l'avant, les coupures appelées cheval ou avion, où elle travaille uniquement avec les mesures effectuées par un ruban à mesurer et non pas avec le mannequin. Elle explique que peu travail lent avec quelques mesures, la plupart préfère

les mannequins. Au moment de couper coupe et essayer, elle parle de secrets de mesures auxquels le professionnel doit faire attention de ne pas perdre le tissu/la pièce.

Valdir: *Aujourd'hui, vous allez montrer la fabrication d'un pantalon.*

Noedi: *d'un pantalon, je mesure ici pour faire un pantalon, les mesures, ça.*

Valdir: *Et comment sont les détails [...] Quelles sont les connaissances ici.*

Noedi: *Le pantalon, c'est que [...] le dos est 3 centimètres plus large que l'avant, eh bien, vous le savez, le dos est plus grand que l'avant, 3 centimètres.*

Valdir: *3 centimètres*

Noedi: *Certaines personnes disent avion, d'autres disent cheval, la longueur du pantalon, que je mets ici, et ici, c'est la taille, puis comme je l'ai mis ici 100 de hanche, je vais mettre 100 de taille ici, eh bien, alors voici, ici.*

Valdir: *100 de hanche et 100 de taille.*

Noedi: *Oui, 100 de taille parce qu'il y a un espace à la taille.*

Valdir: *Ça, il faut savoir, on doit calculer l'espace aussi.*

Noedi: *Je vais mettre ici 100, parce qu'il y a un espace ici et là aussi 2 de chaque côté, alors je mets 110, plus la différence du cheval, c'est pas, c'est ça.*

Valdir: *Et vous dites que c'est précis, tel qu'il est, il y a un secret que vous savez, afin d'éviter une erreur, il y a un calcul, pour être exact afin de ne pas perdre la pièce.*

Noedi: *[...] la couture faite à la maison elle a toujours, nous laissons un espace, n'est pas à la couture, les vêtements prêts n'ont jamais d'espace, mais ceux qu'on fait à la maison nous laissons toujours un peu. Si le vêtement est serré ou grand, nous faisons les réparations, c'est là le secret.*

D'autres pièces, d'autres mesures !

Noedi: *Une chemise, par exemple, ici, à l'épaule, elle a 2 centimètres, la partie du dos est plus grande, elle va un peu avant la couture et il n'est donc pas comme je le fais pour la modélisation, je fais avec le ruban à mesurer, avec des mesures selon le mannequin, la taille de la personne, selon la taille de la personne.*

3.3. SYNTHÈSE DES CONNAISSANCES IDENTIFIÉES: LE CURRICULUM INFORMEL DES SUJETS PROTOTYPIQUES

Le tableau suivant présente une synthèse des différentes connaissances identifiées des cinq (5) sujets prototypiques. L'analyse fait apparaître qu'ils discutent sur des concepts de ces connaissances qui sont nécessaires dans leurs activités quotidiennes. Eux et elles n'ont pas de diplôme officiel. On peut donc dire que les connaissances construites et travaillées d'une autre forme certifient le curriculum informel de ces sujets développé et révélé à travers leurs pratiques et leurs langues, dans leurs ateliers.

TABLEAU 63 : CONNAISSANCES IDENTIFIÉES

Sujets	Connaissances
Les récupérateurs dans les poubelles	Administration, écologie, économie, géographie mathématiques, planification domestique, chimie, relations interpersonnelles.
Le tourneur Mécanique et son fils apprenti	Électricité, mathématiques, maintenance générale, mécanique, notions d'administration d'entreprises, opération avec des machines industrielles, organisation d'activités, planification, sécurité
La couturière	Administration de famille, culture, identification de matériaux, marketing, mathématiques, mode-style, techniques de couleurs, opération avec des machines à coudre.

4. CHAPITRE 4 – ANALYSE DE L'INTERVIEW D'AUTOCONFRONTATION

Dans ce chapitre nous avons l'intention d'évoquer la connaissance prédictive des sujets en des situations d'interview d'autoconfrontation croisée. Ici, le plus important serait centré sur ce qu'ils disent à propos de ce qu'ils font ou faisant des commentaires sur les connaissances des collègues ou encore, répondant d'une manière explicite aux questions du chercheur. Nous observons aussi d'autres phénomènes qui puissent être identifiés dans une interview collective d'autoconfrontation.

Le 30 juin, de 18h à 20h30, les sujets sélectionnés qui ont participé du deuxième tournage, à invitation du chercheur, ont été ensemble afin de voir la vidéo faite à partir des interviews individuelles. La rencontre a donné la possibilité à des débats et à des observations qui ont été enregistrés.

Nous voulons signaler que, à cette date, pour des questions des lois académiques, et pour le respect de la vie privée de chaque interviewé, un terme de consentement a été signé par les sujets de notre recherche, en nous permettant de faire la divulgation des interviews faites, individuelles et collectives: tournages, photos, identités civiles. Pour cela, se reporter à l'annexe 18.

L'interview collective avec les cinq (5) sujets prototypiques de la recherche, s'est passée hors de leurs ambiances de production de travail, leur permettant de mieux se connaître.

4.1. LA RENCONTRE DES SUJETS PROTOTYPIQUES

L'occasion de présenter le travail qui a été fait a été également l'opportunité d'organiser une rencontre entre les sujets étudiés pour qu'ils puissent mieux se connaître. Ainsi, Le chercheur a consulté le groupe, organisant les horaires et les dates pour que tous puissent se rencontrer, ayant en vue aussi le lieu et les moyens de transport.

Au premier moment du soir, leur ont été présentés les vidéos enregistrées individuellement dans leurs ateliers. Les figures sélectionnées ci-dessous nous aident à voir que l'attention du groupe était tournée vers les interviews montrées à la télévision dont ils étaient sont les principaux acteurs. Les rires et les regards pleins d'émotion, les mots et les gestes se sont manifestés quand ils se voyaient dans leurs milieux de travail et dans leurs habitations.

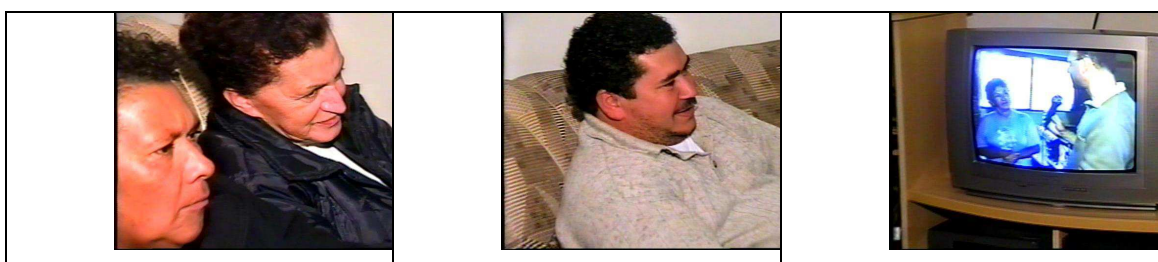


FIGURE 26 : EN TRAIN DE REGARDER LES INTERVIEWS INDIVIDUELLES FAITES DANS LEURS ATELIERS

Le groupe est resté dans une position passive, confortable sans soucis. La concentration centrée sur l'écran a été établie comme une priorité.



FIGURE 27 : INTEGRATION ET CONNAISSANCES

Les commentaires de proximité étaient visibles, mais on n'a pas pu les enregistrer, car ils ont été faits sous la forme de "chuchotements" et il était difficile d'identifier ce dont ils parlaient les uns aux autres, tels que les récupérateurs dans les poubelles. Des mots comme: regardez, c'est moi, vois, prononcés avec une certaine émotion ont été prises.

La spontanéité, la simplicité et la rencontre d'une même langue sont devenus des éléments clés pour l'interaction en groupe. La plus grande observation, concentrée sur les questions de genre, a été une réserve plus visible dans le comportement des femmes. Les hommes étaient plus à l'aise, en prenant la direction de la conversation, parlant plus librement.



FIGURE 28 : LES SUJETS PROTOTYPIQUES DE LA RECHERCHE

4.2. LE DÉBAT ENTRE LE GROUPE INTERVIEWÉ

Au deuxième moment de cette rencontre, le groupe a été invité par le chercheur à une conférence de presse d'auto-confrontation, dans laquelle les individus, après avoir vu le travail produit, et étant eux les travailleurs de cette construction, ils ont traité de trois questions fondamentales: la question de la connaissance, l'exclusion sociale et la question de genre. Ce sont des questions d'orientation de notre enquête, ayant comme objet intériorisé, les mathématiques, qui a fait partie de notre discussion et qui nous a servi d'outil pour travailler les différentes représentations qui caractérisent nos sujets appartenant à des communautés de la banlieue formées par hommes et femmes.

Les participants ont confirmé que leurs emplois sont une source de soutien familial, et que toutes les connaissances alternatives se perfectionnent en vue d'une amélioration économique. Ainsi: pour bien traiter les clients, faire le tour mécanique travailler en toute sécurité et avec précision, réfléchissant sur la qualité de la production, que le coupe et la couture soient "à la mode" et sur la collecte de matériel jetable, passer des idées et des suggestions pour mieux soigner l'environnement. Les questions suivantes ont été coordonnées par le chercheur et qui ont mené le dialogue au sein du groupe.

4.2.1. La question de la connaissance

Le mérite de la population étudiée, souvent marginalisée ou non- attestée de l'environnement intellectuel, c'est qu'ils sont des promoteurs de la civilisation dans des situations complexes. La connaissance, comme mouvement et pensée est représentée dans la pratique et dans l'expérience des sujets étudiés.

Ils ont eu une éducation différente, ils ont vécu dans des environnements différents et favorisent les différentes cultures. Les capacités sont bien présentes dans leurs activités, qui sont détenues par elles ou ils ont les connaissances en perpétuelle métamorphose. Mais pas toujours ce qu'ils font est décrit en théorie ou élaboré théoriquement.

Les constatations faites dans la réalité dans laquelle nous sommes engagés, présentent des connaissances construites qui pourraient être considérées comme de nouveaux paradigmes pour des réalités émergentes.

Valdir: *[...] vous avez été témoins du travail que vous faites, beaucoup n'ont pas eu l'opportunité d'être au collège, n'ont pas étudié. [...]. La pratique [...] est importante dans la connaissance?*

4.2.1.1. La couturière

Noedi: *Je dis toujours: que la pratique vaut mieux que la grammaire! [...], pour moi, la pratique vaut mieux que la grammaire, ça serait bien si je pouvais avoir étudié, je n'ai pas eu des conditions [...].*

4.2.1.2. Le tourneur mécanique et son fils

José: *C'est ça, et c'est comme elle a dit, nous avons envie d'avoir étudié, tu imagines si avoir un professionnel avec une étude [...], c' est elle (Noedi), une styliste, renommée, si elle avait étudié, avec la pratique de la couture [...], tout le monde, vous pouvez imaginer, s'il était plus jeune [...].*

Dans ce passage, la solidarité de répète lorsque José entre dans sa défense maintenant, de la couturière, et, indirectement, de l'ensemble du groupe, pour lequel les possibilités d'études lui auraient donné encore de plus grandes reconnaissances de ses activités, comme couturière.

La nécessité fait que ces personnes définissent la valeur d'enseignement formel différemment du sujet qui est né dans des zones plus "centrales" au point de passer par des sacrifices économiques et autres de maintenir leurs enfants dans les réseaux de l'éducation formelle, même traditionnelle. Nous prenons comme exemple explicite José qui a son fils dans une école d'enseignement formel.

Valdir: [...] nous avons Kaué[...] participant d'une forme très concrète et directe. Kaué, comment définissez-vous le savoir? Qu'est-ce que la connaissance?

Kaué: Est être humble, apprendre un petit peu avec les autres, ne pas être très têtu. Mon père dit que je suis têtu. [...] mon père dit que je suis [...], j'insiste un peu, mais [...], pour moi c'est apprendre, de savoir comment profiter de ce que l'autre nous passe, c'est la vie, on passe à nous, nous passons à un autre, comme s'il n'avait pas la chance d'apprendre de son père parce que son père est mort jeune, mais il me passe, tout à coup je vais passer à mon fils, mon fils va passer à son fils, [...], est une partie qu'on apprend des parents, alors nous faisons un cours pour apprendre plus [...] voir. [...] mon père m'apprend beaucoup là-bas, utilise le parking [...].

Dans un langage simple, l'enfant exprime le savoir transmis d'une génération à l'autre, et dans ce mouvement, les améliorations que les connaissances prennent et les motivations que provoque. Dans ce cas particulier, il ya le désir d'un adolescent désireux d'investir dans une profession particulière motivée par la famille. La langue, selon Lévi-Strauss, "est une machine de temps, ce qui permet la re/mise en scène de pratiques sociales à travers les générations, tout en rendant possible la différenciation de passé, présent et future" (GIDDENS, 2002, p. 29).

Le garçon qui est à l'école primaire, lorsqu'on lui a demandé s'il aimerait poursuivre ses études à l'avenir, dans une université, par exemple, et quel serait le cours, bientôt s'est manifesté:

Kaué: [...], un cours, celui d'ingénieur [...].

En ce qui concerne aux questions de connaissance, les récupérateurs dans les poubelles ne se sont pas manifestés.

4.2.2. La question de l'exclusion sociale

Valdir: [...] même si votre travail est tourné vers les moyens de subsistance dans une couche sociale différente. [...] comment on pourrait définir, conceptualiser, dire ce qui est l'exclusion sociale? Qu'est-ce que l'exclusion sociale? Dans notre langue.

4.2.2.1. Le tourneur mécanique

José: *Le problème est au Brésil.*

José: *Un des problèmes, vous le savez, nous sommes exclus. Vous voyez l'effort de chacun là-bas, vous le savez, vous essayez un petit affaire, et, ensuite il y a la mairie, les taxes, tout ce qui légalise l'entreprise, quand nous n'avons pas les moyens de payer l'impôt. La précarité est des machines. Ils recueillent sans brouette, pour mettre le recyclage dedans, imaginez*

La manifestation de José est flagrante quand il déclare que la réalité brésilienne, non seulement locale, mais nationale, est affectée par l'exclusion sociale. Le désir d'avoir son activité est entravé par la bureaucratie gouvernementale.

Un autre élément dont il a expliqué, c'est la solidarité avec ses camarades qui travaillent dans des activités informelles. Les conditions précaires dans lesquelles travaillent avec les machines obsolètes, ce serait le cas de lui-même, les énormes difficultés de transport du matériel recueilli, comme c'est le cas des récupérateurs dans les poubelles, ce sont des faits concrets classés par lui comme exclusion sociale.

José: Tu prends, tu vois un député qui vole et toi, ces gens avec une vieille machine, de petites choses, faisant presque un miracle, et ils volent des fortunes.

La politique est tout de suite liée à la corruption, et celle-là, à son tour, considérablement liée aux problèmes d'exclusion sociale. Le détournement de fonds publics pour des projets sociaux et les budgets pour aider les petits investisseurs est bien marqué par un tourneur, qui a bien exprimé son indignation en défendant la couche sociale de banlieue, qui est tenue de faire des "miracles" économiques pour survivre.

4.2.2.2. Le récupérateur dans les poubelles

Luiz: *Dans notre cas, nous n'avons même pas de brouette, tout est fait dans le bras, tout dans le bras, notre [...] recyclage.*

Luiz: *Nous n'avons pas de brouette, c'est dans le bras.*

Les problèmes de santé sont les résultats présentés ici sont dans la douleur et l'épuisement physique causés par l'insécurité, le manque de moyens pour transporter leurs marchandises, les récupérateurs dans les poubelles touchés par l'insalubrité causée par des conditions météorologiques (humidité, pluie, froid, chaleur) et par le matériel recueilli. On peut noter ici que la récupératrice ne s'est pas exprimée verbalement, mais ses gestes ont confirmé ce que son "partenaire" disait.

En ce qui concerne l'exclusion sociale, la couturière a été réservée, ne se manifestant pas sur la question posée.

4.2.3. La question de genre

Valdir: [...] nous avons vu la vidéo, et nous avons vu un tourneur, nous avons une couturière et un couple, pas un couple, mais un couple d'amis qui travaillent ensemble: un homme et une femme.

4.2.3.1. La couturière

Valdir: Dona Noedi, ici dans le quartier, vous connaissez déjà une femme tourneur?

Noedi: Tourneur! Tourneur mécanique vous dites.

Valdir: Ici, dans le quartier.

Noedi: Non, non.

Valdir: Mais vous, vous connaissez là-bas, dans la Vila do Belo Horizonte, une femme tourneur.

Noedi: Non, seulement à l'intérieur de l'entreprise où je travaillais.

Valdir: Le Tourneur mécanique est une profession tout à l'homme seul, ou elle peut être aussi une profession pour les femmes?

Noedi: Je pense que, [...] je suis très indiscrete, j'aime travailler dur, ma maison était moi qui a fait, du début à la fin, la masse, tout ce qui devait être fait, alors j'aime le travail lourd, je crois que n'est pas seulement pour les hommes ce service, c'est pour les femmes aussi, si elle a envie.

Valdir: Avez-vous déjà eu une expérience en mécanique?

Noedi: Ouais, j'ai travaillé dans la perceuse, j'ai travaillé avec le tour, j'ai donné le bain dans des axes, j'ai donné le bain dans un essieu de gros camions, [...]. Si j'avais déjà travaillé pour le chromage, si je devais faire quelque chose que j'avais besoin, j'arrive, pas de problème.

Valdir: Pas de problème.

Noedi: Si c'est le même schéma, que tout change, la technologie arrive, mais j'ai toujours travaillé sur ces choses, là, dans la mécanique Corso, j'ai travaillé deux ans, j'ai été assistante, j'ai fait tous les métiers pour ainsi dire, c'est ça.

Dans cette construction sociale, formée par des femmes et hommes, on trouve des femmes dans l'exercice des activités des hommes et vice-versa. Cependant, malgré cette verbalisation, ce qui apparaît dans les résultats n'est pas seulement la naissance d'une activité informelle, mais aussi sa permanence, ce qui implique une acceptation sociale. Même si Noedi exprime une certaine attirance pour ce type de travail, ce n'était pas le travail développé dans la communauté dans la condition de femme.

Valdir: *Noedi, vous avez toujours eu plus de contact au sein de votre profession, les connaissances que vous avez, avec des femmes ou des hommes couturiers, peut être des tailleurs, vous connaissez un couturier?*

Noedi: *Non, il n'est jamais apparu un couturier par ici, du moins pas identifié comme des couturiers.*

Cette dernière question posée à Noedi, sur le genre, le mécanicien répond rapidement:

José: *Ils ont honte!*

Dans cette réponse du tourneur mécanique, on peut se demander, est-il plus difficile pour un homme de prendre une activité féminine, en particulier dans un contexte régional et culturel influencé par le machisme, comme dans le Rio Grande do Sul, dans les paroles d'un grand nombre de gens: *je suis gaúcho tchê*. Dans la délégation brésilienne, la question de l'homosexualité attribuée à certain (e) région (s) pourrait être liée à certaines attitudes, positions etc, causant de nombreuses à renoncer à certains choix, par crainte de l'exclusion sociale.

4.2.3.2. Le tourneur mécanique et son fils

Valdir: *Monsieur Camargo, vous, en tant que tourneur mécanique [...] vous avez déjà vu un tourneur femme, ou, parlant de dona Noedi, ou d'un couturier, vous le savez, vous pensez qu'il y a des professions exclusivement d'hommes, de femmes seulement, ou on peut joindre les deux ?*

José: *La profession, chacun choisit ce qu'il veut faire, et s'y met, ce n'est pas couturière, c'est tailleur qui appelaient, [...]. Tailleur, c'est un terme. Ah, ma mère a travaillé avec un tour [...], cette entreprise mettait les femmes au travail pour faire de petits ressorts. Le tour faisait [...], faisant des forages ils mettaient trop de femmes [...].*

Valdir: *Quelle serait votre réaction si vous venez ici, dans votre petite entreprise, il y a une femme qui vous demande un emploi? Si c'est une femme, et vous auriez du travail!*

José: *Non, au tour [...], prend, donne une petite pièce, lui ordonne de faire, si vous le faites, mesurer, s'il est selon le modèle, le dessin que j'ai donné, je n'ai pas fait de discrimination, j'ai changé beaucoup, j'étais très machiste, oh, [...], ne fais pas ça, c'est pour les filles, j'ai beaucoup changé dans ce genre de chose, maintenant [...]. J'ai envie d'apprendre à ma femme à travailler dans le tour, jusqu'à cette semaine, [...], je pense que nous allons intégrer tout ici, même la petite et nous allons travailler seulement nous dans notre métallurgique [...]. Même la femme!*

Kaué: *[...] il ya de l'exclusion sociale, alors il ya beaucoup de gens qui ont des préjugés contre le tailleur, la femme tourneur, hein, ce type des/inclue, il ya certains qui sont très préjugés avec ça, mais nous pourrions le monde est bien dé/évolué à cause de cela, vous le savez, tout le monde si vous pensez que le macho, plus.*

4.2.3.3. Le récupérateur

Luiz: *Comment il y a des couturières qui font des vêtements pour femmes, il y a les coturiers qui fait des vêtements pour hommes aussi [...].*

Luiz: *Il y a des couturiers [...].*

Valdir: *Luiz, vous vous rappelez que le gouverneur de l'Etat est une femme d'aujourd'hui.*

Luiz: *C'est une femme.*

Valdir: *C' est la première femme dans l'histoire de RS.*

Luiz: *Autrefois, maire femme, ne prenait pas la mairie. Maintenant [...], sénateur.*

Par rapport aux professions qui étaient autrefois, adressées aux hommes, ou seulement pour les femmes, dans cette description, le groupe collabore disant qu'il est important que se fassent présents l'homme et la femme dans les diverses professions et dans les services fournis ou mis au point dans la vie sociale.

Nous avons constaté, que les récupérateurs dans les poubelles, par exemple, les activités développées par Seu Luis et Dona Maria, la question du genre n'est pas supérieure à la difficulté qu'ils rencontrent. Déjà un couturier pourrait avoir à subir un certain malaise social dans le centre de la Vila do Belo Horizonte. Ce qui attire l'attention, c'est la remarque que Seu Luiz fait quand il dit qu'il ya une couturière pour les femmes et un tailleur pour les hommes. Encore une fois la femme récupérateur dans les poubelles est restée en silence.

4.2.4. Les mathématiques: outil pour la construction des savoirs alternatifs

À partir des interviews vidéographiées, il a été observé que le développement des connaissances alternatives qui mettent en cause les mathématiques peut être inhibée ou encouragée par le contexte dans lequel les sujets sont inscrits. Ainsi, la situation d'exclusion sociale introduit chez ces sujets la construction des connaissances alternatives de nature aussi mathématique, toutefois, ces connaissances sont intégrées dans des activités pratiques spécifiques qui sont liées aux questions de genre.

L'analyse de ces situations a permis une explicitation des concepts impliqués et des facteurs liés à l'identité de genre. Cela semble prévenir ou promouvoir le

développement de certains concepts mathématiques spécifiques quand ils sont intégrés dans une activité particulière.

Le patrimoine culturel est touché par les différents groupes, par des discours et des paroles liés à leur environnement. Ces groupes sont des porteurs d'un langage propre langue et de compréhension, ce qui permettra également d'identifier son contexte historique. Dans cette construction, on perçoit comme les connaissances mathématiques deviennent précieuses parmi les sujets étudiés de cette façon. Les mathématiques que ce groupe humain exprime de devient un outil indispensable dans sa situation actuelle.

Ainsi, nous constatons que l'histoire des mathématiques n'est pas une histoire abstraite et linéaire, comme on l'imagine parfois. Il s'agit plutôt d'une histoire des besoins et des préoccupations de groupes sociaux.

4.2.4.1. Le tourneur mécanique et son fils

À partir du film, le tourneur mécanique, lorsqu'on lui a demandé si la mathématique était importante dans le travail qu'il jouait, et explique que pour accomplir son activité, il a besoin de beaucoup de mathématiques:

Valdir: *Les mathématiques sont importantes dans nos professions?*

José: *Pour moi, c'est fondamental.*

Valdir: *Fondamental, pourquoi c'est fondamental, monsieur Camargo?*

José: *Oh, c'est des nombres tous les jours.*

Valdir: *Tous les jours, des nombres.*

Joseph: *C'est paquimètre, micromètre, somme et note, il faut percevoir du client.*

Valdir: *Même pour percevoir du client, il faut savoir les mathématiques.*

José: *Vous devez faire un coût, ils généralement viennent, oh, combien cela va coûter Camargo, tout d'abord, vous avez à faire un film dans votre tête, et je vais commencer ici, je vais prendre une heure, une heure c'est tout au tour ben, mais il y a une soudure, la soudure est ainsi, alors commence, il ajoute, et à la fin c'est une somme, toujours à la charge du client.*

Cette manifestation est également ressentie par son fils:

Kaué: [...] *Nous avons besoin tout le temps, [...], comme il le dit, le paquimètre, est le micromètre, il est essentiel, les mathématiques il faut savoir, sinon.*

Le père et le fils parlent des instruments de précision pour leurs travaux, comme le paquimètre et le micromètre. Ce sont des instruments utilisés dans le domaine de la

mécanique pour des mesures précises, qui sont nécessaires à la construction de certaines pièces. L'utilisation, la manipulation de ces outils nécessite une connaissance a priori.

Le tourneur et son fils comme apprenti mécanicien expriment dans leurs activités des connaissances mathématiques sophistiquées et d'autres, qui ne sont pas verbalisées, mais que Gérard Vergnaud caractériserait ou nommerait de concepts en action.

4.2.4.2. La couturière

Ces concepts en action sont clairement présents dans le déroulement du ruban à mesurer de dona Noedi, quand elle se manifeste en disant que:

Noedi: *On a besoin, besoin de mathématiques. Aussi, je ne comprends pas très bien, mais mon mètre à ruban à mesurer m'accompagne toujours, pour marquer les nombres, prenant les mesures, je fais la somme, faut voir, tout est mathématique, si n'est pas la ruban à mesurer, alors, je ne peux pas faire mes mathématiques dans mes tissus, n'est-ce pas.*

Ces concepts en action sont clairement présents dans le déroulement du ruban à mesurer de Mme Noedir, lorsqu'elle se manifeste disant:

Noedi: *Nous avons besoin des mathématiques. Aussi, je ne comprends pas très bien, mais mon ruban à mesurer m'accompagne toujours, marquer les nombres, prendre les mesures, je somme, tout est mathématique, si n'est pas le ruban, alors je ne peux pas faire ma mathématique dans mes tissus. N'est-ce pas !*

4.2.4.3. Le récupérateur dans les poubelles

Le fait de collecter des matériaux dans les rues du village, une activité considérée comme simple et modeste pour les récupérateurs, est entourée par la demande, ne les laissant pas à l'écart des connaissances en mathématique, car ils doivent apprendre à faire une addition, calculer, soit, ils doivent être conscients de leurs "charges".

Valdir: *Dans le recyclage, même dans la collecte, les calculs sont-ils présents?*

Luiz: *Oui.*

Valdir: *Ils sont présents.*

Luiz: *Nous avons besoin de tout*

Valdir: *[...] à la fin du mois combien de kilos.*

Luiz: *[...], le matériel est pesé, il laisse une copie qui nous est donnée, et nous donnons conférons.*

Elle est la personne intermédiaire, que, avec son mari et sa fille peuvent acheter les trucs des récupérateurs. Ici, nous voyons. Le problème de la verbalisation qui se répète et l'importance qu'on a *a priori* sur le domaine de la recherche.

En général on peut dire que les mathématiques imprègnent toutes les activités analysées. De même, les activités commerciales nécessitent des calculs pour prédire les coûts et pour les soutiens de famille. Ainsi les notions de comptabilité et de bilan figurent également dans les activités réalisées.

4.3. LA DIMENSION SOCIALE COLLECTIVE ET LES PHÉNOMÈNES DE DOMINATION

Nous ferons une analyse de quelques particularités de l'interview en commun, concernant l'interaction qui a eu lieu entre le groupe et les phénomènes de domination. En termes généraux, dans la conférence de presse, on a observé à partir de la communication non-verbale, des comportements du type inclusion versus à l'exclusion du groupe, des postures physiques et autres, qui faisaient ressortir la nécessité, dès les entretiens individuels, de l'examen de ce type d'instruments de collecte des données et la manipulation correcte des données fiables qui pourraient être construites. On devait tenir compte des éléments surprise, même inattendus, et créer un environnement où les sujets se sentaient bien pour que les postures des informateurs légitimes viennent au premier plan. De même, on a pris en considération les difficultés de verbalisation, comme analysé Acioly-Régner (2000), lorsqu'il s'agit de groupes humains spécifiques. Ces difficultés peuvent surgir de raisons différentes et de certaines situations sociales. L'analyse s'est tournée vers l'attention sur le rôle et la fonction du mot quant au genre, et la fréquence d'intervention de la parole des hommes et des femmes lors d'un entretien, répondant aux questions.

Le tableau ci-dessous montre les prises de chaque sujet:

TABLEAU 64 : FRÉQUENCE D'INTERVENTION DES SUJETS

Sujets	Sexe	Âge	Niveau d'instruction	Fréquence d'intervention
Tourneur mécanique	Masculin	42	Enseignement primaire incomplet	22
Apprenti de tourneur mécanique	Masculin	10	Enseignement primaire incomplet	13
Couturière	Féminin	61	Enseignement primaire incomplet	15
Récupérateur dans les poubelles	Masculin	58	Enseignement primaire ino fondamental incomplet	22
Récupératrice dans les poubelles	Féminin	56	Analphabète	1

Total = 73
Femmes = 16
Hommes = 57

Les manifestations trouvées entre les membres du groupe sont au même endroit, atteignant un certain isolement. Nous pouvons examiner les images ci-dessous, et constater que la récupératrice dans les poubelles par exemple, est "seule", à l'écart du groupe.



FIGURE 29 : ISOLEMENT, POSTURE ET POSITIONS PHYSIQUES

En ce qui concerne la position physique masculine face à la disposition physique féminine, il est perçu que les femmes sont plus ouvertes pour recevoir et écouter la parole, et le sexe opposé, dans une position de concentrer son discours.

Le silence féminin qui a été manifesté à l'interview peut capturer ce qui s'est passé en ce qui concerne à la récupératrice dans des entretiens individuels. Mais la recherche de la confirmation, voire d'approbation du discours masculin a été repris en des termes masculins: "né fia" ou "la dame est d'accord".

Ce cadre de participation répercute inévitablement sur la dimension sociale, quand la marque sociale (homme ou femme) de chaque sujet passe par leurs conditions de vie et leurs activités développées. Cette "marque sociale" se trouve au sein de réalités aussi classées en zones de risque et de violence, dans laquelle le mot qui a été mis en contact a montré cette confrontation, dans les situations d'exclusion sociale, du masculin et du féminin qui est très présente.

TABLEAU 65 : CARACTÉRISTIQUES SOCIALES DES SUJETS

Activité	Marque sociale	Sujets
Couturière	Féminine	Femme
Torneiro mécanique	Masculine	Homme
Récupérateurs dans les poubelles	Neutre	Femme/ Homme

Le tableau ci-dessus montre les caractéristiques des sujets, et à partir de là, nous construisons notre échantillon, dans lequel qui sont tracées les marques qui s'installent dans les relations sociales. Ces marques peuvent être tout à fait "entendues" dans la vie quotidienne, telles que regarde "l'éboueur" qui serait exprimé autrement: ah, c'est le docteur, un soldat! Mais nous avons vu que cela ne causait aucun "inconfort" quand le langage populaire était lié à une activité considérée comme neutre. Au lieu de cela, et comme énoncé dans leurs propres entrevues, dans la communauté de la Vila do Belo Horizonte, disant: "voilà le couturier, ou regardez le tourneur mécanique."

CONCLUSION

Le chemin de la recherche scientifique engagée nous a mis face à de différentes étapes parcourues. En arrivant à ce niveau de travail déjà fait, nous reprendrons ces plusieurs étapes, la thématique et nos objectifs et principaux résultats originés de la confrontation avec notre problème de recherche, centré sur la question de la connaissance que les êtres humains construisent dans des multiples situations de vie et dans des contextes divers, comme chez les familles, travail, école, dans les rapports sociaux etc. D'une certaine façon, on pourrait dire que cette thèse fourni aussi quelques éléments sur la question du développement cognitif d'adultes, dans le sens développé par Acioly-Régner (1995, p. 135) quand elle écrit :

nous considérons que l'expérience professionnelle ne se réduit pas à une simple acquisition d'habilité pratique, apparaissant comme une construction qui dépend de processus internes du sujet qui s'actualise en des contextes socio-culturels, qui imposent autant des limites et des conditions favorables au développement de connaissances.

Dans cette recherche, ces êtres humains adultes sont, plus précisément, hommes et femmes qui vivent dans la banlieue Belo Horizonte, territoire classifié socialement comme zone périphérique, soumis à des situations d'exclusion sociale. De cette population, à travers d'un échantillon construit par des sujets à des critères explicites, nous avons essayé d'identifier les problèmes trouvés par eux et de comprendre les stratégies qu'ils élaborent et développent pour les résoudre. Il faut se rappeler qu'on ne se limite pas à des champs de problèmes liés au soutien familial, mais aussi à ceux qui se rapportaient à des services prêtés à la communauté. Conséquemment à ce choix, il a été nécessaire d'être attentif au mouvement des différents codes, mots de passe, langages, qui sont spécifiques dans le champ empyrique de la recherche, en une perspective ethnographique.

Pour reformuler le sujet qui nous a dynamisé tout au long de ce chemin, nous avons pris celui de la ***construction de connaissances en des situations d'exclusion sociale et des questions de genre***, est qui a donné les bases à notre thématique de

recherche. Pour créer des problèmes et après essayer de les résoudre, on a dû faire face aux objectifs suivants :

- **Identifier et comprendre les situations problèmes dans lesquelles les êtres humains vivent, leurs conditions d'exclusion sociale et dont la résolution implique dans la construction de connaissances alternatives;**
- **Analyser d'une manière plus spécifique, dans des activités de travail développées dans ce contexte, le rôle et la fonction du genre variable, dans l'exercice de ces activités;**
- **Identifier les connaissances mathématiques sous-jacentes et le niveau conceptuel des sujets.**

Ces objectifs nous ont guidé dans notre recherche et réflexion et progressivement aux cadres théoriques choisis et apportés par la sociologie de Castel, de Paugam, par la philosophie de l'éducation de Freire, par la philosophie de Foucault, par la psychologie du développement de Vergnaud, pour citer les principaux auteurs. De cette façon, on a réussi à énoncer systématiquement notre problème délimité dans le cadre référentiel par la question suivante: **Comment hommes et femmes construisent des connaissances alternatives quand soumis à l'exclusion sociale?**

L'approche empirique de cette question nous a conduit à des méthodes de construction de données, en nous appuyant sur le questionnaire, dans l'interview *audio-videografada* individuelle et collective. Quant aux méthodes de traitement, d'analyse de données, nous avons utilisé des outils statistiques habituels, mais aussi l'Analyse Statistique Implicative, aussi bien que des outils d'analyse de contenu, d'analyse d'images, en une perspective qualitative et quantitative. Ce chemin méthodologique parcouru a constitué un pont intermédiaire entre le cadre théorique et empirique, à travers les différents outils appliqués adéquatement à ce type de recherche, dans le domaine des Sciences de l'Éducation. Même si ce procédé de recherche, impliquant des multiples cadres théoriques et des outils méthodologiques divers puissent composer des risques dans cette recherche, il nous a conduit surtout à une richesse dans la construction des données. Ici, ce n'est pas le moment de revenir sur cette question déjà discutée, cependant, on reprendra chaque objectif d'une manière générale pour faire des commentaires conclusifs sur la problématique étudiée. Pour cela, quelques concepts

importants seront discutés pour une compréhension générale de l'étude. Il faut faire ressortir que, en s'agissant d'une thèse en Sciences de l'Éducation, nous avons travaillé sur le concept d'auteurs et d'oeuvres différents et avec des épistémologies variées.

Ainsi, ces concepts ont-ils été utilisés dans la thèse, comme des concepts instruments et pas comme des concepts objets Douady⁶⁶ (1986). Dans cette recherche, des concepts du domaine de la Psychologie, de la Philosophie, de la Statistique ont été utilisés, mais pas toujours comme des instruments pour la compréhension de notre objet d'étude. Dans cela, on peut trouver la fragilité et la richesse des études. Fragilité, car nous ne sommes pas spécialisés dans ces différents domaines; la richesse, par le croisement de concepts indispensables à la compréhension du phénomène d'un point de vue plus large.

La prise de différents présupposés théoriques, épistémologiques et méthodologiques, qui ont été convoqués et les données construites dans le champ empyrique, nous ont procuré un ample panorama de connaissances qui ont permis de rechercher notre problématique et d'atteindre nos objectifs qui seront repris d'une forme synthétique, soulignant quelques résultats qui nous semblent fondamentaux.

- **Identifier et comprendre les situations problèmes dans lesquelles les êtres humains vivent, leurs conditions d'exclusion sociale et dont la résolution implique dans la construction de connaissances alternatives;**

Après avoir confronté différentes connaissances et leurs processus de construction, nous avons pu constater la richesse des activités des sujets impliqués qui vivent aux limites de la société, comme écrit Paugam (2009), quand il analyse les situations problèmes dans des zones urbaines. Le désir d'ascension de ces couches

⁶⁶ Douady fait une distinction entre concept instrument et concept objet. Le premier serait un instrument pour la résolution d'un problème de nature pratique, comme, par exemple, le cas de l'arithmétique, comme moyen de résoudre un problème d'achat et vente. Dans le deuxième cas, l'arithmétique est pour le mathématicien un concept objet, étant alors son sujet d'étude.

sociales est présent dans la recherche de la scolarisation formelle dans un niveau supérieur.

Les récupérateurs dans les poubelles disent que s'ils avaient eu l'opportunité d'étudier, dans le passé, leurs actuelles conditions seraient meilleures. Cette révélation ne cache non plus le connaître qui s'établit dans les rapports personnels et interpersonnels à travers les activités développées par eux. Quand ils parlent d'écologie, ils questionnent les attitudes de plusieurs habitants, particulièrement le manque de soin envers l'environnement. Cette relation de la communauté humaine avec la nature est un motif de débats, conférences, études et recherches dans les centres académiques, organisations et institutions internationales.

Les connaissances extraites des différentes analyses montrent que ces sujets, en des activités informelles, intègrent des éléments organisés par la théorie. Nous pouvons identifier les concepts en action qui peuvent servir de réflexion pour l'élaboration du processus de formation actuelle, déjà élaboré, en des différentes institutions sociales. Ce mouvement de reconnaissance pourrait provoquer des changements dans des endroits défavorisés socialement, transformant ce sujet en acteur social responsable et chaque fois plus valorisé. Ici, nous pourrions oser dire que cette connaissance reconnue pourrait être une manière de lutter contre les incertitudes qui absorbent le travail, la protection et le statut de l'individu, en donnant des meilleures conditions de santé, de sécurité, et de loisir (CASTEL, 2009).

- **Analyser d'une manière plus spécifique, dans des activités de travail développées dans ce contexte, le rôle et la fonction du genre variable, dans l'exercice de ces activités;**

L'étude faite a aussi eu comme objectif, celui de mettre en évidence le pouvoir dans les rapports entre femmes et hommes qui vivent dans des régions classées comme zone de risque et de violence. En ce qui se rapporte aux problèmes de genre, dans les interviews réalisées, on a pu constater que les femmes sont restées en silence par rapport à leurs compétences, car, analysant l'interview d'auto-confrontation, elles ont eu peu d'expression dans les appréciations sur les questions qui ont conduit le débat sur la thématique étudiée.

Gebara (2000, pp. 109-110) rappelle:

la notion de genre est une clé pour comprendre certains aspects de la relation humaine, mais elle n'est pas une clé absolue. Cependant, il y a indiscutablement une richesse et une certaine spécificité d'analyse qui provient de cette médiation. Genre, est une catégorie de relation. Il aide, pourtant, dans l'analyse de relations, en révélant le caractère dynamique et pluriel des mêmes. Pour cela, on peut aujourd'hui parler de masculinité et de féminité, selon le modèle d'homme et de femme, dominant ou périphérique, qui existe dans un groupe social.

La complexité vécue dans ces rapports, dans les différentes couches sociales, fait concrètement que l'être humain soit présent dans cette différence homme/femme, Muraro et Boff (2002). De la même manière, les activités émergentes dans la communauté et leur permanence semblent subir un fort impact du variable genre. Même si dans le discours les sujets semblent se choquer par quelques activités marquées socialement comme masculines d'être pratiquées par des femmes, dans le même discours apparaissent plus d'activités supposées féminines, pratiquées par des hommes. On remarque que, par exemple, quand les activités de couture ont été évoquées, ce seraient des hommes confectionnant des vêtements pour hommes, et ils seraient alors des tailleurs et pas des couturiers. On souligne que les connaissances construites ne sont pas neutres sous le point de vue social et même en des situations d'exclusion sociale, stéréotypes de genre, semblent marquer l'émergence et la maintenance de quelques connaissances en fonction du genre.

Nous pouvons observer comment dans les différents territoires recherchés, la culture peut influencer, dans l'ensemble des rapports, aidant à "libérer" ou à "assujettir" les gens:

la culture m'a élevé de manière à prendre conscience qu'il y a des choses qui sont de ma responsabilité comme femme. Tout ce qui se rapporte à la vie du foyer, la nourriture et les soins des enfants et des malades, la production de l'harmonie domestique, tout cela est de ma responsabilité. La culture s'occupe de produire en moi, au moyen de la culpabilité, un mécanisme de contrôle de mon autonomie et de ma créativité. Et si je ne vis pas selon cet

idéal établi, je suis malheureuse. La culture me modèle selon un idéal de beauté, de bonté et de vertu. L'obéissance à la culture est présentée comme mon bonheur, mais presque toujours cette obéissance ne passe pas d'un aspect formel de bonheur, ou, en d'autres mots, elle n'est pas mon bonheur à moi. Obéir me fait être malheureuse et désobéir me fait être coupable (GEBARA, 2000, p. 140).

Sans reprendre les discussions déjà réalisées auparavant, nous observons que le variable genre ne peut pas être isolé et travaillé indépendamment d'autres facteurs du contexte social et des sujets. Le niveau de scolarisation et même la couleur de la peau semblent composer avec ce variable une plus grande ou plus petite explicitation des connaissances produites. Nous parlons ici, en niveau de performance, car on ne conduit pas des stratégies de collecte de données qui puissent permettre une analyse plus fine de la compétence de chaque sujet.

- **Identifier les connaissances mathématiques sous-jacentes et le niveau conceptuel des sujets.**

À partir des données analysées, nous constatons que les activités apportent des informations des connaissances implicites des sujets prototypiques, celles-là servant ou étant leur "lettre de présentation", auxquelles on nomme "curriculum informel". Les sujets prototypiques connaissent ce qui fait partie de ce curriculum et appliquent cette connaissance pour traiter de leurs questions, de leurs problèmes et de leurs activités.

Les mathématiques, et plus spécifiquement la maîtrise de la mesure, apparaissent en toutes les activités étudiées dans cette recherche. Dans ce sens, Piaget, Inhelder et Szeniska (1973) affirment que du point de vue psychologique, l'étude du développement de la mesure présente un intérêt exceptionnel de comporter un mécanisme opératoire extrêmement concret dont les racines peuvent être vues du point de vue perceptif (considération de grandeurs à l'œil nu) est si complexe que le développement conceptuel ne finit qu'entre 8 et 11 ans (dans le cas de grandeurs simples ou composées). Dans ce travail nous avons étudié les mesures de longueur, d'angles et de poids. On a considéré aussi le prix, lequel même n'étant pas une mesure physique, se conduit presque de la même façon et que, d'après Vergnaud (1981a), nous pouvons désigner comme presque mesures. Cette maîtrise comprend surtout les activités

des récupérateurs de poubelles dans les mesures concernant le poids; le tourneur mécanique dans la mesure d'angles; la couturière dans la mesure linéaire de longueur. Ces maîtrises dépendent de plusieurs champs conceptuels, tels que celui de la géométrie (angles, figures), du nombre, le système de calcul, les opérations mathématiques, la logique. Celles-ci sont des connaissances scientifiques, appliquées comme l'on peut remarquer, dans des ambiances non-formelles, qui peuvent être reconnues par les organisations et institutions sociales formelles, comme une façon de valoriser les différentes expériences vécues. Ce procédé aide dans le processus d'estime de soi, dans le développement et amélioration de leurs activités et de leur propre réinsertion, sans comptabiliser les effets qu'ils pourraient provoquer au niveau communautaire.

Quelques considérations et suggestions

Considérant l'importance des questions ici présentées pour la reconnaissance d'autres compétences matérialisées dans des activités informelles, nous suggérons que les recherches soient amplifiées par rapport à la construction de connaissances dans des situations d'exclusion sociale, considérant que, analysant superficiellement une activité comme celle des récupérateurs de poubelles, on ne se rend pas compte que cette activité entraîne une mobilisation de connaissances générées par l'expérience. Parfois, ces connaissances ne sont pas valables socialement et même les sujets impliqués ne se rendent pas compte qu'elles sont utilisées et nécessaires dans le quotidien de leurs vies. Ces recherches doivent étudier un peu plus les activités périphériques, en vue de leur valorisation, lesquelles deviennent un support de l'identité sociale du sujet. Nous suggérons aussi que soient élaborées plus de stratégies de réinsertion de la femme dans le monde, du travail formel, non-formel ou informel, envisageant diminuer le processus de discrimination établi historiquement.

Mott (1991, p. 81) rappelle que:

la récupération de l'histoire de la participation politique des femmes n'est pas un exercice dont le but ne soit que de documenter ou de prouver une participation féminine isolée, séparée des hommes, ou d'adorer une héroïne inconnue jusqu'à ce moment. C'est plutôt de faire comprendre la participation des hommes et des femmes dans un processus commun.

Qu'on ait comme but d'amplifier les opportunités d'égalité dans la sphère sociale, pour qu'elles ne soient seulement des mères qui doivent accomplir leurs affaires domestiques, mais qu'elles soient des femmes avec la maîtrise d'une activité, pouvant la développer dans le même niveau d'égalité des hommes. Le travail scientifique fait, nous engage et nous amène à poursuivre ce travail en nous consacrant à ce type de recherche dans un cadre académique.

Références

ABDI, H. *Introduction au traitement statistique des données expérimentales*. Grenoble: PUG, 1987.

ACIOLY-RÉGNIER, N. M. *La juste mesure: une étude des compétences mathématiques des travailleurs de la canne à sucre du Nordeste du Brésil dans le domaine de la mesure*. Thèse (Doctorat en Psychologie) 1994. Université René Descartes Paris V, Paris, 1994.

_____. A Justa Medida: um estudo sobre competências matemáticas de trabalhadores da cana de açúcar no domínio da medida. In: SCHLIEMANN, A. D. et al. *Estudos em Educação Matemática*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995.

_____. Milieu scolaires et questions de genre: éléments de réflexion pour la pratique d'enseignement. In: ACIOLY-RÉGNIER, N. M.; FILIOD, J. P. ; MORIN, C. *Cahiers pédagogiques: coéducation*. Lisbonne: CIDM, 2000.

_____. Compétences mathématiques et identité sexuelle: exemples de situations scolaires et extra scolaires de représentations des mathématiques. In : HOUEL ; MOSCONI (Org.). *Bulletin de L'ANEF* (Association Nationale des Études Féministes), numéro spécial pp. 27-50. ISSN:1163-1422, 2002. Disponible em: <<http://www.anef.org/publications>>. Acesso em 12 jan. 2009.

_____. *Apprentissages informels : de la recherche à l'apprentissage scolaire*. Rapport d'études sur la thématique Apprentissages informels PIREF (Programme Incitatif à la Recherche en éducation et Formation) – Ministère de la Recherche, 2004.

ACIOLY-RÉGNIER, N. M ; RÉGNIER, J. C. *Culture scolaire versus culture extra-scolaire : interculturalité et questions épistémologiques, méthodologiques et pédagogiques*. Educ. Mat. Pesqui., São Paulo, v.10, n.2, pp. 367-385, 2008.

ALMOULOUD, S. *L'ordinateur: outil d'aide à l'apprentissage et de traitement d'analyse de données didactiques*. Thèse de l'Université de Rennes, 1992.

BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERGER, P. L; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

BLANCHET, A. ; GOTMAN, A. *L'enquête et ses méthodes: l'entretien*. Saint Germain du Puy: Nathan, 2001.

BOMBASSARO, L. C. *As fronteiras da epistemologia*. Como se produz o conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

COMÉNIUS, J. A. *La grande didactique: ou l'art universel de tout enseigner à tous*. Tradução Marie-Françoise Bosquet-Frigout, Dominique Saget, Bernard Jolibert. Paris: Éd. Klincksieck, 1992.

BOUCHARD, P. ; ST-AMANT, J.C. ; GAGNON, C. Pratiques de masculinité à l'école québécoise. *Canadian Journal of Education / Revue canadienne de l'éducation*, v.25, n.2, pp. 73-87, 2000.

BRUNER, J. *Car la culture donne forme à l'esprit*. Paris: Eshel, 1991.

_____. *Culture et modes de pensée*. Paris: Retz, 2000.

CASTEL, R. *L'insécurité sociale*. Qu'est-ce qu'être protégé? France: Seuil, 2003.

_____. *Les métamorphoses de la question sociale*. Une chronique du salariat. France: Gallimard, 2007.

_____. *La montée des incertitudes*. Travail, protections, statut de l'individu. Paris: Seuil, 2009.

CHANGEUX, J.P. ; CONNES, A. *Matière à Pensée*. Paris: Editions Odile Jacob, 1989.

CHARLOT, B. *Les sciences de l'éducation*. Un enjeu, un défi. Paris: EST, 1995.

CLAVEL, G. *La société d'exclusion*. Comprendre pour en sortir. Paris: L'Harmattan, 1998.

CLOT, Y. *La fonction psychologique du travail*. Paris: PUF, 2000.

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome. *Documento 69*. São Paulo: Paulinas, 2002.

COMBLIN, J. O projeto de Aparecida. *Revista Pastoral*, Janeiro, ano 49, n.258, fev. 2008.

CONCILE OECUMENIQUE VATICAIN II. Constitutions – Décrets – Déclarations – Message – Textes Français et latin tables Biblique et analytique et index des sources, Paris: Centurion, 1967.

COUTURIER, R. CHIC: utilisation et fonctionnalités. In: *ASI'4, 4e Rencontres Analyse Statistique Implicative*, pp. 41-50, 2007.

D'AMBROSIO, U. - *Etnomatemática - O fazer matemático uma perspectiva histórica*. Disponível em: <<http://vello.sites.uol.com.br/vitoria.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

DAJEZ, F. *Les origines de l'école maternelle*. Paris: PUF, 1994.

DAMON, J. *L'Exclusion*. Paris: PUF, 2008.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

_____. *Charme da exclusão social*. Polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 2002.

DENIS, M. *Comenius*. Paris: PUF, 1994.

DI LORENZO, S. *La femme et son ombre*, Paris: Albin Michel, 1989/1997.

DOMITE, M. C. S.; MENDONÇA, M. C. D. Ubiratan D'Ambrósio e a Etnomatemática. In: VALENTE; Wagner Rodrigues (Org.). Ubiratan D'Ambrosio (conversas - memórias - vida acadêmica - orientandos - educação matemática - etnomatemática - história da matemática - inventário - sumário do arquivo pessoal). 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

DOUADY, R. Jeux de cadres et dialectique outil-objet. *Recherches en Didactique des Mathématiques*, v.7, n.2, pp. 5-31, 1986.

DUCHESNE, S.; HAEGEL, F. *L'entretien collectif*. Barcelone: Armand Colin, 2008.

DUPON, B. *Filles ou garçon: la même éducation?* Paris: Unesco, 1980.

DURKHEIM, E. *Éducation et sociologie*. Paris: PUF, 2006.

DURU-BELLAT, M. *L'école des filles*. Quelles formations pour quels rôles sociaux? Paris: l'Harmattan, 1990.

_____. Une éducation non-sexiste, une gageure. Filles et femmes à l'école, *Les Cahiers Pédagogiques*, n.372, 1999.

EGGERT, E. Como é a relação de gênero (homem e mulher) entre os jovens? Entrevista ao *Mundo Jovem Revista*, São Paulo, Edição 354, mar. 2005.

FISCHER, M. C. B.; BAQUERO, R.V. A. Educação de jovens e adultos no Brasil: um campo político-pedagógico em disputa. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v.8, n.15, pp. 247-263, 2004.

FLATO, M. *Le Pouvoir des Mathématiques*, Paris: Hachette, 1990.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GARCIA, R. L. MOREIRA, A. F. (Org.). *Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios*. São Paulo: Cortez, 2003.

GEBARA, I. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, C. *The Intrepretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973.

_____. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1990.

_____. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GRAS, R. L'analyses des donnés: une méthodologie de traitement de questions de didactique. *Recherches en Didactiques Mathématiques*, v.12-1, 1992.

_____; RÉGNIER, J-C. ; GUILLET, F. (Eds). *Analyse statistique implicative*. Une méthode d'analyse de données pour la recherche de causalités. Toulouse: Cépaduès – Éditions, 2009.

GREENFIELD, P.; LAVE, J. Cognitive aspects of informal education. In: WAGNER, D.; STEVENSON, H. *Cultural perspectives on Child Development*. San Francisco: Freeman, 1982.

HALL, S. *A identidade de cultura na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. RJ: DP&A, 2005.

HERITIER, F. *Masculin/Féminin*. La pensée de la différence. Paris: Odile Jacob, 1996.

HURTIG, M-C., PICHEVIN, M-F. *La différence des sexes, questions de psychologie*. Paris: Tierce, 1986.

IFRAH, G. *Les Chiffres ou l'histoire d'une grande invention*. Paris: Editions R. Laffont, 1985.

KAES, R. *L'appareil psychique groupal*. Construtions du groupe. Paris: Dunod, 1976.

KANT, I. *Sobre a Pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

KERLAN, A. *Quelle école voulons-nous?* Issy-les-Moulineaux: ESF, 2001.

KNIJNIK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, J.C. (Org.). *Etnomatemática*. Currículos e formação de professores. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.15, pp. 159-176, 2000.

LAFORTUNE, L.(Dir.) *Femmes et mathématique*. Montréal: Éditions du Remue Ménage, 1986.

LAFORTUNE, L.; Kayler, H. *Les femmes font des mathématiques*. Montréal: Éditions du Remue-Ménage, 1992.

LAPLANTINE, F. *La description ethnographique*. Paris: Nathan, 2000.

_____. *Le sujet: essai d'anthropologie politique*. Paris: Téraèdre, 2007.

LE MANER-IDRISSI, G. Catégorisation et genre à 24 mois. Janvier - Barcenilla *Psychologie française*, n.45, pp. 115-164, 2000.

LENOIR, R. *Les exclus*. Un français sur dix. Paris: Seuil, 1989.

LLOYD, B. *Différences entre sexes in Moscovici, S. Psychologie Sociale des relations à autrui*. Paris: Nathan, 1994.

LOPES, A. R. C., *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

LOWY, I. *L'emprise du genre*. Masculinité, féminité, inégalité. France: La Dispute, 2005.

LOURO, G. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, J. S. *A sociedade vista do abismo*. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARTINS, J. S. *Aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2008.

MAYER, S. *Filosofia com os jovens*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEIRA, L. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. *Temas de Psicologia*, Ribeirão Preto, v.1, n.3, pp. 59-71, 1995.

_____; SPINILLO, A. G. (Org.) *Psicologia cognitiva: cultura, desenvolvimento e aprendizagem*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

MEIRIEU, P. *Le choix d'éduquer*. Paris: EST, 1997.

MORIN, C. *Mixité et performances scolaires*, Cahiers internationaux de psychologie sociale 36: 4 De Boeck Université, 1997.

MORINIAUX, V. (Org.). Questions de géographie. *Les Risques*. Nantes: Editions du Temps, 2003.

MOSCONI, N. *Femmes et savoir, La société, l'école et la division sexuelle des savoirs*. Paris: L'Harmattan, coll. Savoir et formation, 1994.

_____. La représentation des métiers chez les adolescent-e-s scolarisé-e-s au collège et au lycée, avec Biljana Stevanovic, *Travail et Emploi*, n.109, janvier-mars, pp. 69-80, 2007.

MOTT, M.L.B. *A mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1991.

MURARO, R. M.; BOFF, L. *Feminino e masculino*. Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2002.

NIMIER, J. *Les maths, le français, les langues ... A quoi ça me sert ?* (l'enseignant et la représentation de sa discipline), Paris : Cedic / Nathan. 1995.

NUMA-BOCAGE, L. L'analyse de pratiques: Le cas de la formation initiale de professeurs des écoles. *Cahiers du CUEEP*, n. Juin, Institut de l'université de Lille1. 2005.

_____. Développement de compétences et analyse en groupe de situations d'apprentissage vécues par les maîtres en formation initiale. In: KALUBI, J.C. (Ed.) *Communautés d'apprentissages et interventions éducatives*, Québec, v.14, Revue Éducation en débats, Analyse comparée, 2006.

PAIN, J. *Écoles: Violence ou Pédagogie?* Vigneux: Ed. Matrice, 1992.

PARDO ROMERO, E. *Matemáticas y genero*. In: TRIGUEROS, A. M. T.; COLEMARES, G. C. *Tras la imagen de mujer - Guía para enseñar a coeducar*. Palencia: Graficas Iglesia, 1992.

PARKE, R.D.; O'LEARY, S. E. Family Interaction. In: RIEGEL; MEACHAN (Dir.). *The Newborn Period: some findings, some observations and some unresolved issue. The developing individual in a changing world 2 - Social and environmental issues*. The Hague, Pays-Bas: Mouton, 1976.

PAUGAM, S. *L'exclusion l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 2006.

_____. *La disqualification sociale*. Préface à la nouvelle édition: La disqualification sociale vingt ans après. Paris: PUF, 2009.

PERESSON, M. L. Pedagogias e culturas. In: SCARLATELLI, C. C. S.; STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, p.57-107. 2006.

PIAGET, J.; INHELDER, B.; SZEMISKA, A. *La géométrie spontanée de l'enfant*. Paris: PUF 1948, 1973.

POIZAT, D. *Secteurs informel, non formel et formel de l'éducation*. In: ACIOLY-REGNIER, N.M. *Apprentissages informels: de la recherche à l'apprentissage scolaire*. Rapport d'études sur la thématique Apprentissages informels PIREF (Programme Incitatif à la Recherche en éducation et Formation); Ministère de la Recherche, 2004.

PRETTO, V. Construção de conhecimentos matemáticos em situação de exclusão social e questões de gênero. In: 2º SIPEMAT, 2008. Recife. *Anais eletrônicos 2º SIPEMAT*. Recife: UFRPE, 2008. ISBN: 978-85-87459-81-7. Disponível em: <<http://www.ded.ufrpe.br/sipemat>>.

_____. *Identité masculine et mathématiques*. Le rôle de variables contextuelles dans les représentations et les attitudes à l'égard des mathématiques. Dissertação (DEA – Diploma de Estudos Aprofundados), 2003, 118 f. Université Lyon 2. Lyon. França, 2003.

_____; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Gênero e construção de conhecimentos em situação de exclusão social. In: XII Congresso da ARIC: Association pour la Recherche Interculturelle, 2009, Florianópolis. *Anais eletrônicos XII Congresso da ARIC: Association pour la Recherche Interculturelle*. Florianópolis: UFSC, 2009. ISBN: 978-85-87103-36-9. Disponível em: <<http://aric.edugraf.ufsc.br/congrio/html/anais/anais.html>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

_____; RÉGNIER, J. C. *Identidade masculina e matemática*. Recife, 2004. Trabalho Apresentado no Seminário de Didática da matemática. UFPE-Recife dez. 2004.

REBOUL, O. *Les valeurs de l'éducation*. Paris: PUF, 1992.

RÉGNIER, J-C. *Méthodes quantitatives et statistique*. Notions, méthodes et formules de base. Ouvrage photocopié. Lyon: ISPEF Université Lyon2, 2000.

ROSCH, E. H. Natural Categories. *Cognitive psychology*. v. 4 (3), may, pp. 328-350, 1973.

_____. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of experimental psychology*, 104, pp. 192-233, 1975.

ROUYER, V.; MIEYAA, Y. Socialisation de genre au sein de la famille, à l'école, au travail, pp. 127-128. *Congrès de la SFP - Psychologie et enjeux de société*. Toulouse, 2009. Disponível em: <<http://congres-sfp2009.psylone.com/page4b.php>>. Acesso em: 29 jun. 2009.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SILVA, J. A. M. *Educação matemática & exclusão social*. Brasília: Plano, 2002.

SILVA, T. D. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SINGLY, F. *L'enquête et ses méthodes: le questionnaire*. Paris: Nathan, 1997.

STOER, S. R.; MAGALHÃES, A.M.; RODRIGUES, D. *Os lugares da exclusão social. Um dispositivo e diferenciação pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2004.

STRECK, D. R. *Educação para um novo contrato social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Rousseau & a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TOUATI, A. *FemmesHommes. L'invention des possibles*. Paris: PUF, 2005.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. *Rev. Bras. Educ.*, n.23, pp. 5-15. ISSN 1413-2478. doi:10.1590/S1413-24782003000200002, 2003.

VERBUNT, G. *La société interculturelle: vivre la diversité humaine*. Paris: Seul, 2001.

VERGNAUD, G. *L'enfant, la mathématique et la réalité*. Berne: Peter Lang, 1981.

_____. Morphismes fondamentaux dans le processus de conceptualisation – In: VERGNAUD, G. (Ed.). *Les sciences cognitives en débat*. Paris: Éditions du CNRS, 1991.

VEYRET-MEKDJIAN, Y. *Géographie des risques naturels*. Bimestriel, n. 8023, oct. 2001. Le dossier. Documentation photographique. La documentation Française.

_____. *Les Risques*. Paris: Sedes, 2005.

VIEIRA PINTO, A. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. United Nations. Regional Centre for Demographic Training and Research in Latin America, Santiago de Chile: Paz e Terra, 1969.

WINNYKAMEN, F. A propos de l'influence du sexe à l'école - Les nouvelles interrogations des psychologues. In: COSLIN, P.G.; LEOVICI, S.; STORK, H. E. *Garçons et filles, hommes et femmes*. Paris: PUF, 1997.

ZAZZO, B. *Féminin masculin à l'école et ailleurs*. Paris: PUF, 1993.

ZORZI, I. *Segundo loteamento popular abriga mais de 60 famílias*. Publicação local, Caxias do Sul, 20 mar. 1985.